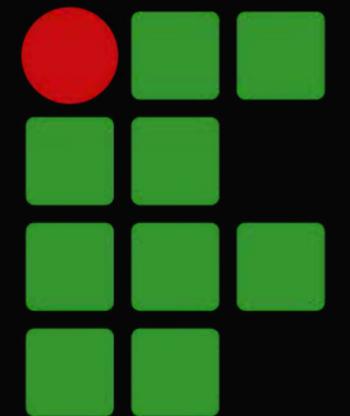


# F(AR)EJ(AR) IDENTIDADES - UM ENSAIO ARTOGRÁFICO

**MARINA ZOÉ 2023**

**ORIENTAÇÃO: ANGELITA HENTGES**

**PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM  
CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS NA  
EDUCAÇÃO**



P126f

Paes, Marina Xavier

F(ar)EJ(ar) Identidades – Um Ensaio Artográfico/ Marina Xavier  
Paes, Angelita Hentges. – 2024.

349 f. : il.

Produto educacional (Mestrado) – Instituto Federal Sul-Rio-  
Grandense, Câmpus Pelotas Visconde da Graça, Programa de Pós -  
graduação em Ciências e Tecnologias da Educação, 2024.

1. Tecnologias na educação. 2. Pedagogia antirracista. 3.  
Identidades culturais. 4. Método de ensino. I. Hentges, Angelita (aut.). II.  
Título.

CDU: 378.046-021.68:323.1

Catálogo na fonte elaborada pelo Bibliotecário  
Vitor Gonçalves Dias CRB 10/1938  
Câmpus Pelotas Visconde da Graça

# F(ar)EJ(ar) IDENTIDADES – Um Ensaio A/r/tográfico

## Introdução:

Então, aqui estamos para finalmente contar as pedrinhas da estrada que me direcionou nessa mítica travessia. Menina travessa, o texto acadêmico é uma travessa rígida demais para o conteúdo das presentes memórias. É que o verdadeiro veículo dessa pesquisa é o corpo, corpo poético, corpo político, corpo sagrado, corpo raça, corpo gênero, corpo história... A memória do corpo. Assim sendo, dedico este espaço para uma comunicação sensível das experiências: trago relatos, registros, vestígios... É um memorial de tudo o que me atravessou nos primeiros anos de arte-educação dentro do sistema educacional. Para alguns, esta pode parecer uma narrativa auto-centrada, porém, o que trago é uma jornada que vai do individual para o coletivo. EU – NÓS. Todas as trilhas, estradas e pontes podem levar às encruzilhadas. Na pesquisa acadêmica EU me apresento metodologicamente como uma professora/artista/pesquisadora, no entanto, para o âmbito deste texto [formato de ensaio a/r/tográfico], me apresento como uma caminhante, tecelã de memórias. Minhas rugas contam histórias, quem pode ouvir? Trago as memórias dos encontros, olhos nos olhos, que tive com estudantes

no Rio Grande do Sul entre 2019 e 2021. Desses encontros brotaram processos coletivos de criação. Com debates circulares e experiências estéticas enraizadas (corpo grupo) foi se fortalecendo cada vez mais este NÓS, identidades em coletivo. EU vivi uma jornada de resgate de minha própria identidade [mulher, mestiça, arteira, contadora de histórias, mediadora, agitadora cultural, facilitadora do Teatro do Oprimido]. NÓS assumimos o desafio de fazer uma viagem pela história das raízes ancestrais que se esparramam por esse continente. NÓS f(AR)rejam memórias pelos porões de um castelo de cartas verdes e amarelas. O cativoiro ainda existe. A floresta luta mesmo em luto. EU buscava meu lugar dentro da escola, NÓS buscávamos nosso lugar sócio-histórico. Buscas que partem de um Não-Lugar: Qual é a minha cor? Em duas escolas municipais com turmas da segunda etapa do Ensino Fundamental, NÓS contamos muitas histórias, cantamos, dançamos, gingamos, giramos, pintamos uma nova paisagem... Efêmera paisagem.

De repente, movimento interrompido. Fomos todos coletivamente atravessados por uma circunstância sanitária pandêmica, o mundo parou, barcos à deriva, soníferas ilhas em um mar de saudades. Para muitos, foi a derradeira travessia. O corpo sofre a ação do caminho. O corpo abre caminho. O corpo faz o caminho. O corpo não é texto, mas vai sendo registrado através de texto. EU vou

transcrevendo algum tipo de registro possível da memória corporal que guardo do caminho que percorri.

Talvez, alguns possam encontrar um inicial estranhamento com relação à lógica deste ensaio, por se estruturar como uma reflexão circular. Isso significa que as ideias não podem ser dadas todas em síntese na introdução. Há compreensões que só chegarão pelo transcórre da leitura... Então, relaxe, navegue pelas páginas. Estou tecendo um produto educacional com base nos registros e vestígios do trajeto. Apresento um repertório de experiências em arte educação, um balaio de memórias. Nesta escrita vou costurando retalhos de memórias com uma agulha encantada chamada “licença poética”, uso também um novelo de palavras.

### **Um mergulho nas águas do educando:**

Parafraseando Freire<sup>1</sup>, houve uma entrega, desejei “banhar-me nas águas do educando”. Entre Junho de 2019 e abril de 2021 ministrei aulas de Artes e também de Ensino Religioso pra estudantes da segunda etapa do Ensino Fundamental em duas escolas municipais. Cada uma dessas comunidades traz as suas particularidades. Infelizmente, a instituição de ensino através da qual realizo a pesquisa, não me permitiu revelar informações que identificassem o exato locus da investigação. Por causa disso é que os caros leitores (as) não saberão o nome da

cidade, nem das escolas. Fiquemos apenas com a informação de que as memórias aqui narradas aconteceram no estado do Rio Grande do Sul.

Quando cheguei (de mala e cuia, alugando a última casa da última rua) fui travando os primeiros contatos com a paisagem e as comunidades. Mergulhei os pés no rio... Correram rumores de uma professora forasteira! Para mim, era tudo novidade, nunca havia estado na situação de professora dentro de uma escola. Até então, minhas aulas sempre haviam sido oficinas livres de teatro, nunca havia vestido a camisa dessa forma. Mas que camisa é essa? Confesso que me causou certa angústia reencontrar os mesmos corredores, a mesma sirene, as mesmas carteiras enfileiradas e viradas para o mesmo quadro. O cenário remontava minhas memórias de aluna. Fiquei intrigada, como as escolas podem ser tão parecidas? Tão preenchidas dos mesmos elementos se as culturas são tão diversas? Uma escola no interior do Tocantins (onde nasci) pode ser assim tão parecida com uma escola no Rio Grande do Sul? Parecem perguntas ingênuas? Existia algo profundo que me impulsionava.

A primeira aula da minha vida foi no, sétimo ano. A diretora entrou comigo na sala, apresentou-me e saiu fechando a porta. Silêncio e olhos brilhantes, a turma me analisava. No quadro escrevi: Bom dia! Data, Artes e Ensino Religioso, Professora Zoé. Quem sou eu? De onde vim? Onde moro? Quantos anos eu tenho? Marido?

---

<sup>1</sup> Paulo Freire (1921 – 1997), educador e filósofo, Patrono da Educação Brasileira.

Filhos? Vai ter que copiar do quadro? A turma me fazia tantas perguntas que para responder eu teria que contar algumas histórias. Por fim, fiz um desenho mal traçado na lousa e disse “vamos fingir que este é o mapa do Brasil”. Um ponto eu coloquei na cidade de Arraias, onde nasci no Tocantins; outro ponto em Goiânia – GO, onde passei a adolescência e conheci a arte; outro ponto em Brasília – DF, onde passei a viver sozinha e me formei no curso de Artes Cênicas; outro ponto em Pelotas- RS, onde me tornei uma TOCOmina (estudos do Teatro do Oprimido); e, por último, mas não menos importante, um ponto na secreta cidade onde estou começando minha vida de professora. Ligando esses pontos, fui contando a historinha para me apresentar.

Qual não foi a minha surpresa quando um aluno levantou a mão e disse: “Professora, o que a senhora está fazendo aqui neste fim de mundo?”. Tive vontade de dizer que a Senhora está no céu... Estranhamente, me veio uma resposta na ponta da língua “Mas, o mundo não tem fim, o que você está chamando de mundo?”. Grande discussão veio depois disso: “O mundo é o lugar onde a gente mora!”, “O mundo vai acabar com um monte de fogo!”, “Acho que o Sol vai explodir, professora”, “Aqui é o fim do mundo porque não tem nada pra fazer!”. Eu me perguntava como havíamos chegado nisso... mas me pareceu que precisávamos contornar a situação: primeiro porque nós não podemos ter uma visão assim tão

negativa do lugar em que habitamos e segundo, porque o ser humano não é o centro do mundo. Então, utilizei meu celular, o grupo aceitou assistir assim com a tela pequenininha mesmo. Passei uma animação que mostrava comparativamente o tamanho dos planetas e das estrelas. O Sol é maior do que qualquer um dos planetas do nosso sistema, mas pode ser considerado uma estrela anã ao lado de gigantes estelares já conhecidas. São trilhões de estrelas e galáxias sem fim. A partir daí a conversa mudou, porque o mundo é muito maior do que nós imaginávamos e existe muito mais a conhecer.

Fui fazendo a chamada e perguntava para cada estudante qual era sua cor preferida, sua fruta predileta, o que mais gosta de fazer... Anotava tudo no papel, me mostrei interessada nisso. Pedi como atividade, que me fizessem algumas listas: As músicas que você mais gosta de ouvir, os filmes que me indica assistir, que tipo de dança te interessa e o que gostaria de fazer na aula de artes. Naquele dia, eu passei de carteira em carteira e apertei a mão de cada estudante, olhos nos olhos (fiz assim em todas as turmas). A proposta era firmarmos um acordo leal. Eu disse que queria conhecer e ser amiga de cada um e cada uma; que me colocava à disposição para aprender com o grupo. Foram três cláusulas no nosso contrato: A primeira era o respeito como princípio básico; A segunda é que buscaríamos falar um de cada vez, para

que pudéssemos ser ouvidos; E a terceira foi uma carta que levei na manga: ninguém precisaria me pedir para ir ao banheiro ou tomar água, já que somos nós que sabemos a verdade sobre nossas próprias necessidades. A princípio improvisei um crachá comum (só havia um, para que as pessoas saíssem uma de cada vez) então, quem quisesse sair, pegava o crachá pendurado e devolvia na volta. Essa estratégia não fui eu quem inventei, faz tempo que se utiliza, mas entre minhas turmas, nenhum grupo a conhecia. Depois de um tempo até fiz um crachá cheio de estilo, desenhei um ET e umas galáxias em homenagem a essa minha primeira aula da vida. No entanto, o que é importante aqui é expressar sobre a postura com a qual cheguei a cada turma nas duas escolas. Queria realmente aprender junto, ouvir propostas, arriscar, descobrir qual é a aula que o coletivo quer, pois pensava que o “querer” é o que alimenta a curiosidade e, sem essa, nada poderia ser aprendido.

### **Compreendendo o perfil das comunidades:**

Como eu já havia dito, eram duas escolas. Eu trabalhava inicialmente 20 horas semanais, atendendo duas manhãs em cada escola e tinha um dia semanal de “hora atividade”. Sexto, sétimo, Oitavo e Nono. A aula começava às 08:00h e terminava às 12:00h com 15 minutos para a merenda e 15 minutos para o intervalo. Em ambas as escolas eu ficava dois períodos de 45 minutos em cada turma, organizados sucessivamente, então era

uma aula de 1h e 30 minutos por semana. Apenas as turmas de oitavo e nono faziam ensino religioso comigo, então teoricamente nestes casos deveriam ser 45 minutos de Artes e 45 minutos de Ensino Religioso. A estrutura do calendário escolar comportava três trimestres e a nota média nas duas instituições era 50, de 100. Fui muito bem recebida por todos os colegas e as colegas que integravam a equipe desses espaços de educação, agradeço por todas as trocas e oportunidades de aprendizagem. Todas essas experiências contribuíram para meu crescimento enquanto arte-educadora. Como são instituições e comunidades com características diferentes, cabe aqui uma descrição mais detalhada dos ambientes pedagógicos.

Chamarei esta escola de Beija Flor – Uma escola considerada por algumas pessoas como “de periferia”. Localizada em uma região da cidade que conta com apenas uma saída, virada para o lado oposto ao Centro da cidade, o que obriga as pessoas a darem uma grande volta nesse trajeto. As histórias que ouvi de vizinhos (eu mesma morava por ali) contavam que antes a comunidade vivia na beira do rio e sofria com as enchentes. Até que um dia, a coisa foi tão séria que se perderam muitas casas e até a escola ficou embaixo d’água e foi totalmente destruída. Por causa disso, a prefeitura realocou as famílias para esse novo bairro. As moradias são simples, a maioria padronizada pelo projeto do governo que as

construiu. Áreas de pasto circundam o atual espaço da comunidade, ruas majoritariamente de terra, algumas poucas de paralelepípedos. As dependências da escola são apertadas, em meu ponto de vista, considerando que atende uma média de 100 estudante entre turmas da Educação Infantil e anos finais do Ensino Fundamental. Cinco salas de aula, uma biblioteca e uma sala de informática. O restante era cozinha, refeitório, secretaria, sala dos professores e sanitários. Na frente um pequeno espaço de área coberta como varanda, um gramado na lateral onde se joga bola e um cantinho com brinquedos (escorregador, balanço e gira-gira) para as crianças pequenas. O perfil de boa parte dos e das estudantes era pacífico, embora alguns casos chamassem a atenção por apresentar sinais de negligência, enormes dificuldades de aprendizagem ou de convivência. Porém, de modo geral, a maioria das turmas apresentavam algum grau de vulnerabilidade social e/ou exposição às situações de violência.

Para chegar à Escola Beija Flor eu atravessava dois pastos a pé, ou dava a volta pela pista de bicicleta. Ali eu vi muitos sorrisos inocentes. Vi um projeto ambiental que nasceu no coração de uma criança. Vi um jovem resplandecer ao pisar no palco, assumindo sua singularidade. Vi um grupo de moças girando suas saias coloridas. Vi costuras de boneca e de crochê. Ouvei um grupo tocando samba. Vi berimbau, caxixi, surdo, maracá,

agogô, pandeiro. Lá tinha gente que dançava jongo e gingava a Capoeira. Vi debates profundos e ações políticas de todo o tipo. Vi uma gente sofrida, mas de riso forte... um riso indomável! Vi uma geração que veio fazer barulho mesmo, tirar tudo do lugar. Brincamos com bexiga d'água pra regar nossas sementes de alegria. Nunca esquecerei os murmúrios que sussurravam saudades pelos corredores. A ciranda nos presenteou com uma escola UBUNTU! Esses brotos foram muito corajosos mesmo e me aplicavam injeções de bom ânimo para avançar na jornada. Alguns projetos ficaram congelados no tempo... nem tudo o que começa encontra fim. Que nunca esqueçamos de que vale muito a pena voltar atrás e buscar o que ficou.

Essa escola chamarei de João de Barro – Fica localizada na avenida principal que dá acesso ao centro, logo ao lado do cemitério, várias olarias desativadas podem ser encontradas em suas redondezas. Relativamente próxima ao rio, a região possui a maioria de suas ruas asfaltadas, inclusive a rua da escola foi asfaltada durante o período desta pesquisa. As dependências da escola eram mais espaçosas: oito salas de aula, uma sala de vídeo, um laboratório de informática, um laboratório de ciências (que a princípio estava desativado). Excelentes instalações de cozinha, refeitório, secretaria e sala dos professores. Nos fundos, uma pequena área coberta como varanda, e no pátio, uma

quadra de futebol, uma de vôlei e parquinho com escorregador, casinha, gira-gira, balanço. Cerca de 150 estudantes eram atendidos entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. As casas da região também eram simples, embora algumas correspondessem a um padrão de vida mais abastado. Havia sim, estudantes em situação de vulnerabilidade social, mas não representavam a maioria. Ainda assim, observei que em muitos casos o/a estudante vivia situações de violência dentro de casa, porém tudo fica parecendo ser uma coisa “normal”.

Para chegar à escola João de Barros eu pedalava pela avenida principal, ou então, no caso de chuva, pegava o ônibus escolar (que saía bem cedinho). O dia começa com bons dias e sorrisos. Muitas vezes esbarrei em minhas próprias inseguranças, mas fui me fortalecendo nas amizades construídas em sala de aula... trocamos segredos e provamos lealdades. Transcendendo os corredores, nos demos conta de que a arte é a ciência do sentir. Transformamos os espaços e saímos para longas caminhadas. Todos os riscos foram assumidos coletivamente! Ouvimos histórias profundamente sábias contadas por crianças. Vi uma cena no palco que contava a minha própria história... Poucas coisas me tocaram a alma com tanta doçura. Não tivemos medo de falar das bruxas... nem dos povos originário e nem sobre as memórias de cativo de nossos ancestrais. Recebemos visitas importantes e mostramos a força da nossa ginga.

Ainda que a situação e o histórico das duas escolas não sejam os mesmos, gostaria de pontuar que as duas comunidades são de escolas públicas e estão igualmente sujeitas ao descaso construído pela classe dominante. Além dessas, havia apenas uma escola de Educação Infantil no centro da cidade e ainda outras que ficavam afastadas do centro, em regiões completamente rurais. Alguns colegas, assim como eu, se dividiam entre as duas escolas locus da investigação. Mesmo assim, a “pegada pedagógica” não era a mesma. Enquanto a equipe da Beija-Flor vivia as voltas tentando solucionar a defasagem idade-série, já a equipe da João de Barro investia em eventos que mobilizassem a comunidade

De modo geral, tive mais facilidade de integração com as turmas do que com colegas professoras e professores. Por algum motivo, algumas semanas após a minha chegada, não se falava em outra coisa. O comentário geral era de que a professora Zoé cantava para as turmas, e isso era mesmo verdade. Um conceito que norteou minha aprendizagem na graduação foi o de “experiência estética”. Em linhas gerais, se trata de uma experiência que nos atravessa os sentidos e que pode até alcançar aspectos simbólicos. Esse tipo de experiência pode estar conectada ao verbo fruir (ação de quem assiste, observa, ouve, lê ou, de alguma forma, consome arte). Então, a cada aula, eu tentava proporcionar alguma experiência estética simples à turma, seja me ouvir cantar

uma música, acompanhar uma história, conversar em círculos, votar o que faremos na aula, assistir vídeos curiosos que suscitavam debates, ter acesso aos materiais de arte (como tintas, papéis, canetinhas, cola, etc.). Algumas vezes, levava o pessoal para fora da sala de aula e propunha dinâmicas teatrais e até mesmo práticas de dança (algumas vezes de capoeira) – em suma, oferecia estímulos criativos. De fato, eu fui percebendo que, naturalmente, essa minha postura movimentava o cotidiano escolar de uma forma ou de outra, por isso causava tantos comentários. Aquilo que eu estava apresentando, embora parecesse óbvio para mim, não era exatamente o que esperavam que eu fizesse.

## **Paradoxos Curriculares**

Então, era a disciplina de Artes e mais a de Ensino Religioso. Naqueles anos tive que lidar com o meu despreparo frente ao que seria exigido de mim. O Ensino Religioso, eu realmente não tinha a formação necessária, mas isso não pareceu um problema já que as colegas estavam na mesma situação; inclusive, na Escola Beija Flor eu fui orientada a ensinar sobre “valores” e não aprofundar em questões religiosas para não desagradar as famílias (bem diferente do que a nova BNCC<sup>2</sup> propõe). No entanto, mesmo em artes, que está dentro da minha área de formação, eu já esperava desafios pelo caminho

em relação aos conteúdos. Acontece que, geralmente, o professor ou professora de artes possui formação especializada em uma única linguagem artística, porém, na prática, precisa ensinar sobre quatro linguagens (Arte Visual, Música, Dança e Teatro).

Ao ver o programa de conteúdos proposto pela secretaria de educação me senti perdida. Segundo esse currículo municipal elaborado em 2018, todos os anos, todas as turmas dos anos finais precisariam estudar os elementos da linguagem visual (ponto, cor, linha, forma, textura, perspectiva, etc.) e de ano para ano se polvilhavam temas como histórias em quadrinhos, folclore (com tópico especial para o Rio Grande do Sul), gravura, escultura, Arte africana (assim mesmo como um tópico só), Arte indígena (um tópico só), Arte moderna (um tópico). Teatro e Danças que são linguagens artísticas complexas apareciam apenas como tópicos simples. Ao questionar as turmas sobre o que faziam nas aulas de artes, me disseram que tinham um caderno de copiar e também pintavam com lápis de cor e canetinhas por dentro dos desenhos prontos. Nos cadernos, todos copiavam um texto sobre cores.

Na dúvida, apostei em começar pela minha linguagem de origem para ganhar o tempo de estudar a situação. Por causa disso inclusive, houve um trabalho apresentado no “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento” que criamos juntos no decorrer desse

---

<sup>2</sup> Base Nacional Comum Curricular, publicada em 2017.

processo (pré-isolamento) que se chamou “Saga: Teatro em Espaço Escolar”. Minha formação inicial foi o curso de graduação em Artes Cênicas – licenciatura pela Universidade de Brasília - UnB. Independente disso, eu já tinha comigo um objetivo específico: trabalhar os conteúdos referentes à história, às culturas, aos saberes dos povos indígenas e também dos povos africanos, contextualizando a situação de cativo e perseguição que se estabeleceu em nosso território com uma colonização tipicamente genocida.

Queria fazer valer as leis de igualdade racial que tornaram esses conteúdos obrigatórios (por um tempo). O principal argumento que me validava era o de que na LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) estava pontuado que professores e professoras de arte, história e literatura brasileira deveriam assumir responsabilidade pela implantação dessas medidas. Na prática, eu pretendia contar histórias e tecer um ponto que dissolvesse equívocos históricos. Anteriormente, outras jornadas já haviam me despertado a fome por uma educação anti-racista.

Posteriormente, já em tempos pandêmicos, pude me aprofundar nos estudos da BNCC e encontrei muita ressonância dessas minhas propostas com as tais habilidades e competências sugeridas pelo documento.

### **A saga: Teatro em Espaço escolar**

Iniciamos o processo com uma aula dedicada apenas a destrinchar a ideia de “autonomia”. Pontuei essa como uma habilidade importante a ser desenvolvida em nossos encontros. Ficou combinado que a aula é NOSSA e a turma pode fazer propostas, podemos voltar, fazer valer a voz da maioria. De quanto em vez, teremos diferentes opções de atividades para que o coletivo vote. Ainda assim, nenhum e nenhuma de nós se verá na obrigação de realizar aquilo que não quer. No entanto, no caso da pessoa não querer, ela própria deve propor alguma outra possibilidade de atividade para si, que seja talvez escrever sobre o que a turma está fazendo, ou fotografar, ou qualquer outra ação que coopere com a proposta coletiva.

Firmadas essas bases, iniciamos práticas na linguagem teatral. Como já comentei acima, essa foi até uma estratégia para ganhar tempo, mas não só isso. Acontece que uma boa parte dos saberes artísticos que trago comigo, são saberes-fazes, que se conectam diretamente com a minha memória corporal. Sendo assim, precisamos movimentar nosso corpo para viver essas experiências de aprendizagem. Fundamental sair da zona de conforto. Para isso, preparei quatro aulas com jogos teatrais coletivos. Pensei práticas que puderam ser realizadas em ambiente externo e/ou dentro da sala de aula (movendo as carteiras para abrir espaço). Para alguns jogos, também ocupamos corredores, refeitório,

sala das professoras. Algumas turmas quiseram fazer cinco aulas, sendo que a última era a repetição dos exercícios mais marcantes para o coletivo.

Como todas as turmas me confirmaram nunca ter recebido aulas de teatro durante a disciplina de artes, pude considerar que todos estavam no mesmo nível. Então, as mesmas aulas funcionaram em turmas de sexto ao nono anos. Pretendo destrinchar um pouco os exercícios que propus, porém é importante pontuar que o que faz o sucesso desse tipo de iniciativa é manter uma escuta sensível ao grupo. Existem propostas que fluem em um grupo e que não fluem em outro, a depender do grau de disponibilidade dos indivíduos e também o ambiente no qual se desenvolve a atividade.

A maioria das técnicas empregadas eu extraí de minhas vivências e também do livro “Jogos para atores e Não atores” de Augusto Boal<sup>3</sup>, idealizador do Teatro do Oprimido. Então, seguindo os princípios filosóficos deste pensador, o teatro pode ser encarado como uma “Arte-Marcial” para a transformação da sociedade, de forma que os jogos servem para “desmecanizar” o corpo, sensibilizar as consciências, despertar *espect-atores*. Ainda que naquele momento ainda não havíamos conversado

diretamente sobre temas de desigualdade racial presentes em nosso território, considero que ao vivenciarmos experiências corporais criativas, já estávamos preparando o terreno para questionamentos em relação ao controle dos corpos exercido por uma escolarização colonizadora.

Observo que esse cotidiano escolar que mantém nossos corpos paralisados e engessados às carteiras, obrigando-nos a sempre copiar do quadro e manter a fila, depender de permissão para ir ao banheiro seja típico de uma educação que se propôs a apagar de nossa memórias os hábitos, saberes e modos de vida das culturas colonizadas e/ou escravizadas. Um modo pasteurizado de compreender as formas de aprendizagem, mantendo o foco em uma concepção eurocêntrica de ciência e de humanidade. Em contraponto a tudo isso, o que fundamentou nossas práticas corporais foi a ideia de que o corpo aprende em movimento. Praticando, a pessoa se instrumentaliza de saberes sensíveis que podem permanecer arquivados em sua memória corporal. Não chegamos a nos aprofundar nas técnicas do Teatro do Oprimido essencialmente, apenas me baseei nos jogos do Arsenal do Oprimido. Para realizar um mergulho mais profundo, seria necessário mais tempo e, principalmente, que esse fosse o interesse dos grupos (nunca foi).

Essas aulas práticas nos renderam ainda um grande tesouro de memória gerado pelos registros dessas

---

<sup>3</sup> Augusto Boal foi o teatrólogo brasileiro fundador do Teatro do Oprimido na década de 70. Essa proposta compreende o teatro como uma ferramenta de transformação social ao apresentar em cena os mecanismos do jogo oprimido/opressor que sustenta as desigualdades. Suas técnicas e jogos compõem o Arsenal do Oprimido.

experiências, que cada estudante fez utilizando papel, lápis, giz de cera e canetinha. Basicamente, separávamos momentos ao final das aulas para que toda a energia movimentada com as práticas corporais fosse registrada no papel em forma de memória. A experiência estética pode servir como inspiração para desenhos, poemas, relatos, ou rabiscos. Como transmitir ao papel nossas sensações psicomotoras? Na escola João de Barro, esses registros posteriormente, passaram a compor uma série chamada “Gavetas da memória” e foram expostas na galeria “Arte a Ciência do Sentir”, montada pelas turmas com todos os trabalhos do ano de 2019. Atualmente essas imagens podem ser vistas no “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento”<sup>4</sup> que é um dos produtos educacionais gerados pela presente pesquisa. Falaremos mais disso adiante.

Por agora, trago os tais jogos teatrais. Deve-se levar em consideração que esse tipo de aula exigiu dos grupos uma boa agilidade, uma vez que precisávamos cuidar da chamada, dialogar sobre a proposta, mudar as carteiras de lugar ou nos deslocar até um espaço mais aberto, realizar as atividades e ainda distribuir materiais para que as memórias corporais fossem registradas no ato. Ao sair das salas de aula, eu sempre fui cobrada com relação a ordem de rodos esses objetos, que precisavam ser

devolvidos exatamente no lugar que estava antes. Apagar os vestígios da prática?

## **Aula 1 – Introdução e circularidade (90 minutos – 2 períodos)**

# Encontro com a turma e chamada – 10 min.

# Arrastar as carteiras, ou nos deslocar até um espaço mais amplo – 10 minutos

# **Zip-Zap** (15 min.): Esse jogo eu aprendi com meu querido professor, Fernando Villar<sup>5</sup> na Universidade de Brasília - UnB. Grupo em círculo, dois braços de distância entre as pessoas (ideal). Uma pessoa vai lançar uma energia para alguém da roda através do gesto de soltar uma flecha imaginária e emitir pela boca o som “Rá”. Essa gestualidade deve ser feita com foco no olhar da pessoa que receberá a energia, o direcionamento precisa ser nítido. Quando o grupo já se apropriou da dinâmica, acrescenta-se outra célula: Ao receber essa energia, a pessoa também pode entregá-la fazendo um gesto de estralar os dedos da mão e dizer “Zip” ou “Zap”, sendo que “Zip” é para direita e “Zap” é para a esquerda. Porém, desse modo a energia não pode ser enviada para qualquer pessoa do grupo, mas sim apenas para as pessoas que estiverem ao lado de quem for lançá-la.

---

<sup>4</sup> O “Portfólio Coletivo Identidade e Pertencimento” faz parte deste mesmo volume e pode ser visto mais adiante, anexo ao texto.

---

<sup>5</sup> Fernando Villar é autor, encenador, diretor e professor. Ph.D em Teatro no Queen Mary College, University of London (2001). Atualmente, leciona no Curso de Artes Cênicas da Universidade de Brasília-UnB.

Quando o grupo já se apropriou dessas dinâmicas, acrescenta-se outra: balançando o centro do corpo em movimento de mola se diz “Toinhoim”. Se alguém faz essa gestualidade ao receber essa energia, ela será reenviada para quem lhe enviou. O objetivo é estabelecer entre o grupo uma atmosfera de atenção plena, possibilitando que o repertório de movimentos e sons flua na interação.

**# Objetos Imaginários** (15 min.): Esse jogo também acontece com o grupo em círculo e faz parte do acervo da pesquisadora teatral Viola Spolin<sup>6</sup>. O objetivo é manusear objetos imaginários empregando-lhes forma, peso e credibilidade. Manipulei ante os olhos das turmas uma bola imaginária do tamanho de uma bola de tênis. Através de minha gestualidade, fiz com que ela se tornasse do tamanho de uma bola de basquete e depois, fiz o mesmo para que ficasse do tamanho de uma bola de gude. Por fim, utilizando todo o meu corpo, fiz com que parecesse uma bola muito, mas muito pesada e depois, fiz o mesmo para que a bola parecesse leve como um balão. A partir disso, essa bola imaginária passou de mão em mão, de forma que cada pessoa pôde brincar alterando a forma e o peso antes de passá-la adiante. Esse jogo também pode se conectar a uma variação que trabalha competências nas áreas do improviso. Nesse caso, o objeto já não é

mais necessariamente uma bola, mas sim qualquer tipo de objeto. Com isso, cada um que o tocar pode transformá-lo em qualquer outra coisa. Acrescenta-se mais um desafio: a manipulação desse objeto imaginário precisa ser fiel o suficiente para que o grupo possa adivinhar de que objeto se trata.

**# O círculo de nós** (15 min.): Em círculo, nos damos às mãos. Talvez aí já possa haver algum conflito a mediar, situação comum nesse tipo de aula com adolescentes. Existe uma resistência ao toque, porém, o toque pode ser importante no processo de sociabilidade. A orientação é a de que uma das mãos entrega e a outra recebe, ou seja, uma deve estar por cima da mão de alguém e a outra deve estar por baixo da mão de alguém. A partir disso, o grupo se move (sempre puxado por alguém) no sentido de criar nós através do círculo: passando hora por cima e hora por baixo até que o círculo tenha se tornado um embolado de pessoas de mãos dadas. Não se deve em momento algum soltar as mãos. Em lugar disso, o grupo deve fazer silêncio e desatar os nós sem desgrudar as mãos, utilizando apenas o olhar e o diálogo corporal. Juntos nós somos capazes de resolver qualquer coisa! Esse jogo também faz parte do Arsenal do Oprimido, de Boal.

**#Registro** – 20 minutos

**#Harmonização da sala** – 5 minutos.

---

<sup>6</sup> Viola Spolin é autora e diretora de teatro, considerada uma das fundadoras do Teatro Improvisacional. Em sua publicação de 1975, ela apresentou um fichário de Jogos Teatrais.

## **Aula 2 – Caminhas e processos em dupla (90 minutos – 2 períodos)**

# Encontro com a turma e chamada – 10 min.

#Arrastar as carteiras, ou nos deslocar até um espaço mais amplo – 10 minutos

# **Série de Caminhadas** (15 min.): As séries de caminhadas fazem parte do repertório de treinamento na linguagem teatral, pois, caminhando podemos explorar muitas dinâmicas de grupo e também de corpo. Nesse caso, eu me inspirei em uma série de caminhadas propostas por Augusto Boal em seu Arsenal do Oprimido. Começamos por apostar uma corrida em câmera lenta, de forma que a última pessoa a chegar venceria (é proibido parar a movimentação durante a corrida). Depois, caminhamos como caranguejos: mãos e pés no chão, caminhando somente pela lateral. Aprendemos o passo do camelo: pé direita e mão direita. Também fizemos o passo do elefante: pé direito e mão esquerda, pé esquerdo e mão direita. Por fim, entramos no passo do canguru, que consistem em agarrar com as mãos os tornozelos e se deslocar pulando. Esse tipo de proposta já aquece o corpo.

# **Hipnotismo Colombiano** (15 min.): Em sua jornada por nosso continente, Augusto Boal conheceu esse jogo através de vivências na Colômbia e a incorporou no Arsenal do Oprimido. Em dupla. Cada dupla escolhe um

lugar no espaço e define qual participante será o hipnotizador ou hipnotizadora. Então, essa pessoa deve mostrar a palma de sua mão a um palmo de distância do nariz de sua parceria. A distância deve ser respeitada pelas duas partes e, por isso, o hipnotizador pode movimentar as mãos para, com isso, manipular o foco e o corpo da pessoa hipnotizada. Após explorar a situação, trocam-se os papéis. Esse jogo também possui uma variante na qual uma pessoa pode hipnotizar duas, já que possui duas mãos. Há ainda outra variante com quatro pessoas sendo hipnotizadas por uma só (duas mãos e dois pés), porém não cheguei a praticá-la com as turmas.

# **Espelho** (15 min.): Ainda em dupla, algumas vezes pedi que se mantivessem as duplas do jogo anterior, outras vezes pedi que se formassem outras duplas (isso depende do que captamos com nossa escuta sensível em relação ao grupo). O objetivo é que uma pessoa represente o reflexo no espelho da outra, logo quando uma inicia o movimento, a outra precisará acompanhar com seu corpo, harmonicamente. Os papéis, após um tempo, devem ser trocados. Uma terceira dinâmica seria que ambas as partes fossem a figura e o reflexo ao mesmo tempo, de forma que não se pudesse perceber quem está conduzindo a gestualidade. Esse jogo também faz parte do Arsenal do Oprimido.

#Registro – 20 minutos

#Harmonização da sala – 5 minutos.

### **Aula 3 – Jogos Musicais (90 minutos – 2 períodos)**

# Encontro com a turma e chamada – 10 min.

#Arrastar as carteiras, ou nos deslocar até um espaço mais amplo – 10 minutos

**# A cobra de Vidro** (15 min.): Formando uma enorme fila em pé, cada pessoa deve por as mãos nos ombros da pessoa da frente. Olhos fechados. Deve-se examinar com as mãos a nuca, a cabeça e os ombros nos quais nos apoiamos. A primeira pessoa da fila deve ficar de olhos abertos e se movimentar puxando a fileira, serpenteando pelo espaço (essa é a cobra de vidro quando está inteira). Nas aulas com as turmas, eu mesma assumi a cabeceira e, após serpentear em nosso espaço, saí a caminhar levando os grupos (de olhos fechados) a outros espaços dentro da escola (corredores, sala dos professores, biblioteca, refeitório). Meu objetivo era que nos permitíssemos sentir os ambientes através do olfato, da audição, da temperatura, da luminosidade. De volta ao espaço da aula, ao meu sinal a cobra de vidro se quebrava, e todo o grupo se soltava e caía ao chão. Essa é uma metáfora com base no mito de origem indígena “A cobra de vidro”, que Augusto Boal encontrou no sul do Chile. Segundo a história, um dia essa cobra se

reconstruirá a partir da reunião de todas as suas partes. Logo, no jogo, após quebrarmos a cobra, devemos tentar reconstruí-la ainda de olhos fechados, tateando até reencontrar o ombro que estava á sua frente.

**# Guia no escuro** (15 min.): Esse jogo também estimula a sensorialidade, e eu o conheci pela doce condução da professora Fabiana Marroni<sup>7</sup> na Universidade de Brasília. Em duplas. Cada dupla irá definir qual das partes ficará com os olhos fechados e, a outra parte deverá conduzir a parceria pelo caminho tendo a palma de uma mão como única superfície de contato. Nesse caso, deve haver o zelo pela experiência, principal responsabilidade de quem conduz, desviando de perigos e cuidando do trânsito de duplas pelo espaço. Quem fica de olhos fechados, deve confiar e se permitir. Após um tempo de exploração, as duplas trocam de papel. Esse tipo de jogo, com olhos fechados, depende muito da entrega do grupo para uma situação nova, que nos tira da zona de conforto. Ficar certo tempo de olhos fechados pode não ser uma tarefa fácil. Pode ser que alguém não consiga (seja por qual motivo for) e tudo bem.

**# Floresta de Sons** (15 min.): Mais um exemplo de jogo que pertence ao Arsenal do Oprimido. Ainda em duplas (observo se parece interessante que troquemos as duplas do jogo anterior). Em um tempinho dado para dialogar,

---

<sup>7</sup> Fabiana Marroni Della Giustina é dançarina e Arte-Educadora. Atua como professora no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília desde 2009.

cada dupla deve definir para si um som em comum que lhes represente e também definir quem ficará de olhos fechados e quem conduzirá o exercício. Feito isso, colocamos as pessoas que ficarão de olhos fechados juntas no centro da sala e suas respectivas duplas a certa distância. Então, o jogo começa quando aquelas que estão de olhos abertos começam a chamar sua dupla através do som anteriormente definido. Dessa forma, a sala se torna realmente uma floresta de sons que deverá ser cuidadosamente atravessada por aquelas que estão de olhos fechados até reencontrarem suas duplas. Feito isso, as duplas trocam de papéis e recomeçamos para que todas passem pela experiência. É importante explicar, que a pessoa de olhos fechados deve apenas caminhar em direção ao som. Caso o som pare, a pessoa também deve parar seu deslocamento pois, este é um mecanismo utilizado por quem está de olhos abertos cuidando para que não aconteçam acidentes.

#Registro – 20 minutos

#Harmonização da sala – 5 minutos.

#### **Aula 4 – Coletividade (90 minutos – 2 períodos)**

# Encontro com a turma e chamada – 10 min.

#Arrastar as carteiras, ou nos deslocar até um espaço mais amplo – 10 minutos

**#Série Caminhadas (15 min.):** Essa série de caminhadas foi inspirada em experiências vivenciadas por mim junto ao grupo de teatro de improviso Saída Sul<sup>8</sup>, em Brasília. O grupo caminha e encontra um ritmo comum, porém as pessoas são avisadas de que estão atrasadas e cada vez mais atrasadas, tendo que correr sem se esbarrar. Após isso, as pessoas deverão caminhar como crianças explorando as possibilidades dessa situação. A mesma dinâmica se faz para as fase adolescente, adulta e anciã. Já podemos brincar com a temperatura, caminhando no Pólo Norte e também no deserto do Saara. Também é interessante caminhar na lua e sentir a gravidade zero. Por fim, cada pessoa pode explorar por si mesma, diferentes formas de caminhar, como se fossemos outras pessoas.

**# O Urso (15 min.):** Uma pessoa é escolhida pelo grupo para representar o urso e todas as outras se convertem em lenhadores que, em um primeiro momento, estarão tranquilos realizando seu trabalho. Até que, de repente, o urso deve rugir com toda a sua força, mostrando a selvageria de seu corpo. Diante disso, o grupo que lenhava cai no chão e finge ter morrido. Por causa disso, o urso (usando gestualidade e emitindo sons característicos) espia cada corpo, estimulando para que alguém acabe se movimentando e mostrando estar com vida. Aquele ou

---

<sup>8</sup> O Saída Sul é um grupo de teatro de improviso, do qual pude participar e fui uma das fundadoras em 2015. Atualmente sou mais integrante, porém, o grupo segue trabalhando.

aquela que se denunciar deve transformar-se também em urso. Assim, o jogo recomeça, dessa faz com dois ursos e assim sucessivamente até que todo o grupo seja formado por ursos. Esse jogo foi incluído no Arsenal do Oprimido por Augusto Boal em viagem á França e, para mim, é uma metáfora no sentido de que dentro de cada dócil trabalhador ou trabalhadora, existe um animal que pode se manifestar a natureza de sua corporeidade.

**# O Rato, o gato e o cão maior ainda** (15 min.): Este jogo também faz parte do Arsenal do Oprimido. O grupo se divide em duplas que vão andar de mãos dadas pelo espaço com exceção de uma das duplas. Esta, representará um gato que corre atrás de um rato pelo espaço, entre as duplas. Se o gato pegar o rato, o jogo se inverte e quem era gato se torna rato para que quem era rato se torne gato. No entanto, se o rato decidir se unir á uma das duplas, isso significa que a outra parte dessa dupla deverá se soltar da mão de sua parceria. Essa pessoa solta no espaço interpretará, por sua vez, um cão maior que o gato, garantindo que o mesmo passe então a fugir, em lugar de continuar perseguindo. Caso o gato faça o mesmo que o rato, ou seja, se una a uma dupla que caminha pelo espaço, aquele que dela se soltar representará um cão maior ainda do que o anterior, que passará então á fugir. Esse jogo é interessante, pois apresenta o exato momento em que o opressor passa a

ocupar o papel do oprimido, expondo a natureza das dinâmicas sociais de desigualdade.

#Registro – 20 minutos

#Harmonização da sala – 5 minutos.

Como iniciei na escola em Junho de 2019, esse foi o ensejo perfeito para convidar alguns alunos a encenar os casamentos caipiras nas festas juninas das duas instituições. Isso aconteceu, envolvendo principalmente os alunos e alunas do sexto e sétimo anos. Essa foi uma primeira experiência de palco que vivenciei com as comunidades. Mesmo que possa parecer um movimento tímido (ninguém tirou fotos, os elementos foram improvisados, não tínhamos tempo e nem espaço para ensaios detalhistas) já foi suficiente para conquistarmos visibilidade. Pouco tempo depois, a Secretaria de Educação do município ofereceu-me quatro horas semanais para ministrar aulas de teatro em contra turno (duas horas semanais em cada escola). Considerei este um grande passo e fiz o melhor que estive ao meu alcance diante da oportunidade, no entanto, contarei mais adiante o motivo pelo qual terminei esse projeto derramando cascatas de lágrimas.

Independente desses pormenores ou de qualquer resultado (positivo ou negativo), os jogos teatrais

apresentam um fim em si mesmos. Isso quer dizer que, o simples fato de nós termos dito “sim” a esses desafios coletivos, arriscando-nos na prática, já nos sensibilizou significativamente. Se tratam de práticas que nos levam a descobrir as possibilidades de nossos corpos/mentes, principalmente quando trabalhamos em grupo. Ganhamos repertório, pois, a partir dessas aulas as turmas poderiam, se assim desejassem utilizar sua autonomia, propor ao coletivo que realizássemos práticas como essas na aula de arte. Em casos assim, quando a maioria venceu a votação, eu abri mão de qualquer planejamento e assumi o risco. Como meu corpo é quem guarda esses saberes, posso tirar cartas da manga. Porém, isso me exige um estado absoluto de presença, prontidão, um verdadeiro estado de jogo (como se diz no meio teatral).

### **Preparando a terra:**

Ainda que eu tivesse um propósito firme de trabalhar memórias das matrizes culturais africanas e indígenas, era preciso preparar o terreno, conhecer melhor as comunidades. Algo que me chamava muita a atenção era o fato de que sempre que eu apresentava algum instrumento musical percussivo (caxixi, maracá, pandeiro) mesmo em aula de teatro sem a pretensão de tocar nesse tema, ouvia das turmas a palavra “Macumba”. Nem posso contar a quantidade de vezes que isso aconteceu, na verdade aconteceu em quase todas as vezes e, mesmo após muitas explicações sobre tolerância religiosa, tornava

a acontecer nas aulas seguintes. Com isso e também com outras situações que contarei mais adiante, vi o quanto essas comunidades que me acolhiam se mostravam resistentes à temática. Foi nesse ponto, inclusive, que tive que alterar a metodologia da pesquisa que estava em andamento.

Em minha ingenuidade epistemológica, considerei inicialmente que faríamos uma Pesquisa-Ação, na qual as próprias comunidades buscariam o melhor caminho para solucionar os equívocos históricos (ataques contra a memória deste território). No entanto, isso não foi possível, uma vez que tais comunidades não compreendiam ainda esses equívocos enquanto problemas. Ou seja, ao apresentar práticas de educação anti-racista, enfrentei resistências. Ainda assim, foi adiante! Pontuo aqui esses aspectos para alertar que, em minha opinião, qualquer docente que assumir a responsabilidade de tratar das memórias de genocídio e cativo de nossa história, deve se preparar para sustentar esses debates de raça, gênero e classe. Se o campo está minado, precisamos estudar estratégias.

Caminhei na manha... gingando, me esquivando... fiz que iria mas, não fui... fiz que não iria, mas fui... ganhando a confiança de alguns, firmando laços de afeto, ouvindo histórias, me experimentando melhor nas práticas mediadoras, testando os limites como quem não quer nada. Na verdade, fui percebendo que a minha prática

precisava ser subterrânea, de forma que, quando se tornasse visível para todos já estivesse bem enraizada. “Vovó pediu pra pisar devagarzinho...”<sup>9</sup>

Muitos grupos apresentavam dificuldades de soltar o traço do desenho, em sua maioria por medo errar, então fui buscando soluções pra isso. Nasceram as “Monstruosas aulas” na quais os alunos poderiam desenhar figuras tortas, desproporcionais, incompreensíveis, cheias de imperfeições sem que isso causasse desconforto à ninguém. Sorrateiramente, posicionei as classes em círculo e fui propondo essa disposição sempre que possível em minhas aulas, até que caísse no gosto de algumas turmas (que passavam a pedir essa circularidade). A circularidade é ancestral. O círculo é a única formação na qual todas as pessoas presentes são vistas e os diálogos podem acontecer apenas pelo olhar. É uma proposta bem diferente de quando todo o grupo olha para a nuca da pessoa da frente e o foco está em uma única figura de autoridade. No círculo, me dissolvo no grupo. No caso das “monstruosas aulas”, eu cantava músicas improvisadas enquanto desenhava monstros na lousa. Todo monstro têm coração! Então, cada monstrinho ganhou um nome e uma história (já serviu para observar como estava a escrita da turma). Como atividade final, fizemos monstros coletivos a partir

de um jogo simples: todos começavam a desenhar até que alguém dizia “Para!”. Então, todos no círculo deveriam passar a folha de papel para o colega da direita. Com isso, recomeçávamos o desenho, agora a partir do que o colega da esquerda havia começado. Após algumas rodadas, tivemos monstros de criação coletiva. Uma proposta muito simples, de fato, mas que movimentava o invisível. O que eu pretendia era gerar um senso de coletividade e um afeto pela circularidade.

Com certeza precisei mediar conflitos, as pessoas não estão preparadas para trabalhar em grupo. Quando fazemos círculo, movimentamos os corpos ou deixamos de alguma forma o ambiente mais frouxo... as situações oprimido/opressor vêm à tona para serem vistas. Então, vi muito Bullying e, confesso, não sabia o que fazer, até hoje não sei exatamente. Propor a coletividade sempre esbarrará em conflitos e no caso de serem adolescentes, talvez seja assim: “Com Fulana eu não faço!”, “Na mão do Beltrano eu não toco!”, “Aquela pessoa sempre faz tudo errado!”, “Quero fazer o meu sozinha!”, “Tenho medo que alguém vai me bater...”. E aí?

Olha... eu fui lidando momento a momento, sugerindo que se abaixassem as barreiras, que saíssemos da zona de conforto, lembrando nosso acordo de respeito. No entanto, nem sempre tive sucesso, algumas vezes precisei realmente deixar pessoas não participarem das dinâmicas por conta do apego que carregavam.

---

<sup>9</sup> Esse trechinho é de um ponto de jongo (dança tradicional de origem africana) criado por Mestre Totonho, Guaratinguetá – SP.

Dependendo da situação, eu mesma entrava em seu lugar para trabalhar com o grupo. No entanto, não sou uma mestra zen. Certa aula no sexto ano da Escola Beija Flor, um estudante em situação de vulnerabilidade (que costumava faltar muitas aulas) virou chacota de toda a turma. Coletivamente, tampavam os narizes chamando o colega de fedorento. Depois de tantas conversas sobre respeito? Não escondi minha ira, para o espanto do professor de matemática que esperava na porta da sala, já era o fim do período. Foi triste isso, porque aí eu mesma caí em contradição, mostrei minha fragilidade.

Na aula seguinte, tornei a apertar a mão de estudante por estudante daquela turma, dessa vez para pedir desculpas, olhos nos olhos. Queria ouvir o que o grupo teria a dizer sobre o ocorrido. Confesso que foi melhor do que eu imaginava: falamos da minha raiva, mas também da situação que a gerou. Um estudante, muito querido, tirou de sua mochila um livro sobre Bullying. Naquele dia eu aprendi muito, a turma me mostrou que para ser professora é preciso ter postura. Se eu falo tanto em coletividade, porque não consigo dialogar abertamente com o corpo docente para que encontremos em conjunto as soluções para esse tipo de conflito? Percebi que, pelo olhar dos/das estudantes, a instituição nunca faz nada para interromper perseguições, só remedia as situações limite. Tudo isso é complexo, realmente. Não tenho respostas a dar, trago apenas reflexões.

## Vale nota, professora?

Para lecionar dentro do sistema educacional, é preciso avaliar os processos de aprendizagem e emitir uma menção, uma nota ou um parecer. Compreendo os motivos que nos trouxeram até essa situação, porém, recordo-me de que eu, quando aluna, não acreditava na avaliação escolar e agora, como professora, muito menos. Estamos avaliando o que exatamente? Parece, a meu ver, que está sendo treinada uma legião de estudantes copistas - corpos e mentes domesticados, distraídos, exploráveis.

Por causa de eu pensar dessa maneira, acabei indo ao extremo da idéia. Logo em nosso primeiro trimestre inventei uma moda daquelas: auto-avaliação. Pois bem. O propósito era conversar com cada estudante, um por um, e por seus registros e trabalhos sobre a mesa. Nas duas escolas consegui apoio, então uma pessoa ficou cuidando a turma (que ficava livre no pátio, ou na sala de aula) enquanto eu fazia essas “entrevistas”. Criei um protocolo básico para este teste oral de auto-avaliação com três etapas:

ETAPA I - Ao sentar junto da/do estudante, procurava fazer uma leitura corporal de sua postura (se estava com a cabeça baixa ou, os ombros para dentro, se balançava os pés, como estava seu tom de voz, qual era a qualidade de seu semblante naquele momento). Após

esse escâner, discretamente, busquei reproduzir uma mimese corporal da pessoa. Ou seja, procurava uma postura corporal levemente semelhante à dela, gerando um processo de espelhamento. Acredito que isso possa promover uma abertura no diálogo e estabelecer uma atmosfera de confiança (Será que é superstição?).

ETAPA II - Após esse primeiro contato (alguns segundos), apreciávamos os trabalhos realizados. Perguntas no ar... procurava seguir a intuição, por exemplo: Você se lembra desses dias em que fez esses registros? O que te marcou a memória? Houve desafios? Como foi trabalhar em Grupo? Valeu à pena? O que você quis mostrar com esse registro? Quando havia tempo, comentava alguns elementos dos trabalhos desenvolvidos, destacando os pontos crescimento de uma atividade para a outra.

ETAPA III – Por fim, o/a estudante precisava definir para si uma nota de 0 a 100.

Observei que essas escolhas geraram um movimento interessante. Foi um momento leve para o coletivo, embora alguns viessem para mim com ar de insegurança. Após colher as notas de auto-avaliação, dediquei-me a dar, eu também, uma nota. Assim sendo, a média trimestral de cada estudante será a média entre essas duas notas. Observei que havia três grandes grupos: aqueles que se deram uma nota que pareceu

coerente com a nota que eu daria; aqueles que se deram notas abaixo do que eu daria (talvez por uma baixa auto-estima); e aqueles que se deram notas acima do que eu daria (talvez, para aproveitarem a oportunidade). Com relação a essa dinâmica no cotidiano escolar, considere que não caiu muito bem. Eu não consegui administrar o tempo e acabei demorando um período muito longo para realizar as avaliações. Na escola Beija Flor, por conta de feriados, quase não fechei as notas a tempo. Em trimestres seguintes não apostei novamente nessa ideia, embora tenha ficado muito feliz por, mesmo uma única vez, alterar a ordem. Inclusive, em Outubro (mês das crianças) tocamos em assuntos de avaliação e também de bullying encenando uma peça que se passava dentro da sala de aula (Foi uma proposta totalmente elaborada pela turma de teatro no contra turno da Escola Beija Flor).

### **Reajustando as lentes: Amefricanizar a escola!**

Em dois meses, já estava mais bem adaptada. Compreendi que precisava ter acesso a materiais e os grupos foram se habituando ao meu jeitão de ser. Após o projeto das “Monstruosas Aulas”, já havia esboçado uma estratégia didática a ser aplicada nas instituições. Considerei para isso três importantes bases: a Circularidade, a Oralidade e a Ancestralidade. Esse três aspectos juntos foram me encaminhando a aulas com cara de roda de conversa, nunca cheguei a passar um único texto para copiar. Em lugar disso, pincelava palavras

chave e fazia uso de minhas habilidades como mediadora. O recurso audiovisual foi uma mão na roda também, pois muitas vezes apresentava vídeos e ia costurando as idéias. Então, só me faltava encontrar um trajeto epistemológico - penso onde estou, penso para onde vou e então... vou! Como eu poderia comer esse mingau pelas beiradas e oferecer o centro da tigela às memórias de nossos ancestrais de matrizes africanas e indígenas?

Segundo o Plano Municipal, o sexto ano precisava estudar a pré-história. Comecei com algumas perguntas: Para quê, existe arte? Dês de quando o ser humano produz arte? O que nos gera essa necessidade criativa? Essas indagações precisam ser apresentadas olhos nos olhos, trazendo a atenção do grupo, convidando as pessoas a construir junto. Por isso é um processo mediador, é importante que o grupo acompanhe os raciocínios: são histórias que mostram cominhos, o círculo ajuda muito a inspirar esse clima. Então, começamos lá pela Cerra da Capivara, que é o maior celeiro de arte rupestre em nosso continente, fica no estado do Piauí (terra de minha avó). Fomos questionando o que era história, pra tentar entender o que seria a tal da pré-história... porém, nos demos conta de que a idéia de que a história começou com “aquele determinado tipo” de escrita, parecia duvidosa. Observando as pinturas e relevos nas paredes de cavernas na Cerra da Capivara, pudemos ver e ler o registro de cenas e situações (como

símbolos que contam histórias). Vimos também alguns grafismos geométricos, desenhos padronizados. Será que esse não seria um tipo de código? Fizemos trabalhos de pintura e colagem com terra e café, usamos gravetos, ficamos em círculo e nos inspiramos nas imagens da “Cerra da Capivara”.

Um de meus bordões é o de chamar o público de “senhoras e senhores”, então eu disse em tom de raposa travessa: “Mas, espere um momento, senhoras e senhores... Quem eram as pessoas que viviam aqui em nosso continente durante esse tempo que chamam de Pré-História?”. Com isso, chegamos, como quem não quer nada, na informação de que anteriormente essas terras eram ocupadas apenas por povos/etnias indígenas. Acabei soltando que cinco séculos atrás esses nossos ancestrais (temos origens miscigenadas) sofreram uma invasão violenta, alguns foram escravizados, muitos morreram de doenças e tudo na base da mentira e da trapaça por parte dos europeus que vinham colonizar; depois ainda seqüestraram pessoas de África para cá. Fui entregando minha oralidade para essas narrativas de raiz. - É nesse ponto que a ancestralidade se torna um fator de base em minha prática.

Ainda que uma parte dos e das estudantes apresentasse fenótipo branco, eu posso falar sobre essas memórias como sendo as nossas memórias! Somos filhas e filhos desses caminhos atravessados, dessas interações

interculturais, mesmo que até hoje sejam interações desiguais (na maioria). Fenótipos de traços europeus geram privilégios sociais, fenótipos de traços africanos ou indígenas geram exclusões sociais - Essa é a dinâmica do racismo estrutural e é fundamental falar disso na escola. A presente situação é o resultado de um processo histórico de colonização que foi vivido por nossos ancestrais e está sendo vivido por nós também, já que os genocídios continuam. O poder tenta nos usar como massa de manobra, nos domesticar para o Senhor Mercado. No entanto, talvez tudo isso seja muita coisa para dizer ao sexto ano, não é verdade? É uma carga simbólica densa, talvez seja complexo elaborar tais realidades aos 11 anos de idade.

Pensando nisso: como posso trabalhar essa carga simbólica pelas entrelinhas da minha prática, usando a simplicidade de uma contadora de histórias? Manifesto o orgulho que sinto por ter nascido dessa gente forte, dessas mães corajosas, que lutaram vida a fora pela liberdade, pela existência e pelo pertencimento a essa terra. Então, para os conteúdos dessas ancestralidades nos mostrarem novos sentidos do ser e do estar, apresentei a ideia de que trazemos em nós a memória desses povos, e que agora, tomamos dessas histórias toda a força para irmos em direção à nossa liberdade, nosso lugar no mundo. Juntas e juntos, vamos além dos desafios e ocupamos o centro de nossas vidas. Essa é

uma mensagem que fui salpicando por entre as práticas, sempre sintonizando uma escuta sensível. Ponderava... Os sextos anos estavam no auge de mergulhos lúdicos, terreno mais do que fértil para as histórias de seres encantados das florestas e dos mares, canções, cirandas. Já as turmas de nonos anos, que se preparavam para o Ensino Médio, talvez tivessem condições de elaborar aspectos mais densos de nossa estrutura social, então as histórias poderiam gerar debates. É como se a arte abrisse os caminhos para alcançarmos a pontos mais profundos de nossa identidade... é isso que eu quero dizem com F(ar)RE(ar) Identidades.

Quando escrevo sobre Amefricanizar a escola, estou me apoiando no trabalho de uma intelectual feminista negra do Brasil chamada Lélia Gonzalez. A autora propõe “Amefricanidade” como uma categoria político cultural que contempla nossas identidades ameríndias e amefricanas, em contra ponto às políticas de apagamentos culturais dominantes no continente. A colonização de nosso território assumiu um viés genocida e a escola, sendo um aparato do poder político, vem há tempos narrando uma história que só começa em 1500, falando dos povos indígenas como se estivessem no passado, argumentando que a Princesa Isabel libertou as pessoas da escravidão e defendendo que agora o governo garante uma “democracia racial”. Para mim, o principal equívoco histórico está na ideia de uma nação que não existe, na

verdade somos muitos povos vivendo em um sistema de racismo estrutural. Estamos sofrendo um processo massivo de branqueamento pois querem que esqueçamos o que aconteceu e aceitemos as explorações do mercado. Segundo Lélia Gonzalez, “[...] A neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência.” (Gonzalez, 1988, p. 69).

Então, fui me infiltrando pelas brechas... As turmas de Oitavo e Nono anos precisavam estudar “folclore”, então transformei isso em “Cultura Popular” e peguei por outros caminhos. Procurei mostrar um pouco da cultura da minha região Tocantinense, mostrei um pouco da dança da catira, vimos vídeos sobre os Festejos de Reis, as Cavalhadas (dividi minhas experiências vividas). Depois, conhecemos sobre as festas de Boi nas tradições nordestinas (com direito à contação sobre Catirina, a comedora de língua), comparamos esses fenômenos com as festas de Sairé no Pará (com o personagem de um boto encantado) e também comentamos, é claro, as tradições gaúchas (que apresentam mais elementos de culturas indígenas do que se possa imaginar). Em círculo, debatemos: “Porque cada região do Brasil apresenta um traço cultural tão diferente do outro? Será que existem muitos Brasis? Por que em um só país temos tantos sotaques diferentes? Aproveitei que a ONU - Organização das Nações Unidas tornou 2019 o Ano Internacional das Línguas Indígenas, para apresentar essa questão: Hoje

em nosso território existem mais de 200 línguas indígenas, porém muitas estão ameaçadas de extinção, pois o português é a língua colonizadora e foi implantada por decreto. Nossos ancestrais africanos, também ficaram proibidos de falar suas línguas de origem, inclusive perderam até o direito sobre seus nomes de família. Somos cativos de uma língua racista, segundo Lélia Gonzalez.

A partir daí, a professora Zoé, enquanto um personagem mítico que nos “convida a conhecer os porões de nossa memória” se tornou uma peça fundamental para que as turmas quisessem ouvir os causos... para que pedissem isso. Confesso que em determinado ponto, abandonei os conteúdos do plano municipal e deixei acontecer. Na verdade, fui vendo que, ao apresentar símbolos importantes de nossa América e propor práticas artísticas inspiradas nesses conteúdos, outros saberes artísticos também eram mediados por tabela. Música, Dança, Teatro, Artes visuais... todas essas linguagens fizeram parte do caminho. O que eu estou mostrando aqui não é um manual de como contemplar as leis de igualdade racial dentro da disciplina de artes, e muito menos é uma seqüência didática a ser seguida. Estou apenas dividindo as memórias dessa jornada pedagógica, talvez possa servir de inspiração a professoras e professores que busquem enraizar suas

identidades docentes. Amefricanizar-se é assumir-se como um corpo de resistência político cultural.

### **Alguns causos do período presencial! Vamos refletir?**

A maior parte dos trabalhos artísticos que foram fruto das práticas pré-pandemia comentadas neste texto, está apresentada no “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento”, disponível como mais um dos produtos educacionais gerados na pesquisa. Esse material é complementar às narrativas que trago e, portanto, convido às leitoras e os leitores, a espiar essas imagens f(ar)ejando os detalhes... Esses são importantes vestígios da jornada que empreendemos na investigação.

Outro ponto que gostaria de abordar antes desses tais causos, é sobre a relação que a disciplina de Artes estabelece com os materiais e os processos criativos em espaço escolar. Em meu primeiro ano como professora, precisei me dar conta de que a minha prática estava diretamente conectada ao acesso às materialidades menos cotidianas. Parte do trabalho nesta disciplina, a meu ver, é facilitar processos criativos. Para contemplar esse aspecto, precisei aprender a me movimentar. Primeiro, porque a gestão escolar precisa compreender a necessidade desses recursos, deixá-los á mão do/da docente. Para mim, que estava totalmente crua, o desafio consistia em chegar à sala de aula munida de todos os materiais necessários para a proposta. Caso contrário,

acabava tendo que ir de um lado para o outro da escola no meio da aula, perdia lances importantes do processo. Andava sempre atrás da pessoa que possuía a chave do almoxarifado. Nunca enfrentei recusas categóricas das gestões escolares com relação à utilização desses materiais, mas ainda assim, sempre diziam “Lá vem ela outra vez...”.

Esses processos criativos com materiais também geravam questões de espaço. Muitas vezes, os trabalhos precisavam ficar secando em algum lugar. Na Escola João de Barro havia um laboratório desativado (do qual acabamos nos apossando, com o passar do tempo), mas na Escola Beija Flor, nós colocávamos tudo para secar na mesa da biblioteca (que depois precisaria ser usada para o reforço escolar). Às vezes parecia que minha vida era pedir desculpas, principalmente por causa de barulho e tintas derramadas, mas também por raspas de lápis do chão, papéis picados e carteiras “fora do lugar”. Culpa pelo quê? Essas e outras situações me alimentaram questionamentos sobre o “não-lugar” da disciplina de artes no sistema educacional: existe mesmo espaço para a arte dentro da escola? Enquanto arte-educadora, qual é o meu papel na demarcação desses espaços? Como empreender conquistas nesse sentido?

Pontuadas essas reflexões, vamos aos causos:

### **A erva-mate de Carijo – Uma tradição Mbyá-Guarani**

Como eu venho do Tocantins, cheguei à escola demonstrando um grande interesse com relação às tradições da região Sul, pedindo inclusive que as turmas me explicassem... sobre a semana farroupilha, as danças gaúchas, o chimarrão. A convite das turmas do sexto e sétimo anos da Escola Beija Flor, chegamos a fazer rodas de Mate durante a aula (nesse dia um aluno descartou a erva no lixo da sala e por isso tive que pedir mais desculpas). Passado um tempo dessas primeiras rodas, eu fiz uma viagem na qual vivi experiência única com a erva mate e isso se tornou conteúdo já em 2019.

Fui até a cidade de Maquiné, litoral sul do estado e conheci a Aldeia Nhuu Porã, da etnia Mbyá-Guarani. Essa é uma das únicas aldeias dessa etnia que já estão efetivamente demarcadas no Rio Grande do Sul e fica em elevada altitude. Ali, conheci o Cacique José Verá, um senhor, de 82 anos, e que estava desenvolvendo em sua comunidade o feitiço tradicional da erva-mate, esse processo é chamado de Carijo. Então, durante cinco dias, pude acompanhar e contribuir junto a um grupo de “juruás” e “Xinhorás” (homens e mulheres não Guaranis) em demandas coletivas. Essa é a proposta dos eventos chamados “Carijo da Amizade”, no qual grupos são recebidos na aldeia para a vivência do carijo. Então, quando retornei, pude me sentar em roda com as turmas, servir a erva que ajudei a produzir e contar essa história tecendo pontos de reflexão. Acredito que o primeiro ponto

a ser abordado foi o de que, embora o chimarrão seja difundido como uma tradição dos colonos gaúchos, na verdade se trata de uma apropriação cultural dessa medicina originária. Digo “medicina”, pois segundo o José Verá, a erva-mate é um remédio da floresta. Em aula, dividi essas memórias com as turmas, levei algumas folhas de mate que havia guardado nos bolsos do casaco.

Durante a vivência, nos primeiros horários da manhã nos reuníamos em volta do tatá porã (fogo sagrado) para ouvir as palavras de Verá. Ele nos falou sobre o quanto a floresta e a água pura são essenciais em sua cultura e disse que a erva que iramos colher havia sido plantada por Nhanderu (uma das faces do divino pela cosmo-visão Mbiá Guarani) já que adentraríamos uma mata nativa muito antiga. A erva mate é uma árvore da mata atlântica e, naquela floresta, se tratavam de árvores muito altas. Para colher os galhos, era necessário subir pelo tronco. Os juruás utilizavam peçonhas (faixas para os pés), mas os Xondaros (guerreiros Guarani) subiam sem equipamento e com muita facilidade. Observei que o próprio nhanderecó (jeito de ser guarani) ensinado para as Kyringue (crianças guarani), fomentava o desenvolvimento de habilidades corporais. Para mim, assim como para algumas pessoas do grupo, não era corporalmente possível subir nas árvores, então fazíamos o serviço de formigas, carregando os galhos.

Muitas emoções. No primeiro dia colhemos bastante lenha e no segundo dia colhemos os galhos. O terceiro dia ficou para o processo do sapeco. Como as folhas de mate são gordinhas, guardam muita umidade em seu interior. Então, precisam ser sapecadas antes do Carijo. Para isso, se faz um fogo bem alto e se passa as pontas dos galhos pelas chamas, o que gera pequenas explosões. Para mim, essa é a etapa mais desafiadora (senti medo). Galhos sapecados, no quarto dia começamos a preparar o cariyo. Grandes taquaras de bambu foram cortadas em duas bandas e nós ajeitávamos feixes de folhas entre essas bandas. Para amarrar tudo, era tradicionalmente usada a fibra da casca da árvore embira (para mim, desfiar essa fibra foi um momento marcante).

Na madrugada do quarto para o quinto dia, se realizava o “cariyo” propriamente dito. Em uma espécie de “casinha” sem portas e sem teto, se fazia um fogo que precisava ficar apenas em formato de brasa. Depois, as taquaras eram encaixadas na parte superior com os feixes de folhas virados para baixo, pegando fumaça. Até o nascer do dia, nossa tarefa era vigiar para que o fogo não se apagasse e nem queimasse a erva. No quinto dia, retiramos as folhas, já bem secas, do “Cariyo” e levamos para moer no pilão. Enquanto isso, José Verá e com sua comunidade pitavam o pytã (tabaco) em seus ptynguás (cachimbos feitos com os nós da árvore araucária) para abençoar o feitio. Destaque na história para os momentos

de brincadeira que vivi com meninas Kiringués, que me mostraram principalmente brincadeiras de roda e de esconder. Juntas, trabalhamos com tinta guache que levei para elas. Para minha surpresa, pediram para que eu lesse a elas alguns livros em português que estavam por ali. Algumas dessas amigas tiveram continuidade em outras visitas que fiz à região, mas aqui terminou a história que contei nas escolas em 2019.

### **Vídeos e debates sobre os povos originários**

A partir dessa narrativa vivencial, a curiosidade de algumas pessoas me fez perceber que poderíamos alimentar desdobramentos disso para pensarmos sobre a questão indígena hoje neste território. Digo “hoje” porque é importante compreendermos que as políticas genocidas que dizimaram originários ainda estão em ação e a luta continua. Segundo o lingüista indígena Daniel Munduruku: até o fim da ditadura militar, os povos indígenas não eram ouvidos politicamente. Pensava-se que comunidades indígenas precisavam ser “tuteladas” pelo estado enquanto suas culturas ainda não tivessem sido totalmente “diluídas” pela modernidade. Somente nos anos 80, com a elaboração da nova constituição, organizações indígenas alcançaram algum poder de fala para reivindicar por demarcação de terras, pelo respeito aos seus modos de vida e pela compreensão de suas identidades multiculturais. No entanto, as retomadas de território empreendidas por esses povos ainda estão

sofrendo ataques de pistoleiros enviados pelos interesses do agronegócio. Existem campanhas de difamação no sentido de que os modos de vida dos povos originários representam “um atraso para o progresso”. Ou será que é “progresso” que representa um atraso para a vida?

Para mediar esses debates, lancei mão de vídeos encontrados na plataforma do You Tube, apresentando principalmente imagens realizadas em aldeias e falas de lideranças. Não há nada que eu possa dizer em sala de aula que substitua a fala dos próprios membros de comunidades indígenas. Está a disposição em meu canal na mesma plataforma, uma play list chamada “Povos Originários” com 120 vídeos selecionados na pesquisa e que poderiam ser utilizado em aula. A maioria deles não coube na prática, mas alimentaram minhas poéticas docentes. Com as play listes, os vídeos que assisti durante os estudos estão compilados para o acesso de internautas que queiram se nutrir também. Vai se remontando o mapa da travessia.

Partindo do mote de minha viagem à Maquiné, fizemos um breve mergulho na “doce cosmologia Mbyá-Guarani”<sup>10</sup>. Ouvimos as canções tradicionais, e eu mostrei dois passos que aprendi pelo caminho, dançamos de mãos dadas em uma das turmas do sexto ano. Através de

vídeos curtos mediados em debate, conhecemos os artesanatos e os grafismos e pinturas corporais tradicionais dessa etnia. A espiritualidade ancestral, oculta nos mistérios da Opã (Casa de Rezo Guarani) chamou muita atenção entre turmas de sétimo e oitavo. Para quê fumam cachimbo? É fumaça de quê? Será que é o cachimbo da paz, Zoé? Como é que nascem os bebês na Aldeia? Como eles descobriram tantos remédios?

Esse também foi um prato cheio para contar um pouco sobre o processo de colonização ocorrido em nosso estado, Rio Grande do Sul. Os Mbiá Guarani eram uma das etnias que se aliaram às missões jesuíticas, principalmente na região de São Miguel das Missões. Mostrei vídeos sobre as guerras guaraníticas e encontramos na figura de Sipéti Arajú um símbolo de resistência cultural. Trazendo essa força de guerrilha para os dias de hoje, a luta também acontece em territórios simbólicos: o artista guarani Kunimi MC canta rep em sua língua materna, denuncia políticas genocidas e afirma seu orgulho em ser um “xondaro”. Em minhas andanças pelo IV ERGA SUL – Retomando Nossas Raízes (2019), aprendi uma palavra neste idioma que pude passar adiante no chão da escola: Aguyjevete! Essa seria uma expressão de entusiasmo aos Mbyá-Guarani.

Um vídeo que foi marcante para as turmas de nono ano, foi o discurso realizado pelo ativista indígena Ailton

---

<sup>10</sup> “A doce Cosmologia Mbyá-Guarani . Uma etnografia de saberes e sabores” é o título do livro de Mártin César Tempass, Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Krenak<sup>11</sup> dando um discurso na Assembléia Nacional Constituinte em 1987. De terno claro, ele surpreende a audiência ao tirar do bolso um pote de tintura de jenipapo e pinta seu rosto enquanto afirma que: os povos indígenas nunca ameaçaram a existência de nenhuma espécie de vida neste continente, mas no entanto, seus sangues vêm sendo derramados em cada hectare do território. Na escola Beija Flor, conseguimos acompanhar trechos de falar de Krenak sobre as ideias contidas em seu livro “Idéias para Adiar o Fim do Mundo”, onde denuncia a mentalidade predatória que se globaliza. A etnia desse autor foi muito afetada pela tragédia que causou a morte do Rio Doce, em função de irresponsáveis práticas de mineração industrial. Com isso, encontramos questões ambientais e busquei propor aprofundamentos por diferentes caminhos.

Ainda dentro das temáticas indígenas, turmas tiveram contato com o conceito de genocídio. Um filme que nós vimos o trailer e já foi suficiente para bons debates foi o documentário “PiripKura” (2017) que conta a história real e contemporânea do povo Piripkura, que vivia em isolamento quando sofreu um ataque de pistoleiros de modo que os únicos três sobreviventes fossem um homem, sua irmã e seu filho. Sendo assim, não seria possível que fosse gerado mais nenhum descendente (logo, essa cultura estava fadada ao apagamento

completo). Pensamos sobre o desaparecimento de saberes únicos na citada situação. Aqui para nós, esse apagamento dos saberes ancestrais também pode ser compreendido como “epstemicídio”<sup>12</sup>, como se a epsteme dos povos também estivesse sendo assassinada.

Todas as impressões sobre tais debates mediados por vídeos e também por práticas, eram registradas pela turma nos minutos finais das aulas. Os materiais disponibilizados na maior parte das vezes foram papel, lápis de cor, canetinhas e giz de cera, embora em alguns momentos trabalhássemos com cola e tinta guache. Em nosso “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento”, esses registros compõem uma série chamada “De América”.

### **Projeto Salve a Amazônia**

Estava no locus da pesquisa exatamente em um momento em que as queimadas na Floresta Amazônica chamavam atenção na mídia. No sexto ano da Escola Beija Flor, estudantes me mostravam vídeos em seus celulares: “Olha Zoé, os animais pegando fogo!”. Foi uma comoção coletiva, alguns diziam querer ir até lá ajudar a apagar as chamas. Contagiada por esse espírito, contei uma fábula sobre pássaros que tentavam apagar um incêndio florestal levando água em seus pequenos bicos

---

<sup>11</sup> Ailton Alves Lacerda Krenak é um líder indígena, ambientalista, filósofo da Krenak.

---

<sup>12</sup> “Epstemicídio” se refere à destruição de modos de vida, saberes e memórias não assimiladas pelo ocidente.

até com isso comover os olhos do Grande Espírito, que choveu sobre eles. Ao fim da história, improvisei uma dinâmica em que a turma, em círculo, deveria fechar os olhos com as mãos em concha. Passei de estudante em estudante depositando em suas mãos a semente imaginária do “amor à mãe terra”. Qual não foi minha surpresa quando um estudante disse em plena voz “Mas Zoé, isso aqui não é nada, eu quero é uma semente mesmo pra plantar floresta!”. Aquele foi um movimento que definitivamente não nasceu de mim. Ficou chamado como “Projeto Salve a Amazônia”.

Na prática, o que fizemos foi um canteiro de ervas e flores no pátio da escola e não apenas o sexto ano, mas todas as turmas da Escola Beija Flor, puderam se conectar com a proposta. Consegui sementes crioulas, mas confesso que se tornou difícil explicar o que são as tais sementes. Tentei ir pelo caminho de explicar, em contra ponto, o que são sementes transgênicas... Mas, não senti sucesso. Melhores destinos tiveram nossas conversas sobre agroflorestas. Chegamos a participar da feira de ciências da escola com um stand sobre nosso canteiro, expondo nossas mudas, com direito à convidar a comunidade a uma curta prática de mutirão para virar a terra. Naquele momento, eu senti que algumas dinâmicas estavam mudando, colocamos a mão na terra em coletivo (equipe escolar, estudantes, familiares). Daí em diante essa atmosfera de força coletiva só cresceu e teve seu ápice no

evento Encontro de Valorização da Memória Afro-brasileira de 20 de Novembro de 2019, que comentarei mais adiante. Em sala de aula, também utilizamos muitas vezes a natureza como inspiração para processos artísticos, como vocês poderão ver em nosso “Portfólio Coletivo - Identidade e Pertencimento”.

### **A menina que virou jibóia – Encantos Huni-kuin.**

Uma história indígena que, a meu ver, foi um marco em nosso processo foi “A menina que virou jibóia”, da etnia amazônica Huni-Kuin. Na verdade, me marcou muito profundamente ouvir essa narrativa pela oralidade do Txai Ixã Huni-kuin, da aldeia do Alto do Jordão - AC, durante uma oportunidade em que ele estava de andanças por Pelotas-RS no ano de 2018. Os elementos que minha memória guardou, repassei no chão das escolas. Para mim, o que torna essa história tão importante é que ela aponta, mitologicamente, os caminhos que levaram esse povo a desenvolver práticas ancestrais de espiritualidade através das plantas de poder. No entanto, confesso que, na maioria das turmas, não me senti segura de explicar os pormenores da questão medicinal. Qual seria a reação das instituições? Será que compreenderiam a minha colocação ou veriam com julgamentos o uso ritualístico de substâncias? Naquele ponto, eu já havia percebido que as paredes poderiam ter ouvidos. Hoje penso que talvez devesse ter corrido o risco, mas naquele momento foi o que me tocou cuidar. Em nossos vídeos mediadores,

vimos os imponentes cocares huni-kuin e ouvimos suas tradicionais cantorias de cura.

O personagem principal da história é um jovem caçador que vê uma anta se transformar em moça e por ela se apaixona. Porém, a moça revela que sua verdadeira forma é a de uma jibóia e convida o amado à mergulhar no rio para conhecer sua família. Ele vai, e acaba prometendo ao sogro se casar com a jovem. Por causa disso, ele não poderia mais voltar à superfície das águas e nunca mais veria sua família (deixou esposa e filhos na aldeia). Assim, foi feito o casamento. Com o passar do tempo, o rapaz descobriu que as jibóias se reuniam para rituais de consagração de uma bebida misteriosa e, de tanto insistir com o sogro, recebeu a permissão de experimentar. Na primeira vez passou mal, mas depois constatou que a bebida abria portais para outros mundos multicoloridos. Ainda assim, o coração do guerreiro começou a pesar de saudades de sua origem. Por isso, arranjou uma forma de voltar à aldeia, fugindo de seu sogro e da nova esposa. Reencontrou os parentes e demonstrou grandes habilidades de caça que lhe haviam sido ensinadas pela jibóia. Certa noite, todas as jibóias saíram do rio e entraram na aldeia com o único objetivo de seqüestrar o rapaz, que morreu engolido em algum lugar da imensa floresta. Após esse acontecimento, os irmãos da comunidade passaram à ter sonhos com esse caçador avisando que em cada buraco de seu corpo havia nascido

uma planta de poder e que o grupo precisava encontrá-las. Lá se foram em busca dessas mudas. O caso é que duas dessas plantas, quando cozidas juntas, dão origem à bebida chamada Nixipã, que se tornou um importante fundamento da tradição Hunikuin.

### **A visita de Charles Uber – Projeto Água**

Essa história de jibóia também preparou o terreno para a chegada de uma visita importante em nossas escolas. Convidei o professor da área química do IF Campus Pelotas, Charles Uber, para apresentar o seu “Projeto água”, realizado junto aos Huni-kuins da aldeia do Alto do Jordão, Acre. Ele nos trouxe slides com imagens e foi nos contando sua jornada. O caso, para resumir, é que Charles foi conhecer a aldeia em busca de novos saberes e se deparou com o fato de que ali havia uma grande mortandade de crianças por diarreia. Por causa disso, retornou em outra oportunidade levando uma maleta de testes e constatou: a água estava contaminada! Novamente no IF, apresentou o problema a um grupo de estudantes de extensão e, com essas informações, foi elaborado um plano para conduzir água boa na torneira até a aldeia. Do plano até a efetivação desses objetivos, o projeto exigiu muito esforço e contou com o apoio do IF.

Charles nos mostrou imagens e contextualizou a realidade que viu em seus contatos com o povo Huni-Kuin. O professor Uber, diferente de mim, não teve medo do

apresentar o contexto das medicinas. Vimos inclusive imagens dele todo pintado com kanês de jenipapo (grafismos de pintura corporais do povo Huni-kuin) em momento no qual experimentou uma medicina chamada Kambô, também conhecida como “Vacina do Sapo”. Essa vacina nada mais é do que a toxina produzida pela pele de uma espécie amazônica de sapo. Ao contatar a toxina do sapo na corrente sanguínea, nosso corpo entende se tratar de uma grande ameaça e por isso começa a produzir muitos anticorpos que, depois, servirão para tornar o organismo mais resistente. É um mecanismo semelhante às vacinas, realmente. Outra peripécia de Charles que chamou a atenção foi a de tomar uma pimenta pingada em sua língua a partir do bico de um pássaro “empalhado”, o que seria uma benção para sua voz.

A meu ver, uma das grandes contribuições de Charles foi o de nos apresentar cartolinas com desenhos feitos com canetinha por seus amigos da aldeia. As cores chamaram a atenção, não só nos desenhos mais também em peças de artesanato que o professor trazia em seu corpo. Essa experiência nos rendeu inspiração para mais processos criativos, dessa vez utilizando cartolina e tinta guache. Também fizemos uma série só de jibóias encantadas (para Jung, as serpentes são símbolos que podem equilibrar os pólos da consciência) que podem ser

vistas em nosso “Portifólio Coletivo – Identidade e Pertencimento).

### **Chega de “índio”, essa terra é dos Povos Originários!**

Com relação aos povos originários, vale ainda ressaltar suas identidades multiculturais. Por trás da palavra “índio” existe uma tentativa colonizadora de apresentar um personagem pasteurizado, ou genérico. Como escreve Édson Kaiapó<sup>13</sup>, a escola vende a figura de um índio que fala Tupí, adora tupã e vive nú pelas florestas. A disseminação dessa imagem equivocada é muito danosa, pois promove o apagamento das especificidades culturais de cada povo. A palavra índio não traduz a grande diversidade étnica, cultural e lingüística presente neste território. Por causa disso, a expressão adequada fica sendo “povos indígenas” ou então “povos originários”, para que nossa pluralidade seja compreendida e respeitada (também se pode usar o vocábulo “etnias”). O local de moradia e convívio dessas etnias é chamado de aldeia, nunca tribo. Como abordar isso no chão da escola?

Eu cheguei à sala de aula disseminando a informação de que a palavra “índio” não deve mais ser utilizada. Como não é fácil mudar esses hábitos, fui até o fim de minha prática repetindo isso. Não considero que

---

<sup>13</sup> Edson Kayapó, ativista indígena e ambientalista Doutor em História Social pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

tenha sido em vão, porém observei que, embora algumas pessoas tenham assimilado o novo, a maioria da comunidade escolar seguia com a utilização do vocábulo antigo. Sempre que apresentei vídeos e imagens, procurei contextualizar de qual etnia estávamos falando e pontuar suas características mais específicas com relação à cultura, a língua ou território. Quando conseguia encontrar informações sobre como se deu o processo de colonização em cada caso, considerava que isso ajudava a compreender o contexto em que cada povo vive hoje. No entanto, com o tempo, pude observar que mesmo empreendendo essa campanha de conscientização, havia colegas no corpo docente das instituições que insistiam com o termo “índio” em seus discursos.

Um caso me chamou a atenção, já no tempo de isolamento social. Em abril de 2020 uma colega me pediu que lhe enviasse algum material para sobre “o dia do índio”. Enviei alguns dos vídeos presentes em nossa play list e também lhe escrevi sobre o quanto essa é uma data de luta, tentei explicar que a palavra “índio” alimenta equívocos históricos. Não sei até que ponto a colega teve tempo de analisar esse material, ou talvez eu não tenha conseguido me fazer entender, mas o fato é que no grupo virtual da turma essa professora postou um vídeo com imagens genéricas de pessoas pintadas com cocar na cabeça ao som de uma música da artista Xuxa Meneghel que diz “índio fazer barulho”. Com isso, reflito que essa

mudança de paradigma que está sendo proposta pode esbarrar em resistências vindas da própria estrutura escolar. Algumas instituições conservam currículos ocultos que promovem a manutenção das desigualdades. Ainda assim, pondero que, em alguns casos, essa situação não vem exatamente de uma escolha consciente das pessoas envolvidas e sim do contexto de educação que formou tais profissionais (acabamos reproduzindo).

Neste ponto do debate, convido a levarmos em consideração uma hipótese em que o sistema educacional fundado neste território esteja ideologicamente organizado a serviço dos interesses mercadológicos de dominação. Como a questão indígena hoje é também uma questão de terra, de recursos naturais e de “modos de vida”, talvez o mais interessante para o estado seja que a população entenda que os povos originários já estão no passado. Então, aquele ou aquela que se engajar por uma mudança neste cenário, precisa compreender que a luta se dá também na dimensão do simbólico. Ou seja, precisamos reafirmar símbolos que a palavra “índio” tenta ocultar.

**“Eu não acredito que isso aí aconteceu, professora!”**

F(ar)ej(ar) Identidades é sobre essa luta simbólica. O racismo é o principal sintoma dessa Neurose Cultural Brasileira da qual falou Lélia Gonzalez. Quando nossa memória cultural é censurada por um processo de apagamento histórico, podemos ficar sem recursos para

processar a carga simbólica que naturalmente carregamos. Isso parece, para mim, um roubo de nossas identidades. Por isso, me movo no f(ar)ej(ar) das memórias ancestrais. No entanto, esse movimento estabelece jogos de luz e sombra, expõe os contrastes, desorganiza o cenário. Embora essas minhas histórias possam gerar a sensação de um bálsamo para algumas pessoas, para outras elas podem até causar incômodo.

Na Escola Beija Flor, em 2019, havia uma turma de nono ano bastante peculiar. Quatro meninas com frequência regular e dois garotos que faltavam muitas aulas, um deles inclusive terminou se evadindo da escola antes da formatura. Diante dessa situação, éramos quase sempre mulheres na sala. Elas se diziam espantadas por eu viver sozinha longe de minha família e sem companheiro, sem filhos aos 27 anos. Observei que a receita cultural que ambientava as moças parecia restringir as possibilidades do que é ser mulher. Conteí uma história chamada “A Moça Tecelã” da autora brasileira Marina Colassante. Escolhi essa história, mesmo que seu mote não seja a questão de raça, pois ela levanta questionamentos que nos levam às desigualdades de gênero (que inevitavelmente se conectam com desigualdades de raça e classe social).

Certo dia eu lhes contava uma história sobre o sequestro do atlântico sofrido por nossos ancestrais de África, quando uma das moças me disse “eu não acredito

que isso aí aconteceu, professora!”. Conversamos bastante, ela nos falou mais sobre seu ponto de vista e o que pude compreender foi que ela realmente não acreditava que pessoas teriam sido trazidas de África e submetidas à escravidão aqui no Brasil. Ou seja, em seu julgamento, esses debates sobre raça não passavam de uma conspiração através da qual, pessoas negras, pardas e indígenas se faziam de vítimas. Existem em nosso país, pessoas que pensam dessa forma, nosso papel é respeitar. A transformação da consciência é um movimento orgânico e artesanal, tenhamos paciência. Fiquei me perguntando o que poderia fazer enquanto professora para contribuir de alguma forma na dissolução desses equívocos... talvez eu pudesse tentar uma linguagem mais televisiva.

Na aula seguinte, apresentei um vídeo jornalístico feito no programa Repórter Brasil de 2015<sup>14</sup>, que mostrou os trabalhos da recém criada Comissão Nacional da Verdade sobre a Escravidão Negra. Essa comissão teria como objetivo fazer um regate histórico e discutir formas de reparação. Também foram apresentados registros visuais do período e ruínas de antigas senzalas. O mais importante para mim, no entanto, foi o relato de duas senhoras (irmãs) descendentes diretas de uma mulher que havia sido agraciada pela Lei do Ventre Livre (todas as

---

<sup>14</sup> Este vídeo foi visto por último em 08/11/2022 pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=DG48XIP5vTg>

crianças que nascessem a partir da data do decreto, seriam consideradas livres). Meu objetivo era mostrar que, embora aquela geração tenha recebido liberdade, a sua descendência continuou exercendo o mesmo papel de serviços domésticos ou braçais de antes, já que as crianças eram colocadas no serviço muito cedo e acabavam ficando sem o acesso ao estudo. É uma difícil mobilidade social que o racismo estrutural vem mantendo. Esse vídeo, junto com outros 81, estão disponíveis na playlist “Matrizes Africanas” em meu canal no YouTube. Mais uma vez, o mapa da jornada pode ser remontado pelos internautas.

No entanto, essa mesma estudante que havia dito não acreditar na escravidão negra, me mostrou pelo telefone o desenho de uma charge. Na história desenhada, uma pessoa negra chamou uma pessoa branca (cabelos ruivos) de ferrugem e isso representou só uma piada para ambas, mas pouco tempo depois, a pessoa branca também decidiu fazer uma “piada” com relação aos traços da pessoa negra e, por isso, acabou respondendo pelo crime de injúria racial. Achei interessante e mostrei para a turma, pois imaginei que aquela imagem poderia nos servir como contraponto para entender qual é a real diferença entre as duas situações apresentadas na charge. Existe uma dívida histórica muito grande, as famílias brancas receberam (ainda recebem) dessa sociedade os privilégios advindos dos processos de

colonização e escravização, em detrimento das famílias de origem africana e indígena, já que as mesmas foram, e até hoje são, deixadas à margem do sistema social implantado no território, desumanizadas como diria Krenak. A dinâmica oprimido/opressor que se estabelece nessas relações étnico-raciais, alimenta a percepção equivocada de uma suposta soberania da raça ariana sobre as outras. Por causa disso, uma piada racista é aquela que traz o peso simbólico de todo esse processo histórico e, também, das mazelas sociais que nasceram através dele. É o tipo de piada que pretende infligir nas pessoas os sentimentos de culpa ou vergonha por sua origem. É aquilo que uma pessoa gosta de dizer, não para parecer engraçada, mas para se sentir superior.

Será que a turma realmente compreendeu isso? As cabeças balançaram que sim, mas observei uma apatia em seus semblantes. O olhar da estudante que trouxe a charge demonstrava que ela não estava convencida. Pois bem, dei de ombros. Será que eu, enquanto professora, estaria ali para convencer alguém de alguma coisa? Confesso que gostaria muito de ajudá-las a ver as coisas por outros pontos de vista, mas tive que aceitar que aquilo não estava ao meu alcance. Caso contrário, não estaria sendo verdadeira em meus posicionamentos com relação ao valor da autonomia no processo educativo. Então, esse foi um grande aprendizado do caminho.

**Abayomis e Máscaras Africanas**

Fui percebendo que, muitas vezes, ministrar a disciplina de Artes é sustentar e manter um espaço para processos criativos, mesmo que para isso tenhamos que lidar com as instituições de ensino na manha de que “sentimos muito pelo caos”, quando na verdade ele faz parte. Por vezes eu chegava com uma proposta, mas depois acolhia a proposta do grupo e fazíamos diferente. Geralmente, o desejo era fazer alguma coisa lá fora, ou então, trabalhar com tinta nos dias de chuva. Explorávamos algum espaço novo, colhíamos materiais na natureza, cuidávamos do nosso canteiro, movimentávamos o corpo, dançávamos em roda, cantávamos... Quero dizer: posturas abertas geram movimentos no cotidiano escolar, abrem-se campos para o diálogo e brechas para o afeto.

Na Escola Beija Flor, vivi uma parceria linda com a colega que assumia o quinto ano. Mulher Trans, negra, falava comigo sobre África: “meus ancestrais”. Com ela, aprendi que precisávamos estar com nossos pares. Uníamos as turmas e dispúnhamos estações de aprendizagem na varanda, essa era nossa estratégia. Dessa forma, trabalhamos com as bonecas abayomís uma contação de histórias sobre crianças que ganhavam bonequinhas feitas com a barra da saia da mãe, símbolos de proteção divina. Também desenhamos o perfil de uma mulher negra empoderada com cachos maravilhosos feitos com colagens dos grupos. Seu nome ficou sendo

Dandara e ela foi exposta bem na entrada. Mal sabíamos que Dandara abriria as portas para a ginga e os batuques que, mais tarde, trariam a Capoeira e o Jongo para dentro de nossa escola. Senti que estávamos firmando um ponto de mudança.

### **Sou feliz porque tenho a Capoeira como forma de expressão!**

De repente, não mais que de repente, apareci com um berimbau na sala de aula, já no final de setembro de 2019. Hoje eu compreendo esse momento como uma importante encruzilhada no caminho. A ginga é um movimento que desperta a memória corporal, que faz a gente se lembrar dos conselhos dos mais velhos... Que é pra pisar devagarzinho, esquivando do perigo e fingindo não saber. Penso que as histórias que vinham sendo contadas prepararam uma terra fértil para experiências mais profundas com as memórias ancestrais. Olhares curiosos, cochichos, bons ânimos! “É uma vara de pescar?”, “É arco e flecha?”, “É um berimbau!”, “Berimbau é da capoeira?”, “O que é capoeira, Zoé?”. Nas duas escolas eu empreendi as mesmas estratégias com todas as turmas, desenvolvendo sempre a escuta sensível de cada grupo. Muitas turmas se animaram a ir lá fora e gingar em roda, aprender alguns movimentos! Coisa maravilhosa é quando nos abrimos para o novo!

A aula com o berimbau, mesmo em turmas que não se dispuseram à gingar, foi uma festa! Sentamos em roda, ouvimos uma bela história sobre nossos ancestrais, memórias dos antigos cativados dessa terra. Por sua divina esperteza, inspirados pelas saudades da mãe África, criaram um ritmo/jogo/dança/luta para confundir seus torturadores e fugir, lutar por liberdade e fortalecer sua memória. Apresentei as partes que compõe o instrumento: a cabaça ou porongo, o caxixi, a pedra, a baqueta e o corpo do berimbau (que é vara e arame). Cada estudante pôde tocar, em suas mãos, o instrumento e também suas partes. Expliquei que para tocar, precisávamos armar o berimbau, que ainda estava desarmado. Para armar, se estica o arame o máximo possível e amarra a ponta da vara, gerando uma pressão. Feito isso, é só encaixar a cabaça. A vibração do arame quando batemos com a baqueta, ecoa por dentro da cabaça (como se fosse uma “caixa de som”). Com a pedra acionamos diferentes timbres sonoros. O caxixi acompanha o ritmo da capoeira. Na roda de capoeira também existem o pandeiro, o tambor, o agogô, o reco-reco e talvez outros; são três timbres de berimbau: gunga, médio e viola.

Eu não sou uma grande sabedora dos saberes da capoeira, na verdade ainda tenho muito que aprender. Quando comecei a levar o berimbau para aula, ainda nem tinha firmado o jeito de segurar o instrumento, meu lugar é

o de aprendiz no processo. Pensava que o importante não era saber tocar, ou saber fazer movimentos e sim apresentar o instrumento enquanto elemento da nossa memória e dar lugar de destaque às simbologias e aos saberes da roda de capoeira. As letras dos pontos de capoeira vão arrematando os pontos da história, então escolhi algumas delas para nossa apreciação em aula. “Sou guerreiro do Quilombo, quilombola... leleleô! Eu sou negro dos bantos de Angola, Negro Nagô” (Mestre Barão)<sup>15</sup>, nos conecta com guerreiras e guerreiros em nosso imaginário. História de quem, através da capoeira, conseguiu fugir para o quilombo, mas depois voltou para libertar sua irmandade. Houve uma música em especial que uma vez cantei a convite de minha colega, compartilho aqui com vocês a letra, do Mestre Barão:

### Mundo Enganador

Oi vivemos aqui nessa terra  
Lutando pra sobreviver  
O lugar onde poucos têm muito  
E muito sem ter o que comer

Olhando isso eu fico triste  
Me pergunto qual é a solução?  
Estou feliz por ter a capoeira  
Como forma de expressão

---

<sup>15</sup> Mestre Barão – Marcos da Silva é capoeirista fundador do grupo Axé Capoeira, espalhada pelo mundo.

Capoeira é uma arte  
E arte é obra de Deus  
Nessa terra eu não tenho muito  
Mas tudo que eu tenho foi Deus que me deu  
Nessa terra eu não tenho muito  
Mas tudo que eu tenho foi Deus que me deu

Eu tenho um canarinho cantador  
Berimbau afinado e um cavalo chotão  
E um carinho da morena faceira que me deu  
Seu amor e o menino chorão

Ah! Meu Deus quando eu partir  
Desse mundo enganador  
Pra meu filho eu deixarei  
Uma coisa de valor, é é é

Não é dinheiro, não é ouro e nem é prata  
É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô  
Não é dinheiro, não é ouro e nem é prata  
É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô  
Não é dinheiro, não é ouro e nem é prata  
É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô  
Não é dinheiro, não é ouro e nem é prata  
É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô

A capoeira hoje é Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tombada pelo IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 2008. No entanto, por um bom tempo, a legislação em vigor em nosso território

proibiu a capoeira, tornando-a uma prática criminosa e marginalizada. Então, penso que oferecer à capoeira um espaço de destaque dentro da escola é uma forma de ouvirmos essas vozes ancestrais. Além disso, o Estatuto de Igualdade Racial prevê esse tipo de proposta. Certa vez, um estudante me perguntou: “Zoé, de onde veio esse berimbau?”. Por causa disso, eu contei a história do meu amigo Sabiá que é um grande capoeirista e foi o artesão que se dedicou à fazer esse berimbau, que chegou até mim na forma de um belo presente. “Ele é seu amigo? Então traz aqui pra gente conhecer!”. Com isso, tive que me dar conta de que estava acontecendo um movimento maior, e a mim só cabia deixar fluir.

No momento em que o Sabiá confirmou sua presença na escola Beija Flor, juntamente com o camará Lagartixa, eu já sabia que esse encontro seria um evento muito importante para nossa comunidade. Então, nossa Dandara já estava na porta esperando por eles. Conversei com colegas e a direção da escola concordou! Meu coração vibrava!

### **Saudade da Mãe África**

No Grupo de Teatro Beija Flor, começamos a ensaiar uma cena que, mais tarde seria chamada de “Saudade da Mãe África”. Éramos uma média de 12 pessoas e esse processo criativo teve duração de um mês e meio com encontros semanais em contra turno da

escola. Quatro palavras-chave nortearam nossas escolhas: Saudade, Trabalho, Liberdade e Orgulho. Essa cena foi apresentada no dia 20 de novembro de 2019 na Escola Beija Flor e fez parte da programação de nosso evento, que ficou sendo chamado de Encontro de Valorização da Memória Afro-brasileira.

O mote principal era contar a história de um grupo de africanos que vieram raptados para o Brasil e se depararam com a situação de escravidão, mas a partir dos conselhos de uma vovó dentro da senzala, conseguiram fugir para o Quilombo dos Palmares, com direito a um encontro especial com o guerreiro Zumbi. Essa narrativa foi costurada com canções, e partituras corporais. Uma técnica teatral importante que utilizamos nesse processo foi a chamada “curingagem”. Essa palavra vem da ideia de curinga, como uma carta do baralho que pode assumir o papel de qualquer outra. Então, em nossa cena éramos, todas e todos, parte do mesmo grupo, não haviam personagens fixados em ninguém, éramos um só coro, uma só voz, um só corpo em cena. Quando apareciam personagens, alguns se destacavam do grupo para interpretá-los, mas logo terminada a ação voltavam ao coletivo. Vestíamos saias compridas, calças e camisetas com uma paleta de cores na qual predominavam os tons de amarelo, vermelho, rosa e azul. Apresento a seguir nosso roteiro:

### **Saudade da Mãe ÁFRICA**

### **Canção de abertura**

#### **SAUDADE DA MÃE ÁFRICA!**

(duas serpentes do mar – Som de ondas e ventos)

#### **NARRADOR - TERRA A VISTA!**

Todos cantam a **Canção Navio Negreiro** do mestre Tony Vargas

#### **NARRADOR - No mercado negreiro!**

**FEITOR -** Olha o Negro! Olha o Negro! É a carne mais barata do Brasil freguesia! Acabaram de chegar de Angola, estão fortes e saudáveis, freguesia! Quem levar não vai se arrepender!

**SINHÁ –** (Analisando cada escravo)Essa é fraca, essa é muito fraquinha, esse tem jeito de ser rebelde, esse não combina, esse também não (Até que encontra uma criança que sirva) Ah, eu gostei dessa menininha aqui! Vou levar pra minha casa, ela vai limpar o chão da minha cozinha.

**FEITOR –** Só vai levar a menininha?

**SINHÁ –** Só ela mesmo!

**MÃE DA MENININHA –** Não leva a minha filha, não! Por favor, ela ainda é pequena!

**FEITOR –** Cala a boca sua imunda! Ta querendo ir para o tronco?

**MENINA –** Não! Não! Mamãe!Não!

**NARRADOR –** trabalho!

**Todos** em partitura de Movimento e Canção – **LAVAR ROUPA, TODO DIA, QUE AGONIA... TRABALHO!**

(inspirados em Luís Melodia).

**NARRADOR** – De noite, na senzala!

**JOANA** – Chega! Não aguento mais isso! Nos tratam como animais!

**RAFAELA** – Trabalhando de Sol a Sol! Nem água nos dão pra beber.

**CORA** – E vocês viram o que aconteceu com o Tião? Deixou a pedra cair no chão, não aguentou.

**GIOVANA** - Por causa disso, colocaram ele no tronco... Apanhou até perder o fôlego!

**TODOS** – Coitado...

**VOVÓ** – Minhas filhas e meus filhos. Ocês vão trabalhar até a morte carregar ocês daqui? Ocês tem saúde, ocês são fortes, oces são espertos! Porque que ocês não fogem daqui? Foge, foge, foge! Nós nascemos para ter liberdade!

**CORA** – Isso mesmo vovó! Temos que fugir!

**GIOVANA** – Mas fugir pra onde? Nossa terra está muito longe daqui!

**VOVÓ** – Então preste atenção que a vovó vai mostrar o caminho. Ocês vão sair da senzala em silêncio, pé ante pé pra ninguém escutar. Daí vão entrar na floresta, vão atravessar o rio, vão passar pelo buraco da jibóia, vão

passar no território da onça, vão subir a montanha... lá vão encontra um Quilombo!

**JOANA** – Quilombo?

**VOVÓ** – Isso mesmo, minha filha! Quilombo é o lugar que os nossos irmãos de cor criaram para ser livres... Quem pode, foge pra lá. Vivem todos juntos, sem chibata e sem feitor. No quilombo podemos fazer nossas danças e nossas rezas, tocar tambores e viver nossa negritude com muito orgulho!

**RAFAELA** – É verdade isso, vovó?

**VOVÓ** – Claro! Lá tem muitos guerreiros... e um deles ,que eu conheci menino, e depois se tornou o grande chefe desse quilombo, é o Zumbi! Zumbi dos Palmares... Junto com a Dandara, que é mestre de capoeira e todo o grupo de lá, lutam por liberdade! É um grande herói do nosso povo... vão lá dizer ao Zumbi que a vovó Conga mandou um abraço!

**NARRADOR** – Liberdade!

**Todos** fazem partitura de Movimento – a dinâmica do caminho (REPERTÓRIO: pé ante pé, portal da floresta, toca na jibóia, território da onça, subindo a montanha, atravessando o rio, três dias de caminhada).

**NARRADOR** – CHEGAMOS AO QUILOMBO DOS PALMERES!

**Canção – Eu tenho orgulho da minha cor! - Do artista Criolo.**

**TODOS – ZUMBI! ZUMBI!ZUMBI!**

**ZUMBI –** Sejam bem vindos ao Quilombo dos Palmares!

Aqui não tem Chibata e nem feitor! Aqui podemos ser livres e lutar para libertar nossos irmãos!

**JOÃO –** Zumbí! Vovó Conga te mandou um abraço!

**ZUMBI –** Vovó conga é como uma mãe para mim.

**Todos** cantam a canção “**Cirandeiro**” do cancionista popular. O público é convidado, um por um, a entrar nessa ciranda.

Fim!

### **Encontro de Valorização da Memória Afro-brasileira – 20 de Novembro de 2019**

A Escola Beija Flor se tornou palco de um evento educacional que aconteceu em 20 de novembro de 2019 unindo essas duas comunidades, já que as turmas de anos finais da Escola João de Barro deslocaram-se de ônibus para participar do Encontro de Valorização da Memória Afro-brasileira. Na programação girava em duas apresentações da cena Saudade da Mãe África e duas oficinas de capoeira e jongo ministradas pelos capoeiristas Paulo Saulo Bernardes (sabiá) e Lagartixa. No turno matutino, recebemos a visita da escola João de Barro e no

turno vespertino acolhemos os estudantes dos anos iniciais da escola Beija Flor e também seus familiares (momento de muita união na comunidade).

Sabiá e Lagartixa são meus camarás dos tempos em que nos reuníamos na sala de percussão do Grupo PEPEU, projeto de extensão da Universidade Federal de Pelotas-UFPel (por volta de 2017). Foi uma alegria muito grande recebê-los em nossa comunidade, alguns estudantes os aguardavam ansiosamente. Marcou-me a simplicidade e a entrega com a qual se estabeleceu o diálogo durante as oficinas. Também houveram momentos de contação de histórias, já que a oralidade é uma importante ferramenta de transmissão dos valores civilizatórios de origem africana. Fizemos roda, gingamos, jongamos, cirandamos. A circularidade ancestral se fez sentir, nossos corações batiam UBUNTU<sup>16</sup> no coro dos tambores. Foi tempo de lembrar através do movimento, deixar o corpo mostrar o caminho, deixar a memória do corpo se manifestar. Cantamos junto a canção de Mestre Totonho:

“Eu vou abrir meu jongo êê

Eu vou abrir meu jongo AA

---

<sup>16</sup> UBUNTU é uma compreensão filosófica que existe na língua Zulu, no idioma Bantu, falado em regiões da África Subsaariana. Uma possível tradução seria “Eu sou, porque nós somos”, sou seja, traz a força da identidade coletiva.

Eu vou abrir meu jongo êê  
Eu vou abrir meu jongo AA  
Primeiro eu peço a licença  
Para a rainha do mar  
Para saldar a povaria  
Eu vou abrir meu jongo AA.”

Cantamos nossa Saudade da Mãe África com todo o coração e toda a verdade. O Grupo de Teatro Beija Flor chegou cedo à escola, tivemos tempo de fazer um ensaio geral dentro da sala, já com a presença dos capoeiristas. Eles contribuíram com suas palavras de incentivo e também pintaram nossos rostos com urucum. Estávamos despertando enquanto guerreiras e guerreiros de zumbi. Estávamos colorindo a cena com a barra de nossas saias rodadas... cada cacho conta uma história. Cada estréia é um tipo de nascimento, muito obrigada a quem se oportunizou a pisar o palco e coletivamente, dar nascimento a nosso processo criativo aquele dia. Vibrou o orgulho de temos de nossas cores, honramos a luta de nossos ancestrais e o sangue derramado para que hoje pisássemos esse chão com liberdade. O que gostaríamos de dizer ao público, através dessa cena, era que ainda podemos F(ar)EJ(ar) nossas identidades, isso é Sankofa – “Sempre há tempo de voltar a trás e buscar o que ficou.”. O que ficou é a força de nossa memória cultural, é a base

para seguirmos adiante! Existe um futuro afro nesse território amefricano, nossa raiz não se calará jamais.

A capoeira raramente anda sozinha, pois junto com ela podem se desenvolver outras manifestações da corporeidade de nossas raízes africanas e amefricanas. O jongo é uma dessas danças que se faz ao som de tambores benzidos com cachaça. No centro da roda uma dupla gira nos passos do jongo enquanto o coro ao redor entoava cantos e honrarias às ondas do mar. Não sei exatamente o quanto dessa memória pode ser captada pelos presentes, mas eu, de minha parte, digo que meu coração se encheu de força. Estudantes sorrindo, professores de olhos arregalados, a comunidade fazendo ciranda de mãos dadas. Viva os guardiões desses caminhos, pois tudo valeu apena!

Esse encontro rendeu ainda a visita de Sabiá e Lagartixa à escola João de Barro, fazendo roda com estudantes e contando histórias no dia seguinte, 21 de novembro. Considerei muito importante a história contada por lagartixa sobre o mistério de Exú. Ele nos perguntou por qual motivo esse orixá seria apontado por alguns como um ser diabólico. Isso gerou um debate interessante no qual pudemos compreender que Exú é considerado, nas mitologias de matriz africana, um grande guardião que rege os caminhos de seus filhos e filhas de fé. Por causa disso, muitas vezes nossos ancestrais que se encontravam em situação de cativo, utilizaram a figura

de exu para causar medo em seus seqüestradores, constringendo-os por suas crueldades contra povos africanos e também indígenas. A mediação desse debate partiu da apresentação do livro “Orum Ayê – Um mito africano da criação”, escrito por Raimundo Matos Leão e ilustrado por Adrés Sandoval. Pegando o gancho da apresentação dos orixás feita por Lagartixa, contei a história da “Mãe do Ouro”, personagem dos causos populares em nosso território, conecta-se simbolicamente com o arquétipo de Mamãe Oxum, regente do ouro e das águas doces.

**Todo contador de caso tem um pouco de vô ou de vô.**

Conhecer a mitologia é mergulhar no universo simbólico dos povos, atravessar um portal no imaginário, voltar atrás e buscar o que ficou. Conforme pude compreender depois, através do curso de Contação de Histórias Indígenas para a Primeira Infância, ministrado pelo lingüista e Dr. em educação, Daniel Mundurukú: a oralidade é um ponto em comum entre a grande diversidade cultural e lingüística dos povos originários em nosso território. Seguindo Daniel, "Aos pais cabe educar o corpo e a mente (técnicas de sobrevivência, jogos e brincadeiras, o cuidado), aos avós cabe educar o espírito (através da contação de histórias) ." [transmissão oral durante o curso, em 2020]. O que eu pude perceber no curso é que nessas culturas de tradição oral originária, as

histórias exercem uma função importante na organização circular dos saberes, pois estimulam o senso de pertencimento.

A partir disso, penso que a contação de histórias também possa ser considerada uma ferramenta didático/pedagógica. Em culturas circulares, o lugar ocupado pelo contador de histórias é o mesmo que ofertamos às professoras e professores. Isso reforça meu compromisso. Quanto mais eu enraizar minha identidade docente em Améfrica, mais terei a contribuir na dissolução dos equívocos históricos que nos assolam, fruto da disseminação de uma história unilateral, eurocentrada. A circularidade dos valores enraizados em Améfrica faz tremer as paredes de escolas bancárias, aparatos coercitivos de um estado genocida desde sua fundação. É isso que eu pretendo mostrar quando digo que se trata de uma luta simbólica. Mas, é uma luta simples, uma luta na manha, pois precisamos apenas nos enraizar e apresentar os símbolos que encontrarmos no cominho. A própria força simbólica do contato com elementos do imaginário circular de nossas ancestralidades amefricanas, pode despertar o senso de pertencimento cultural nas pessoas. O corpo tem memória! Rui Barbosa mandou queimar os registros históricos das origens dos reféns da escravidão, mas não dependemos de registros históricos para reconhecer a nossa origem.

Penso que a circularidade, a oralidade e a ancestralidade sejam conceitos que possam representar uma grande quebra de paradigmas na atual conjuntura ideológica presente em nosso território. Ainda segundo Daniel Munduruku, no universo de pensamento circular ancestral existe apenas dois tempos (passado e presente, não existe a palavra futuro) e não três (como é na cultura ocidental - passado, presente e futuro). Dentro desta perspectiva, o futuro é uma ilusão colonizadora, não existe motivo para que a subjetividade de um indivíduo mantenha-se colonizada por um ideal de “progresso” que nunca chegará. A ansiedade é o modo operacional da mente humana nos contemporâneos tempos líquidos. Então, talvez a pós-contemporaneidade possa ser ancestral, se no agora nos pusermos a F(ar)EJ(ar) nossas identidades. Talvez possamos pensar em abrir mão da servidão capitalista que nos embranquece e tenta nos reduzir à consumidores, desumanizando completamente aqueles que não se encaixam nas estruturas dessa máquina social racista. Podemos nos lembrar, pois nossa verdadeira herança cultural não está escrita em lugar algum, está transcrita em nossos corpos miscigenados e também em nossas histórias de vida. Acessar imagens arquetípicas da memória (trajeto antropológico de nossos ancestrais) pode nos ajudar a elaborar a carga simbólica latente em nossas histórias, empoderando-nos de nossas identidades.

Outro caminho possível no qual a oralidade se apresenta como um saber é o de estimular que os estudantes contem suas histórias. Em meus caminhos como arte-educadora, travei contato com o trabalho do pesquisador Flávio Desgranges<sup>17</sup>. Para ele, as habilidades de ouvir e contar histórias são fundamentais para que possamos compreender o passado e elaborar agora uma ação que transforme as perspectivas do amanhã. Esse aspecto toca os processos de alfabetização oferecidos no sistema educacional. Em 2019 pedi que a turma do nono ano fizesse uma pesquisa de histórias de tradição popular. Na aula seguinte, recebi das alunas trabalhos bem caprichados com capa e tudo, cada uma com um texto de alguma história. No entanto, quando nos sentamos em círculo para compartilhar as histórias pesquisadas, as estudantes disseram que não sabiam contar, ou seja, apenas haviam copiado os textos da internet, não compreendendo seu conteúdo. Então, qual foi o sentido daquela atividade?

Fiquei refletindo muito sobre isso, até que certa aula essa turma manifestou o interesse em aprender crochê. Então, convidamos a mãe e uma das estudantes para participar conosco de algumas aulas para que aprendêssemos alguns pontos. Dona Alessandra nos trouxe agulhas e linhas, começamos o estudo do zero.

---

<sup>17</sup> Flávio Desgranges é Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo- USP e participou da ECA – Escola de Comunicação e Artes.

Qual não foi a minha surpresa ao ver as estudantes contando suas histórias de vida ao grupo enquanto enlaçavam correntinhas e contavam pontos. Ou seja, elas não contariam histórias porque a professora pediu no trabalho, e sim porque sentiram-se a vontade, inseridas em um círculo de acolhimento. Pouco tempo depois essas mesmas estudantes fizeram perguntas sobre parto e assistimos vídeos dentro esse tema de interesse, recordando que muitas de nossas ancestrais nasceram pelas mãos de parteiras... lá veio mais uma bela enxurrada de histórias que elas puderam compartilhar umas com as outras sobre seus próprios nascimentos ou sobre nascimentos em suas famílias. Voltar atrás e buscar o que ficou.

### **Arte, a ciência do sentir**

Conforme os grupos de estudantes se apropriavam das linguagens artísticas, alguns foram compreendendo que poderíamos comunicar algo às nossas comunidades através de nossos processos criativos. Em dezembro de 2019, na Escola João de Barro aconteceu uma feira de ciências. Inicialmente, me foi dito que apenas professores das áreas de ciências, geografia ou matemática participavam do evento. Então, questionei as turmas o que pensavam com relação a isso: será que arte também não seria uma forma de fazer ciência? Não deu outra, pegamos todos os registros que realizamos de junho á dezembro e utilizamos como material para criar a

exposição “Arte, a ciência do sentir” que instalamos em ocupação artística à sala de vídeo da escola.

Foi necessário passarmos por um processo de curadoria artística, selecionando coletivamente quais trabalhos seriam expostos. Utilizamos papel pardo, grampeador, barbante, alfinetes, cantões, tintas e muita fita crepe. O resultado foi a instalação de uma parede de papel que serpenteava pela sala trazendo em seu corpo toda a memória de nossos encontros em 2019. Levamos duas tardes em montagens e a equipe técnica era composta por estudantes que voluntariamente se fizeram presentes, arrematando o acabamento com a frase “Arte é vida!”. Mais uma vez, colorimos e movimentamos o cotidiano escolar. Boa parte das obras que foram expostas encontram-se hoje como parte do nosso “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento”.

Na abertura de nossa exposição, formamos a maior roda de todas, comporta pelas duas comunidades, já que dessa vez foi a Escola Beija Flor quem se deslocou de ônibus. Antes de entrar na exposição, fizemos alguns exercícios para sensibilizar nosso olhar aos detalhes, para que nossa percepção pudesse captar a qualidade das memórias registradas pelos grupos através das cores, linhas, formas ou palavras. Contamos ainda, mais uma vez, com a participação de nosso amigo Sabiá, que nos presenteou com uma oficina de percussão com base no ritmo do samba.

## Estudos de caso – Processos do inconsciente e o Dicionário Maluco

Houve uma turma na Escola Beija Flor que, para mim, merece um estudo de caso. Em 2019 o grupo estava no oitavo ano e estivemos juntos presencialmente até março de 2020. O que me chamou a atenção foi o trajeto que percorremos em função das inclinações de nossos diálogos. Quando cheguei em junho de 2019 com propostas para “quebrar o gelo”, por alguma razão fui abraçada pelo coletivo e nossos diálogos fluíram de uma maneira especial. A pretexto de trabalhar os tais “valores” da disciplina de Ensino Religioso, nós abrimos um espaço de partilha de nossas histórias de vida. Observei que a turma se mostrava capaz de elaborar reflexões cada vez mais críticas dos assuntos abordados, de maneira que o grupo realmente sustentava o debate, de forma que eu não precisava ficar engessada no papel de mediadora.

Ao dialogarmos em grupo sobre essas características da turma, começamos a dizer que éramos autoras e autores de nossos próprios pensamentos. Como um desdobramento dessa ideia surgiu a proposta do “Dicionário Maluco”, trabalho no qual nós escolheríamos algumas palavras e nos desafiaríamos a escrever sobre elas como um dicionário no qual pudéssemos apresentar com nossas palavras, o significado particular que damos a elas. Nossos dicionários malucos também contavam com desenhos e descrições que as autoras e os autores

elaboraram sobre si mesmos. Isso também é F(ar)EJ(ar) identidades, pois são ações que nos colocam no centro, interpretando o mundo através dos nossos próprios olhos. Tudo isso nos fez desenvolver com mais força o conceito de autonomia.

Relendo nossos dicionários malucos, nos damos conta de que, em alguns casos, sentíamos necessidade de explicar alguma coisa que parecia não caber em palavras, algo que existia apenas no território do sentir. Na verdade, eu também esbarrei no mesmo incomodo no decorrer dessa pesquisa. Essa reflexão partiu do incomodo manifestado por algumas estudantes e eu fui mediando até que chegamos à ideia freudiana de inconsciente. A partir daí, contextualizei um pouco a importância de Freud no pensamento ocidental e entreguei a cada uma, materiais artísticos (papel, giz de cera, lápis de cor, canetinha) para que tentassem registrar imagens que viessem à suas mentes, sem medo do caos que isso poderia gerar. Os desenhos (imagens do inconsciente) que vieram a tona a partir dessas provocações estão disponíveis também como parte de nosso Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento, assim como algumas mostras do projeto “Dicionário Maluco”.

No ano seguinte, já no nono ano, esse grupo tão singular se viu fisgado por debates de gênero, suscitados na ocasião do 8 de maio (Dia Internacional da Mulher). Isso porque, em todas as turmas, eu havia apresentado

uma perspectiva histórica que contextualizava os impactos da caça às bruxas, ocorrida na idade média europeia, hoje em nossa América. A ideia era que falássemos de feminicídio e o ciclo da violência doméstica. No entanto, essa turma em especial, conseguiu chegar até a compreensão de que existe uma correlação entre as desigualdades de classe, gênero e raça, e pude apresentar a expressão “Feminismo Interseccional”. Pude apresentar um pouco das biografias de Ângela Davis e também de Lélia Gonzalez. Para mediar alguns impasses que surgiram entre os discursos, assistimos em aula ao documentário “O silêncio dos Homens” (2019). Nesse ponto, tive a grata surpresa de ser escolhida como professora conselheira pelo grupo, que se preparava para finalizar o Ensino Fundamental.

A partir disso, as estudantes da turma manifestaram o desejo de fazer alguma coisa que pudesse gerar nas outras colegas uma sensação de empoderamento mesmo diante de tais desigualdades. Por causa disso, pesquisamos frases na internet e pretendíamos colá-las nas paredes do banheiro feminino como forma de incentivo. Nosso projeto contava também com a proposta de deixarmos nesse banheiro uma “Caixa da Sororidade” com objetos de auto cuidado que pudessem ser compartilhados. No entanto, após escrevermos esses cartazes com frases, não chegamos à fixá-los em parede

alguma pois a pandemia de Covid-19 interrompeu esse processo.

### **Experiências clandestinas – O secreto banho de rio**

Existe uma experiência presencial que não poderia ficar de fora desse relato: o banho de rio que a turma do sexto ano da Escola João de Barro me proporcionou. Em meados de dezembro, o grupo me convidou para que fizéssemos um piquenique fora da escola durante o horário de nossa aula. Eu concordei prontamente e tive o aval da direção da escola para sairmos na data marcada. Os estudantes foram comprometidos em trazer contribuições para nosso lanche, a atmosfera era de animação.

Assim que saímos da escola veio a pergunta “para onde nós vamos professora?”, eu dei de ombros e disse “não sei, para onde vocês gostariam de ir?”. A resposta veio quase em coro, queriam ir até o arroio. Fazia muito calor aquele dia. Confesso que não ponderei muito as escolhas, deixei que o coletivo tomasse a frente, pois se tratava de um momento mais livre para confraternizarmos. Um dos estudantes assumiu a responsabilidade de mostrar o caminho e lá fomos nós, com o piquenique na mão.

Passamos por uma olaria desativada, atravessamos algumas cercas, entramos por uma pequena mata que nos levou diretamente para a beira do rio. Uma felicidade

clandestina vivenciada: sair da escola e colocar os pés no rio. Estendemos uma toalha para servir o piquenique e nos dedicamos por um tempo a observar a paisagem. “Profe, a gente pode entrar no rio? Por favor, aqui é rasiño!”. Conversa vai, conversa vem, estávamos todas e todos com as roupas molhadas, inclusive eu, que não resisti á um refrescante mergulho. Mas e agora?

Convoquei uma reunião em círculo com o grupo sob o sol para pensarmos. Provavelmente aquela situação nos traria consequências, uma vez que apareceríamos na escola pingando água quando não pedimos autorização de ninguém para tomar banho de rio. Eu, enquanto educadora, percebo que foi uma loucura, deveria no mínimo ter solicitado o apoio de outro adulto para essa empreitada. Naquele momento, eu era mais uma pessoa de roupas encharcadas entre o grupo. Pensei até que poderia me enrolar com o estágio probatório: não apenas autorizei que entrassem na água de roupa e tudo como também entrei junto. A resolução veio proposta por um dos estudantes e rapidamente recebeu o apoio do coletivo: “professora, nós prometemos não contar isso á ninguém!”.

Eu sinceramente não acreditei muito nessa promessa, mas, confiei no caminho. Tecnicamente, não aconteceu nada de errado ou ruim, apenas fomos fazer um piquenique divertido. Regressamos á escola já na hora da saída e os estudantes foram diretamente para o ônibus

escolar. Para meu espanto, aquele grupo foi leal á promessa, de forma que ninguém mais falou sobre o acontecido. Nunca fui questionada por ninguém com relação a ter levado o sexto ano para tomar banho de rio. Considero esse fato como uma situação relevante no caminho: eu me coloquei em posição de abertura para a proposta do grupo e, em contrapartida, o grupo se pôs em meu lugar e solucionou a questão coletivamente. Embora saiba que possa receber críticas pelo ocorrido, defendo-me com o argumento de que estou aprendendo a ser professora. Faria novamente? Com certeza, porém com uma organização prévia e acompanhada de alguma colega que se responsabilizasse junto comigo. De todo modo, sair da sala de aula e colocar os pés no rio, para mim, foi o auge da ruptura com um contexto colonizador de educação.

**Breve comentário: a linguagem teatral é subversiva de mais para o modelo de escola implantado pelos colonizadores em nosso território.**

Ainda que o foco desse trabalho seja relatar nossas experiências em práticas antirracistas nas aulas de arte, eu não poderia deixar de fora as reflexões que o caminho me proporcionou sobre o impacto da linguagem teatral dentro de um modelo colonizador de educação. Pode até parecer um assunto fora de contexto, mas não é, porque o teatro é uma linguagem artística que compreende o corpo enquanto território de saberes e memórias. Quando

estudantes sofrem coerção para que fiquem horas e mais horas copiando e olhando para o quadro em silêncio como se essa fosse a única forma de aprender e pensar, a carteira escolar se torna uma jaula para o corpo amefricano em uma escola eurocentrada. No contexto de uma invasão cultural, o propósito da escola é apagar as memórias ancestrais guardadas pelo corpo, isso se faz valorizando os saberes escritos e pregando um conceito de ciência que desconsidera a importância da oralidade.

Dito isso, seguirei meu relato sem medo. Quando cheguei às duas escolas e comecei a aplicar exercícios teatrais na aula de artes (para ganhar tempo, como já havia mencionado) isso rapidamente chamou a atenção da Secretaria Municipal de Educação. Fui chamada e expliquei que minha formação inicial havia sido em Artes Cênicas, licenciatura. A notícia foi recebida com um sorriso e me ofereceram suplementação de quatro horas semanais para ministrar aulas de teatro no contra turno (duas horas em cada escola). No entanto, talvez as pessoas responsáveis por essa escolha não tivessem, naquele momento, consciência do que esse tipo de aula poderia gerar dentro das escolas. Confesso que nem mesmo eu poderia imaginar o desfecho que o caminho apresentou.

As aulas de contra turno iniciaram em setembro de 2019 nas duas instituições, sendo que, na Escola João de Barro utilizávamos a sala de vídeo e, na Escola Beija Flor,

o laboratório de informática. Para a aula de teatro, o que solicitei foi caixa de som e uma sala com chão limpo para que pudéssemos nos deitar. Como uma das escolas não possuía, comprei uma caixinha de som portátil e seguimos avante! Nossa primeira ação ao entrar na sala toda semana era, coletivamente, varrer o chão e tirar os sapatos (é importante o contato dos pés com o chão, isso enraíza nossas bases). Dançávamos bastante. Estudamos um pouco de anatomia para investigar a biomecânica de nossas articulações em movimento. Na Escola João de Barro, estudantes das séries iniciais passavam o recreio pendurados na janela olhando a “professora que dança”. A iniciação teatral é uma prática que busca desmecanizar o corpo e a mente, explorar as possibilidades, desenvolver consciência de nossos corpos/vozes. Tive um professor na universidade que dizia “atores, atletas da emoção”. Um dos exercícios preferidos pelos dois grupos se baseava em estabelecermos “estações de emoção”, ou seja, definíamos uma área na sala para cada emoção (escolhas coletivas) e o grupo deveria “caminhar pelo espaço” e expressar em cada área a emoção designada (alegria, raiva, culpa, medo, confiança, orgulho, etc.). Aquecíamos nossas vozes, treinávamos caretas e fazíamos muitas rodas. Os grupos eram formados por uma média de 15 estudantes e foi acontecendo uma afinidade especial entre as pessoas desses coletivos, acredito que por estarmos nos permitindo o novo, éramos cúmplices.

Porém, preciso avisar que esse tipo de trabalho pode gerar grandes incômodos dentro de instituições tradicionais de educação. É uma aula barulhenta, com certeza, pois meu trabalho é sustentar um espaço em que o grupo possa soltar a voz sem medo. Também ouvi reclamações no sentido de que não seria bom que estudantes mais velhos convivessem com as turmas dos anos iniciais no período vespertino. Muitas vezes as pessoas abriam a porta de nossa sala de aula sem bater. Uma vez foi muito engraçado, pois fomos flagrados em uma cena de parto. “Essa professora é arteira!”. Fomos ao pátio brincar de pega-pega, esconde-esconde, pula-corda, corre - cotia e por isso também fui chamada a atenção, como se uma professora não pudesse tirar os sapatos e se “misturar”. Amava estar com aqueles grupos, pois eram oportunidades para que eu mesma retomasse os saberes de minha memória corporal, já que são saberes/fazeres. No entanto, confesso que quando colegas questionavam essas práticas “excêntricas”, eu não conseguia me expressar com firmeza. Era como se eu não conseguisse mediar o conflito, sentia-me uma aluna tomando sermão, não encontrava força para retrucar. Para mim os fundamentos pedagógicos da aula de teatro pareciam óbvios, mas não sabia por onde começar a explicar, no fundo achava estranho ter que dar esse tipo de satisfação. Talvez meus professores não tenham me preparado para isso, não tinha consciência de que teria que me defender por ser uma professora de teatro.

Com o tempo, me dei conta de que, aqueles que me ofereceram essas horas/aulas, guardavam expectativas que não haviam sido explicitadas no momento do acordo. De repente, em outubro parecia que era meu dever dar conta de apresentações culturais comemorativas do dia das crianças, encarei o desafio (que remédio?). Na Escola Beija Flor, não foi problema, pois o grupo se mostrou extremamente pró-ativo! Costurei uma peruca grisalha e um aluno muito expressivo encarnou um personagem de professor e cada estudante criou seu personagem e escreveu para si um diálogo com o tal docente. Foi tudo idéia do grupo, eu só acompanhei o processo e assim, sendo mais uma integrante do coletivo, criei o diálogo de minha personagem. Uma colega parceira (que lecionava para os anos iniciais) também entrou na brincadeira e fizemos cena juntas, foi mágico! Nosso grupo ainda desenvolveu pinturinhas nos rostos das crianças, fizemos a festa. Já na João de Barro, o processo foi diferente, pois a turma manifestou que ainda não se sentia preparada para entrar em cena e eu, com muita convicção, respeitei o tempo do coletivo (não se pode forçar, pois se trata do corpo, da voz e da imagem de cada um e cada uma). Por causa disso, entrei em cena sozinha na festa das crianças e fiz contação de histórias de matrizes indígenas e africanas para as crianças. Essas experiências foram importantes para que eu me percebesse enquanto uma agitadora cultural dentro da escola. Apostei que, com o

tempo, minhas práticas seriam aceitas mesmo que não compreendidas.

Qual não foi a minha surpresa quando, pouco tempo depois, recebi um recado da Secretaria Municipal de Educação, dado pela direção da escola João de Barro: minhas horas suplementadas para aulas de teatro seriam cortadas pela metade, de modo que cada grupo teria aulas apenas a cada duas semanas, ou seja, eu deveria dar apenas uma aula semanal alternando as escolas. Aquilo para mim foi um balde de água fria e sabia que para os grupos também seria. Como não queria passar pelo processo de ver meu trabalho minguar aos poucos, enviei um email para a secretaria dizendo que o estudo do teatro visa a desmecanização do corpo e que a constância na prática é fundamental, logo, se fosse para ralentar o processo dessa forma, eu preferiria devolver as horas suplementadas e encerrar o projeto. Alguns dias depois tive a resposta de que, sendo assim, eu poderia manter as horas como antes, atendendo semanalmente as duas comunidades. No entanto, curiosamente, em poucas semanas a partir desse fato o grupo de teatro da Escola João de Barro minguou. Por três vezes não vieram estudantes. Não compreendi exatamente o que aconteceu, já que na última aula antes da troca de emails a turma havia, amorosamente, encenado minha própria história de vida (viajando para longe da família pelo desejo de estudar), o que me tocou o coração, ganhei muitos

abraços. Mal sabíamos que seria aquela uma despedida, já que, em função desse esvaziamento, não pude continuar o projeto naquela escola. Apenas o grupo da Escola Beija Flor se manteve firme e forte.

Cabeças erguidas, cirandamos de peito aberto para nossa “Saudade da Mãe África”, cena que ficou pronta em um mês e meio. Sempre existem contratempos e a estudante que interpretaria a Vovó Maria Conga não compareceu no dia do evento. Por causa disso, eu mesma interpretei suas falas, que eram sobre a busca por liberdade empreendida por nossos ancestrais. No mesmo dia, fui chamada à Secretaria de Educação e ouvi da boca de meus “patrões” que eles haviam visto por seus celulares um vídeo no qual eu havia “dado uma incorporação na frente da comunidade!”. Aquilo me caiu como uma acusação racista, preciso relatar. Por que as corporeidades enraizadas em África são vistas como exóticas e relacionadas ao descontrole psíquico ou espiritual? A princípio, uma incorporação é algo que acontece dentro dos templos das religiões de matriz africana durante práticas religiosas, e eu estava apenas substituindo uma estudante durante uma apresentação artística no dia 20 de novembro. Então, por qual motivo essa seria uma situação na qual alguém “daria incorporação”? Eu não poderia, mais uma vez, me embananar na resposta. Ergui os olhos e disse que não havia estudado cinco anos no Departamento de Artes

Cênicas da Universidade de Brasília para aprender a “dar incorporação” dentro da escola.

O evento que realizamos em novembro também apresentou mais um desdobramento marcante para mim. Uma funcionária de serviços gerais da Escola Beija Flor, que trazia a pele retinta, era estudante do curso de geografia da UFPel (com a matrícula temporariamente trancada durante aquele ano) disse, em conversa entre sabiá, lagartixa e eu, que ainda participava de coletivos do movimento negro dentro e fora da universidade. Em função disso, eu a convidei a participar de uma de nossas aulas de teatro, para quem sabe, elaborarmos um debate mais consistente com relação às desigualdades de raça, gênero e classe com o grupo após a experiência do 20 de novembro. Sentamos juntas na sala dos professores (para quem quisesse ver) para planejarmos nossa ação que se configurou como um jogo de caminhadas, no qual faríamos perguntas ao coletivo e cada integrante do grupo deveria interromper seu caminho cada vez que a resposta fosse sim.

Em um papel fomos elaborando as tais perguntas: “Alguma vez você já se sentiu oprimida ou oprimido por causa de sua cor? Já fizeram piada com seus cabelos? Já foi seguido ou seguida por um segurança dentro de uma loja? Já passou por alguma situação que te fez sentir raiva ou vergonha de seu corpo? Já se sentiu culpada por ser mulher? Alguém já tocou seu corpo sem sua autorização?

Alguma vez a polícia te fez sentir medo? Alguma vez, mesmo na escola, alguém já te fez acreditar que não era capaz de aprender?” Nosso objetivo era que os grupo percebesse que enquanto algumas pessoas seguem caminhos abertos por privilégios sociais, outras têm sua jornada atravessada por obstáculos violentos e preconceituosos. Isso se realizou e foi muito bacana, porém, pouco tempo depois, a direção da escola comunicou ter recebido um ofício da Secretaria de Educação dizendo que as funcionárias dos serviços gerais não estavam autorizadas a permanecer dentro da sala dos professores, exceto que fosse com o estrito objetivo de realizar a limpeza. Estranho. O que poderia ter impulsionado essa segregação tão sem sentido? É uma questão de hierarquia? Finalizamos o ano com esse balde de água fria.

Em fevereiro de 2020, iniciou-se o ano letivo e eu deduzi que naquele momento já poderíamos retornar os encontros do grupo de teatro na Escola Beija Flor. Por causa disso, na primeira semana de aulas, fiz um convite para aqueles e aquelas que tivessem interesse de vir no horário de nossa oficina para uma dinâmica brincante com balões d’água (recebi o aval da direção da escola para isso). O objetivo era estimular mais estudantes a integrar nosso coletivo teatral. Estava fazendo calor... quem não gostaria de se molhar? Vivemos uma tarde de muita alegria e crescemos juntos ao realizar tudo coletivamente:

reunimos balões e bacias, pensamos processos de ação, enchemos todos os balões, amarramos cuidadosamente e zelamos por eles para que não estourassem antes da hora. Água fresca! Foi um momento mágico... em roda, cada um teve seu momento de assumir o centro e escolher um amigo ou amiga para lhe dar o primeiro arremesso! Todo mundo de roupa molhada? Então era a hora de deixar acontecer! Foram muitas gargalhas de pulmões cheios, regando nossos cérebros de endorfina e firmando a união do grupo. Isso também é experiência estética! Mal sabia eu que, logo, essas seriam memórias de saudade.

Na semana seguinte, em aula, a turma do sétimo ano da escola Beija Flor me pediu para fazer um trabalho livre com tinta. Pois muito bem, formou-se um grupo de estudantes teatros e fizeram uma faixa de pape pardo convidando para nossa próxima aula de teatro, com data e tudo. Pediram para pregar na entrada. Escolhas que partiram da autonomia do grupo, como eu poderia impedir? A parede da varanda estava nua, pedindo cor! Pregamos a faixa e nos preparamos para receber novos integrantes. Acontece que nesse ínterim houve uma renúncia por parte da diretoria da escola e ficamos temporariamente sem direção. Qual não foi minha surpresa, quando uma colega me chamou e disse que a secretaria de educação não poderia mais me pagar essas horas suplementadas para aula de teatro. Pois bem, eu

não me dei por vencida, uma vez que já ministrei oficinas de teatro voluntariamente muitas vezes na vida. Reconheço o potencial transformador do teatro na juventude e senti que precisava passar isso adiante a esse grupo, até por mim mesma, já que essas práticas fertilizam minha subjetividade docente. Respondi à colega que se a Secretaria de Educação estivesse sem dinheiro para me pagar, eu não me importaria de seguir o projeto, pois eram tardes muito proveitosas para o grupo, do qual também sou parte. A colega, zelosa, aconselhou-se a respeitar a hierarquia do sistema. Eu agradei o conselho, mas não vi motivos para interromper um movimento que estava sendo alimentado pela própria comunidade. Á quem pertence a escola?

Alguns dias depois, lá estávamos reunidos em roda para recepcionar novas estudantes quando de repente, a pessoa que respondia naquele momento pela Secretaria Municipal de Educação entrou pela porta e disse, na frente do grupo, que eu estava passando por cima de sua autoridade. Já não era mais tempo de abaixar os olhos, muito menos na frente daquele grupo com o qual eu tanto falei sobre empoderamento... Eu trouxe uma fala sobre liberdade de cátedra e autonomia. Pedi que, por gentileza, pudéssemos dar continuidade ao menos àquela aula e sugeri que a conversa acontecesse, em outro contexto. Isso acalmou os ânimos e a aula seguiu, porém sem encontros posteriores. Poucas semanas depois, os

trabalhos presenciais foram suspensas pelo decreto de distanciamento social em função da pandemia de COVID-19, o que mudou completamente o cenário.

## **Processos em Pandemia – A Educação do Pós-Apocalipse**

A partir do momento em que se estabeleceu em nosso município o isolamento social para as comunidades escolares, a situação mudou muito de figura. As aulas eram “online” seja lá o que isso quisesse dizer. Não tínhamos muito entendimento sobre o que estava acontecendo, alguns grupos estudantis inclusive demonstraram alegria por poder passar alguns dias longe da rotina escolar. Tivemos 15 dias de “recesso escolar” para tomarmos pé da situação e ao fim desse prazo foram criados grupos de Whats App com cada turma (no caso, utilizando algum número de celular que a família da ou do estudante possuísem) e todo o corpo docente de cada instituição. Um território minado. Tentei puxar assunto nos grupos, mas o máximo que consegui foram alguns bons dias e algumas mensagens no privado falando sobre a saudade e a nova rotina. Se não conseguíamos impedir o bullying nas escolas, quem dirá o siber bullying. O que me pareceu foi que os/as estudantes não confiavam em nós, por isso não se sentiam à-vontade para interagir em um ambiente virtual com tanta gente (professoras, colegas, familiares da comunidade).

Inicialmente, o plano da secretaria era que nós postássemos conteúdos no horário da aula e que ficássemos disponíveis para perguntas, considerando que nesse mesmo tempo os/as estudantes deveriam estar também online, prestando atenção. Doce ilusão. A partir do momento em que não estávamos mais dividindo o espaço físico com as turmas, perdemos as ferramentas de controle de seus corpos. O que me parecia era que teríamos que contar com a curiosidade de cada pessoa, o interesse e também o apoio da família. No entanto, me perguntava: como podemos agora esperar que estudantes busquem os estudos de forma autônoma quando na realidade essa autonomia não foi construída no decorrer do trabalho escolar? Será que estudantes copistas irão agora ler e interpretar os texto e atividades que estamos enviando? Uma atividade substitui uma aula? Até quando iria esse distanciamento social?

Para mim, o mais complicado era pensar que estávamos considerando “aulas dadas” quando na realidade um grande número de estudantes não tinha acesso aos conteúdos oferecidos nesses grupos. Aqueles que não tivessem acesso à tecnologia, deveriam ir à escola buscar um pacote de atividades impressas em tinta preto e branco. Na prática, quase oitenta por cento das famílias da Escola Beija Flor optaram pelo pacote de papel, enquanto que na Escola João de Barro, estudantes considerados sem acesso à tecnologia somavam uma

minoria, de forma que a escola nem oferecia a possibilidade do pacote. “O coleguinha vizinho passa pra ele a atividade.” – me disse a direção.

Independente de qualquer coisa, era tempo de reinventar. Como poderíamos manter as mesmas práticas? Todo o corpo docente precisou se levantar da zona de conforto. Ainda que a tecnologia nos permitisse enviar vídeos, fotos, áudios, links variados da internet... a realidade das famílias não acompanhava esses avanços pois os estudos precisavam caber nos curtos pacotes de dados das operadoras 3G. Também não podíamos ocupar muito espaço na memórias dos aparelhos, já que algumas famílias disponham de apenas um celular para o uso dos adultos e das crianças (algumas vezes numerosas). Eu mesma me perguntava como meu aparelho suportaria tantos grupos recheados de arquivos e mais as mensagens no privado (ninguém queria postar suas atividades diretamente nos grupos). Ainda assim, cheguei a postar um vídeo curto, para que as famílias pudessem ver meu rosto. Tentei retomar a ideia de autonomia e chamar a atenção para as milhares de coisas que poderiam ser aprendidas mesmo fora da escola. Esse material está disponível pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=PU1jFwze730> .

O formato inicial de minhas tentativas eram textos em PDF que enviava nos grupos. Eu desenvolvia algum assunto e, ao final, desafiava estudantes à criarem, a

partir do tema, um desenho, um poema ou até mesmo um híbrido entre essas linguagens: um desenho apoemado ou um poema adeseñado. Entre o corpo docente do município corriam debates de ideias no sentido de que não poderíamos esperar muita coisa dessa atividades, mas parece que não tínhamos noção de que o contexto da pandemia se arrastaria por tanto tempo.

Confesso que no início, para mim era como se aquela situação fosse perdurar apenas algumas semanas, então comecei com temas não tão conectados com minhas verdadeiras intenções enquanto professora. Ao menos, me dedicava á criação dos texto, sempre em primeira pessoa. Buscar por atividades prontas não parecia fazer sentido para mim, embora observasse que essa foi a escolha da maioria dos e das colegas.

Muitas perguntas borbulhavam em minha cabeça: Em que contexto estariam as famílias? Será que havia um espaço para estudar? Será que o estudo era uma atividade importante nessa nova rotina? Ou na realidade, as prioridades acabavam sendo outras? Que tipo de linguagem poderia alcançar melhor essas famílias? Parece que precisaríamos contar a ajuda dos familiares, mas será que esse apoio era real? Sabíamos que em alguns casos, esses adultos não eram alfabetizados ou estavam em nível de semi-analfabetismo. Recebi algumas mensagens de estudantes dizendo que passaram a trabalhar para ajudar na renda doméstica, já que o

isolamento trouxe também o desemprego. As escolas se tornaram pontos de distribuição de cestas básicas, o que para mim fez muito sentido.

Enquanto ainda apostava em textos de formato PDF, passei por quatro fases antes de me desviar para outras linguagens. Hoje, compreendendo que o texto na realidade é uma linguagem muito mais acessível para a equipe escolar (que precisava de alguma forma “comprovar” ao ministério público que aplicamos conteúdos) do que efetivamente para a aprendizagem estudantil. Porém essa reflexão levou um tempo para se completar, já que não encontrava esse tipo de questionamento entre o corpos docentes do município.

Na primeira fase, eu realmente não pensava muito na continuidade, mas tentava escrever um texto específico para cada ano, e os enviava para as turmas das duas escolas, ou seja, um texto para os sextos, outro para os sétimos, outro para os oitavos e outro para os nonos. Humanamente impossível, como pude constatar, já que qualquer coisa que eu me propunha a escrever acabava ficando complexa. De todo modo, eu já me preocupava em recheiar os textos com imagens que encontrava na internet. Essa primeira fase durou apenas uma semana e está disponível adiante, juntamente com outros textos escritos em pandemia e que se tornaram artefatos dessa jornada. Os temas giraram entre “Educação Emocional”, “Solidão e Solitude”, “Guerra e paz” e “A linguagem do

Improviso”. Hoje, refletindo criticamente, vejo que propunha raciocínios profundos que provavelmente não eram acessíveis às condições de leitura, mas naquele tempo eu não me dava conta.

A segunda fase durou um mês e também não apresentava preocupação com a continuidade. Apenas escolhi temas mais gerais e escrevi um texto por semana que pudesse ser enviado para todas as turmas. Ainda assim, tentava desenvolver diferentes versões do mesmo texto, simplificando algumas palavras e frases para os sextos e sétimos anos. A postei em temáticas de datas importantes naquele período (dia da terra – 22 de abril; dia da dança – 29 de abril) e também outros temas ligados à cidadania como a inclusão de pessoas com deficiência. Ainda assim, tentava apoiar-me em minha própria trajetória, escolhendo falar sobre grupos artísticos que conheci e também, narrando experiências vividas com o Teatro do Oprimido, no último texto da fase.

A partir daí, passei a ser cobrada pelas escolas com relação aos conteúdos. Já estava nítido que a situação se arrastaria pelo tempo. No entanto, observei mais uma vez, que essa cobrança não era com relação à aprendizagem e sim às comprovações de “conteúdo dado” que a Secretaria de Educação teria que apresentar ao ministério público. Aquilo me parecia estranho, estávamos tentando provar que oferecemos uma aprendizagem que na verdade não foi oferecida. Não recebia retorno nem

mesmo de metade dos estudantes na escola João de Barro e menos ainda da Escola Beija Flor, já que lá as famílias teoricamente estavam indo buscar pacotes de papel e teriam que devolver as atividades para correção (eu não tive acesso aos retornos de atividades em nenhum momento).

Então, a terceira fase do trabalho durou dois meses e teve que respeitar uma ordem de continuidade. Confesso que foi a etapa mais dolorosa, pois eu tinha que me apoiar no conteúdo programático elaborado pelo município em 2018 e do qual já havia comentado lá atrás na parte de “Paradoxos curriculares”. Como fazia questão de escrever os textos (em lugar de copiá-los) e por isso, enviava o mesmo texto raiz para todas as turmas, o único remédio parecia ser ensinar os tais “elementos da linguagem visual”, já que esse conteúdo se repetia nos planos das turmas. Lástima! Tudo de novo: cor, ponto, linha, forma, textura, perspectiva. Tentei pensar outros tipos de atividades que não fossem na linguagem do desenho ou do poema (quase sempre recebia mensagens perguntando o que era para fazer). Lá fui eu, mas também não tão dócil, ia enxertando reflexões sobre a nossa miscigenação, as diferentes cores e texturas de cabelos, as fronteiras imaginárias que retalham nosso território... não podia mais fugir do meu verdadeiro propósito, mesmo que fosse receber críticas da equipe pedagógica.

Foi tempo de refletir sobre como o sistema educacional implantado em nosso território invade e coloniza as subjetividades docentes. Em tempos pandêmicos, o trabalho invadiu nosso espaço íntimo. A todo instante chegavam mensagens em nossos telefones pessoais. Horas e horas sentada ao computador, jaula para o corpo. Sentia que estava sendo observada, já não podíamos “fechar a porta da sala de aula”. Tudo estava sendo visto e lido pelas hierarquias, e para quê? Será que o barco estava sendo direcionado para o cumprimento efetivo de nossa tarefa? Ou estávamos forjando dados para safar o governo, apagar as evidências da negligência? Tivemos que emitir notas e pareceres! Mas com base em que tipo de observação? Recebemos orientação de não aplicar notas abaixo da média. Alguns casos realmente contaram com o apoio de adultos para ler o caderno e ajudar a compreender as propostas educacionais, mas se tratavam de famílias mais estáveis (com destaque para filhos e filhas de profissionais da educação). No entanto, penso que a maioria dos estudantes navegou no vazio, a educação naufragou. As engrenagens da máquina ficaram expostas, muitos mecanismos de exclusão puderam ser vistos. Mastigávamos grama como um rebanho. Essa era minha situação e tudo isso desaguou em um texto que me pôs no centro da encruzilhada.

Esse texto se chamava “Aos Velhos Amigos” e foi enviado em julho de 2020. Ali eu tentei apresentar outra proposta didática que expandisse as possibilidades de processos criativos e reduzisse a quantidade de atividades (uma tarefa semanal ninguém conseguia entregar). Partindo de uma reflexão sobre a subjetividade humana e a singularidade de cada ser, propus que de aquele ponto em diante cada estudante deveria me envidar, a cada duas semanas, o registro de um processo criativo que tenha desenvolvido em seu espaço. As temáticas passaram a ser livres, sendo que os temas que me motivavam à escrita do texto se tornaram apenas sugestões. Fiz dessa forma pois já havia compreendido que muitas famílias não conseguiam desenvolver reflexões a partir de textos escritos. Então, considerava que se conseguisse ao menos impulsioná-los à processos criativos, estariam aprendendo pela prática! Daí em diante, entrei em quarta fase, assumindo mais minha identidade e abandonando muitos medos.

Nesse ponto da jornada, eu já havia tido um bom contato com o texto da nova BNCC – Base Nacional Comum Curricular. Ainda que a efetividade desse documento possa ser questionada por grupos de profissionais da educação, observei que minha prática ficava mais bem amparada por ele do que pelo antigo plano municipal. Isso porque ali se faz bastante presente o desenvolvimento de habilidades e competências ligas às

raízes culturais do território e apresenta um módulo de artes integradas. Então, me senti segura para desobedecer um pouco as orientações da secretaria municipal, talvez as hierarquias tivessem outras coisas mais importantes para se reocupar frente a situação que enfrentávamos.

Apresentei, a partir daí, um estudo sobre a vida e a obra de Rosana Paulina, primeira mulher negra a alcançar o título de Doutora em Artes pela Universidade Federal de São Paulo- SP. Esse foi um pretexto para retomar as reflexões sobre o seqüestro do Atlântico. Ainda em busca de fazer uma retomada nos debates de sala de aula, apresentei algumas obras expostas na 12 Bienal do MERCOSUL<sup>18</sup> que em 2020 aconteceu virtualmente com o tema “Femininos”, partindo das desigualdade de gênero. Escolhi particularmente obras que operavam o conceito de feminicídio (dadas as altas tachas de violência contra a mulher em tempos pandêmicos). Falar sobre essa Bienal do MERCOSUL também foi uma forma de mostrar o que está acontecendo agora em nosso território enquanto circuito artístico cultural. Essa proposta, em 2021 se tornou apresentação em formato CANVA, como explicarei mais adiante.

---

<sup>18</sup> A Bienal do MERCOSUL é um evento de arte que se propõe a expor trabalhos de artistas de nosso continente de acordo com a temática de cada edição. Também acontecem

Então, fui desenvolvendo um conteúdo menos óbvio, porém, que se encaixa nas habilidades e competências da BNCC. Uma colega muito querida de Escola Beija Flor lançou para estudantes, um projeto para envio de cartas, como se a escola fosse uma agência de correios. Era tempo de reinventar! Peguei esse mote e escrevi sobre a Arte Postal nos contextos de ditaduras pelo mundo. Também apresentei o trabalho do artista latino americano chamado Alfredo Viveiro e utilizei suas imagens para abrir caminhos a um conteúdo de história da arte: Os impérios Indígenas da América. No entanto, algo aconteceu, mais uma encruzilhada. Enquanto escrevia sobre os Maias, inundei-me de uma profunda frustração. Aquela prática de escrita já não se sustentava! Estava recebendo cada vez menos retornos das atividades, minha intuição dizia que os textos não eram lidos, estava remando sozinha.

Por causa disso, em agosto de 2020 eu enviei áudios sem fim, falando de grupo a grupo na tentativa de contar sobre os vestígios do Império Maia. Irrompeu minha voz! Não estava mais nem aí para o que poderiam pensar. Desconfiava que os textos não podiam ser lidos, pois a alfabetização nunca havia chagado para muitas das famílias daquelas comunidades. Isso abriu espaço e oportunidade para que eu apostasse mais uma vez na oralidade. Intuitivamente, falei em um dos áudios que estaria começando uma série sobre “Civilizações Perdidas da América”, contextualizando que embora os esses

impérios já não existam, suas culturas não estão perdidas necessariamente. Algumas delas enfrentaram, cara a cara, a ganância do colonizador. Como estava em isolamento, pude retomar alguns estudo corporais dos tempos de teatro, estava pronta para investir em outros formatos didáticos.

Encontrei um programa de computador muito simples para edição de áudio que se chama Audacity<sup>19</sup>. A partir disso, comecei a gravar áudios e editá-los para compor aulas em formato de PodCast com direito à efeitos sonoros e fundos musicais. Era um tipo de estudo que libertava os corpos, já que as famílias poderiam ouvir enquanto faziam alguma outra coisa. Pensava que assim as chances de acessos poderiam aumentar. Acompanhar uma linha de raciocínio apresentada oralmente me parecia muito mais natural do que acompanhar uma linha que raciocina em colonizadoras letrinhas miúdas. Assim, veio uma fase mais libertadora para mim. Falei sobre minhas raízes nordestinas (da parte de meus avós paternos), sobre a circularidade ancestral e também da ciranda de Lia. Os áudios, a que me refiro estão disponíveis em meu canal no You Tube pelos links:

**Civilizações Perdidas da América – Incas:**

<https://www.youtube.com/watch?v=fXVqEND2bsk>

**Civilizações Perdidas da América – Astecas:**

---

<sup>19</sup> O programa Audacity pode ser encontrado facilmente na internet, bem como tutoriais de sua utilização.

[https://www.youtube.com/watch?v=5bQhVb3an\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=5bQhVb3an_g)

**F(ar)EJ(ar) - História da Arte:**

[https://www.youtube.com/watch?v=rT7AWC\\_XB0I](https://www.youtube.com/watch?v=rT7AWC_XB0I)

**O brincar no tempo/espço:**

<https://www.youtube.com/watch?v=Vc6XuUyQkRY>

**Circularidade Ancestral:**

<https://www.youtube.com/watch?v=KNiL24uhWC8>

**Conhecendo Lia de Itamaracá:**

<https://www.youtube.com/watch?v=LZ1DhmUxJzo>

Deixei os textos dessas aulas serem cópias, como todos os outros, não estávamos ganhando nada com o esforço da escrita: Selecionei textos da coleção “Por Toda Parte”<sup>20</sup> de livros didático ofertados pela Secretaria de Educação e as copiei para as tabelas do setor pedagógico, resolvido. Na teoria o conteúdo estava no texto, mas na prática estava nos áudios que enviava aos grupos. Mesma lógica para a avaliação: na teoria estávamos avaliando, na prática estávamos inventando notas. Ao final de 2020, essa situação ficou escancarada. Houve uma convocação de reunião, a orientação que recebemos foi a de que deveríamos elaborar provas simples com questões de múltipla escolha e emitir notas, que nunca poderiam estar abaixo da média. Política de zero reprovações. Na Escola Beija Flor, recebi uma planilha com os nomes de quem havia entregado atividades em papel (no entanto não tive

acesso a nenhuma dessas atividades). Fiquei inconformada por ter que elaborar uma prova objetiva, retuquei, argumentei até receber autorização para elaborar provas discursivas. Precisava visualizar melhor a defasagem na alfabetização das comunidades. Na Escola João de Barro, onde um número maior de famílias possuía acesso à internet, recebi uma enxurrada de provas com respostas copiadas, todas iguais. Já na Escola Beija Flor, onde as famílias buscavam o pacote de papéis, a maioria das provas veio em branco ou com respostas incompletas. Para mim, aquela situação foi desoladora: As turmas não apresentavam condições de ler e interpretar essa educação textual que estávamos oferecendo, no entanto, tudo estava contando nos documentos oficiais como “efetivo trabalho pedagógico”. Considerando que a educação é um direito humano subjetivo, a postura da máquina pública não te parece um crime?

Em 2021, apostei em um formato mais visual, tentando dialogar por imagens. Através de um site chamado CANVA, consegui elaborar documentos mais lúdicos. Não restava dúvida: em tempos pandêmicos, ser professora ou professor, na realidade significava ser produtor de conteúdo. Com o CANVA, retomei algumas temáticas do ano anterior como revisão, e fui surpreendida por uma notícia: voltaríamos à escola com os estudantes que assim preferissem! Docentes atenderiam tanto na modalidade presencial quanto na modalidade híbrida (sim,

---

<sup>20</sup> Utilizei a publicação “Por Toda Parte – Sétimo Ano”, Segunda edição, 2018.

o dobro do trabalho). A prefeitura lançou um decreto reabrindo as escolas no início de 2021, porém não chegamos à 15 dias de encontros presenciais e os casos de COVID-19 dispararam, o que nos forçou a retornar ao ensino remoto.

Em Maio de 2021, a derradeira encruzilhada. Durante todo o período do isolamento, estando em casa, pude desenvolver rotinas orientadas por outras dinâmicas. Dessa forma, meu corpo esteve mais livre para alongamentos, partituras de movimento, canções e vibrações sonoras. O espaço para minha porção artística se ampliou. Apesar das milhares de mensagens em meu celular, eu podia desligar o aparelho e ouvir a voz do corpo. São encruzilhadas existenciais, que podem nos levar à redimensionar a jornada. Por vezes me entristeci ao ver de minha janela, aviões borrifando agrotóxicos nos campos. Aconteceu inclusive um ataque de nuvens de gafanhotos em minha região naquele período. O corpo do planeta Terra dava seus sinais? A reclusão causou-me um efeito fantástico, pois começaram a nascer raízes, e depois galhos, uma transformação estranha parecia estar em curso. Sentia que estava fora do lugar, como se não houvesse espaço para mim ali naquela cidade. Sonífera ilha. Levantei meus olhos para os montes e vi a floresta brilhar. Meu coração amefricano chamava para uma travessia de morte e renascimento. Para tanto, eu

precisaria deixar o cenário do campo dessa pesquisa e alçar vôos aos picos da Mata Atlântica.

As fotos de atividades que consegui receber pelo celular foram compiladas em um vídeo que ficou chamado de **Portfólio - Memórias Pandêmicas** Portifólio que está disponível pelo link:

**Portfólio - Memórias Pandêmicas:**

<https://www.youtube.com/watch?v=4AcnliRB1Ec>

No meu canal estão todos os vídeos que se configuram como produtos a/r/tográficos dessa pesquisa. Neste mesmo volume também pode ser encontrado o portfólio realizado pelas comunidades no ano de 2019, em período presencial, que ficou chamado “Portfólio Coletivo – Identidade e Pertencimento”, que apresenta os vestígios a/r/tográficos de nossa jornada. Também estão neste volume uma pequena apostila com textos que escrevi às comunidades durante o período de isolamento social. Aos fins de maio de 2021, desliguei-me do cargo de professora de artes no município secretos, despedindo-me das turmas via áudio nos grupos de WhatsApp (ainda não haviam retornado as aulas presenciais). Comigo não levei nenhuma autorização de imagem, por isso as identidades dos e das menores está protegida nas fotos presentes neste ensaio A/r/tográfico.

**Reflexões finais:**

O presente ensaio a/r/tográfico configura o produto educacional gerado pela pesquisa F(AR)EJ(AR) IDENTIDADES – A ARTE DE MULTIPLICAR MEMÓRIAS: HERANÇAS CULTURAIS DAS RAÍZES AFRICANAS E AMERÍNDIAS NO CHÃO DA ESCOLA, realizada entre 2019 e 2023 através do Programa de Pós Graduação Ciências e Tecnologias da Educação, na linha de pesquisa de formação de professores em nível de Mestrado Profissional no IF-Sul Campus Visconde da Graça. Além deste volume, alguns vídeos presentes em minha página o You Tube também fazem parte do produto em questão, além de duas play lists com indicações de vídeos de estudo. Na dissertação existem mais informações com relação à minha trajetória acadêmica na Universidade de Brasília - UnB e também na UFPel – Universidade Federal de Pelotas, como participante do projeto TOCO- Teatro do Oprimido na comunidade.

A a/r/tografia é uma proposta metodológica através da qual pude me apresentar enquanto professora/artista/pesquisadora e narrar uma jornada mítica em busca de multiplicar memórias de nossas raízes ancestrais em duas escolas de uma cidade secreta. Estudantes de turmas dos anos finais (sexto ao nono anos) das escolas Beija Flor e João de Barro foram co-autores dessa história. Uma narrativa circular foi se construindo a partir dos vestígios de nossas práticas em arte-educação.

No decorrer de todo o caminho, desde minha chegada à cidade, até a finalização do presente trabalho, vivi inquietantes aprendizados com relação à dinâmica escolar em nosso território. Tive mostras do quanto a colonização cultural nos levou à uma educação tecida com bases em apagamentos históricos, opressões e

silenciamentos. Acredito que a elaboração da narrativa dessa jornada marque o florescer dessa professora/artista/pesquisadora, enquanto uma identidade decente enraizada nas memórias ancestrais que se manifesta no chão da escola através dos saberes e memórias do corpo. Mais uma vez, levo-me pela força do caminho, cruzando encruzilhadas e irrompendo a travessia do rio da vida. Aprendendo a ensinar e ensinando a aprender.

A pretensão não era apresentar uma seqüência didática para que outras professoras e professores pudessem aplicar, mas sim, inspirar profissionais a enraizarem suas próprias identidades e trilhar seus próprios caminhos, multiplicando as memórias dos povos africanos. Práticas de educação antirracistas podem assumir um viés de afirmação de identidades e transferência de memórias das raízes indígenas e africanas em nosso território. Espero que este estudo seja de valia para aqueles ou aquelas que busquem trabalhar essa temática dentro e fora da sala de aula mas, principalmente para que possamos repensar nosso lugar histórico-social.

Levo comigo muitas memórias. Considero que essas comunidades foram as que efetivamente me tornaram professora. Agradeço profundamente por esses encontros transformadores.

### **Bibliografia:**

BOAL, Augusto. **Jogos Para Atores e Não Atores**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008

**COLASANTI, Marina. A moça tecelã. São Paulo: Global, 2004. CIPINIUK, Alberto.**

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe.** São Paulo, Boitempo Editorial, 2016.

**Ferrari, Solange [ET AL]. Por Toda Parte: Sétimo Ano: Ensino Fundamental: Anos Finais. São Paulo: FTD, 2018.**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância,** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 2013, 399 páginas.

GONZALES, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade.** In. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. n. 92/93 (jan/junho). 1988 b, p. 69-82.

KAYAPÓ, Édson. BRITO, Tamires. **A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?** In: Ciacó, Vol. 5, número 35, p. 38 – 68, Julho a Dezembro de 2014. Dossiê histórias Indígenas.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil;** Pesquisa e organização Rita Carelli. – 1 edição – São Paulo: Companhia das letras: 2020.

**Leão, Raimundo. Orum Ayê – Um mito africano da criação. Ilustrações de Adrés Sandoval. São Paulo: Scipione, 2014.**

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990).** – São Paulo: Paulinas, 2012. (Coleção Educação em Foco, Série Educação, história e cultura).

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais – O fichário de Viola Spolin** [tradução Ingrid Dormien Koudela] São Paulo: Perspectiva, 2008

**TEMPASS, Mártin César. A doce cosmologia Mbyá-Guarani: uma etnografia de saberes e sabores. Curitiba: Appris, 2012.**



Pré-Isolamento  
Identidade e  
Pertencimento

♥ COLET O ♥

2019 E 2020 - DE QUE  
TRAJETOS VÍNHAMOS?



# OLÁ!



Somos  
estudantes de  
duas escolas no  
no mesmo  
município.  
(5º ao 9º anos)



Entre 2019 e 2020  
[Pré-isolamento]  
colorimos a vida  
através de projetos  
artísticos com a  
Professora Zoé.



AMÉ  
FRICA

Exposição  
De Arte

Arte a  
ca  
e r

Teatro em  
espaço  
escolar



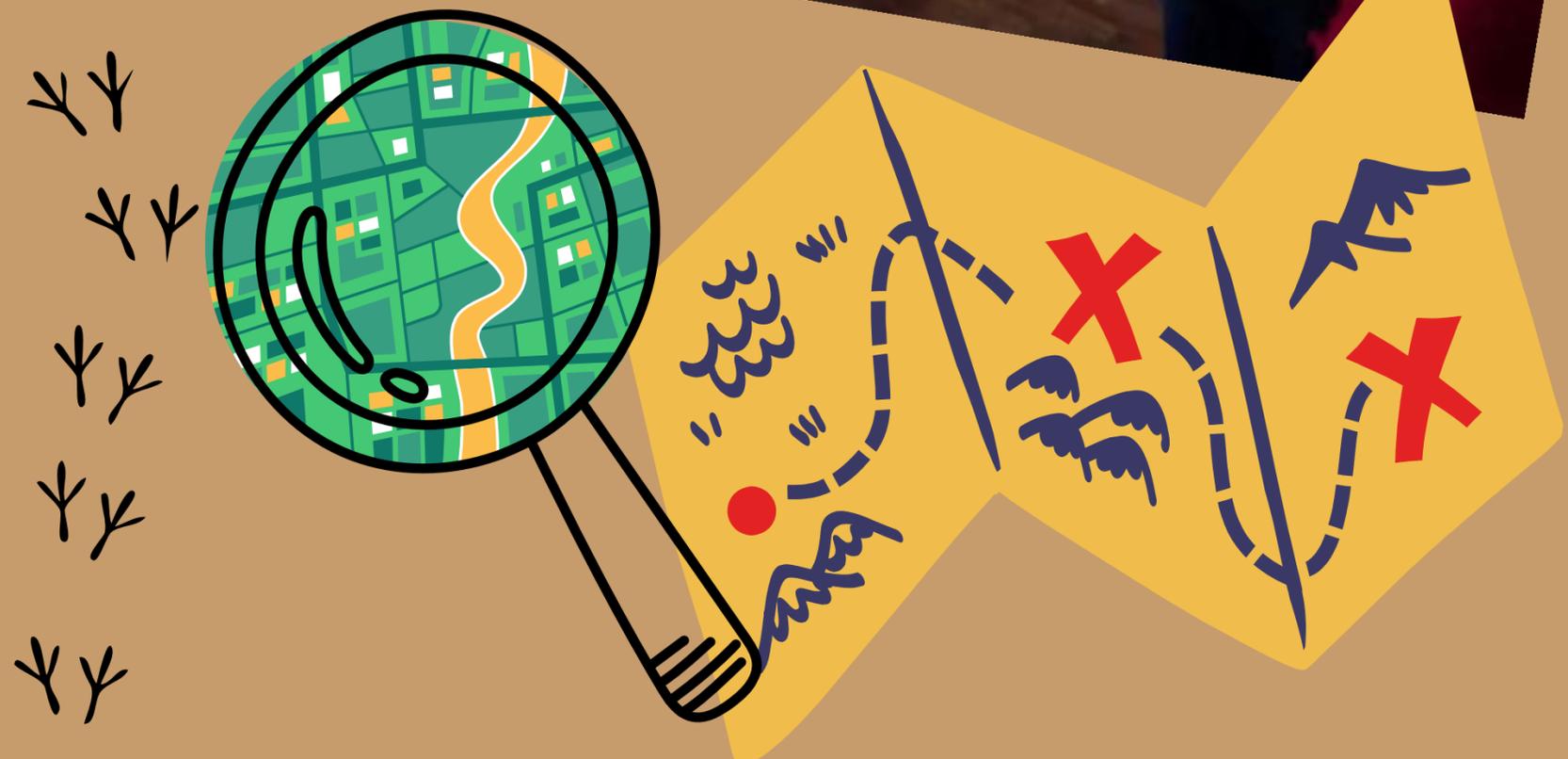
Um  
Grada-chuva  
cobre nossos  
projetos de  
Arte  
Educação!

s u  
cas e

a e a  
a a



Este **Portifólio** <sup>YY</sup>  
faz parte do <sup>YY</sup>  
conjunto de <sup>YY</sup>  
**vestígios colhidos** <sup>YY</sup>  
em nossa **jornada** <sup>YY</sup>  
de busca por <sup>YY</sup>  
*Identidade e*  
*Pertencimento*  
cultural dentro da  
**escola.** <sup>YY</sup>



YY  
YY  
YY  
YY  
YY  
YY





MA SCA  
EM T S ATOS

r e u es re  
erra a a ara

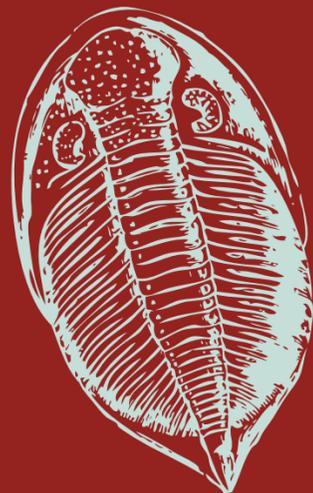
u ura u ar

r ca

A arte sempre esteve presente na história da Humanidade... Mas, de qual humanidade?

Começamos nossa jornada observando as artes rupestres presentes na Cerra da Capivara (um dos maiores sítios arqueológicos do Brasil).

Esse cenário remonta culturas originárias de nosso atual território.





**RTE**  
**PESTRE**  
Dr. Jacques

★

★





RTE  
PESTRE

ASAP











**RTE  
PESTRE**





**RTE**  
**PESTRE**  
Dr. Jacques

★



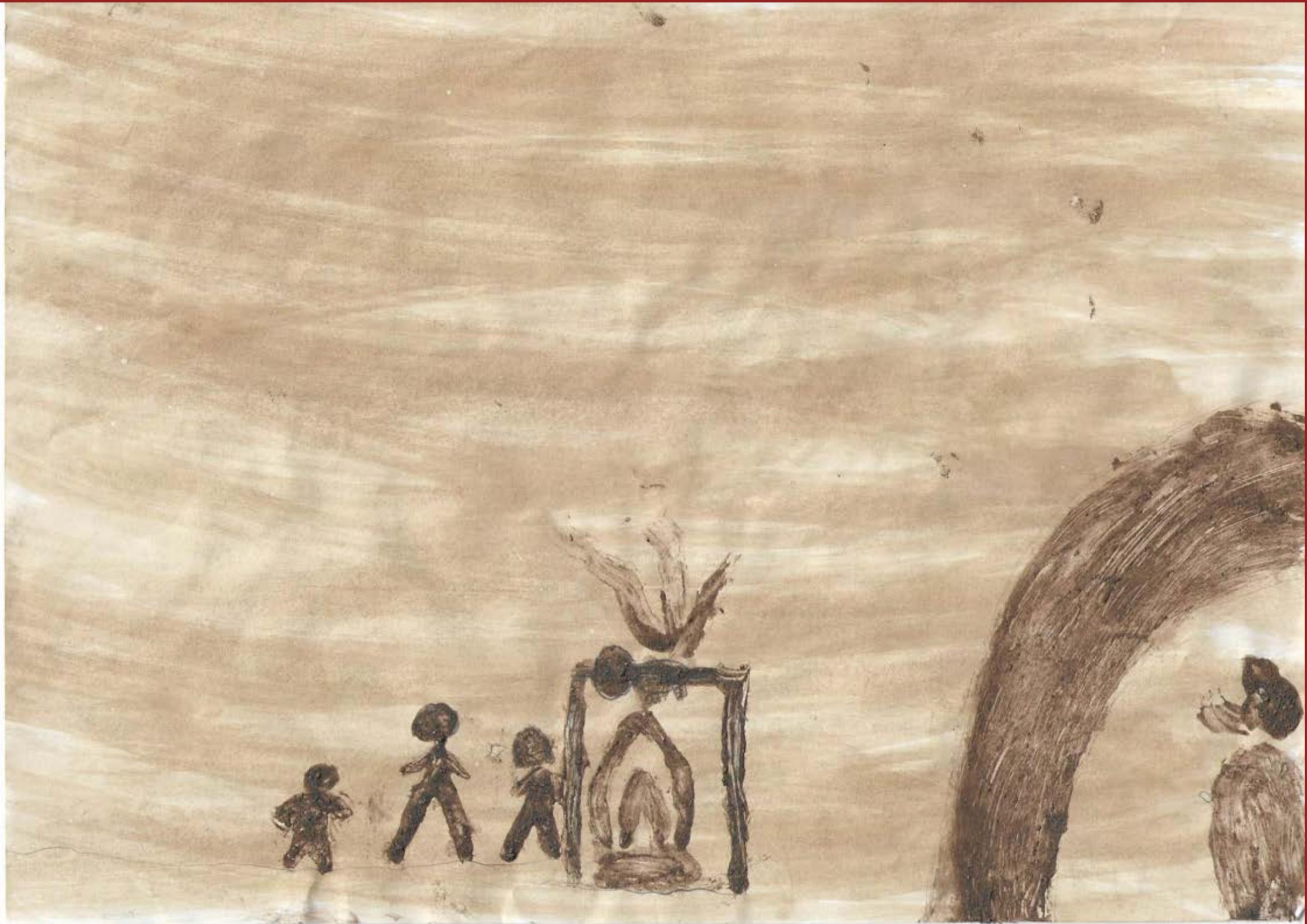
YASMINA

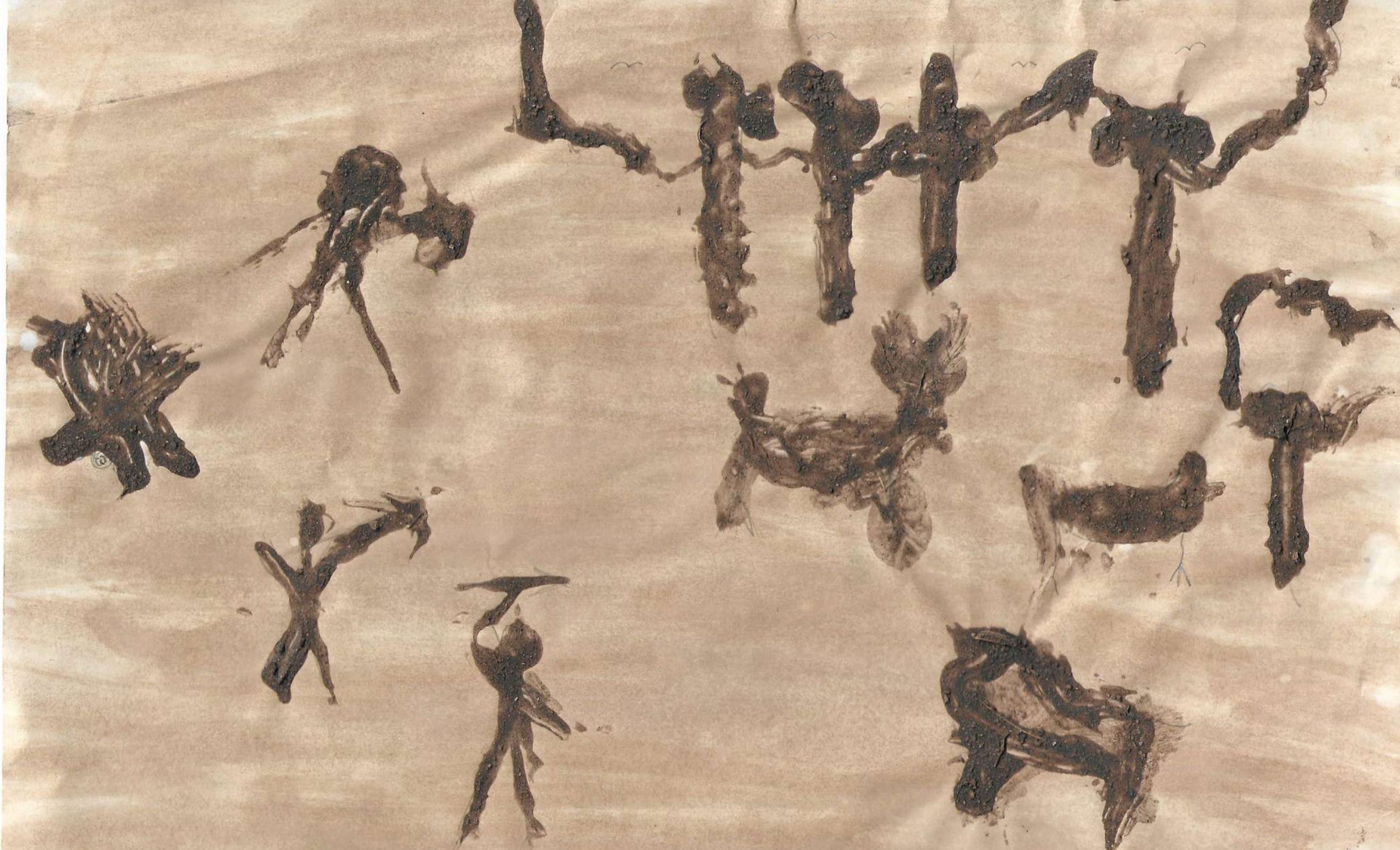


Wendel

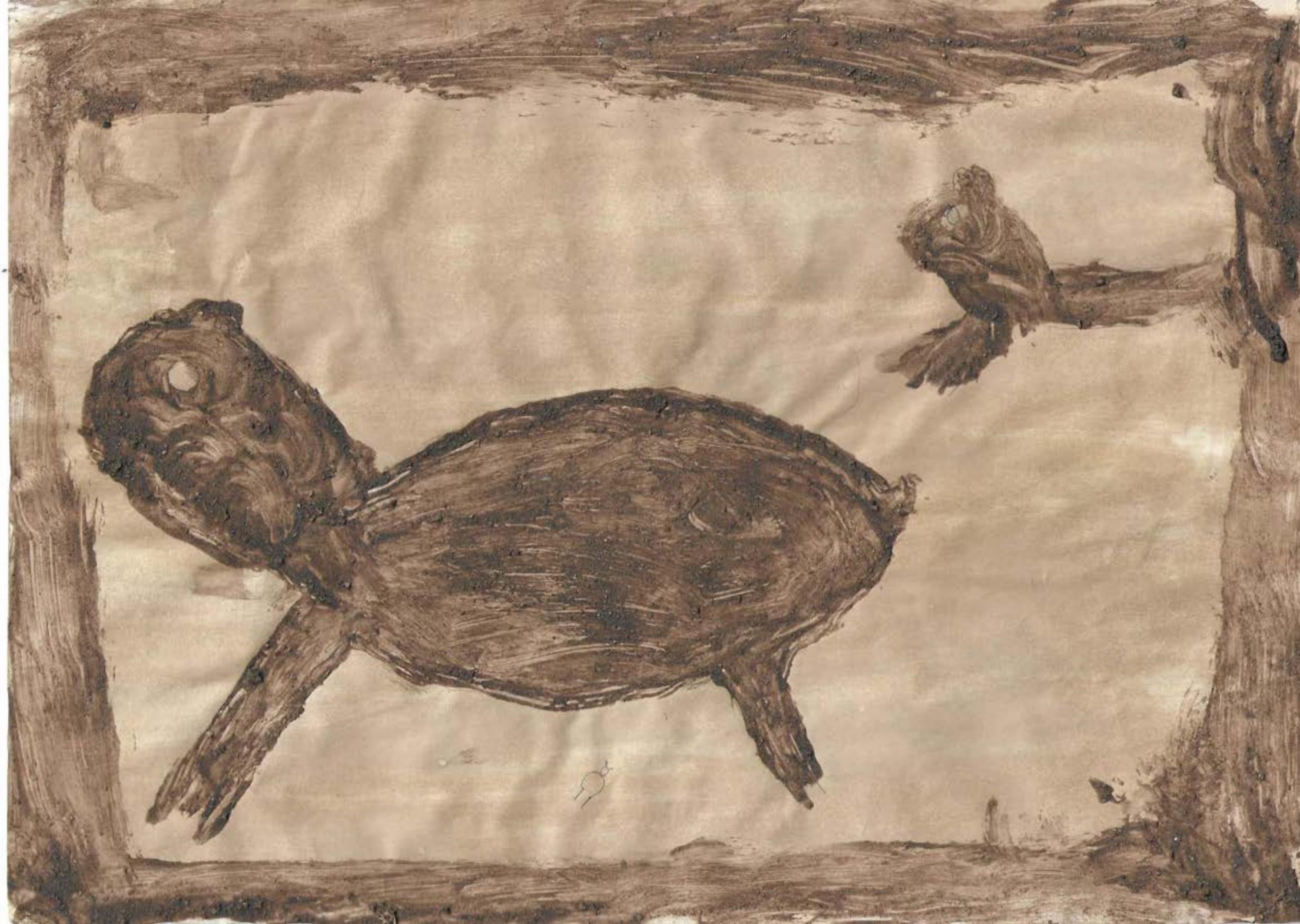


Nicola





Marcello  
Firmo



**LT RA**  
**OP LAR**  
**& Tradições**



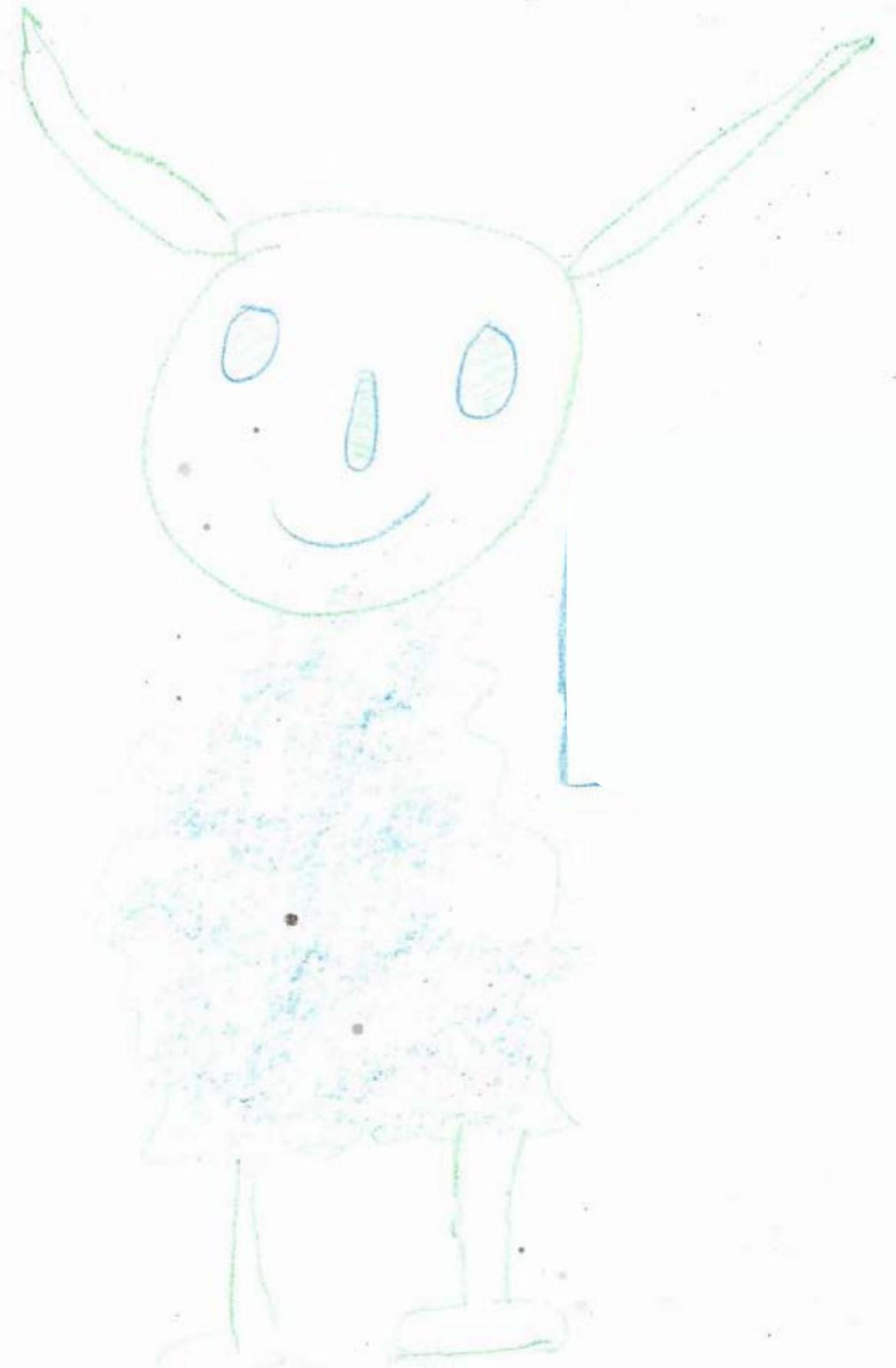
**Algo diferente**  
**de**



**u ura**  
**e**  
**assa**

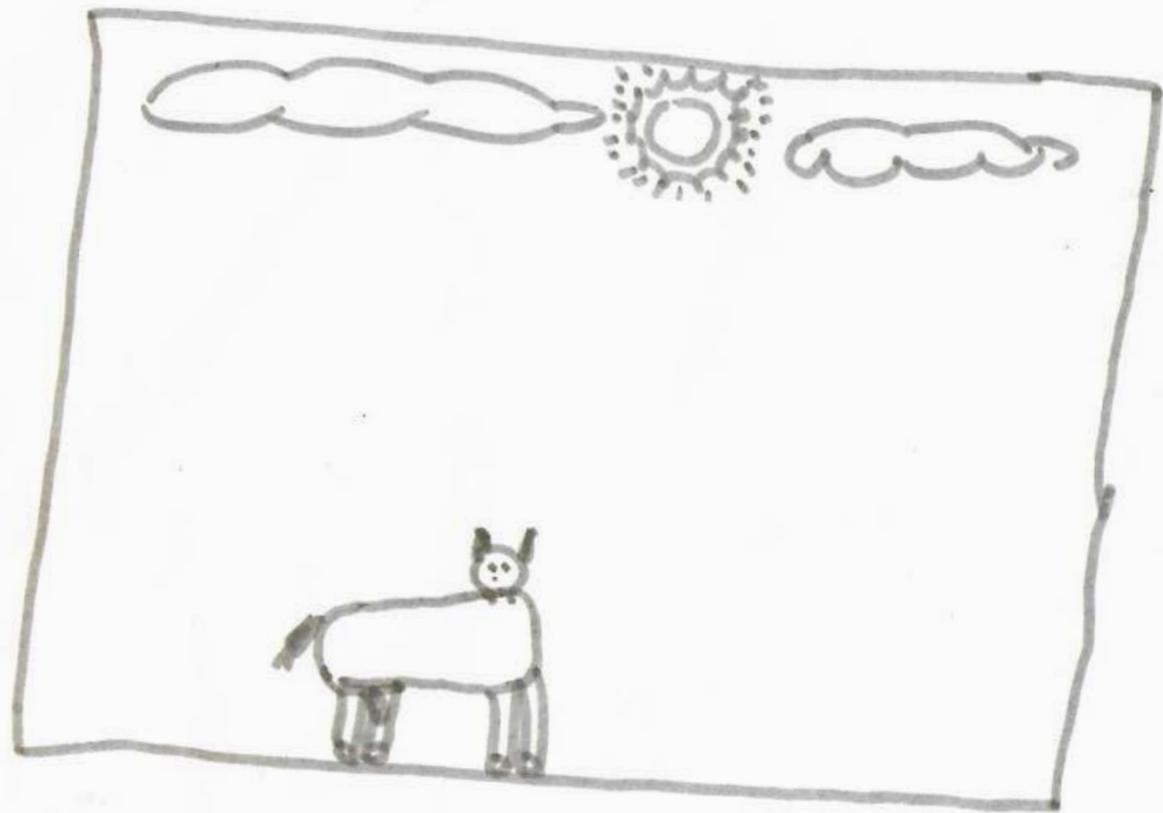


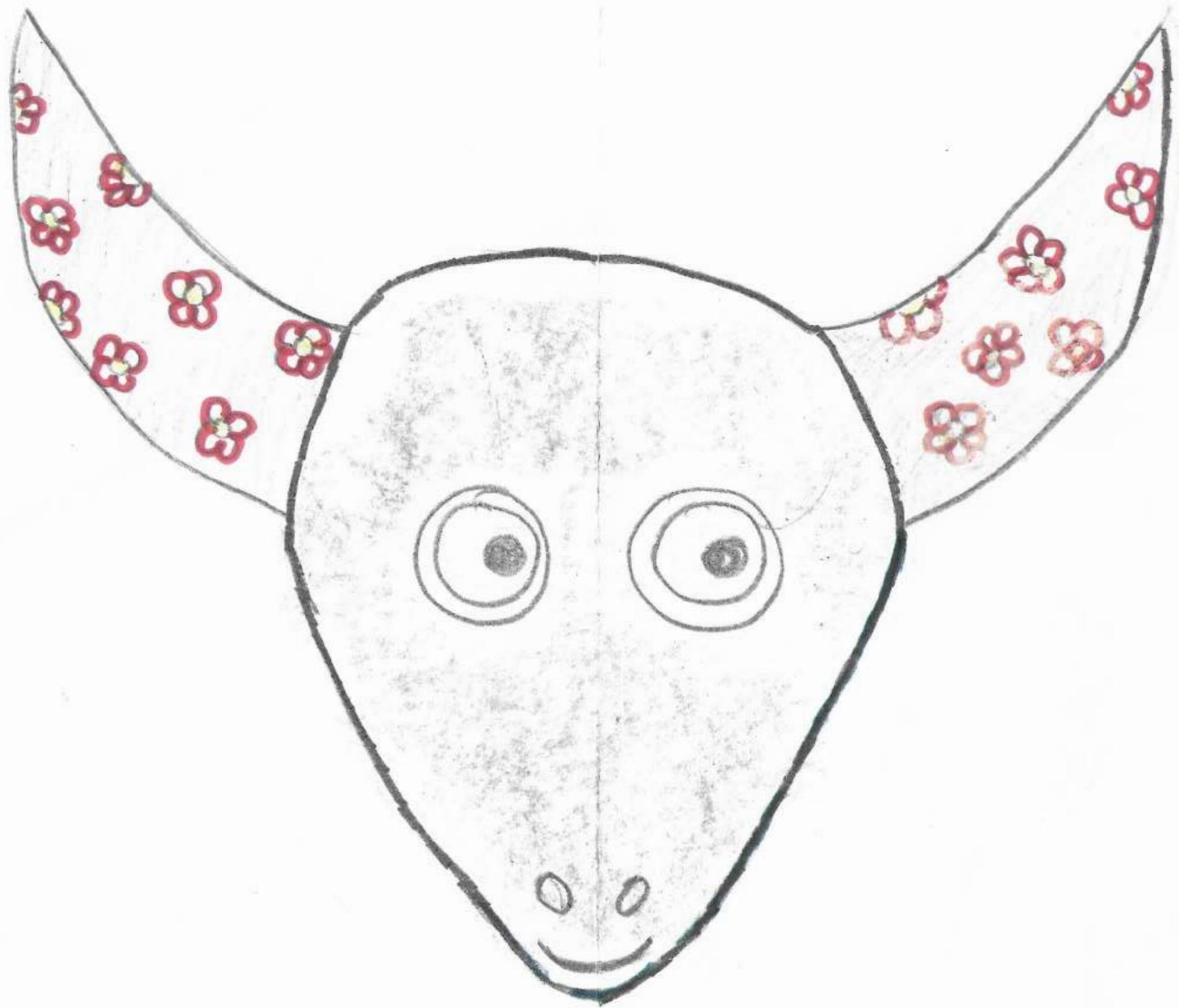












Cultura Popular

Churrasco.

Música.

Comidas.

Clima  
Dança

Aferma  
de  
Vestir.

Ferme  
de  
Linguagem.







# Oficina de Crochê

Saberes ancestrais dentro da escola!



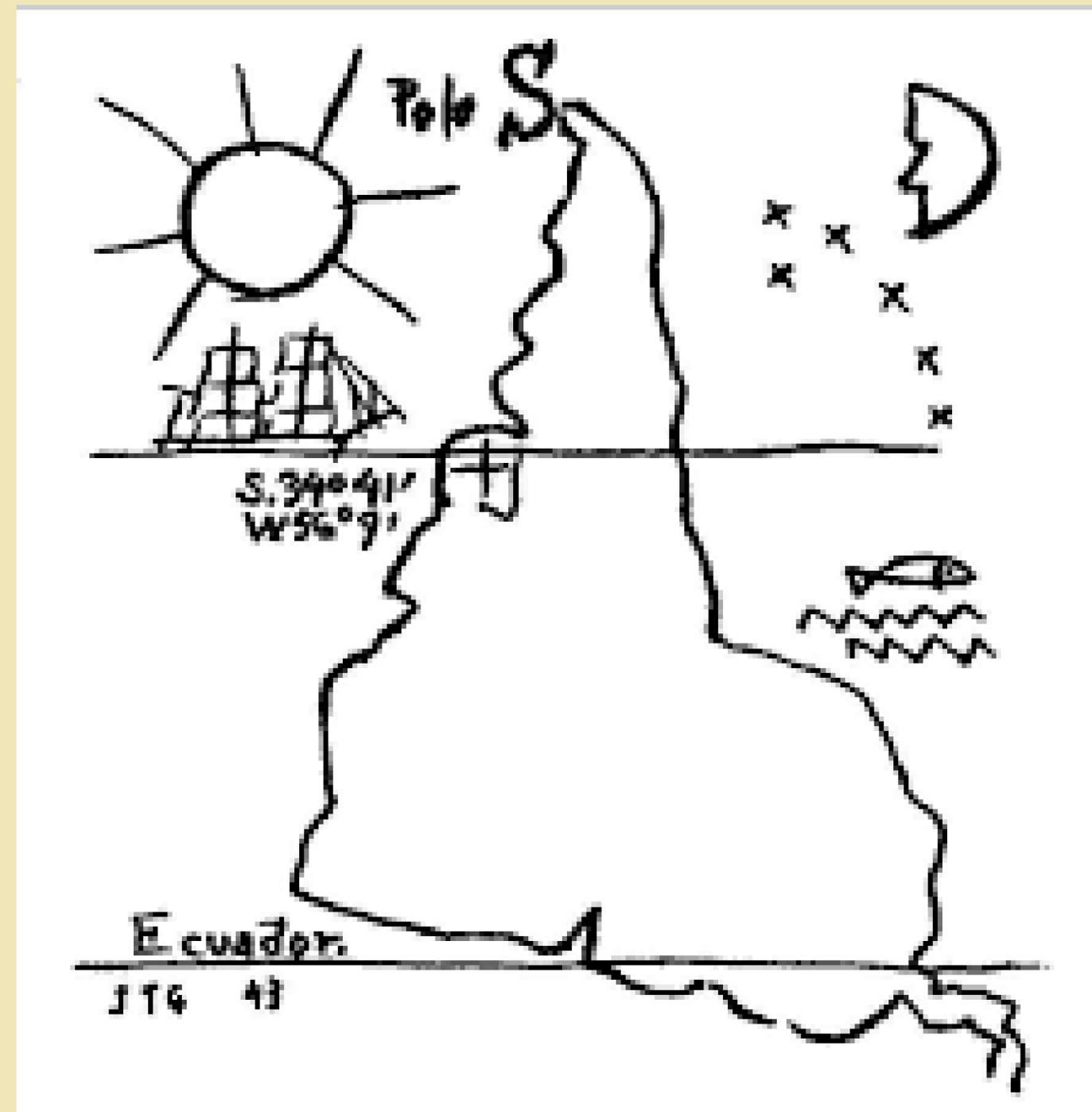
9º Ano

# AMERICA LANDINA

De  
América



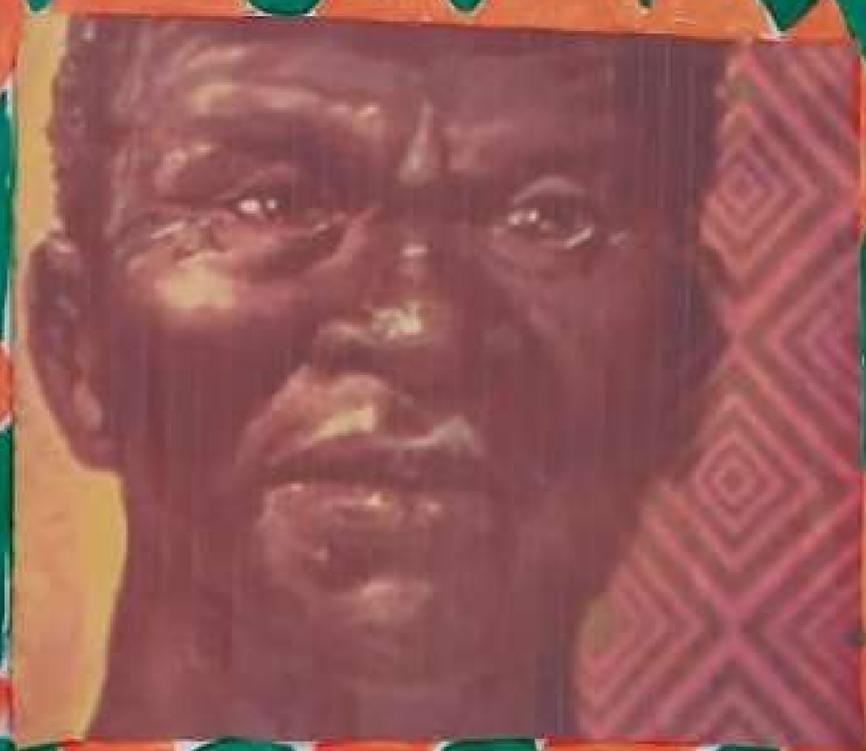
De  
África



Um estudo sobre Pertencimento -  
Construindo uma identidade Afroamericana!



A M E  
ARA  
8º Ano



8º Ano Prof. ZOE

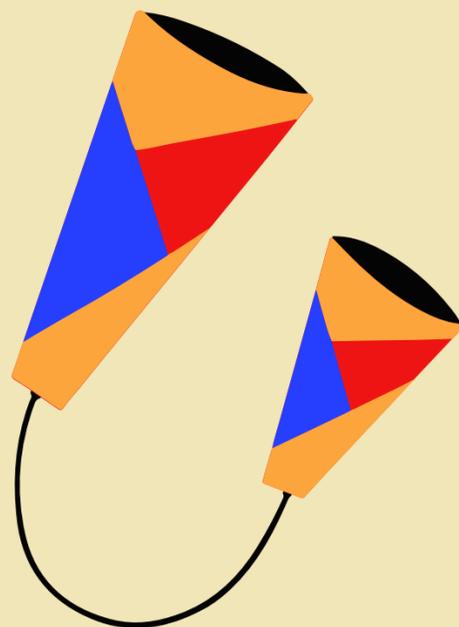
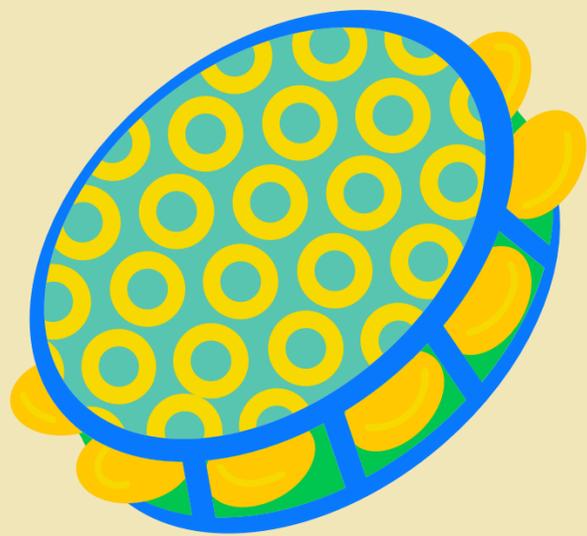
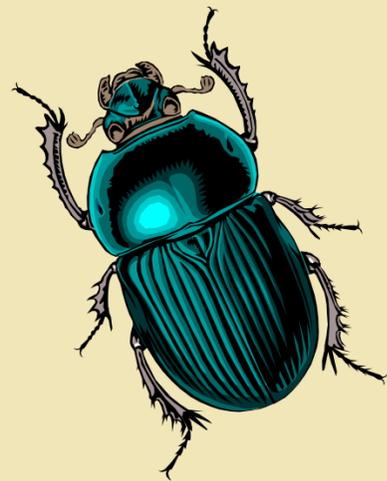
# PRODUÇÃO DE ABAYOMIS!



São Miguel



# Homenagem ao Mestre Bezouro



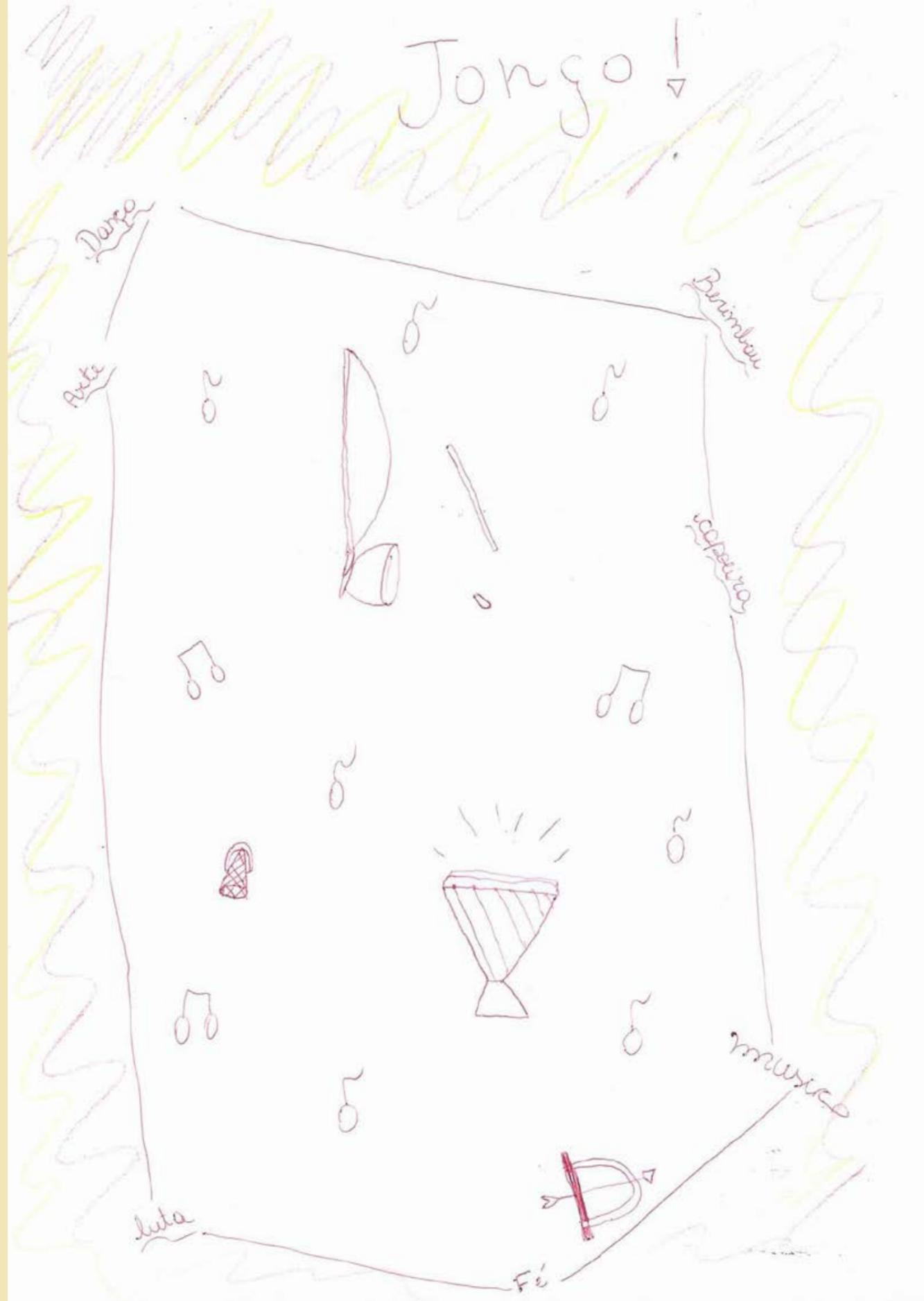


OME A EM  
AO ESO RO

capoeira

carimbo

canção



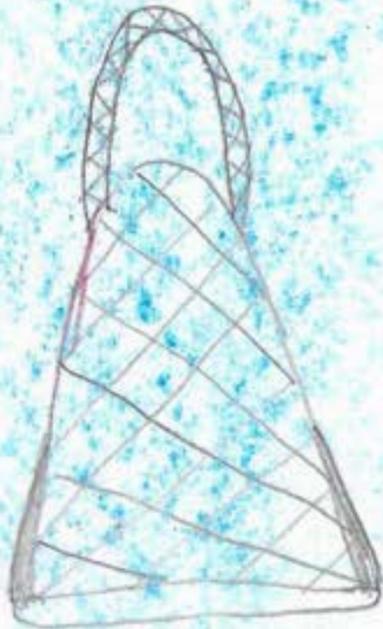
Budimbau

↳ Capoeira

Sou ~~RO~~



↳ Auto defesa

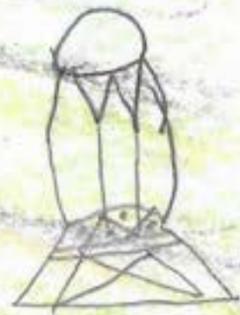


↳ CAIXI



Auto Defexo!

Berimbold!



Corici!



Donggo!

ARTISTE HOGOS!

ARTE É TUDO



um ~~YAY~~

PROF. ARTES  
ZOE



JONGO





**OME A EM**  
**AO ESO RO**

★

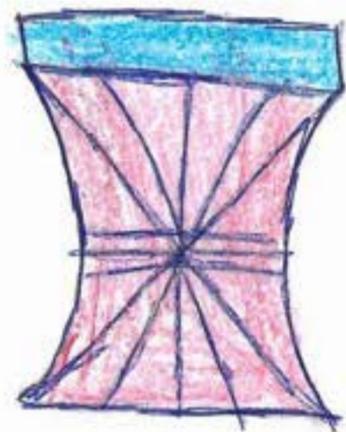
★

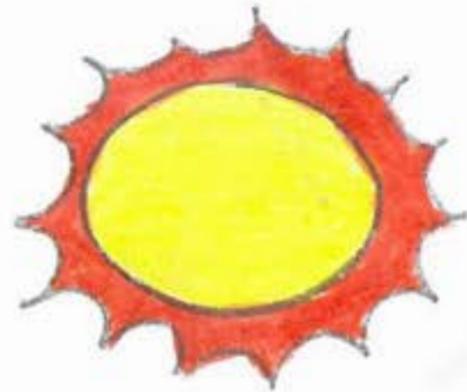
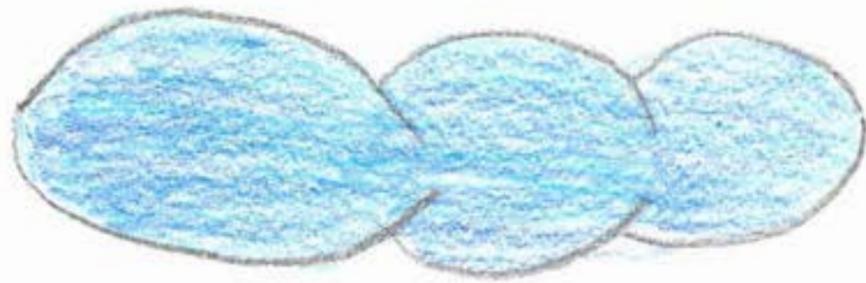
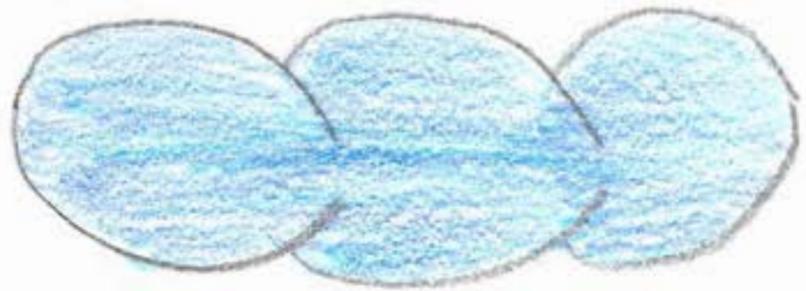


# No Balanço do Jongo

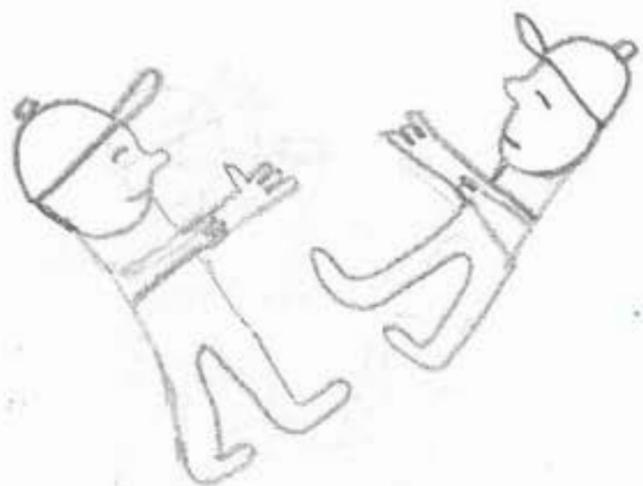


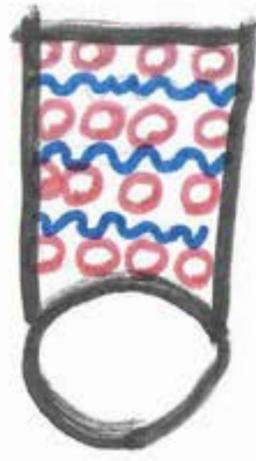
JONGO  
E  
CAPOEIRA





SOMOS LIVRES!

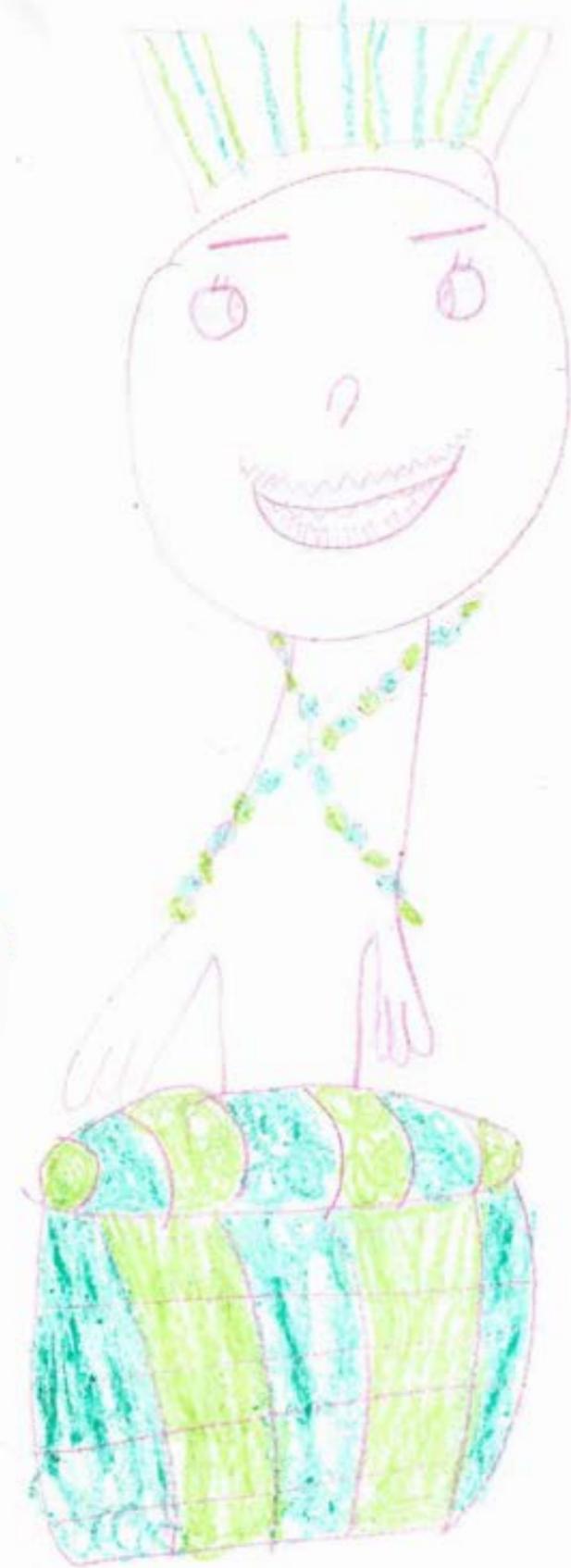




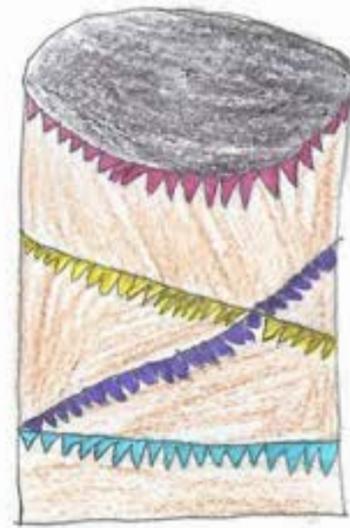
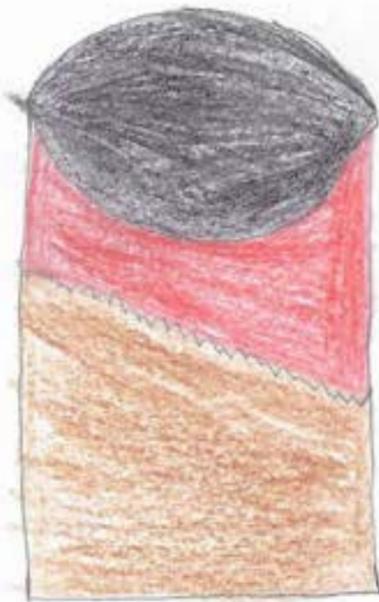
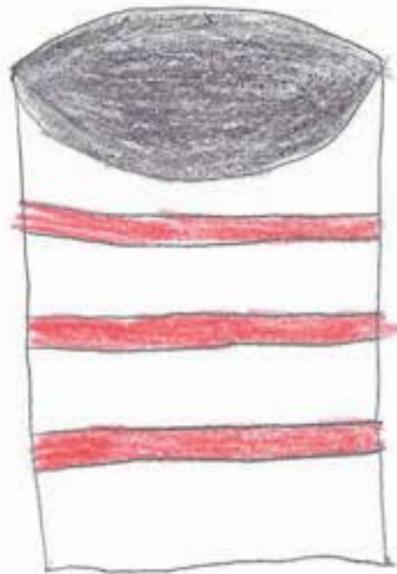
JONGO





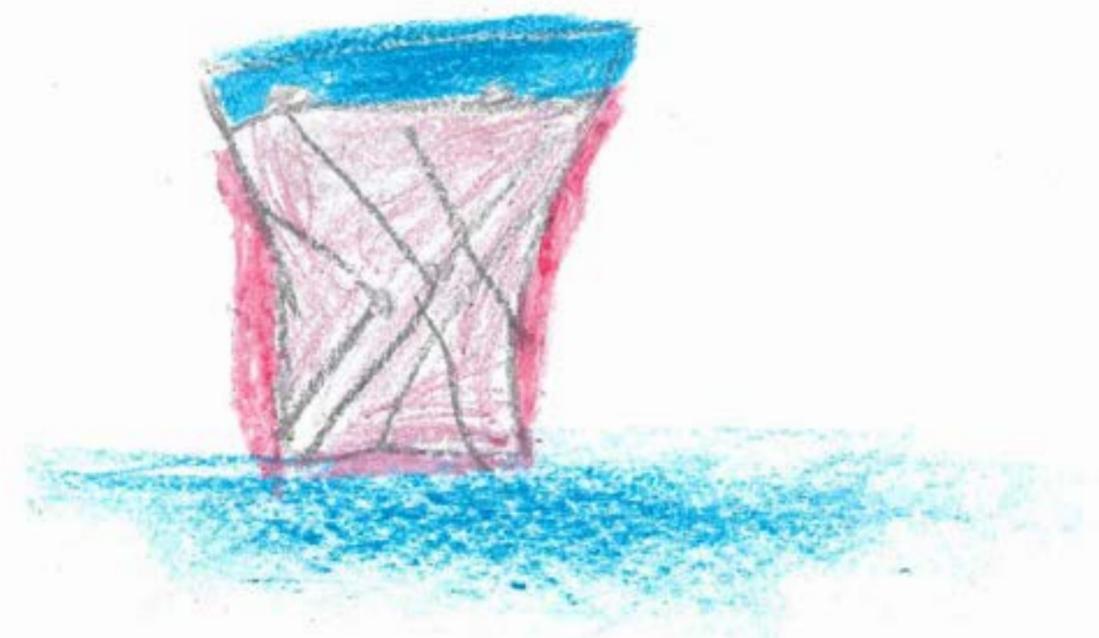


# JONGO





JONGO



MAIS IGUALDADE



CONTRA O RACISMO  
MENOS INJURIA RACIAL

HOJE SOMOS LIVRES



LIBERDADE

# **Encontro de Valorização da Memória Afro-brasileira**

20 de Novembro 6 de dezembro de 2019





# OFICINA DE CAPOEIRA



Com **Sabiá** e **Lagartixa**  
- Capoeira Terra  
- Projeto PEPEU





Giramos  
na  
ciranda  
ancestral!



# Apresentação Teatral



**" Saudade da Mãe ÁFRICA "**



# Oficina de Percussão

**O SAMBA QUE  
ME HABITA!**



# De América

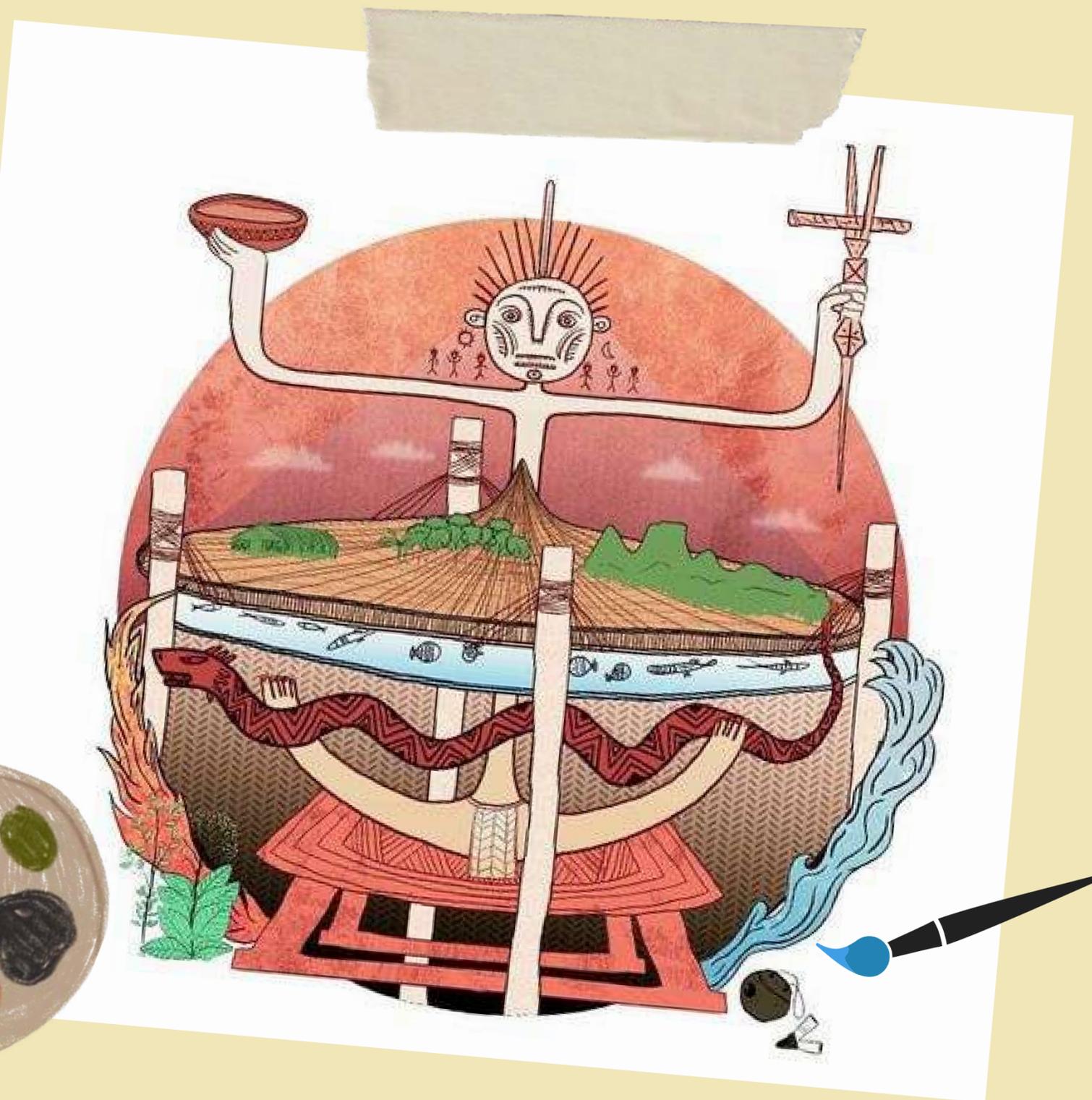
# 5º Ano

# 6º Ano

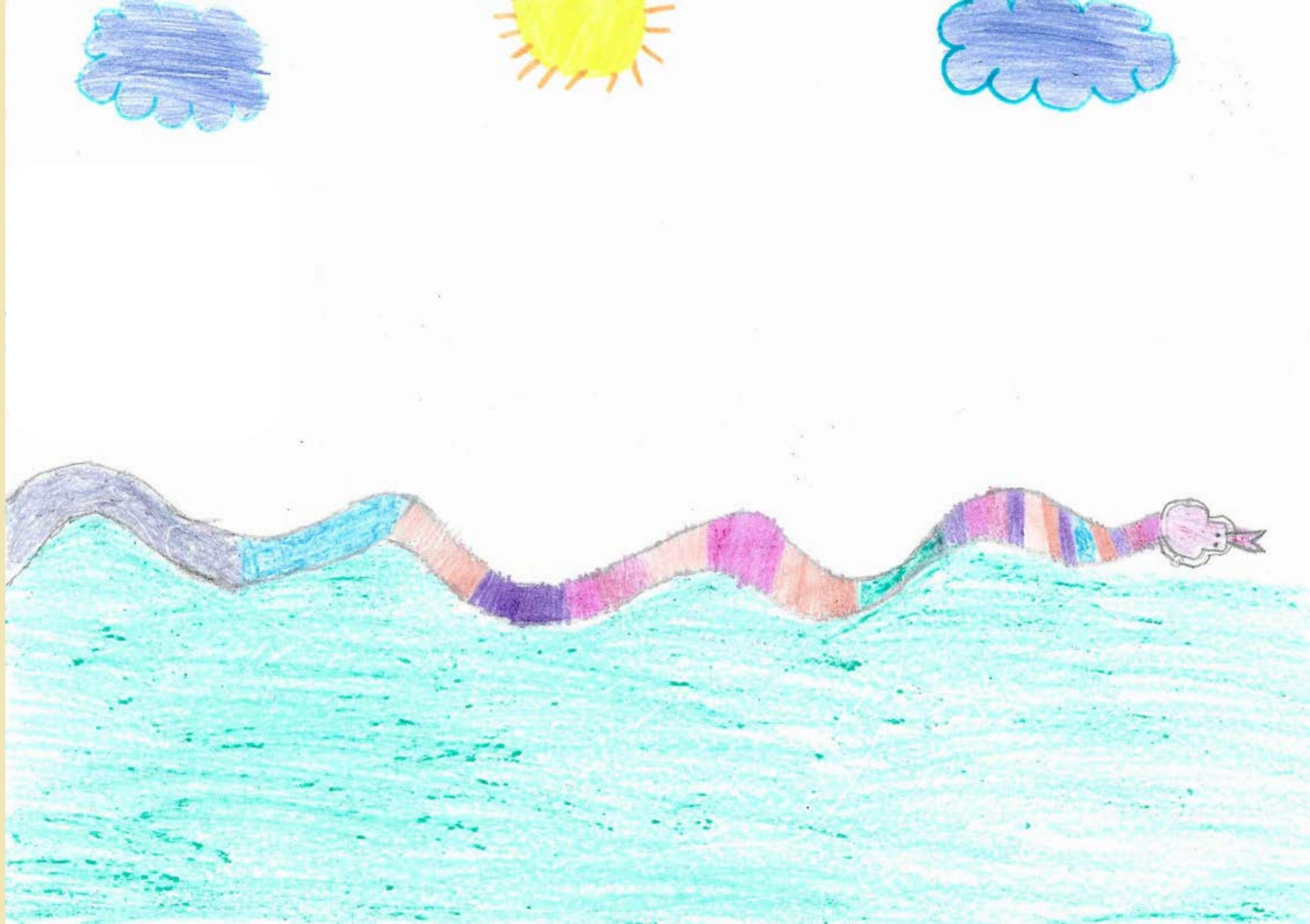
- Serpentes da Floresta
- Grafismos Indígenas
- Artesanatos Indígenas
- O mundo da Floresta

# 8º Ano

- Os Povos Indígenas
- São as Cobras



# 5º Ano  
Dr. Jacques  
Serpentes  
da Floresta



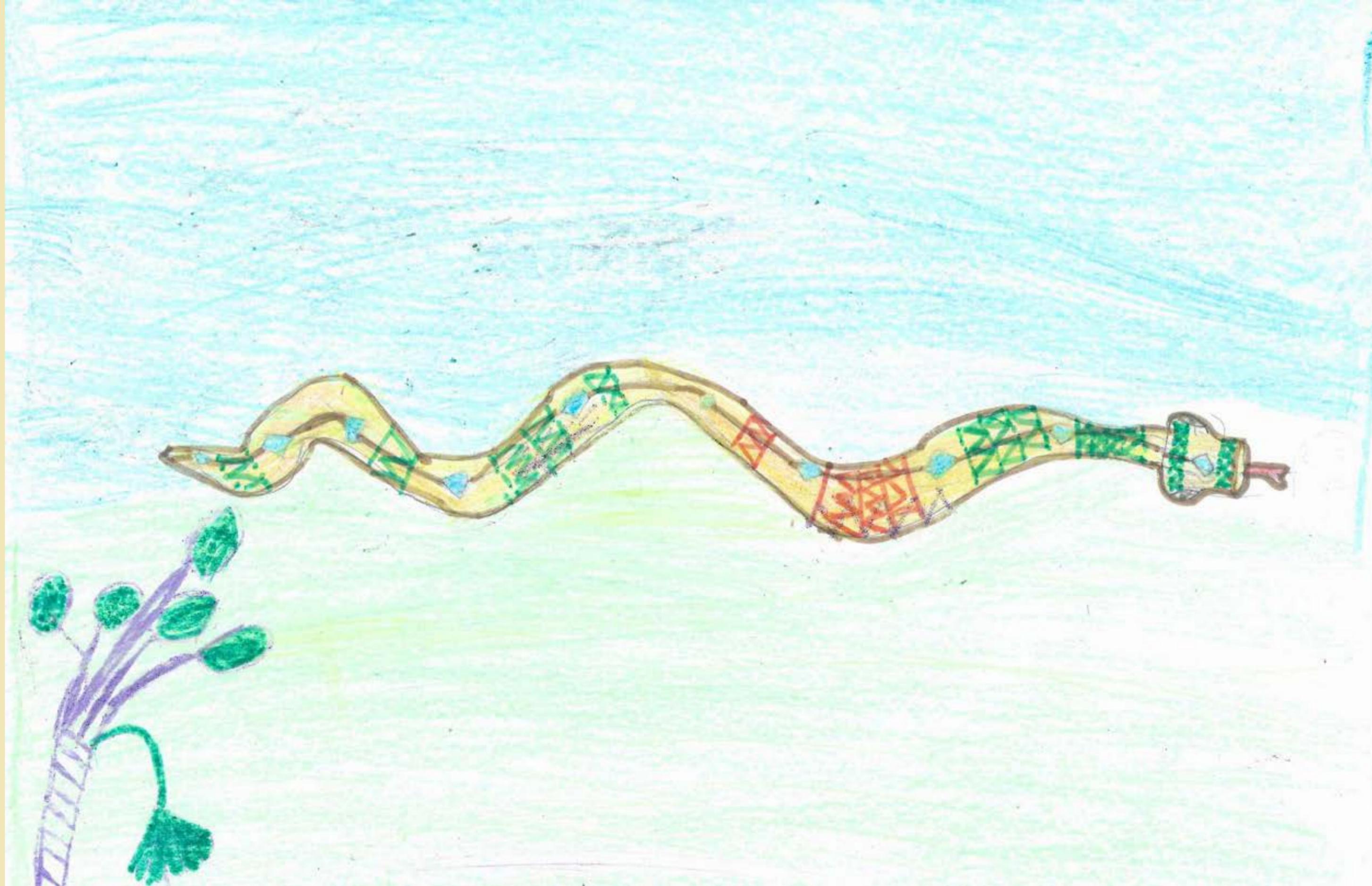
HUNI-KUIN





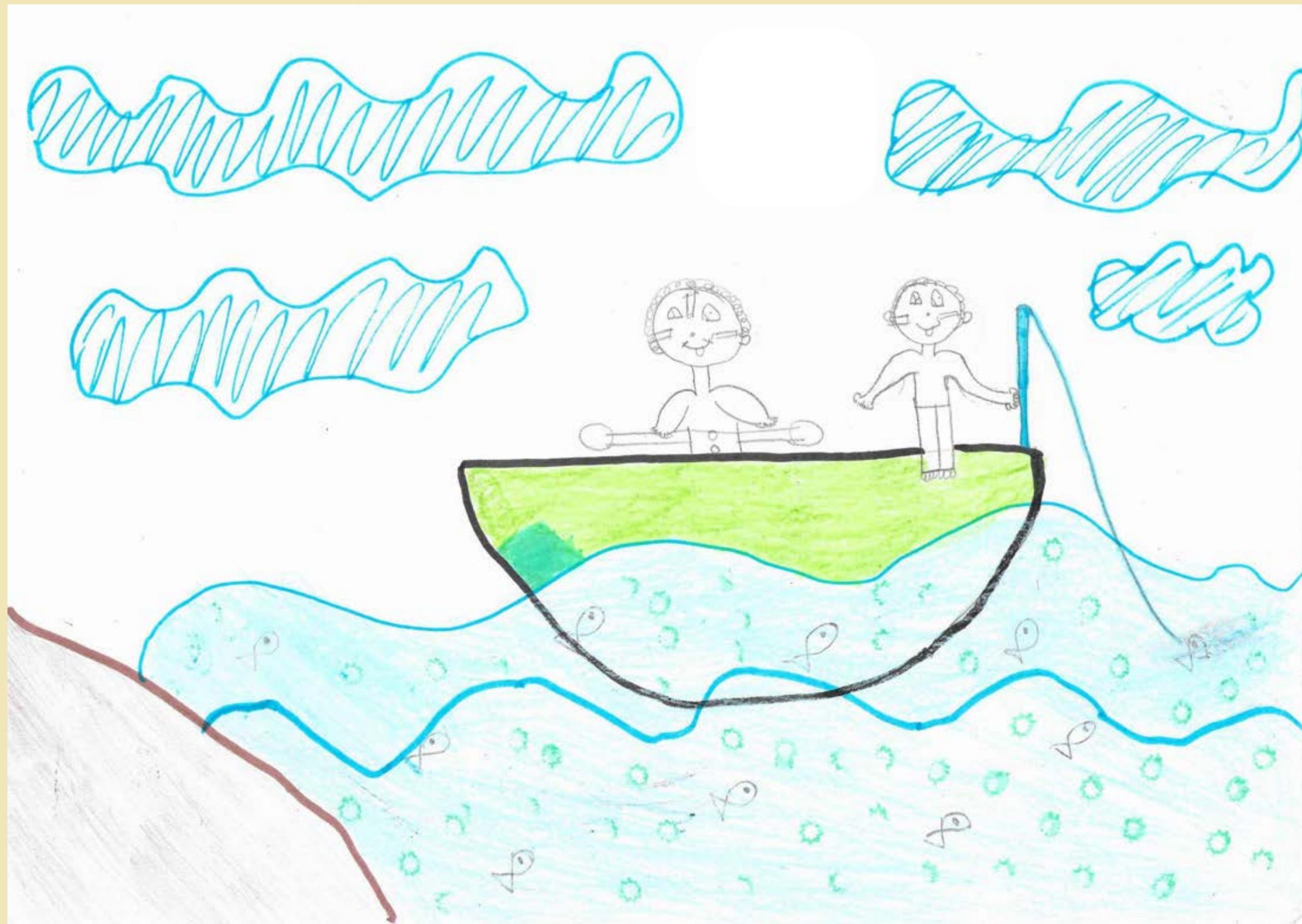




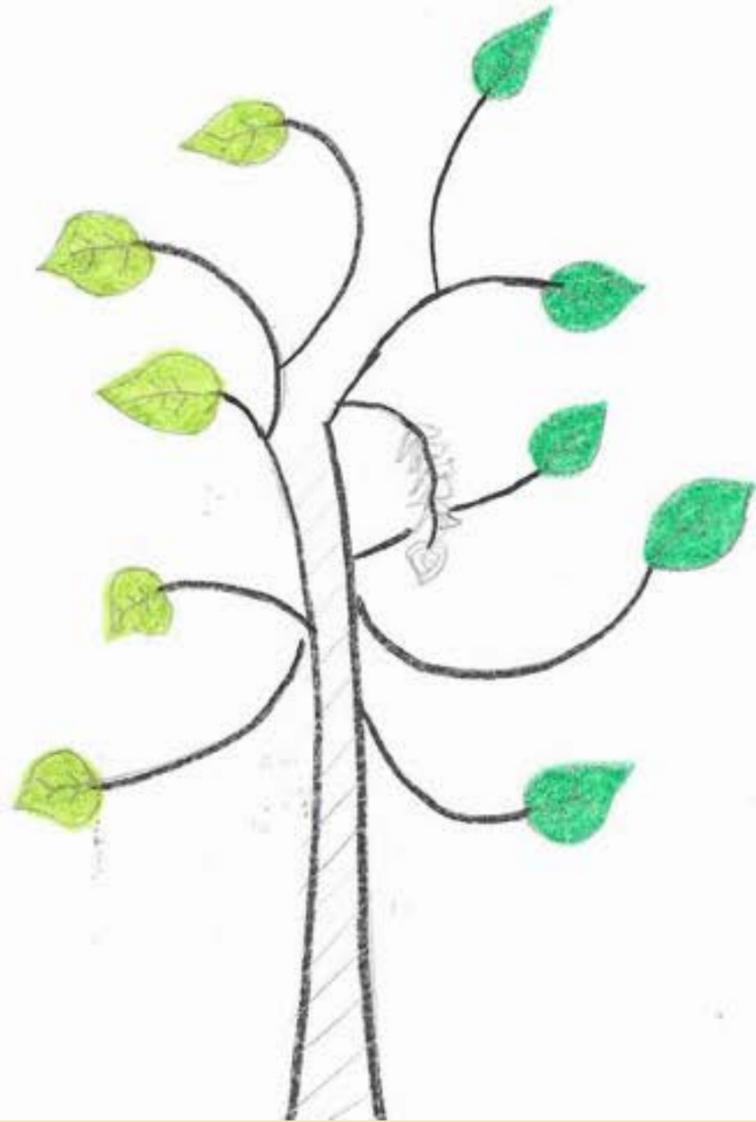


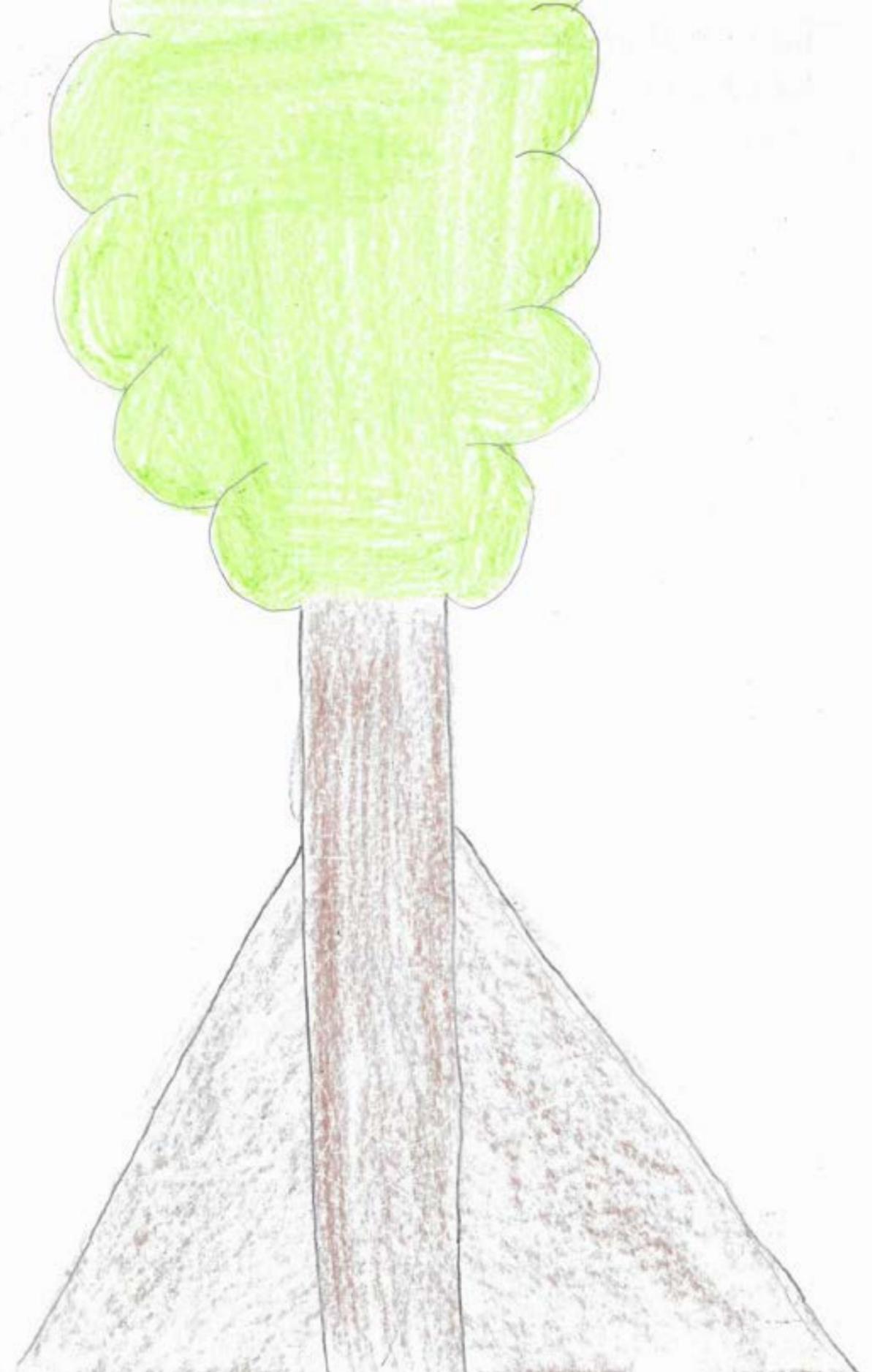
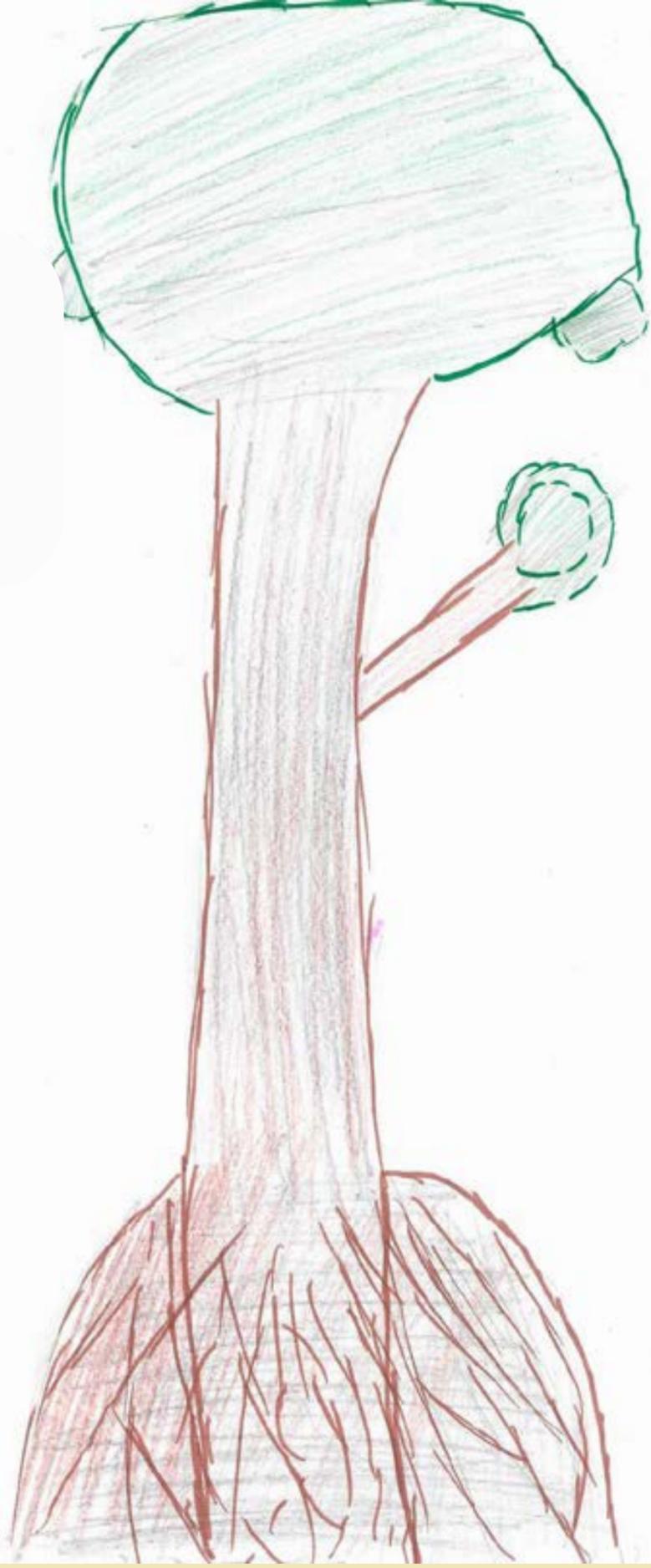


# 5º Ano  
Serpentes  
da Floresta



# 6º Ano  
Arte  
Indígena



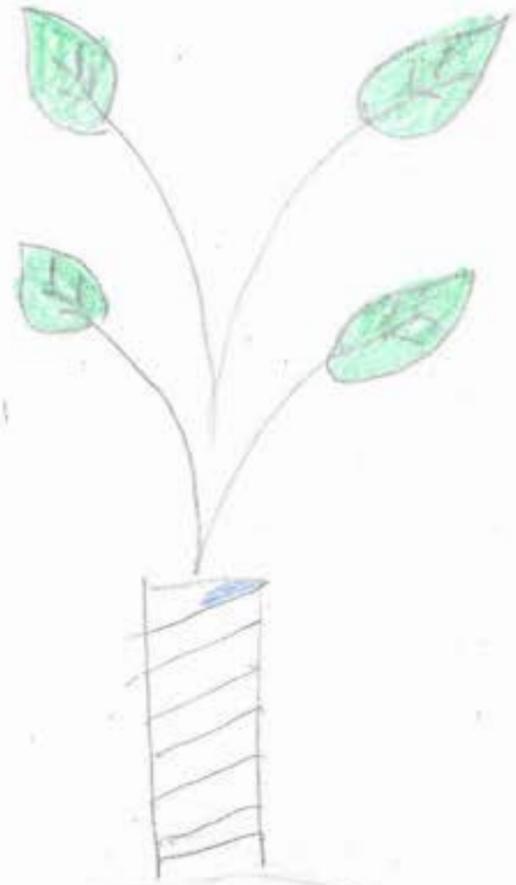
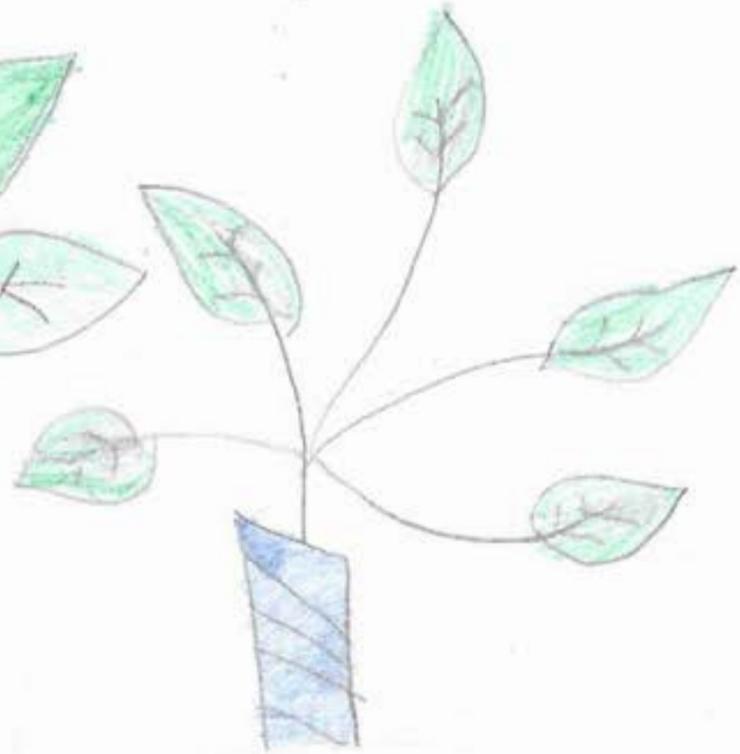
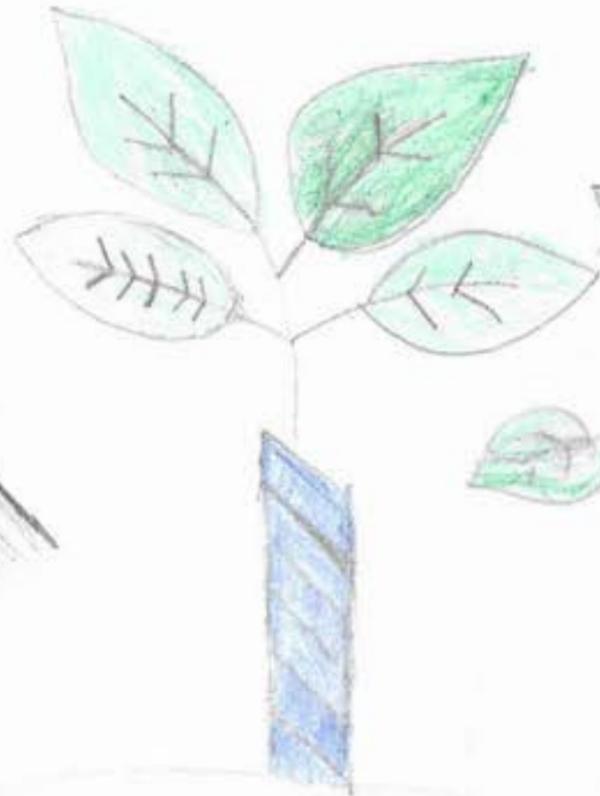
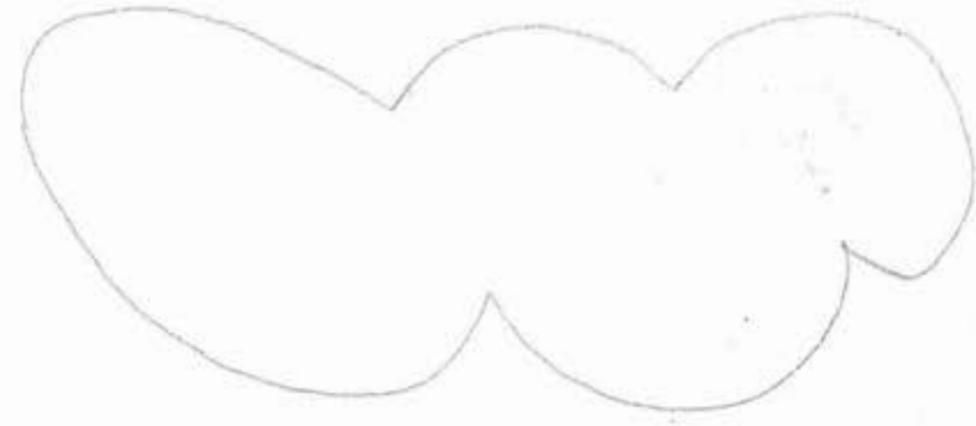
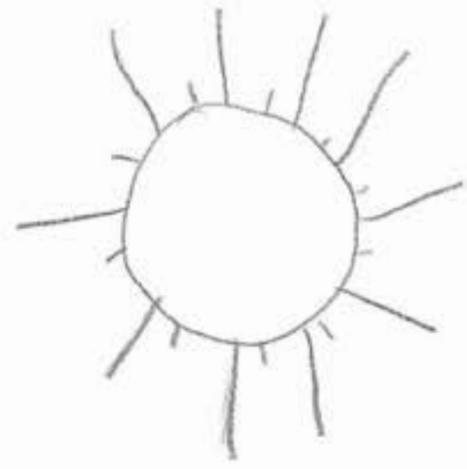
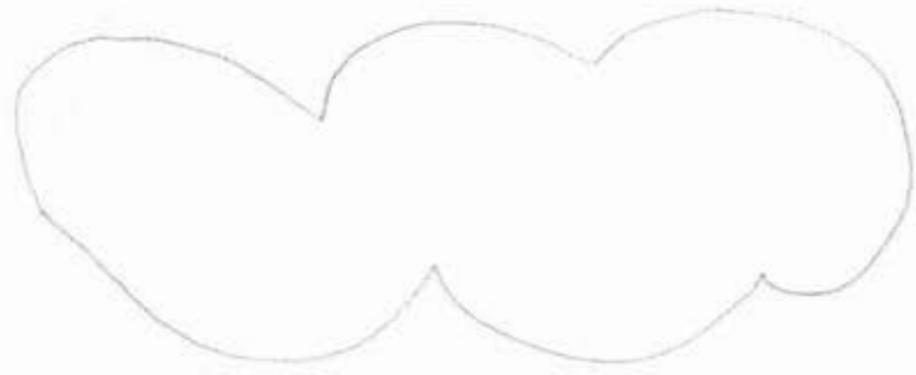




maior história

Coma  
dos  
Índios





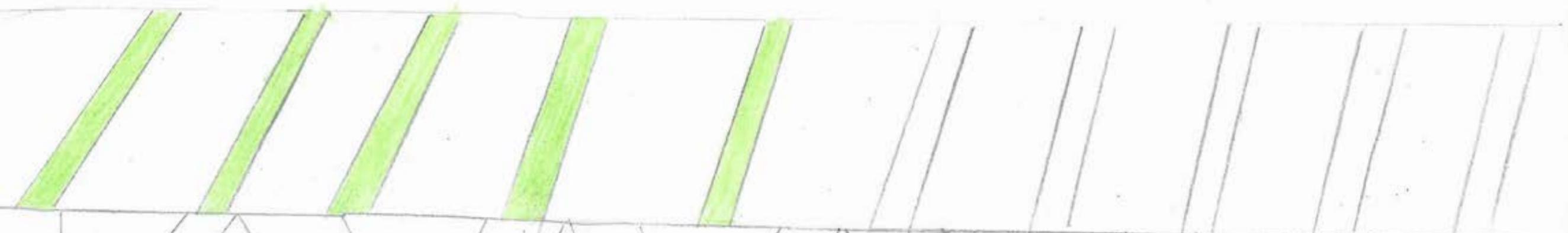
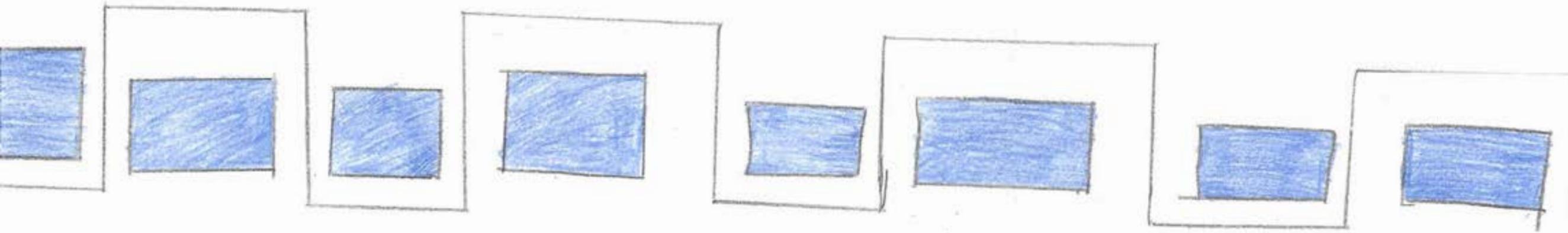
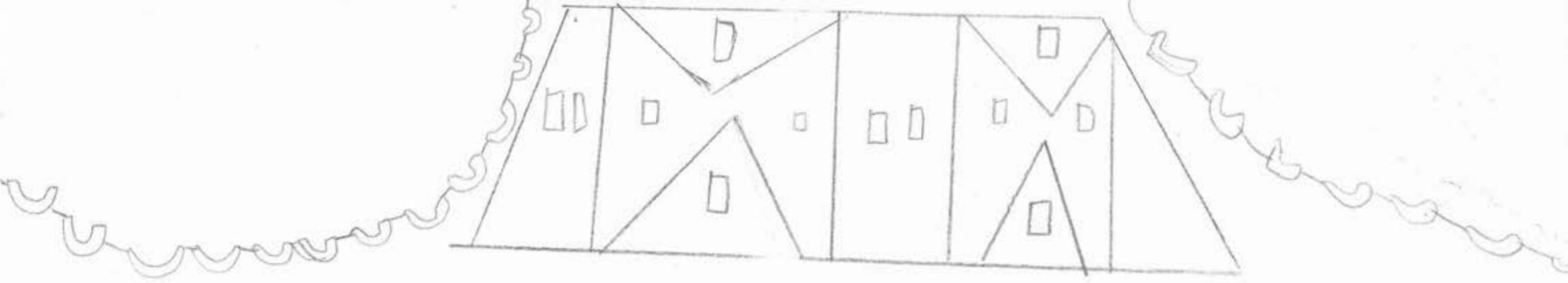


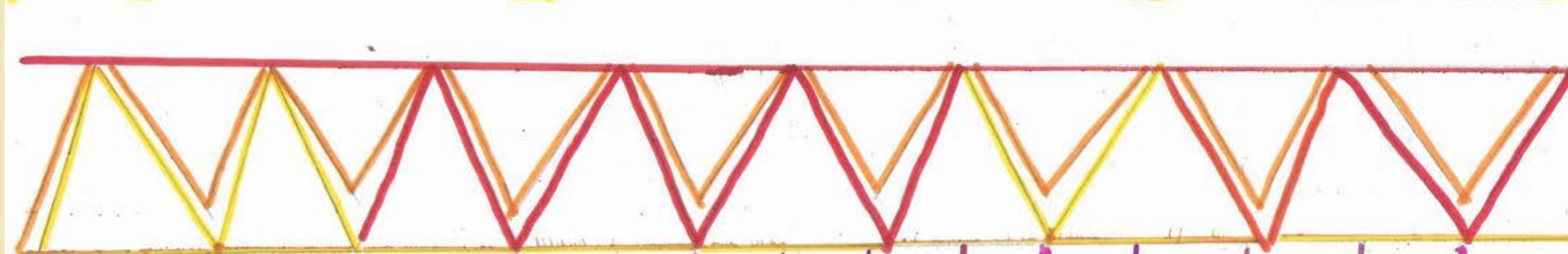
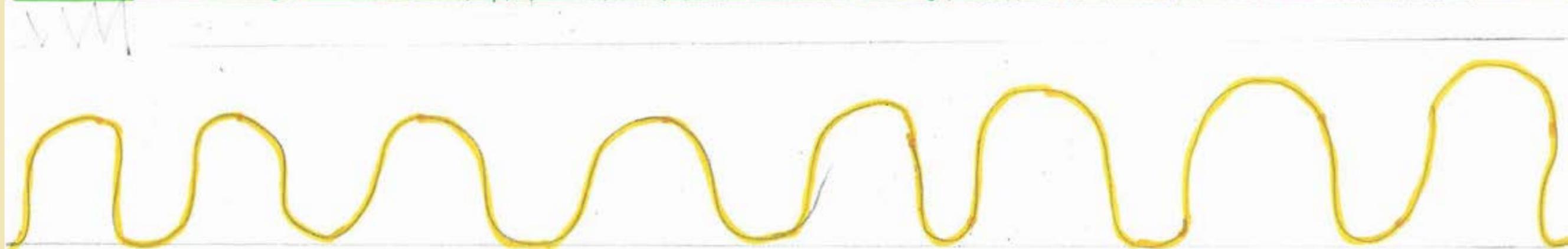
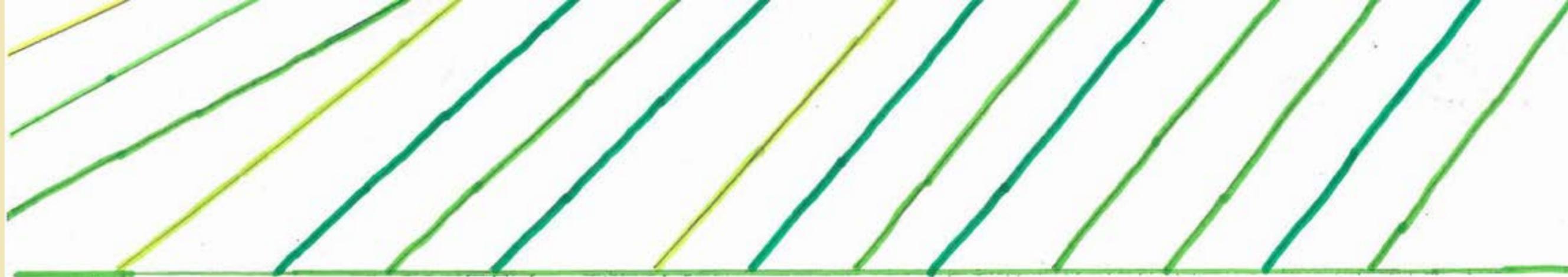


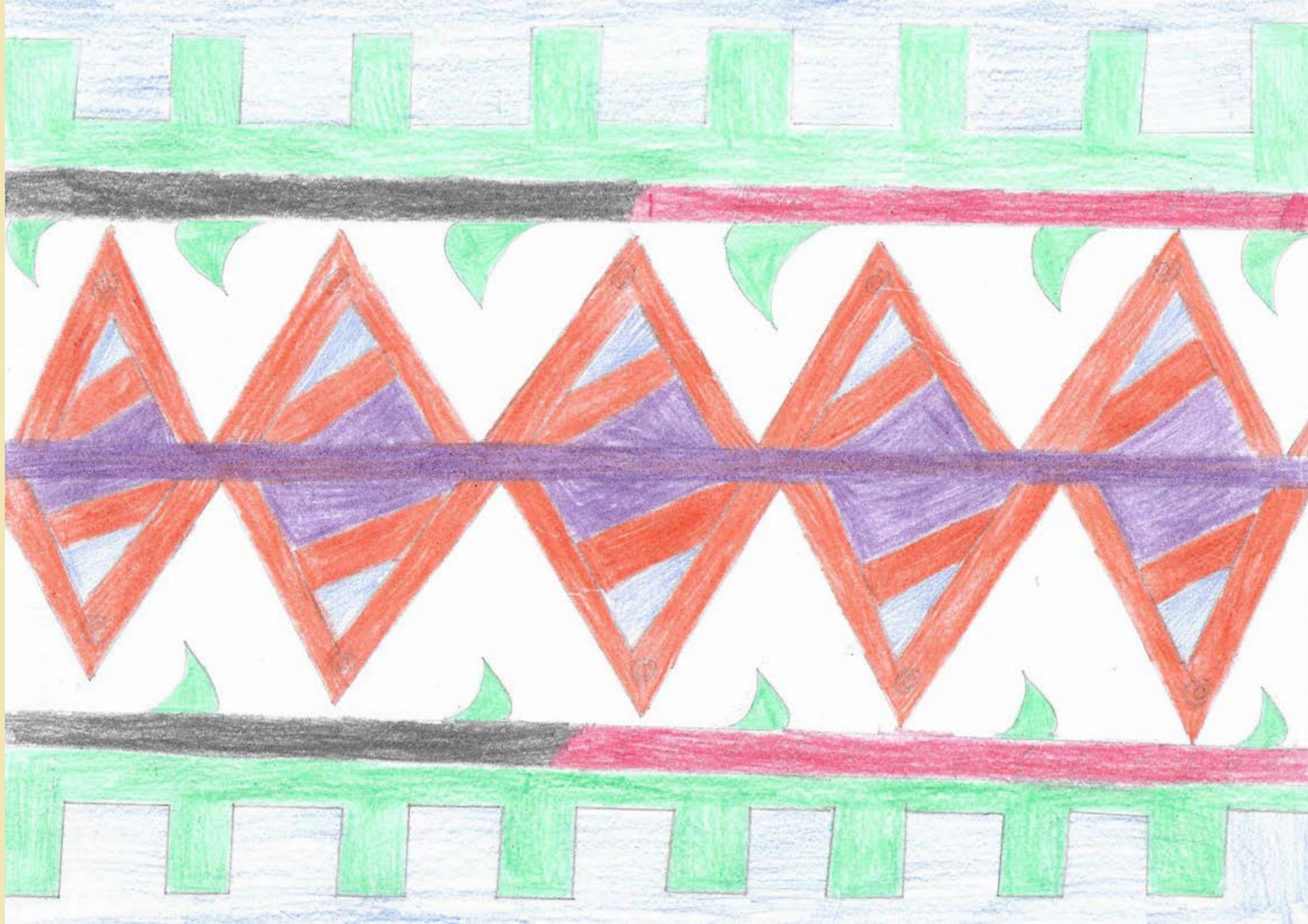
# 6º Ano  
Arte  
Indígena

# 6º Ano  
Grafismos  
Indígenas

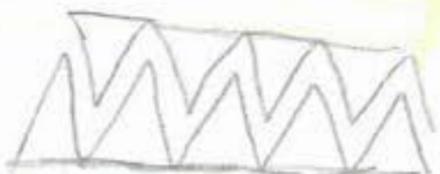














Estroada dos Indigenas

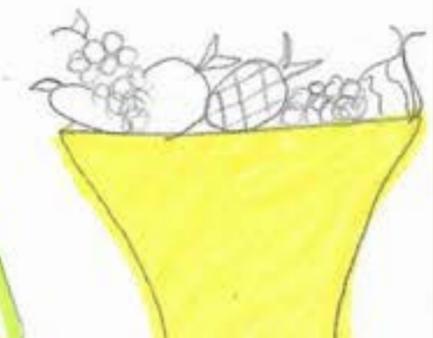
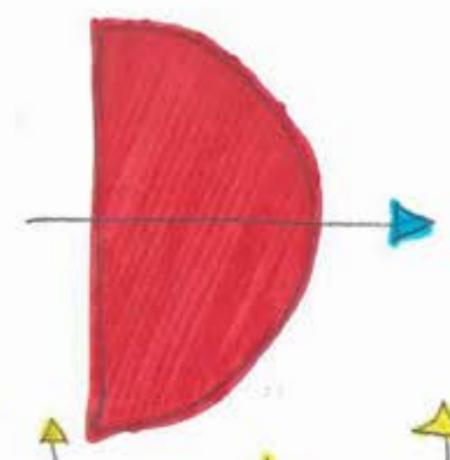
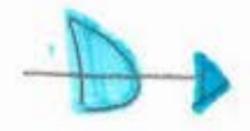
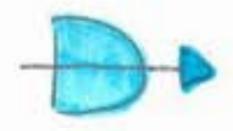
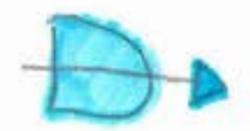
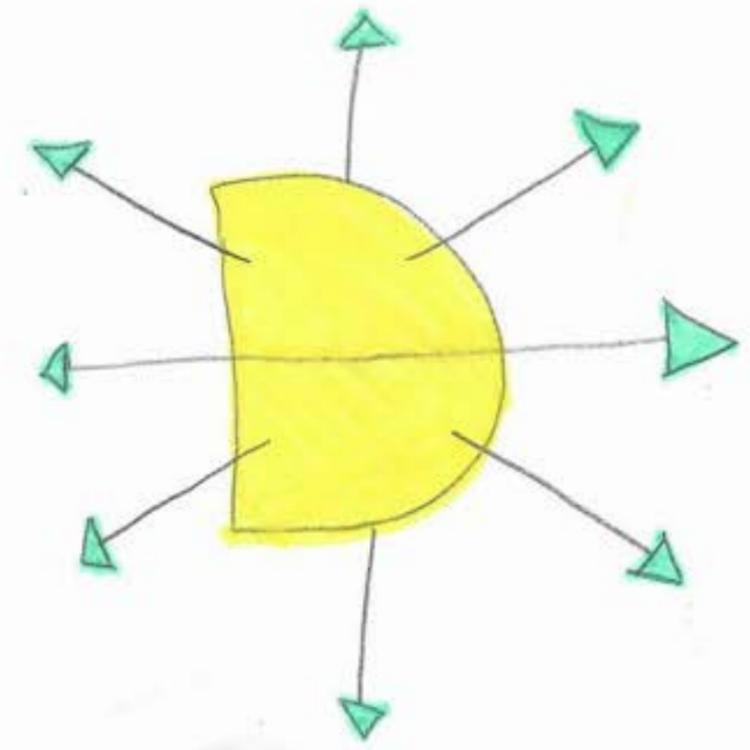
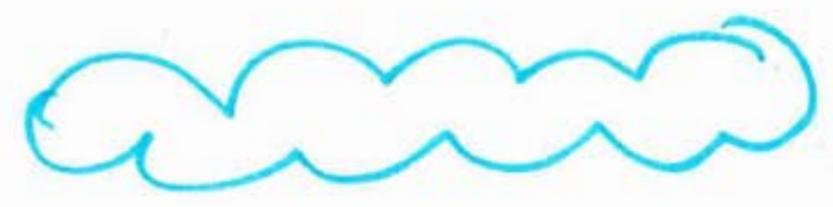


LUDAN



# 6º Ano  
Grafismos  
Indígenas

ymsm

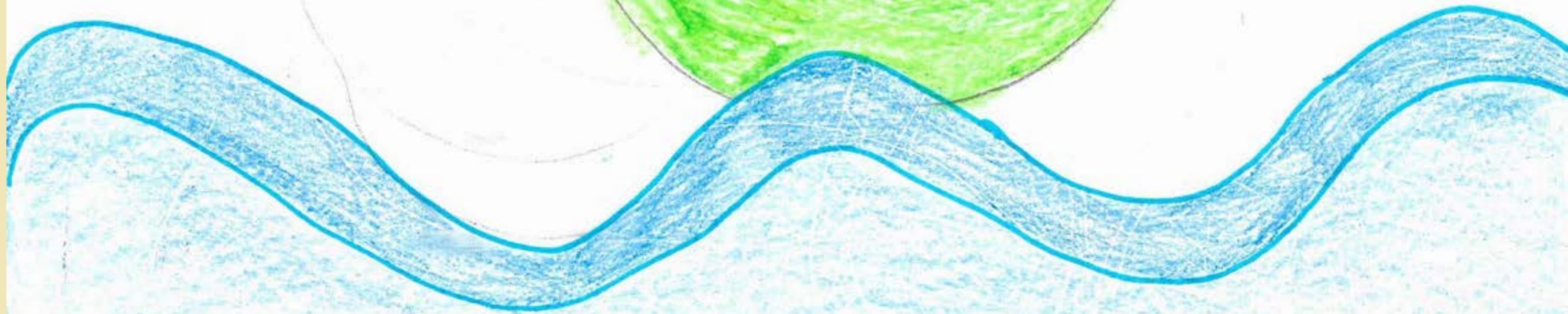
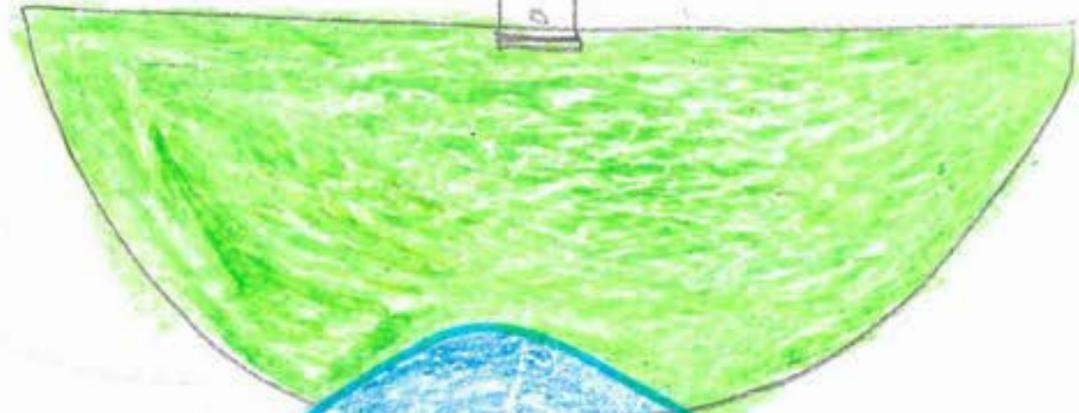


# 6º Ano  
O mundo da  
Floresta









# POVAS INDIGENAS



Fogueira



Ca



Indis



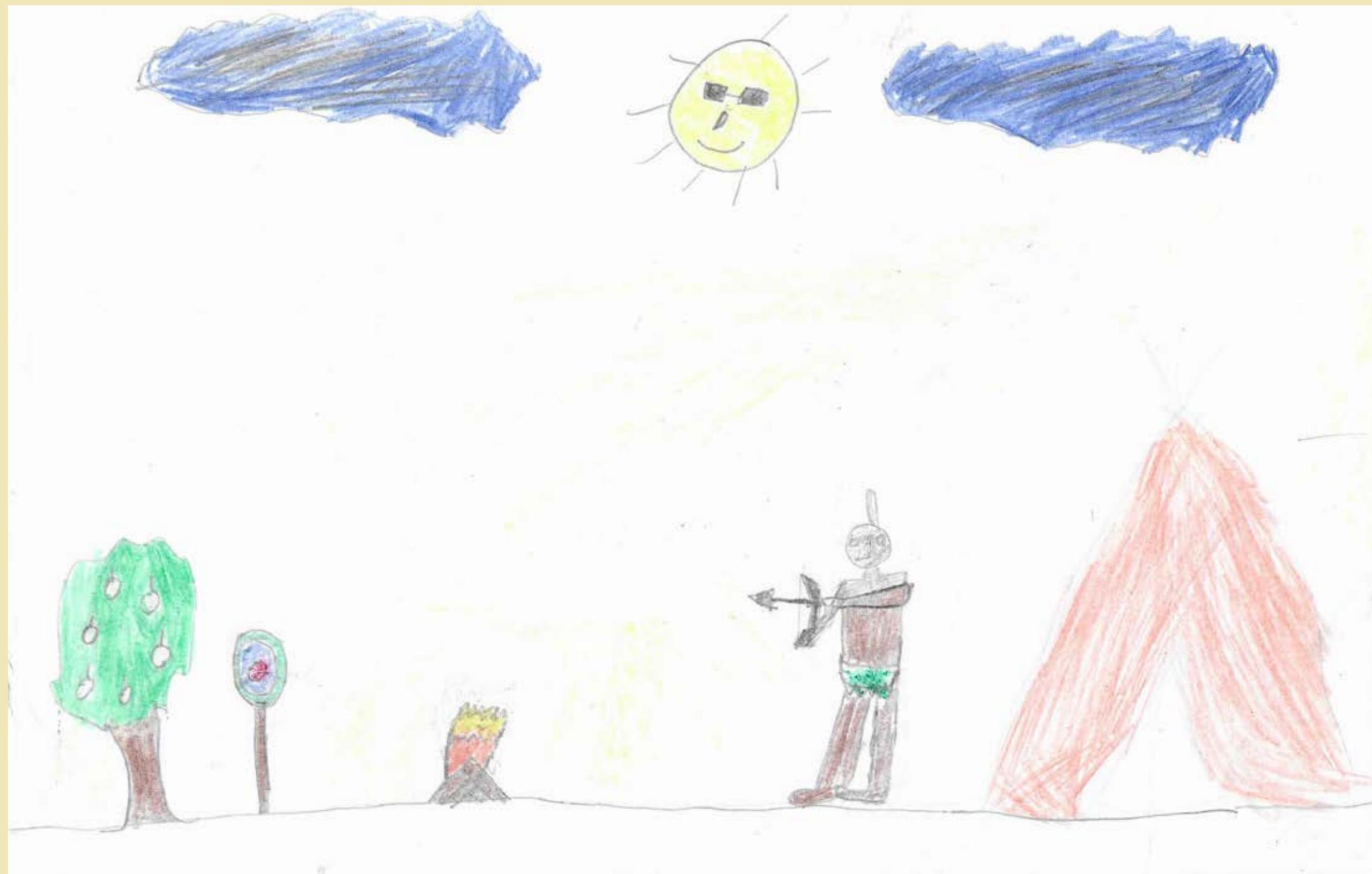
Peteco

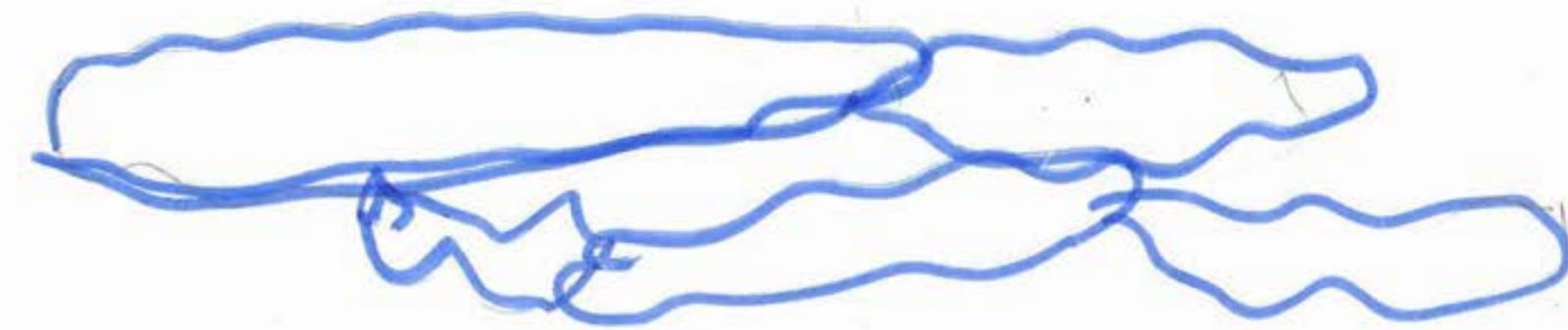
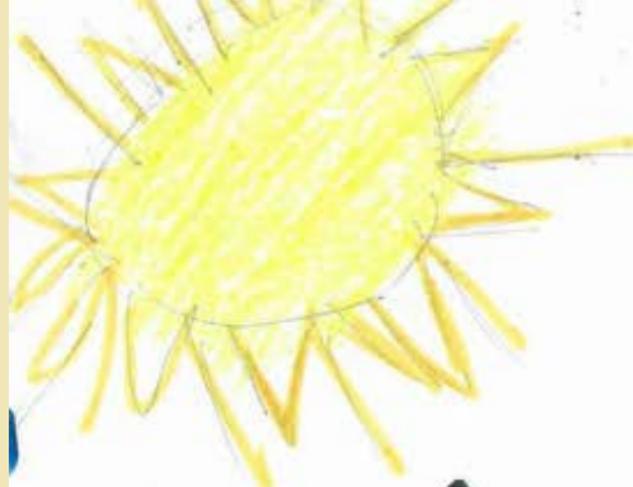


Conca

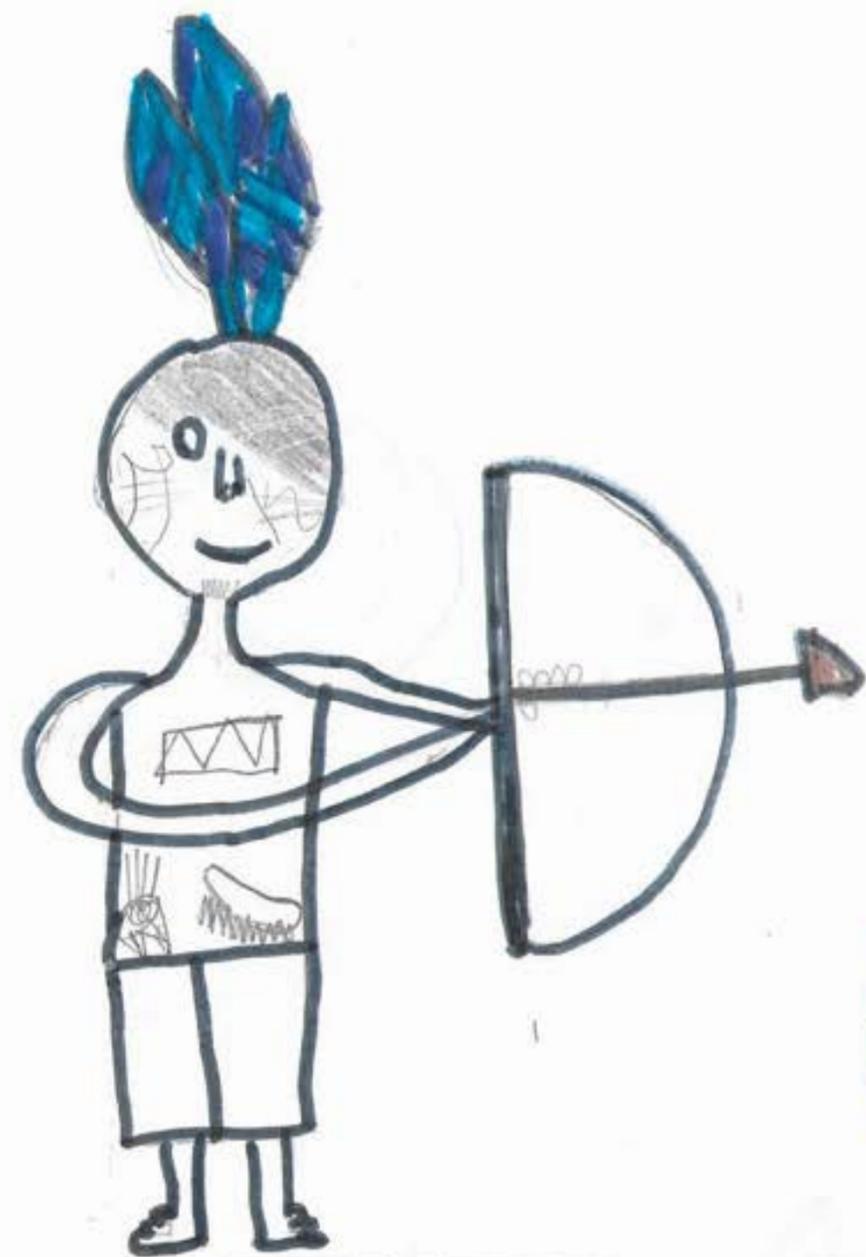


Donnas





POVOS  
INDIGENAS  
KALISNE



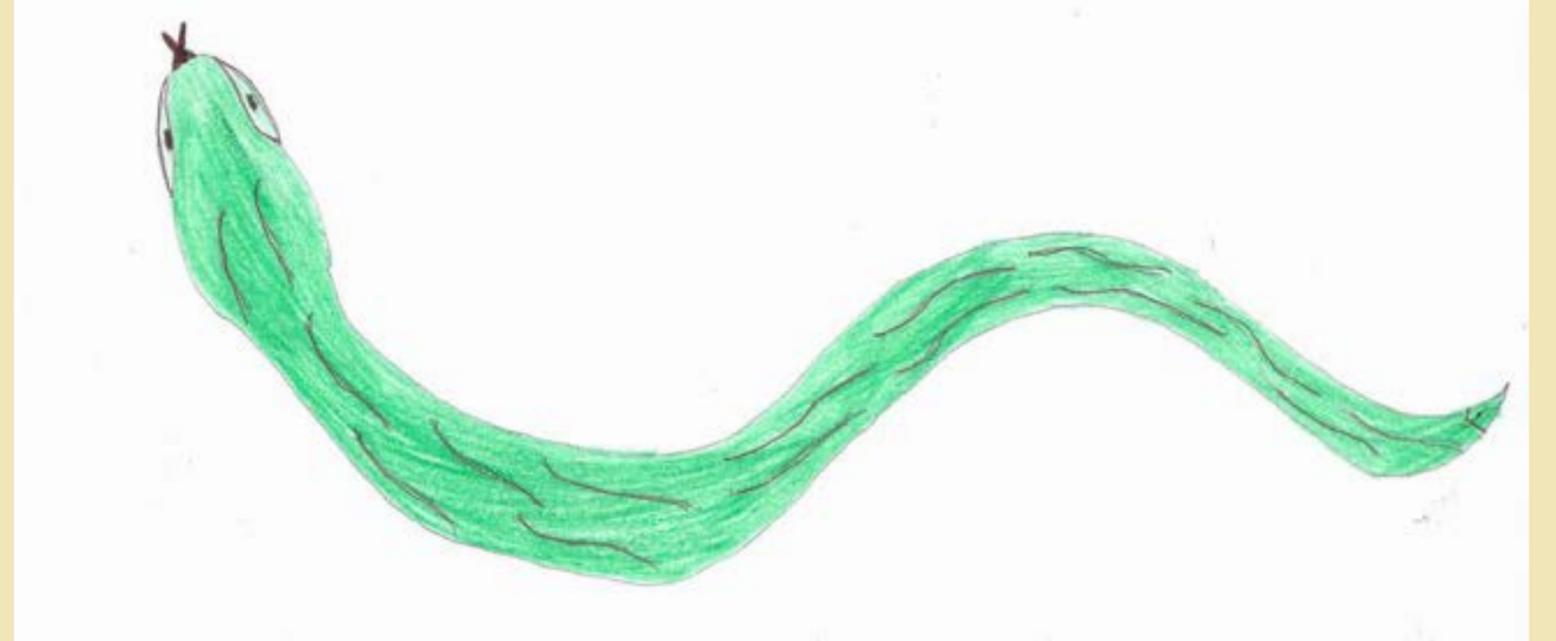
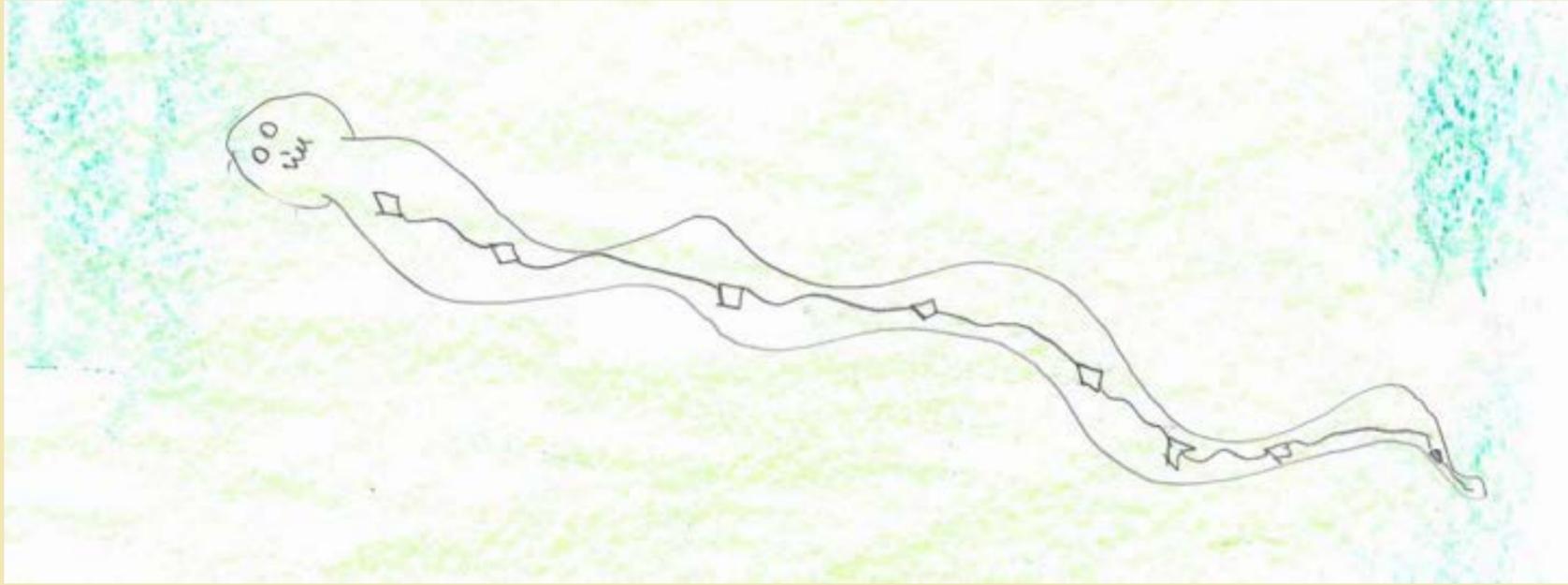


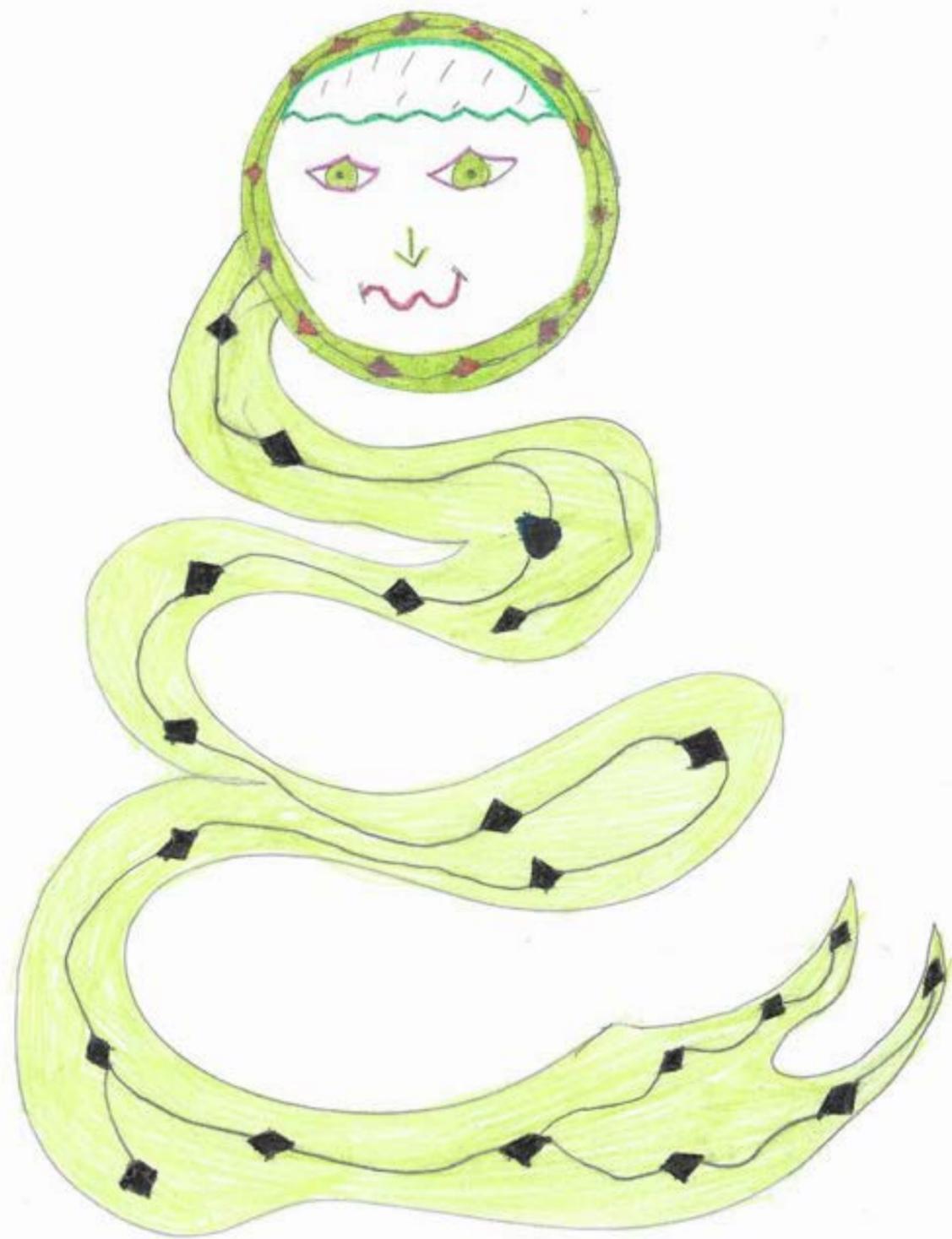


# 6º Ano  
O mundo da  
Floresta

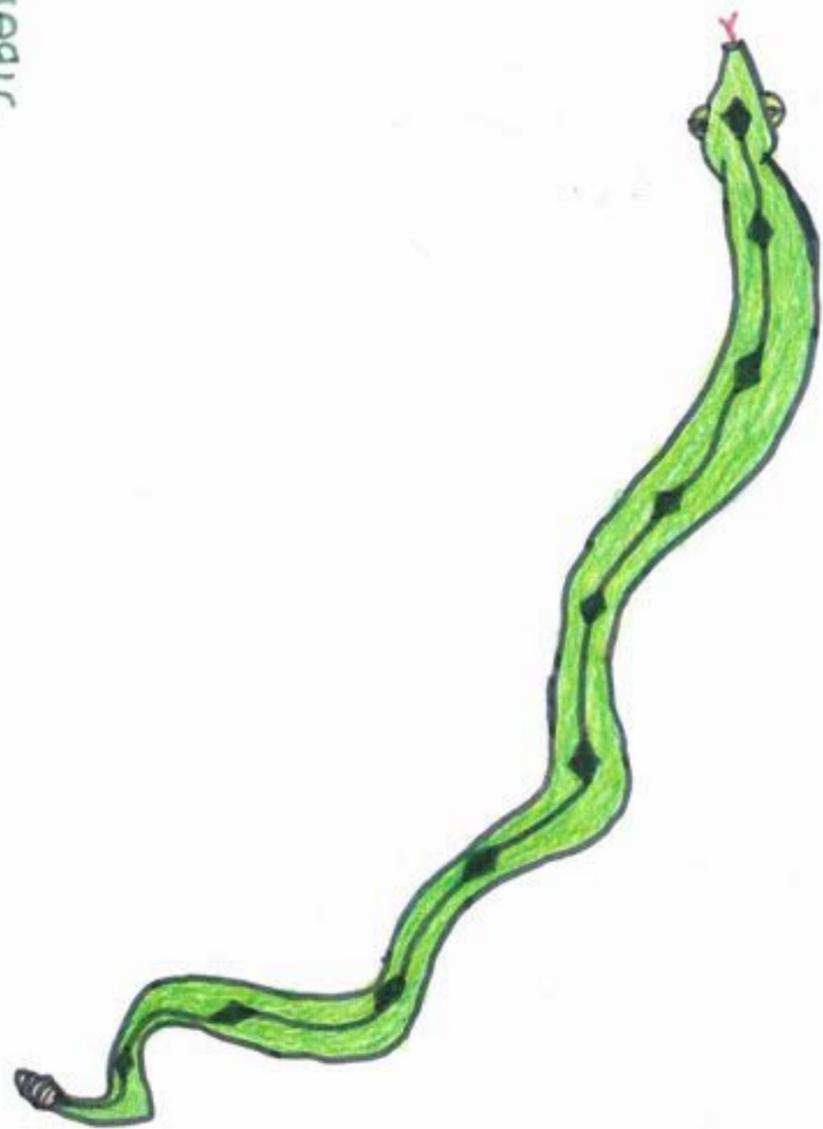


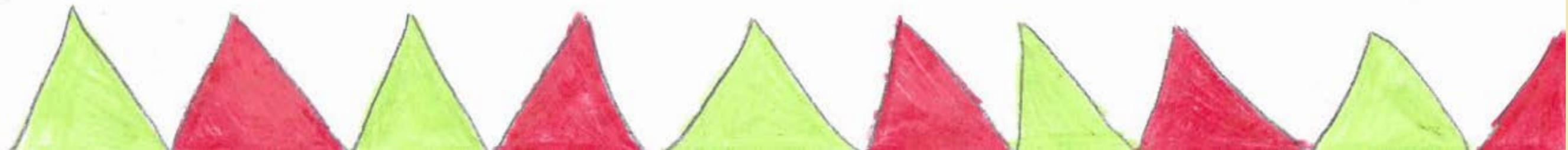
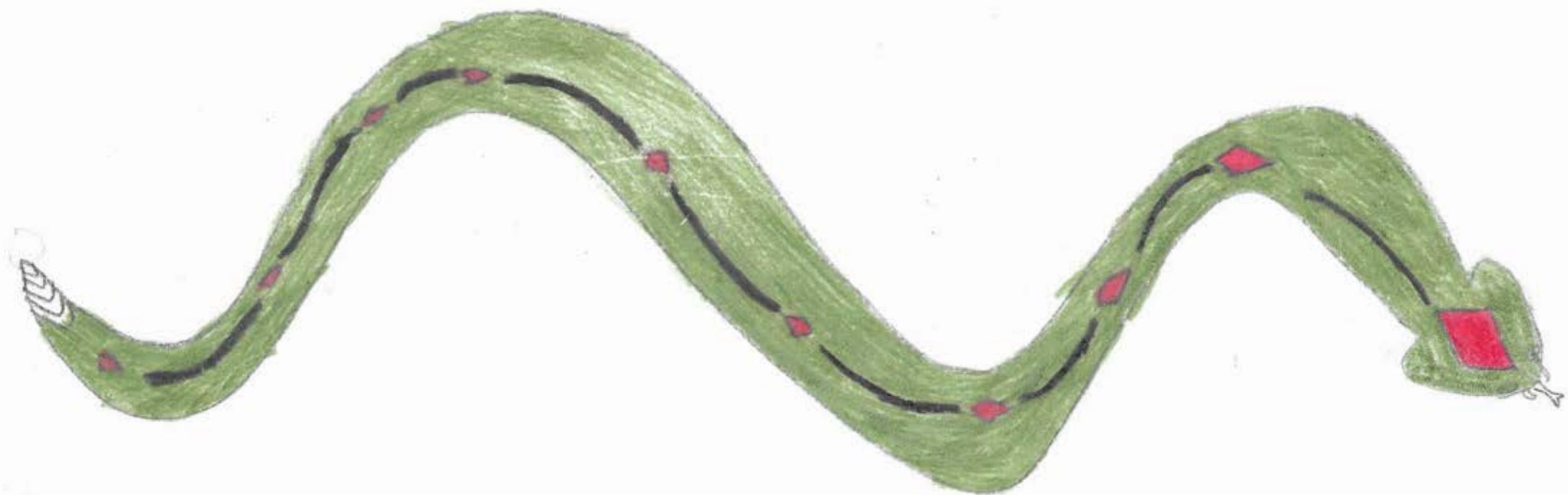
# 6º Ano  
Serpentes  
da Floresta

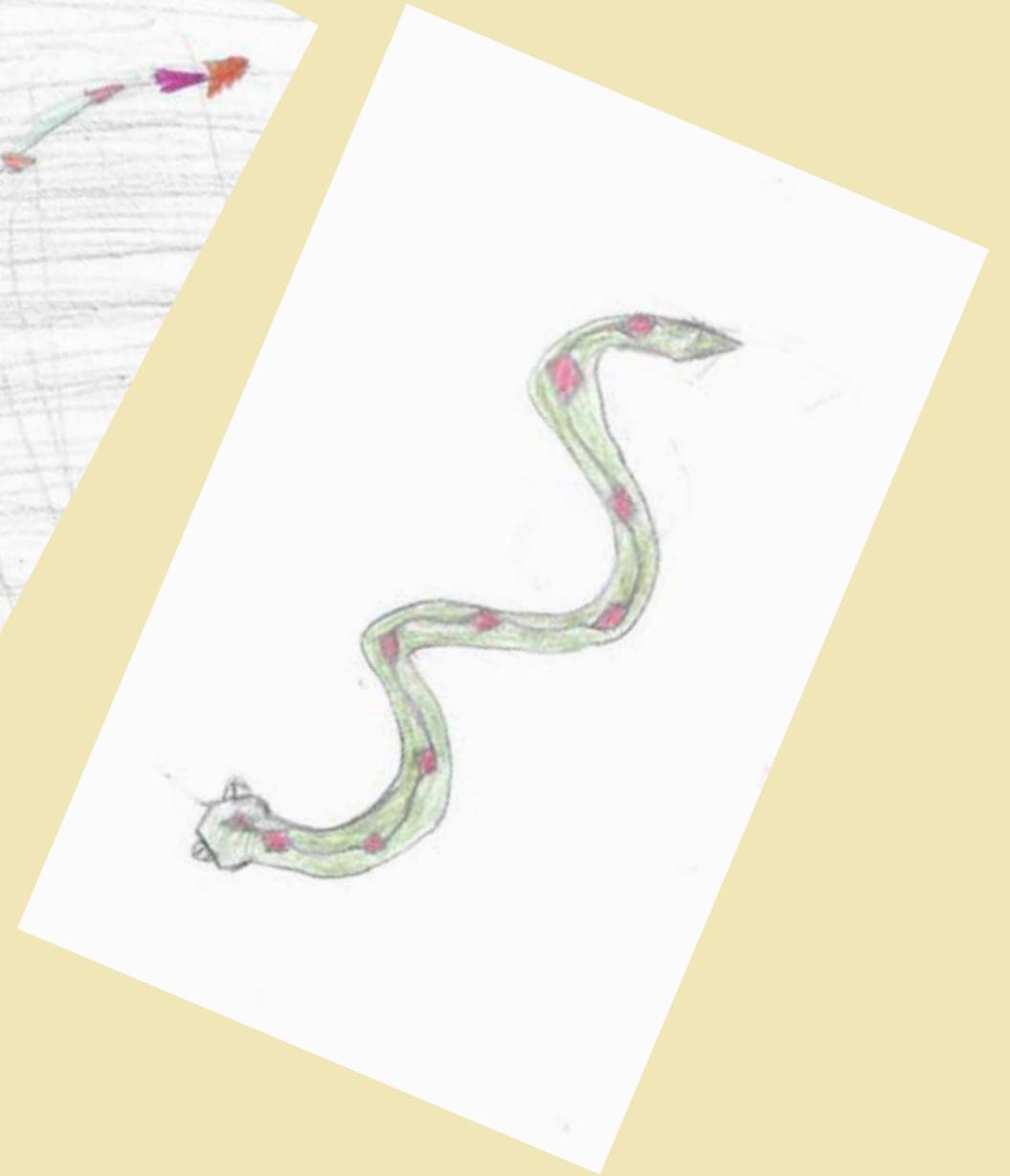
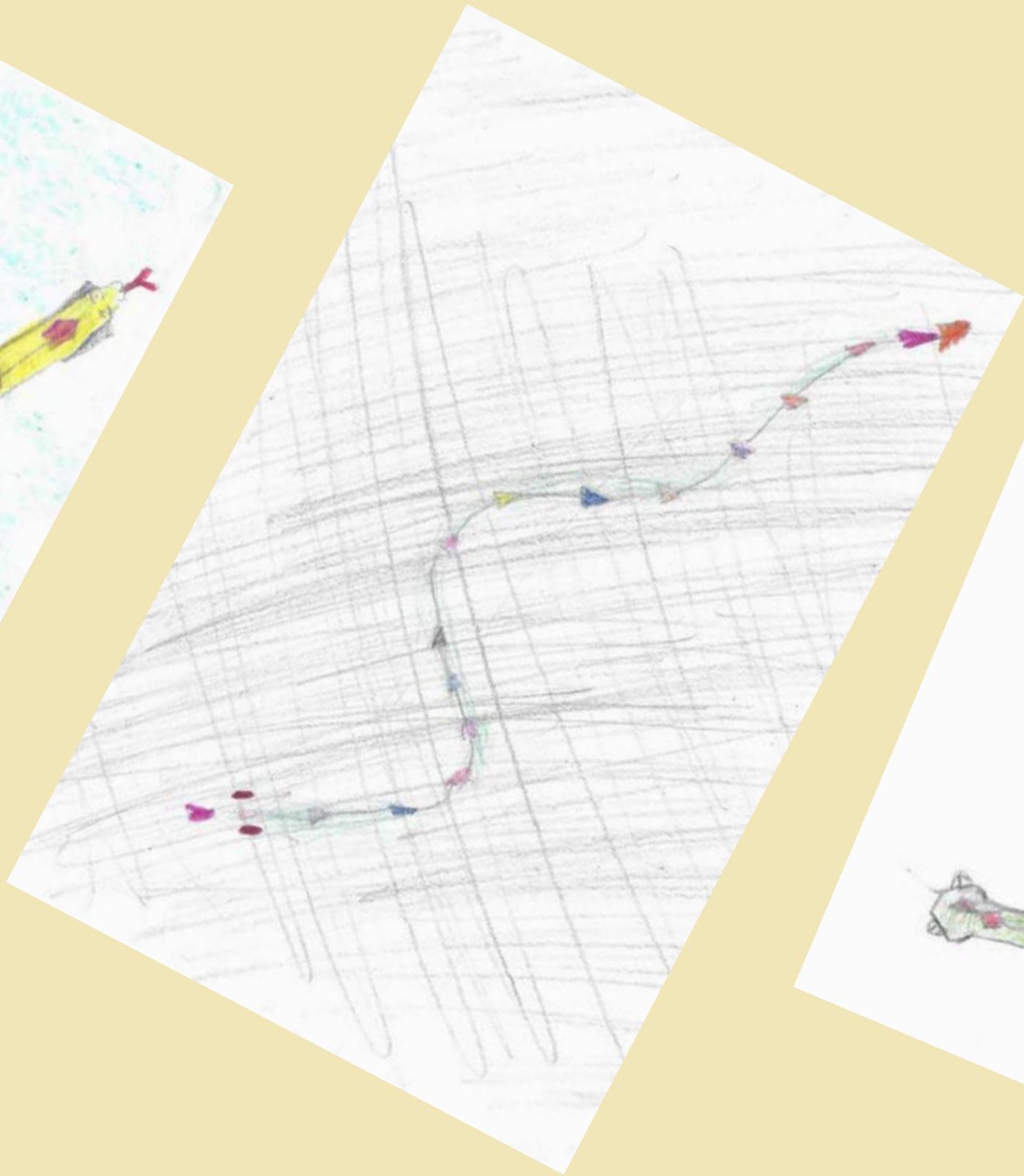
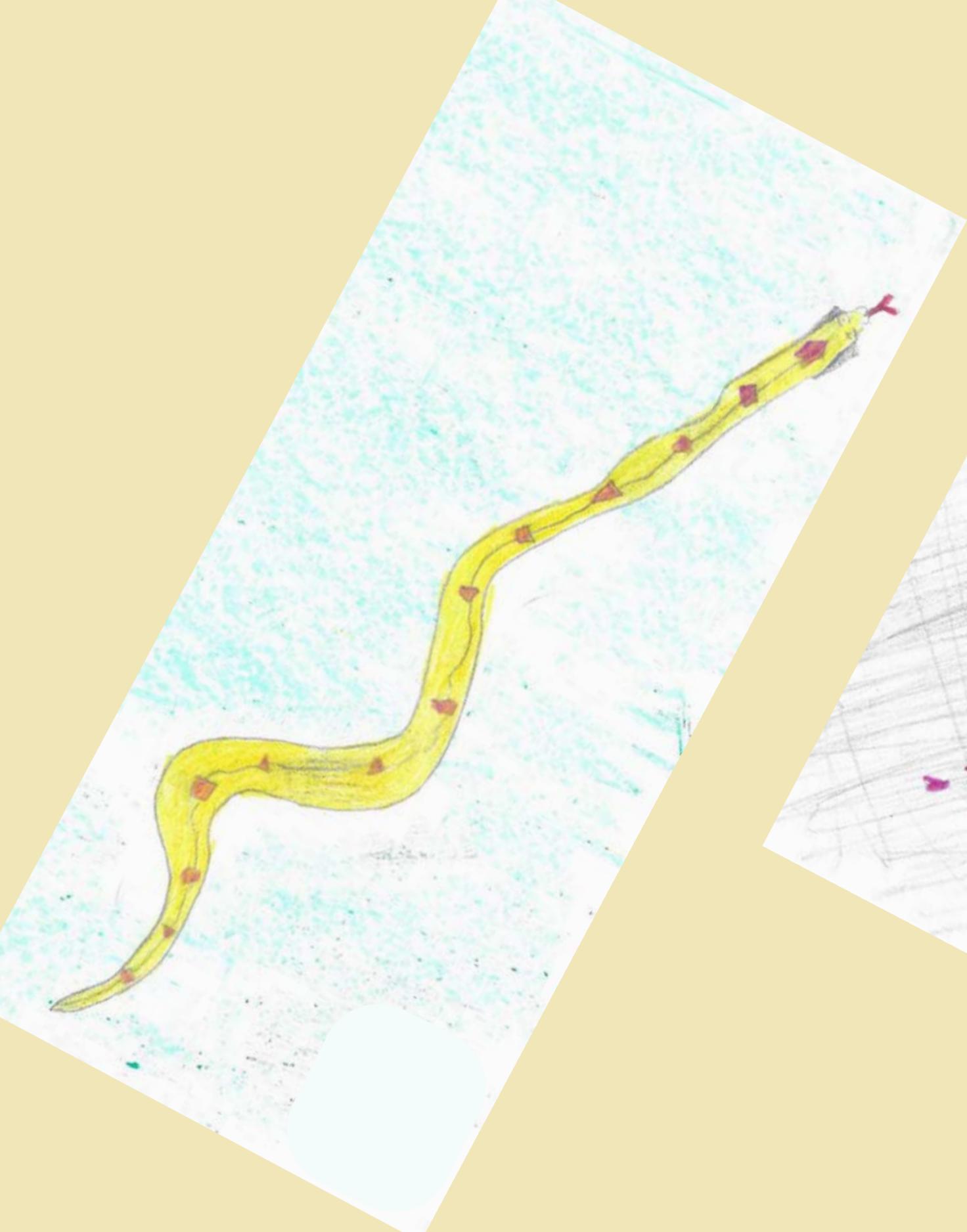


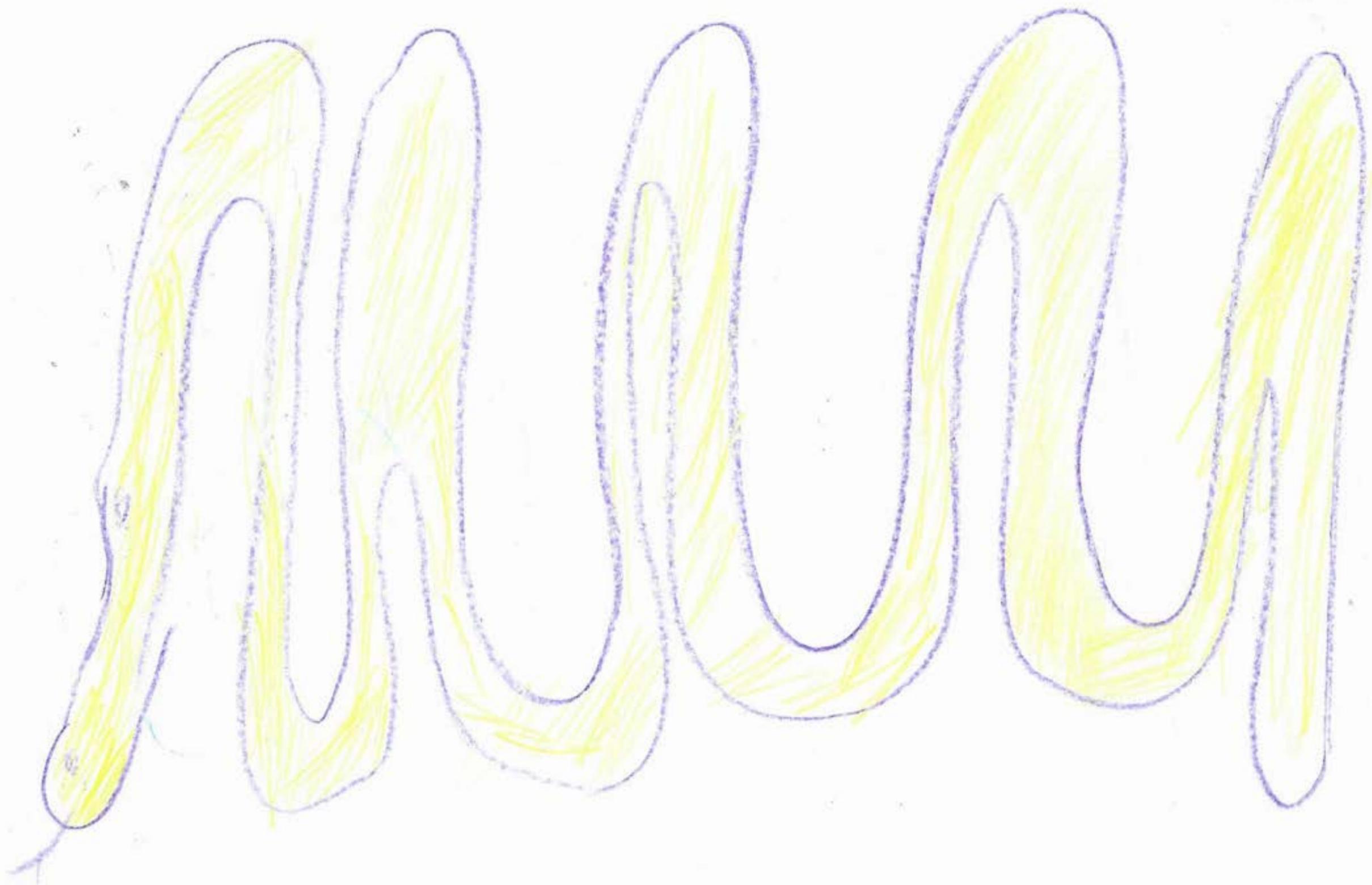


Jibeia!











DUDA



# 6º Ano  
Serpentes  
da Floresta

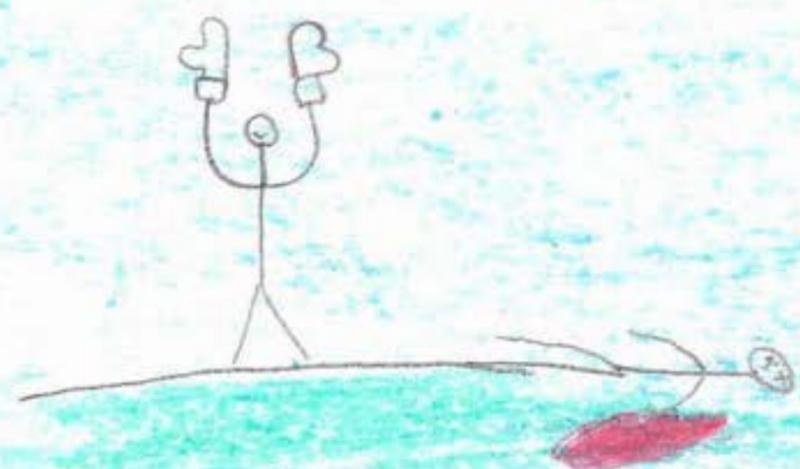
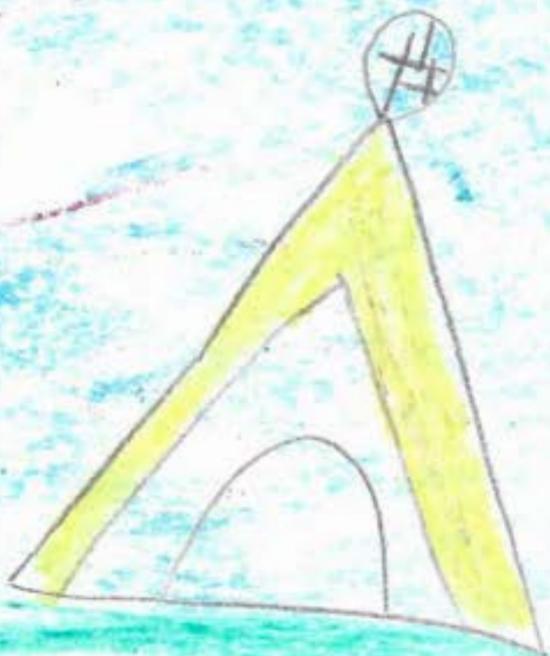
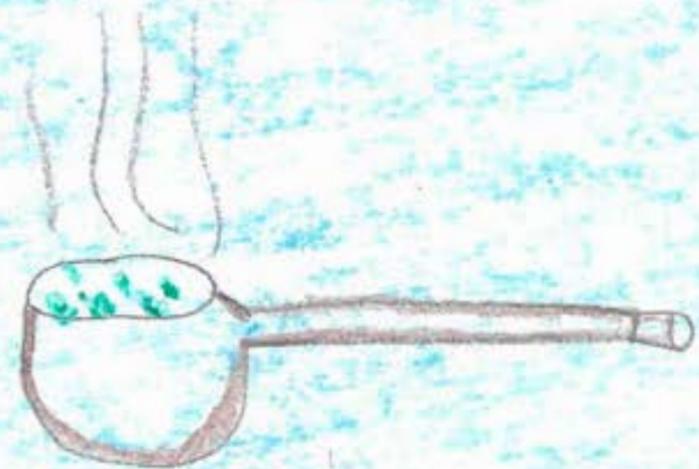
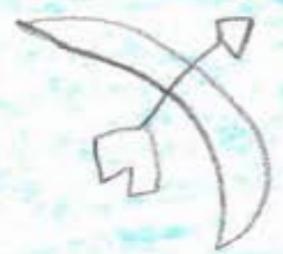


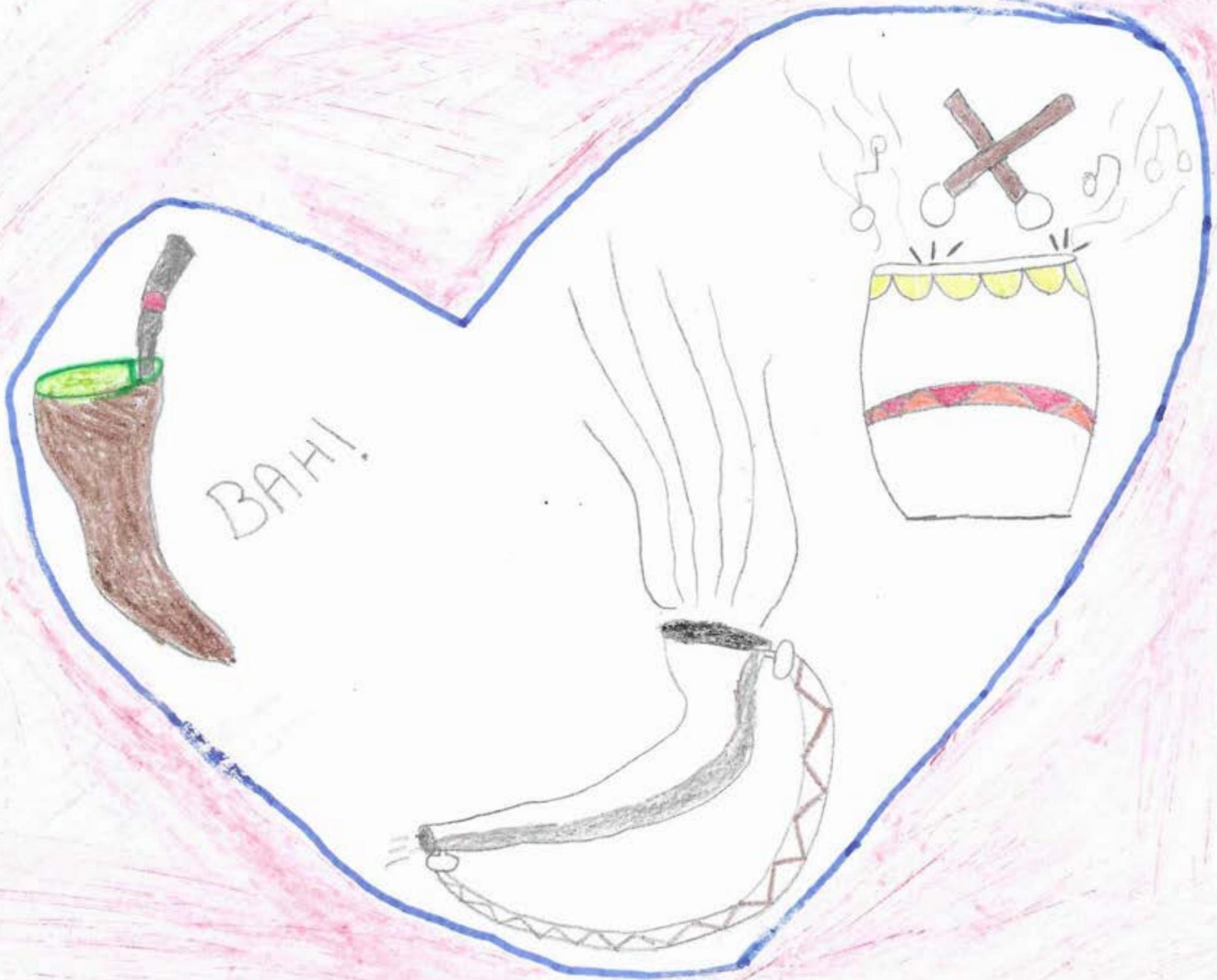
Cachimbo

# 8º Ano  
Povos  
Indígenas



Euros



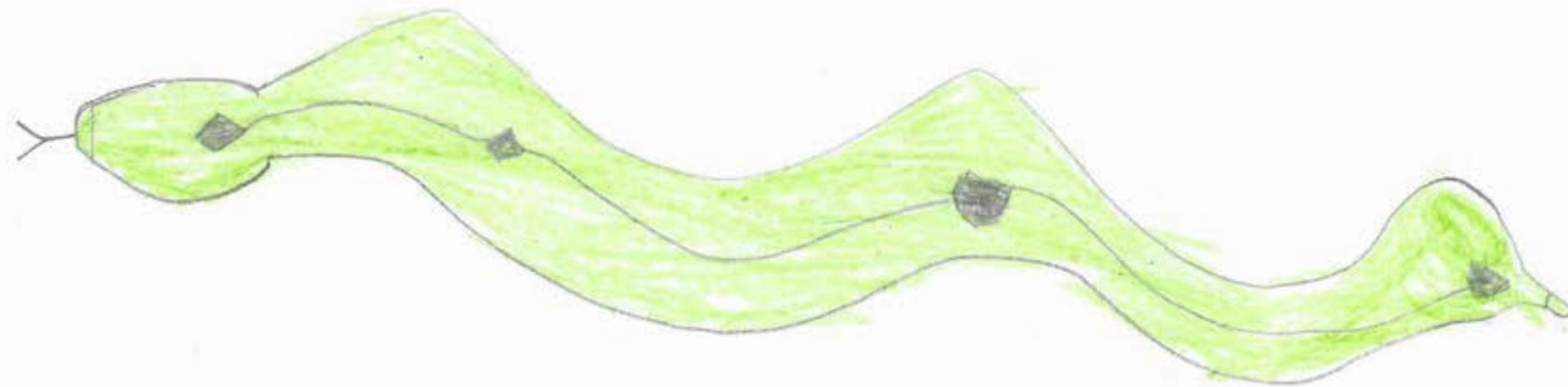


BAHI!



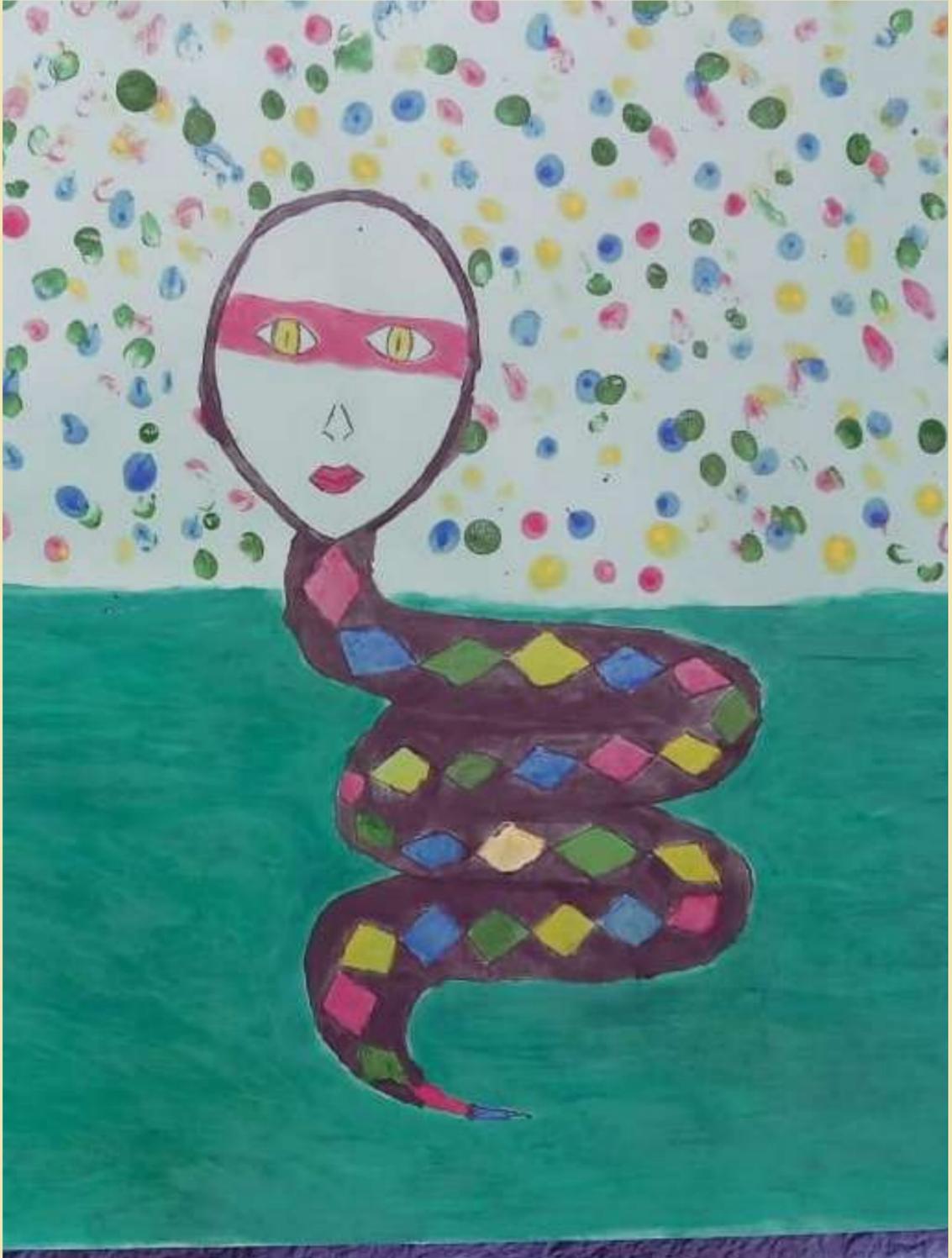
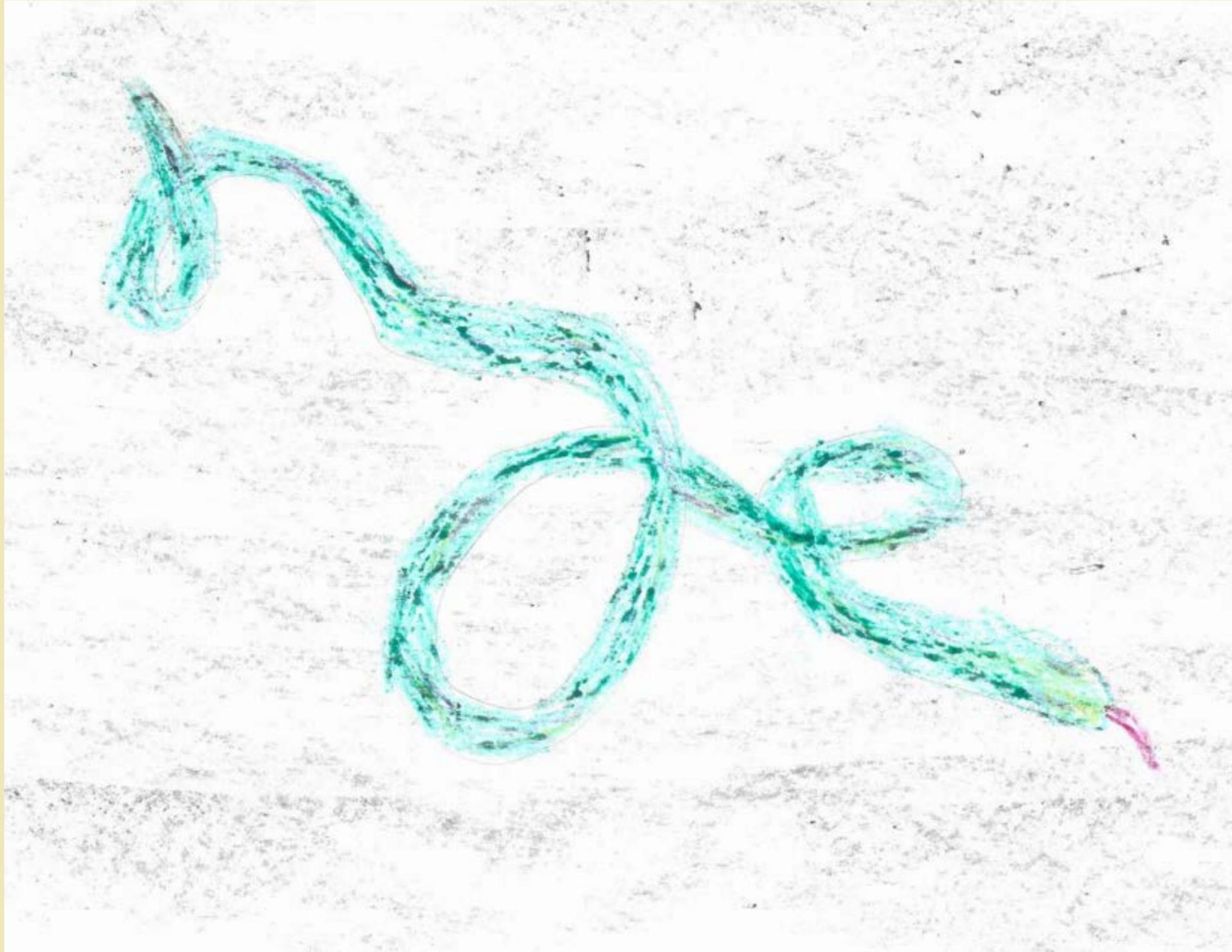
# 8º Ano  
Povos  
Indígenas



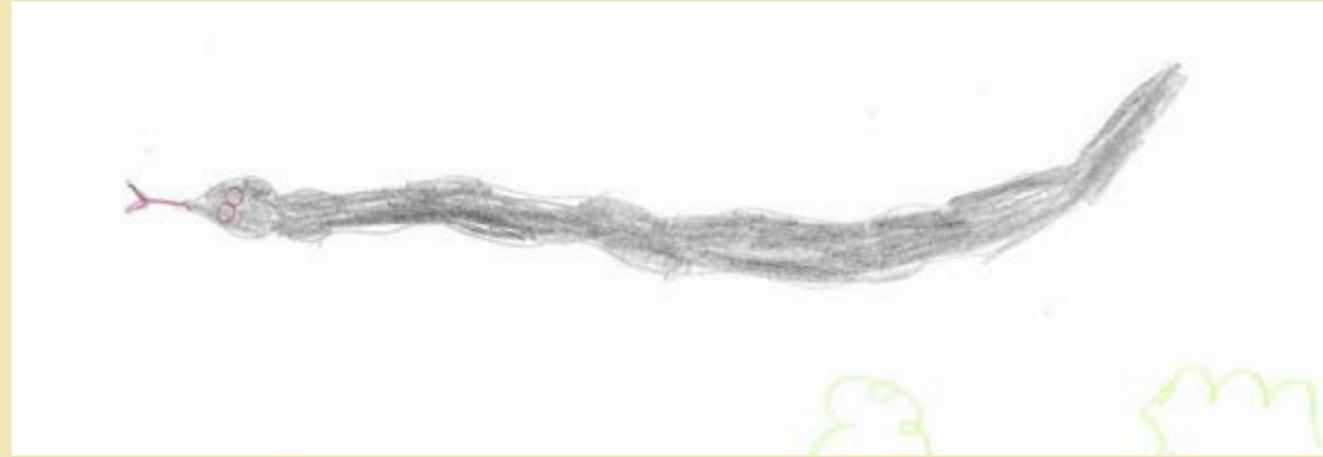


# 8º Ano  
São as  
Cobras

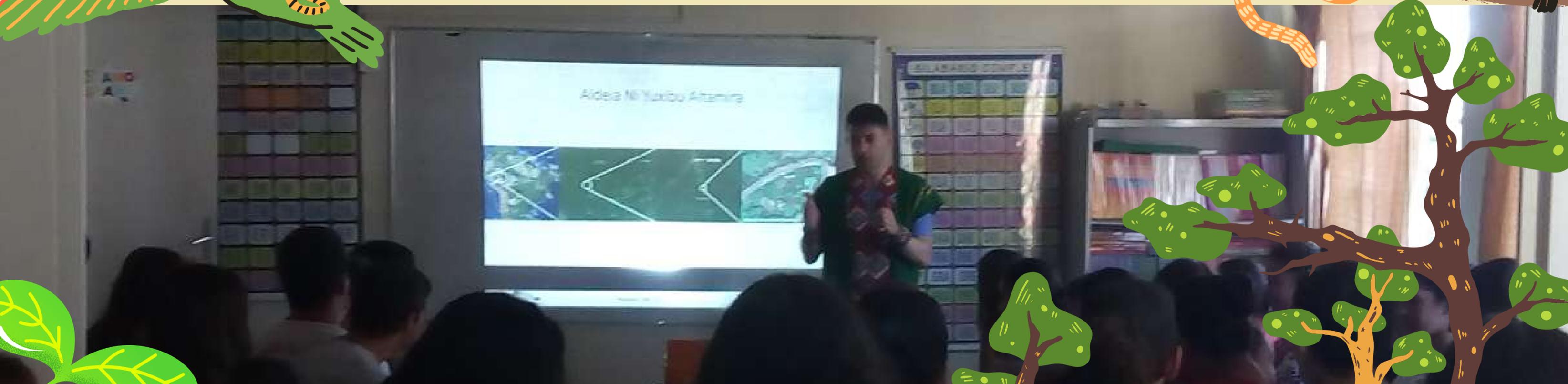




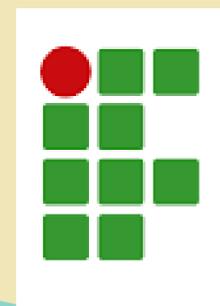
# 8º Ano  
São as  
Cobras



# PROJETO ÁGUA DE BEBER



Palestra com  
Charles Huber



# 8º e 9º  
Anos

# PINTAMOS A ALDEIA DO ALTO DO JORDÃO



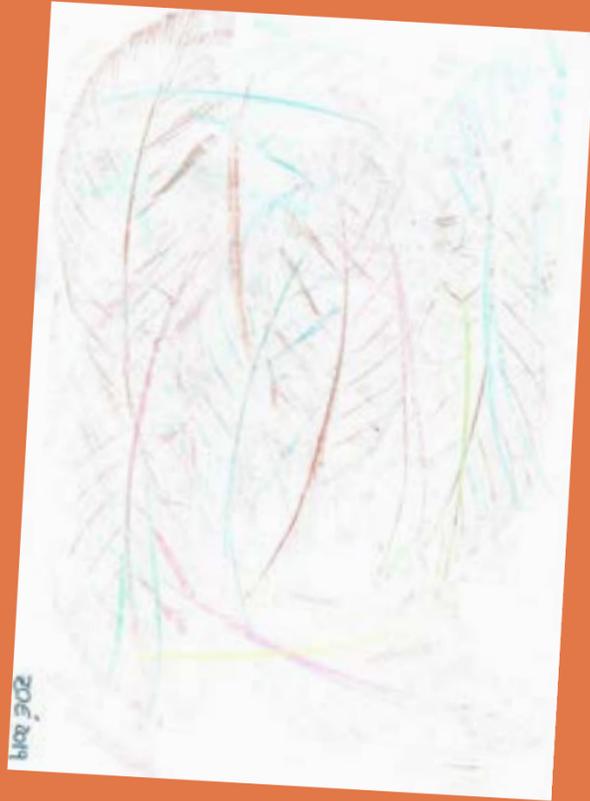


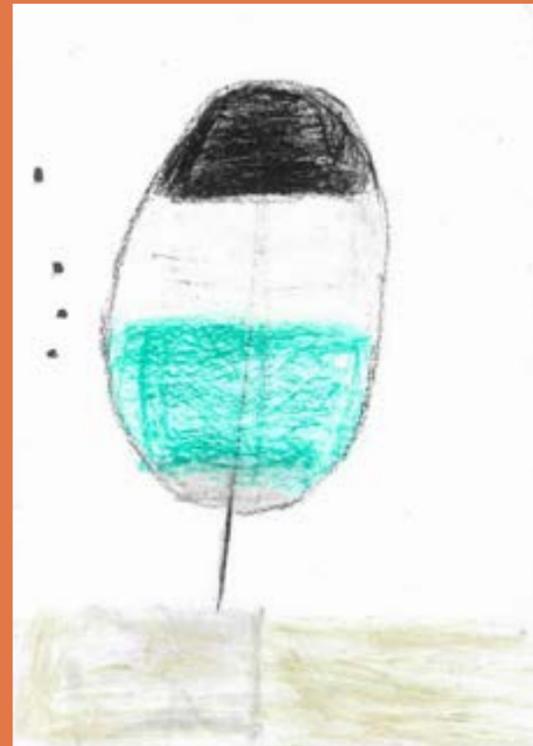
Em 2019, nós ,  
mostramos à Zoé nossa  
indignação por ver  
notícias sobre incêndios  
criminosos na Floresta  
Amazônica.



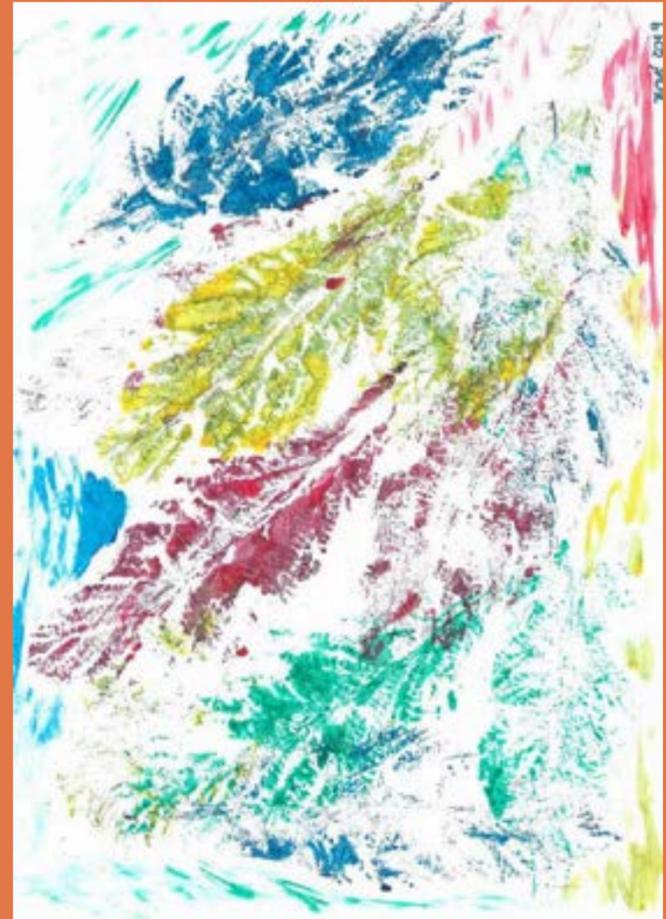
Esse debate nos rendeu atividades  
artísticas e também um belo  
projeto agroecológica para a feira  
de ciências.

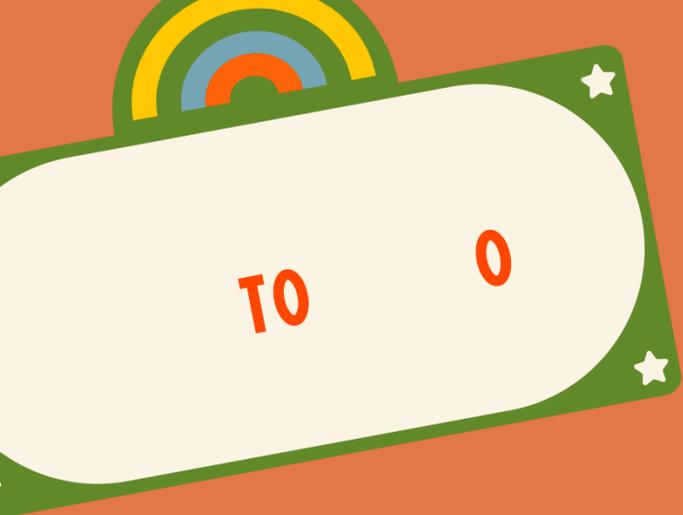






ARTES OL OSAS





# Bem Vinda Primavera!





Visita ao  
rio com 6<sup>º</sup>

Apreciando a Natureza!





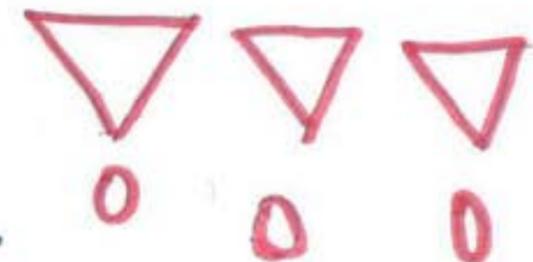
TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
a

DURANTE ESSE TEMPO, NOS  
AVENTURAMOS EM  
EXPERIMENTOS CÊNICOS DENTRO  
DA ESCOLA. DEU O QUE FALAR!  
SERÁ QUE EXISTE ESPAÇO PARA  
NOSSOS CORPOS NA SALA DE  
AVILA? AQUI VOCÊ VÊ ALGUNS DOS  
NOSSOS REGISTROS DE MEMÓRIA  
CORPORAL.





TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
Dr. Jacques

A Arte existe  
PORQUE A Vida  
NÃO BASTA 

Eu amo a aula, gosto de experimentar coisas diferentes!

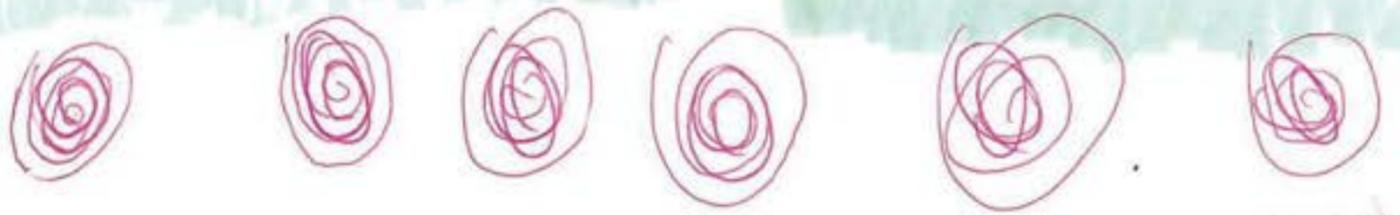


Ser HUMANO é  
Ser teatro!



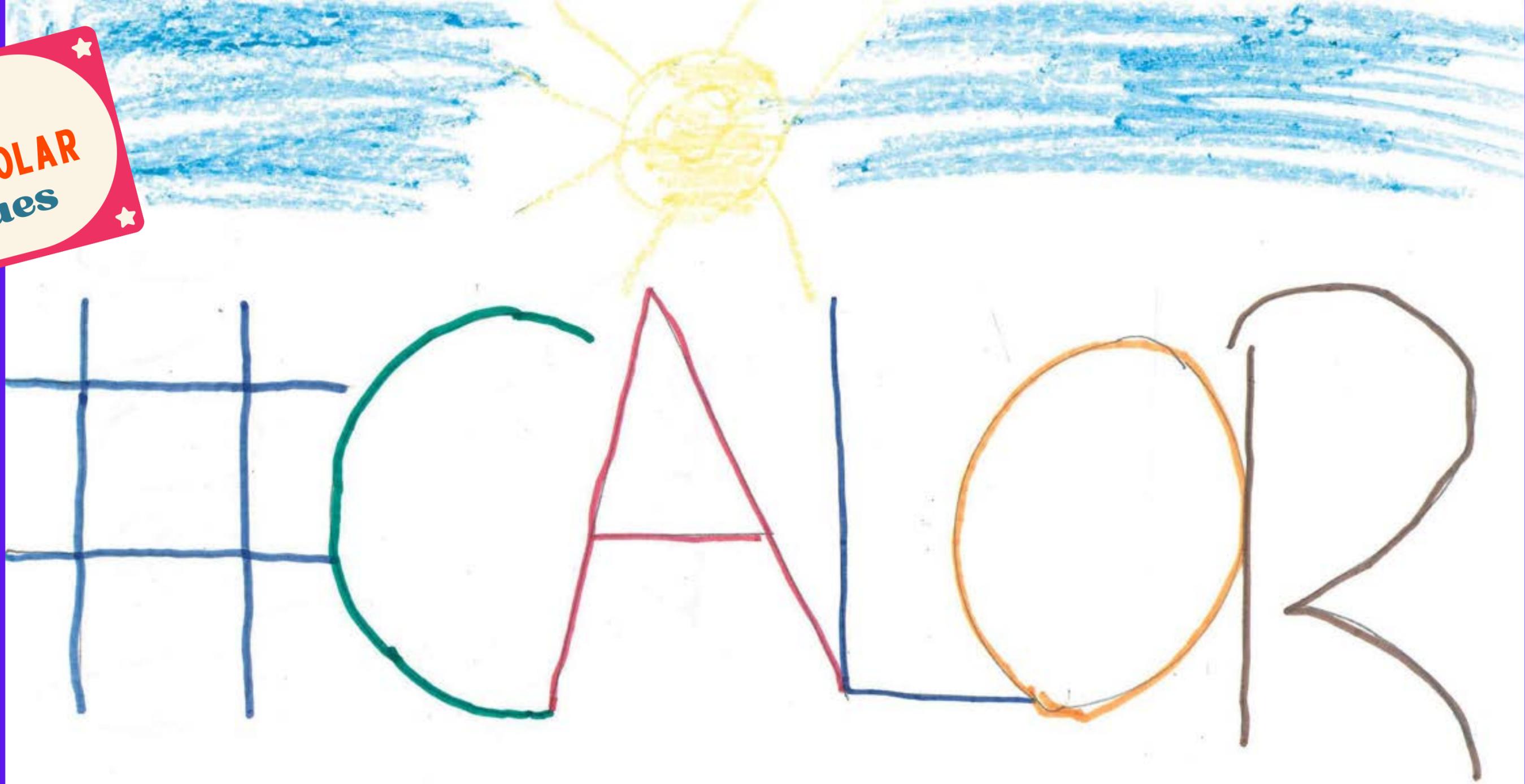
A aoute atoa-

nessa seus sentidos





TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
Dr. Jacques



TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
Dr. Jacques



"Um homem sem chifre  
é um homem sem  
defesa!"

Agostinho Louro



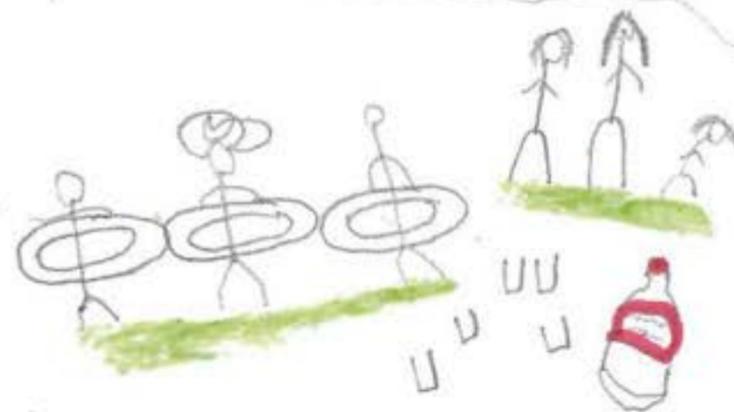
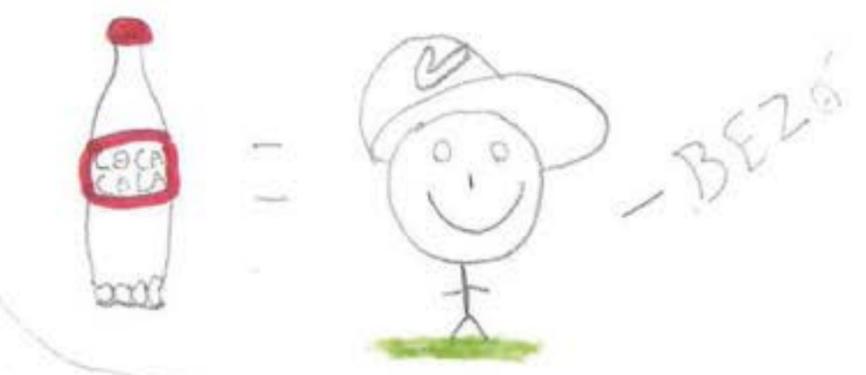
que ele conta; A vida é um rapso, então vive cada momento e seja honesto //  
 os alunos acham que ele conta; A vida é um rapso, então vive cada momento e seja honesto //  
 o tempo  
 que  
 acham  
 muito  
 bonito //



TEATRO EM  
 ESPAÇO ESCOLAR  
 Dr. Jacques

TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR

Uma  
VIDA  
SEM COCA  
É como um ANJO  
SEM ASAS.



A arte  
Alimenta os  
seus sentidos!



Os sonhos são meus  
rêveries, então sempre  
siga seus sonhos,  
sempre sonhos!

A arte  
faz parte  
de tudo!



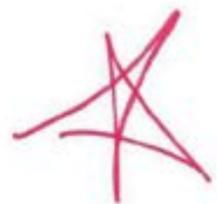
Nunca desista de sonhar,  
só porque dizem que não  
vai se tornar realidade,  
vai se tornar sim, acredite!

A vida é um  
repro, então vi-  
va intensamente!

Sorriso sempre, a  
cada sorriso seu os  
pensos se alegoram, não  
desista de sorrir, seu  
sorriso ajuda muitos  
pensos, acredite.

As dificuldades  
vem, mais  
você é bem mais  
forte que elas!

O teatro  
é uma  
Arte



A aula de hoje foi bem diferente e criativa, mesmo  
de fora eu achei muito legal e engraçado os brincadeiras.♡

SER

HUMANO É SER

TEATRO!!





★  
TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
★

★  
TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR  
★



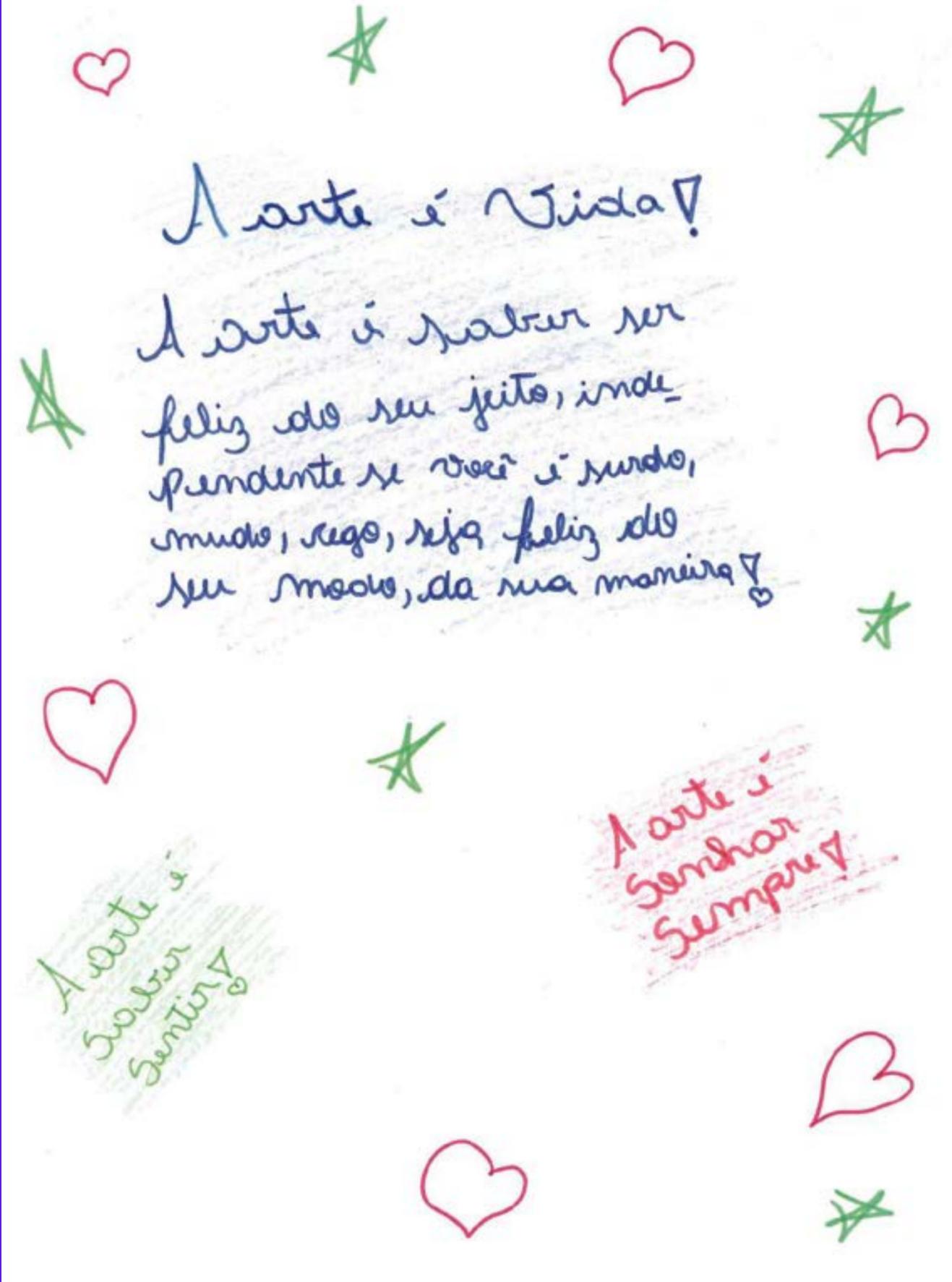
"Seja  
Sempre  
Como  
uma  
criança;  
Ria,  
Dança,  
Brinque,  
Seja  
Feliz!"



"A arte existe porque a vida não Basta!"

TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR

A arte é Vida!  
A arte é saber ser  
feliz do seu jeito, inde-  
pendente se você é surdo,  
mudo,cego, seja feliz do  
seu modo, da sua maneira!

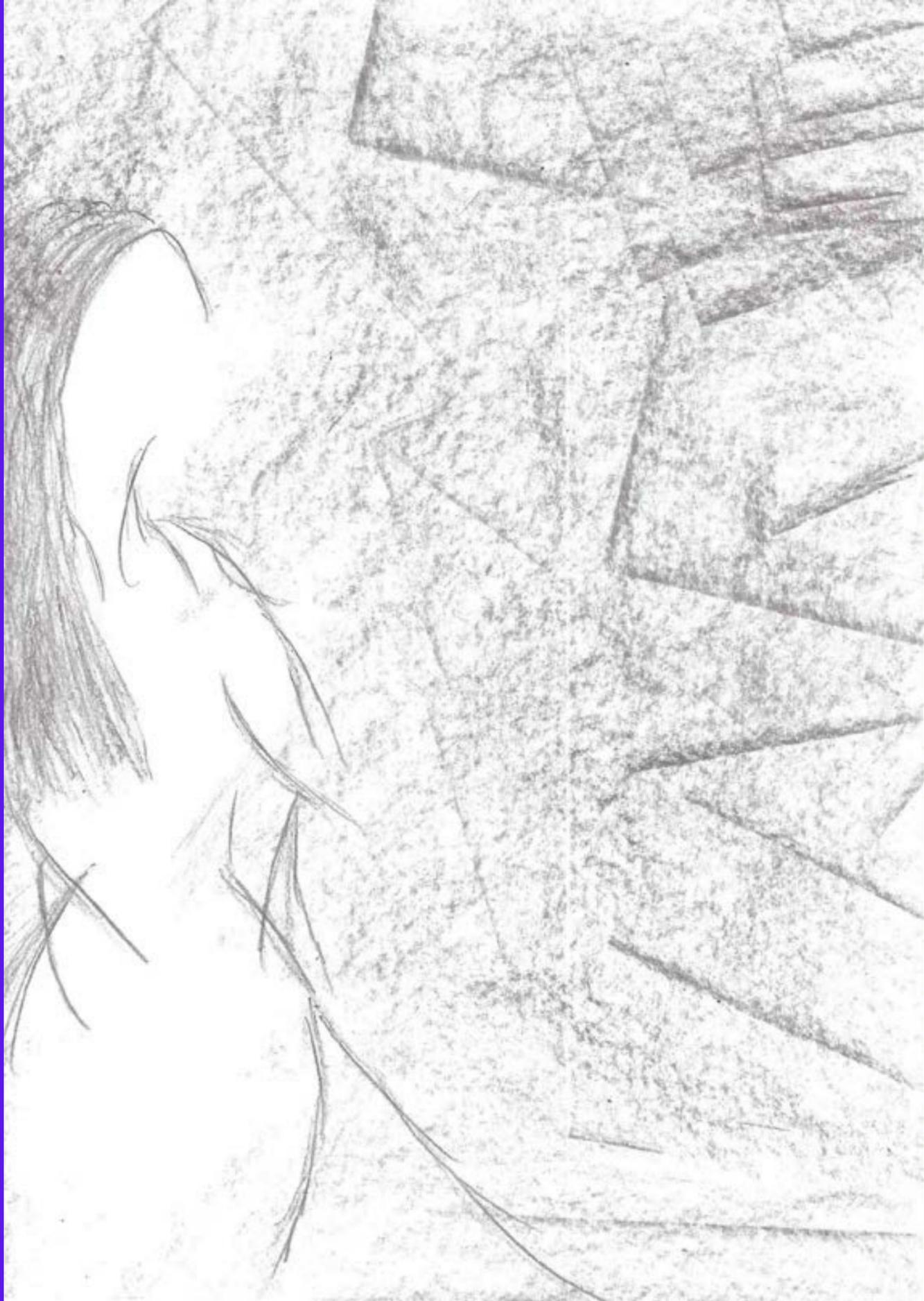


A arte é  
saber  
sentir!

A arte é  
Sempre  
Sempre!

TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR

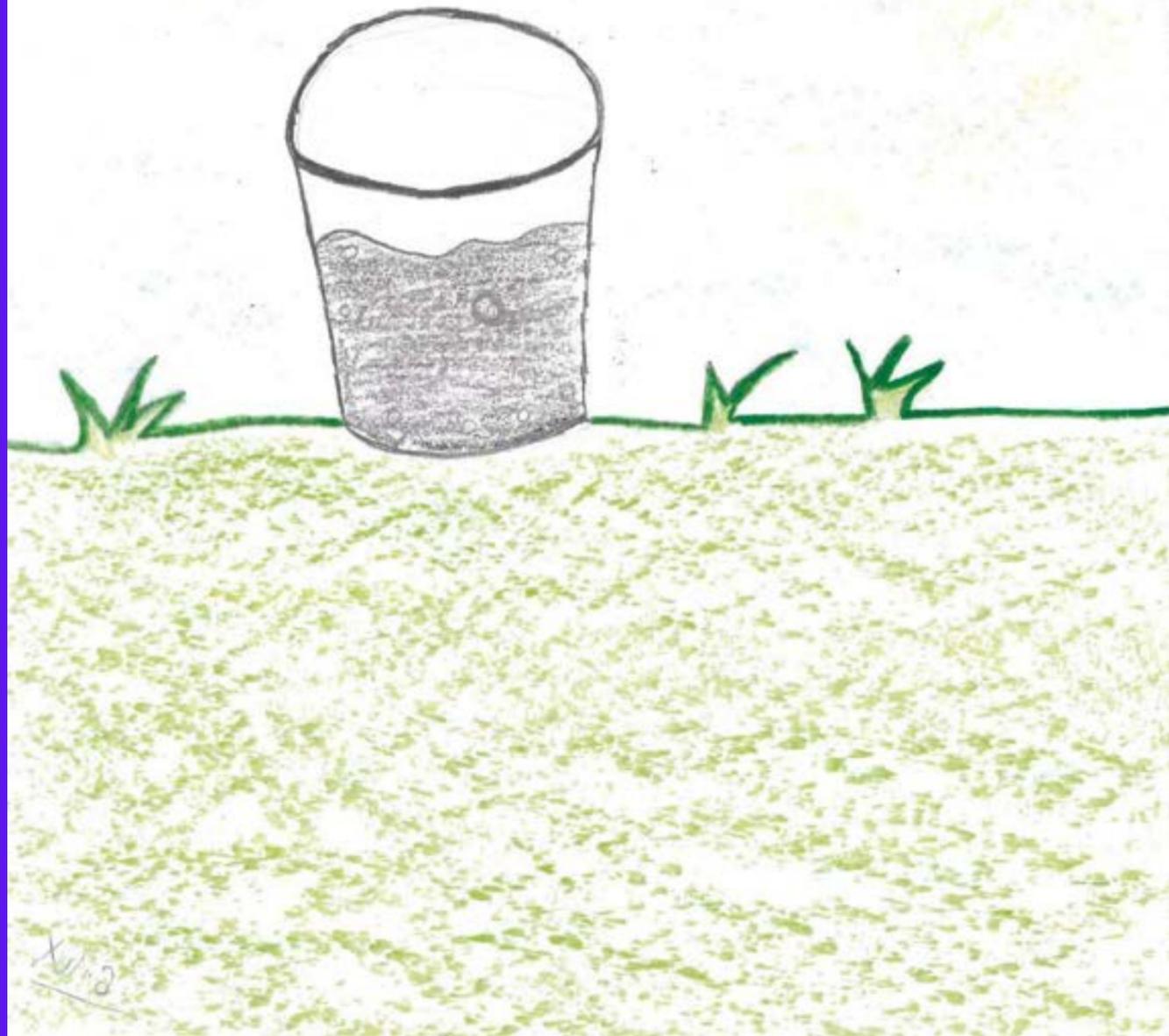




TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR



TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR





Teatro

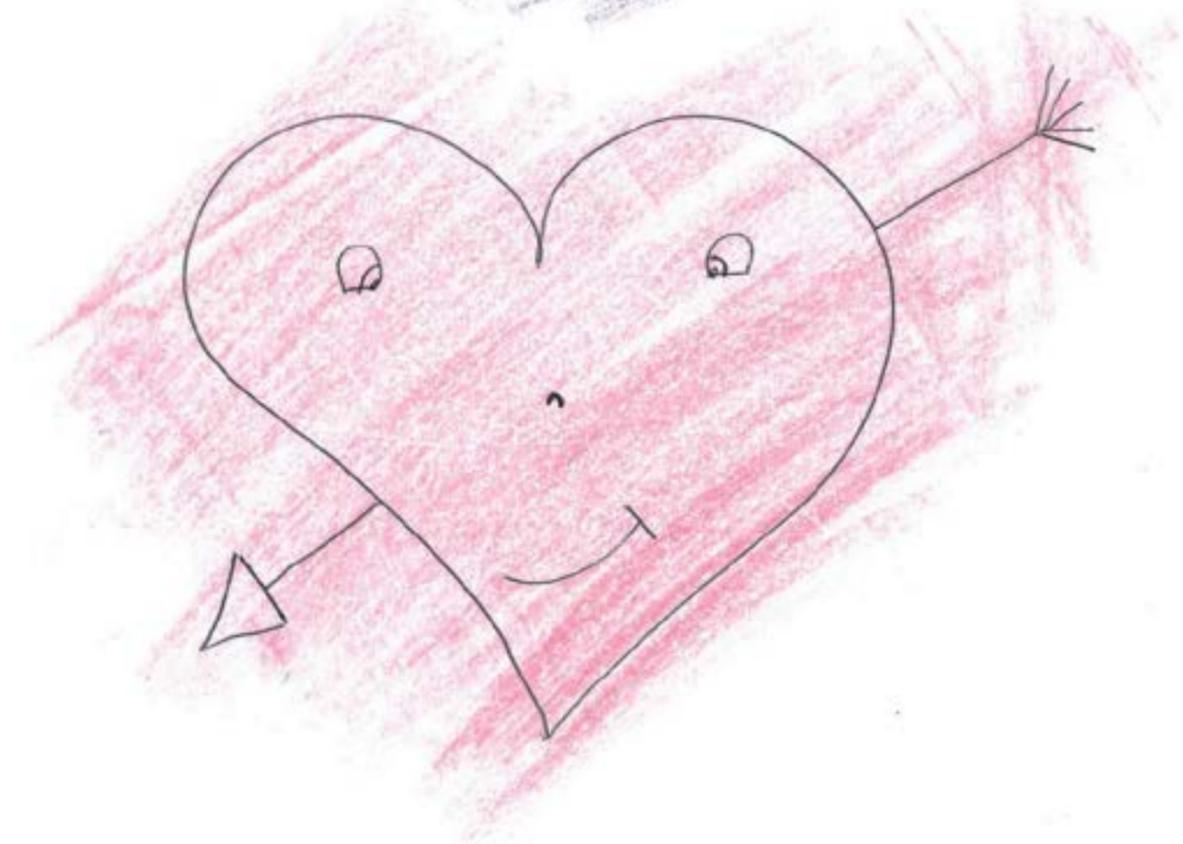
Zoe



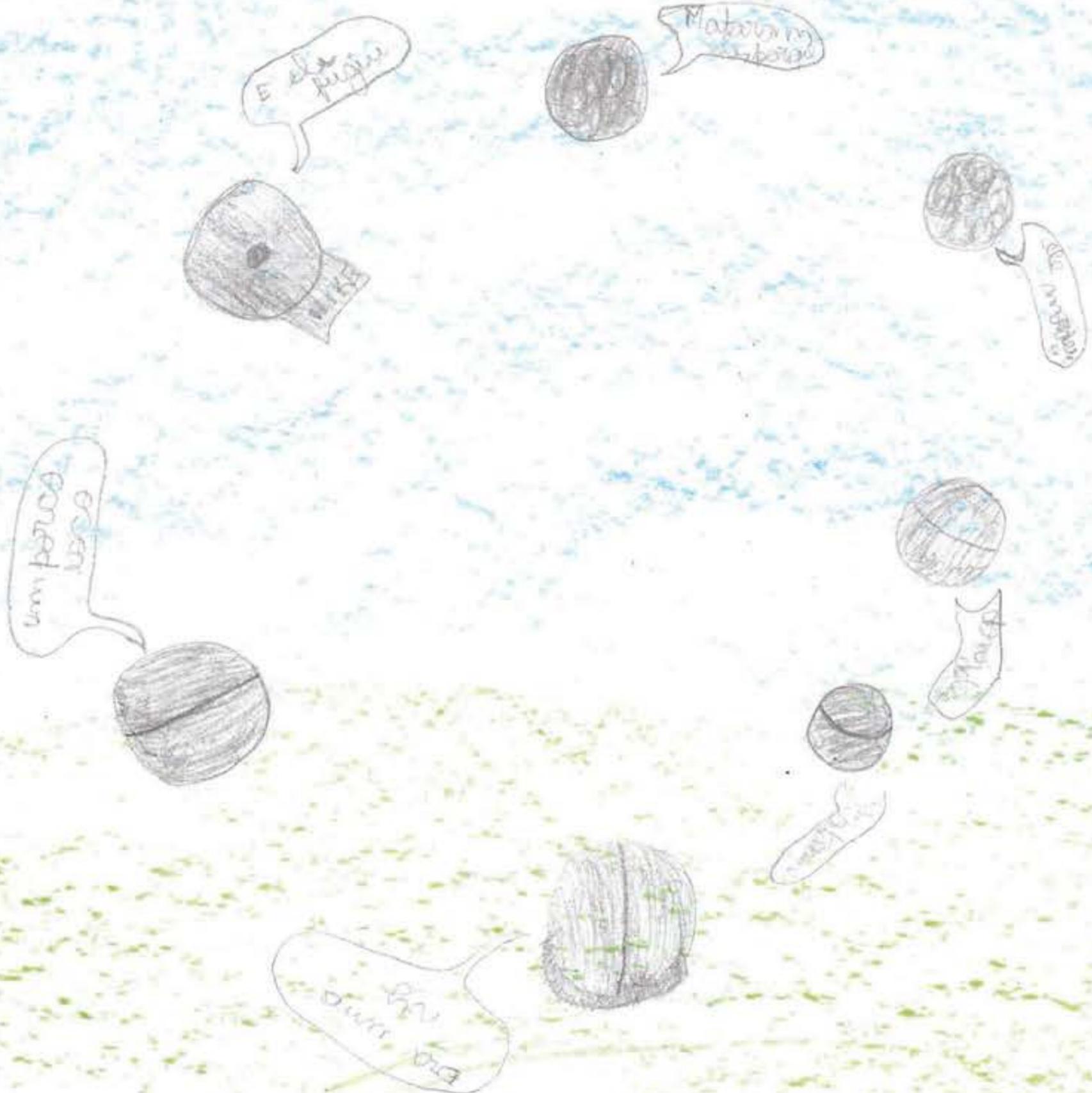
A aula de hoje foi bem divertida com jogos, bem curiosa, bem diferente dos outros.

Ser humano

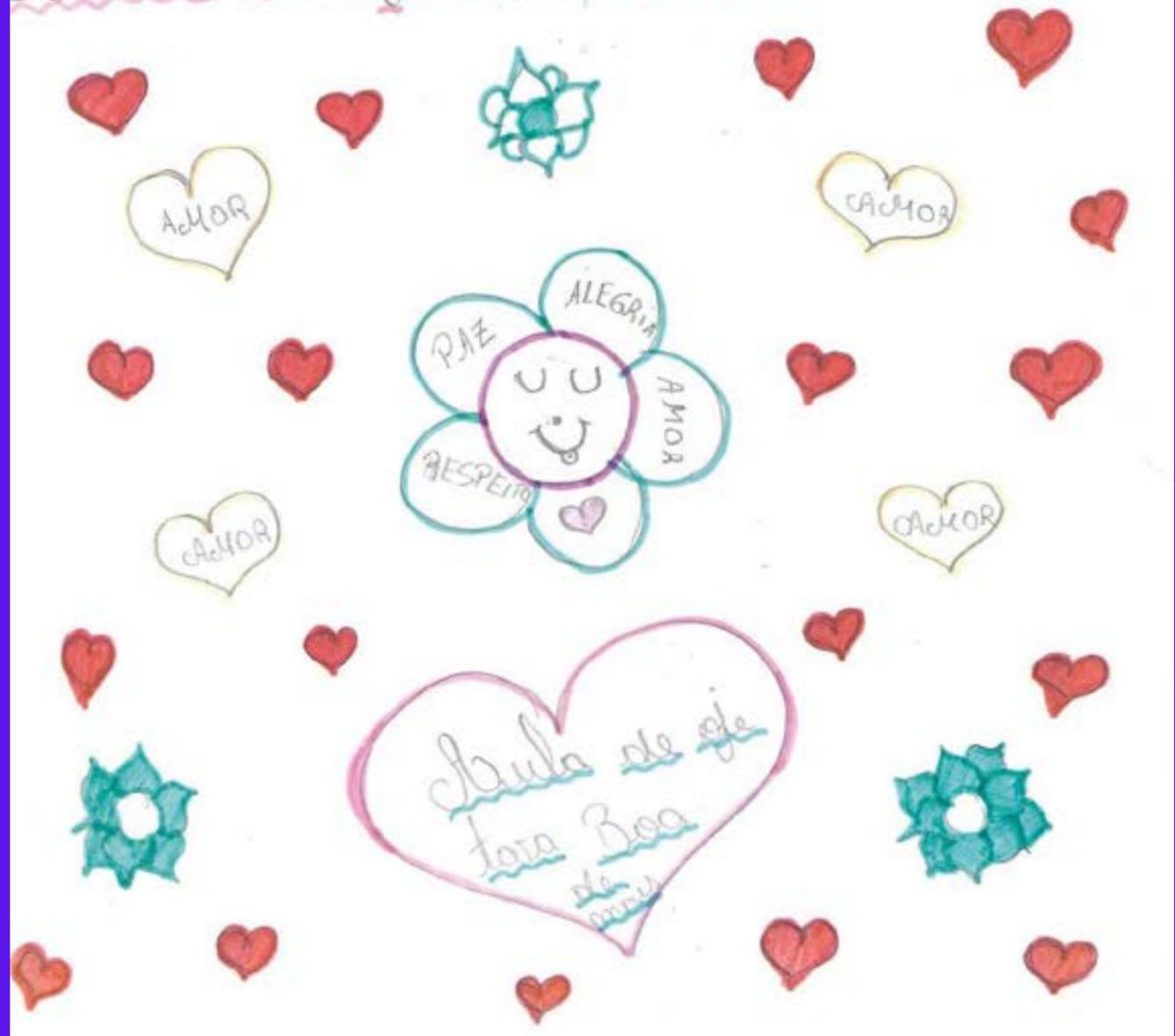
Ser teatro



  
**TEATRO EM  
ESPAÇO ESCOLAR**  
**Dr. Jacques**



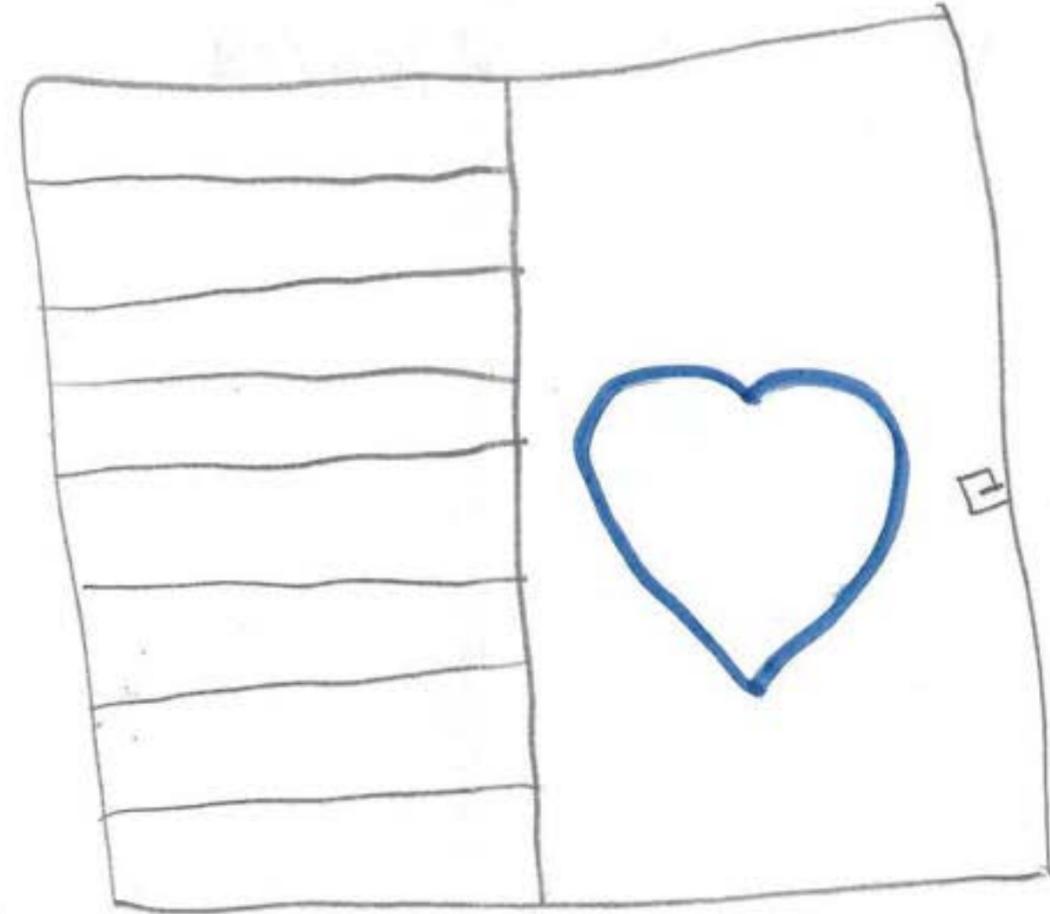
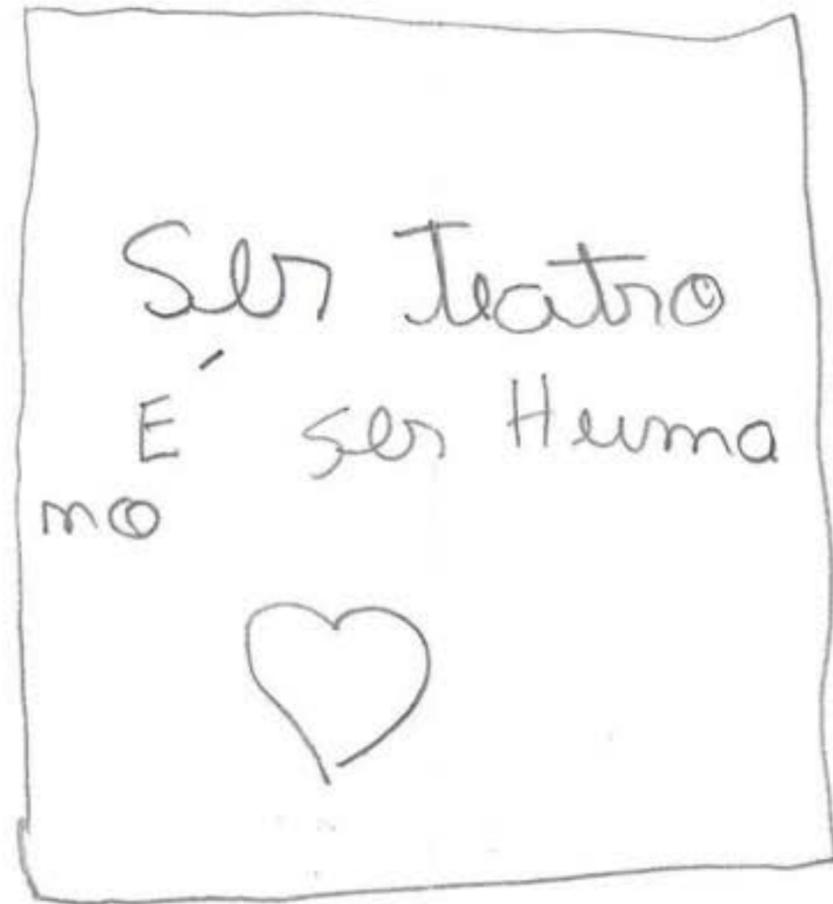
do Aula Para Muito Bom com Bricade  
das Devotida e Bricadeira 1 Bater Palma e Pulo  
3 Silencio 4 camgela 5 hipnatisimo.



A

aula

foi  
Divertida  
legal e  
interessante  
Aprendermos  
Muito

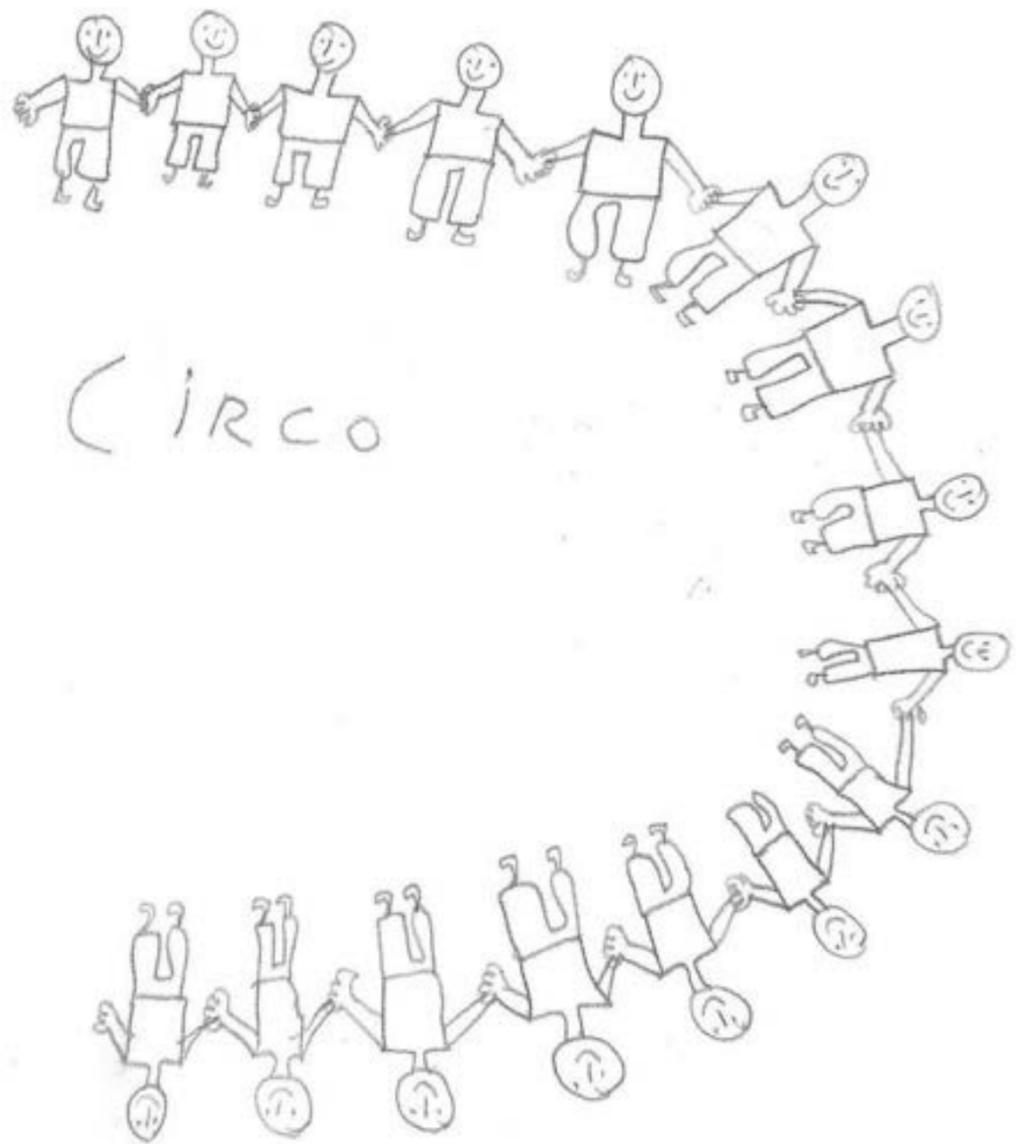




3

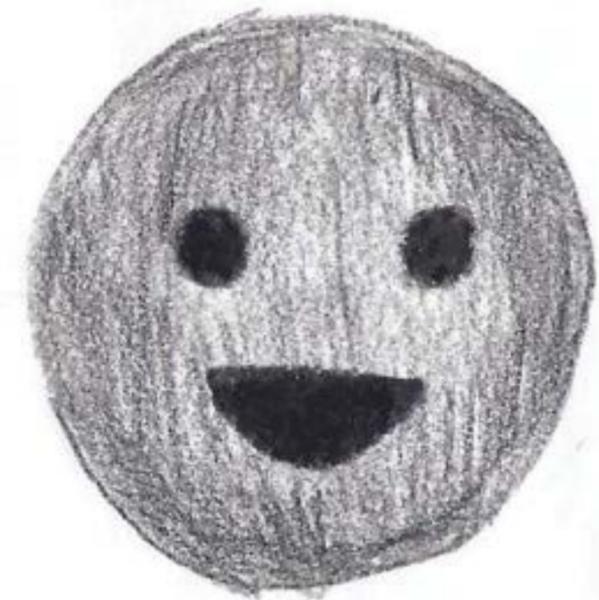


shhhhh!



CIRCO

# BOLA IMAGINARIA





ZIP ZAP

A BRINCADEIRA DA BOLA DO TELEFONE

GOSTEI;

MUITO



Artes e  
VIDA

Caminhando  
Pelo Espaço

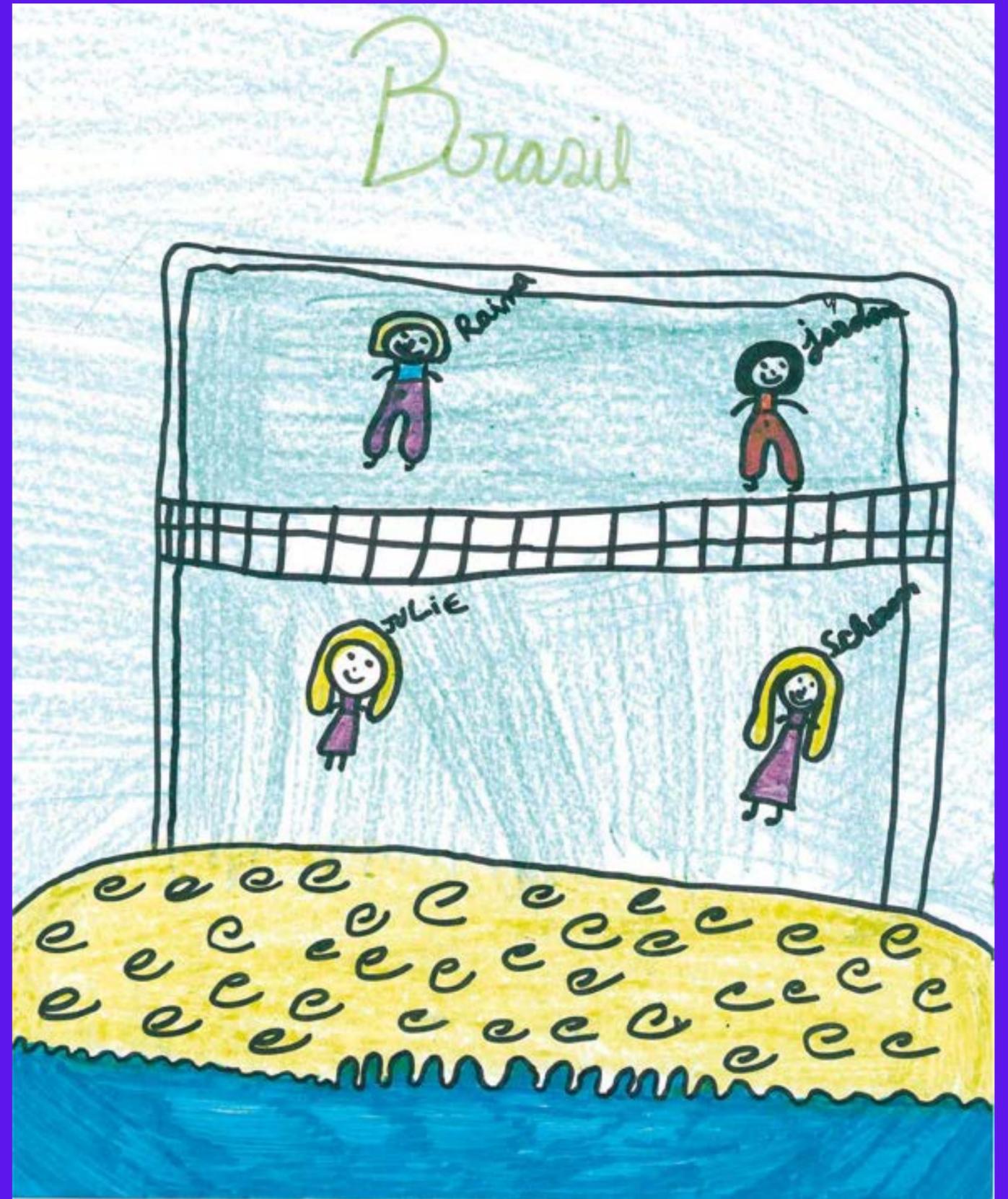
To Pub  
m do

To balem  
do Palma

chi

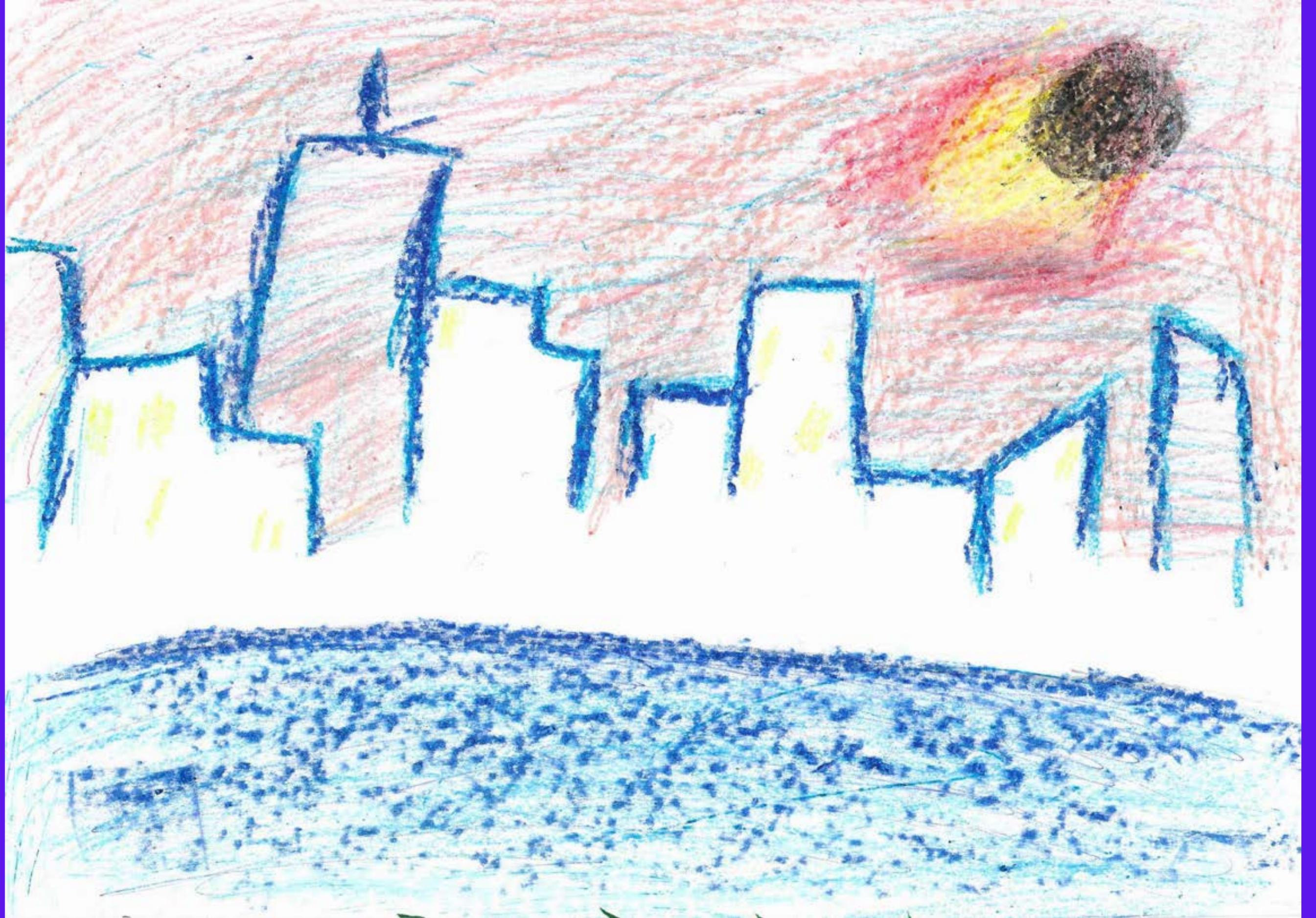
Estas Hi-  
Analisando



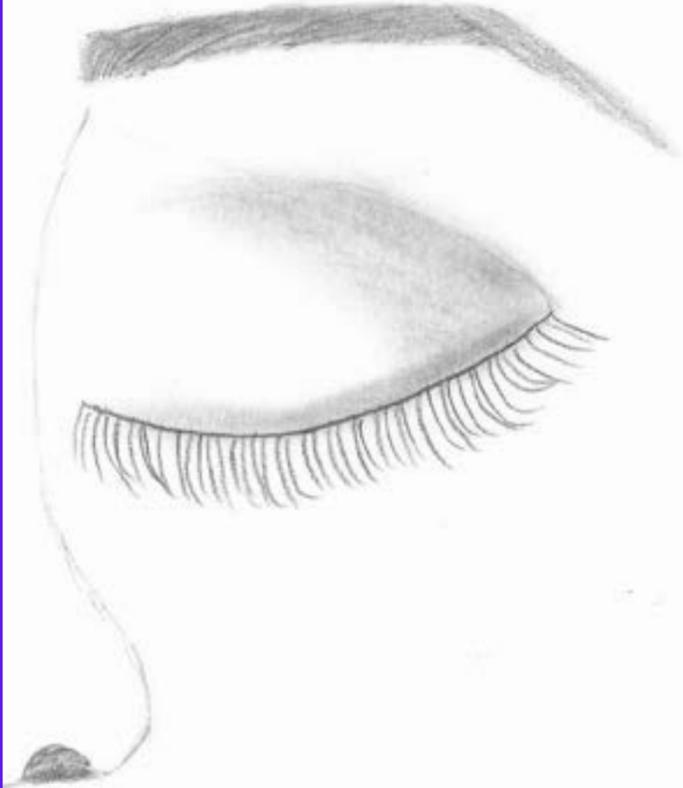


meu dia hoje foi divertido Alegre e feliz vou mostra









confiança

sentidas

audição

equilíbrio

Sal

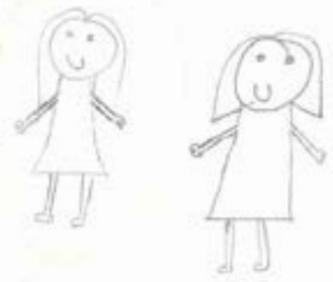


Frio

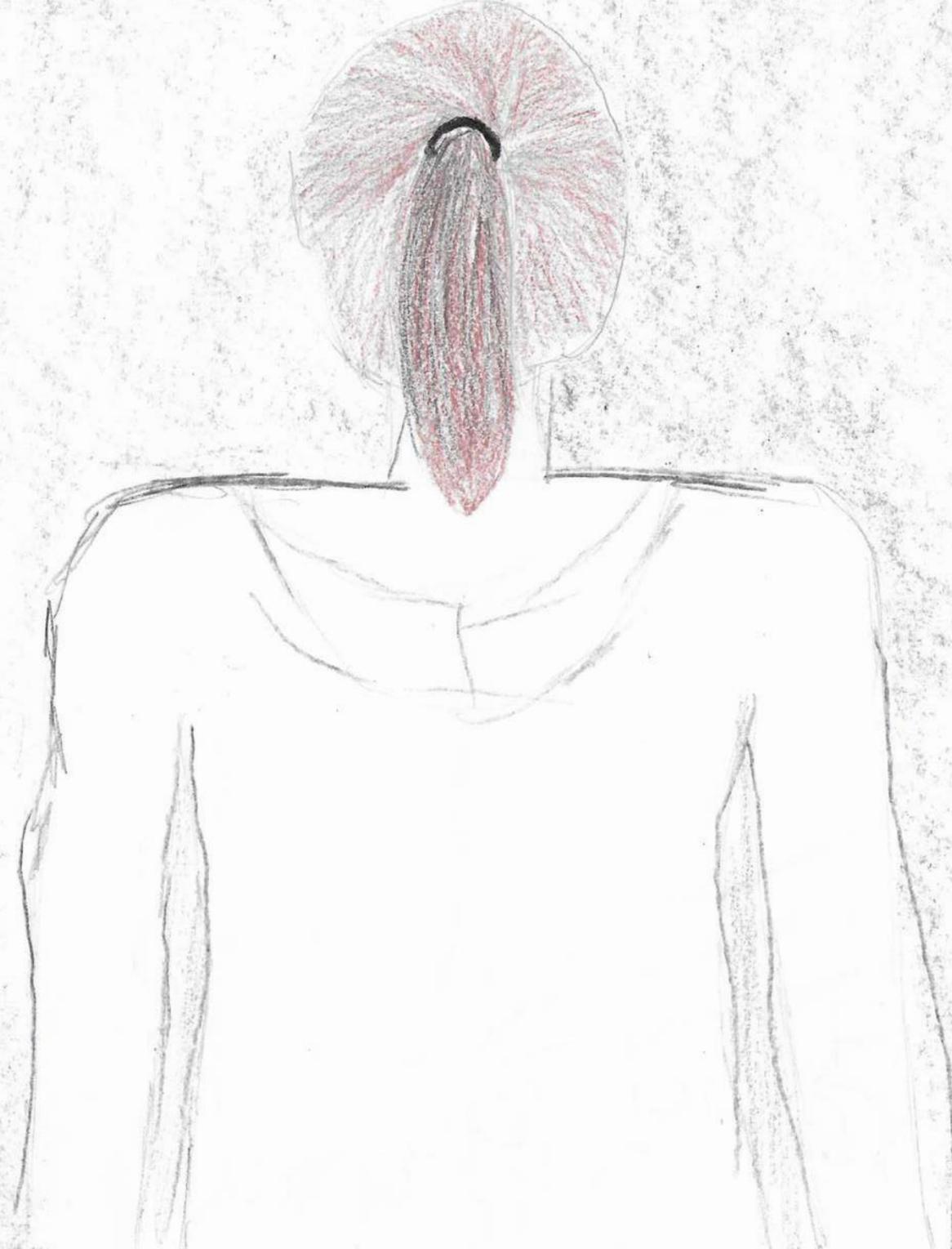


ipimelismo

Corrente



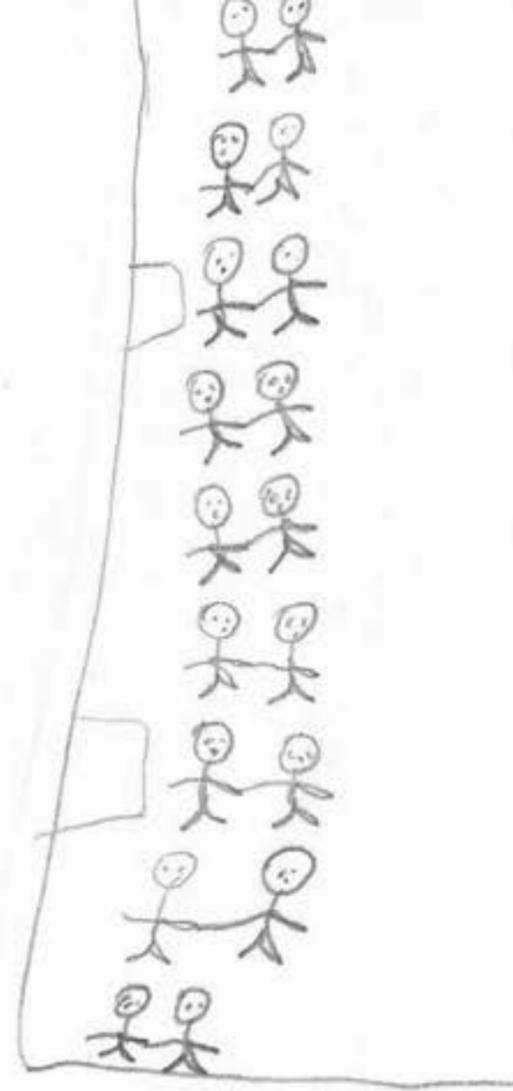
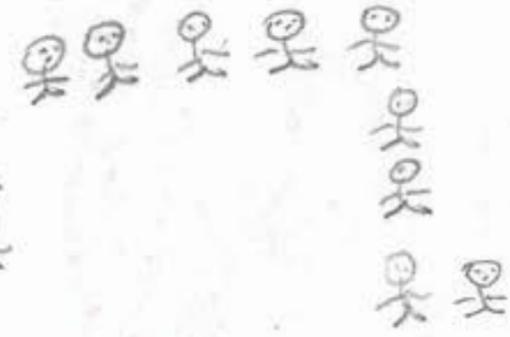
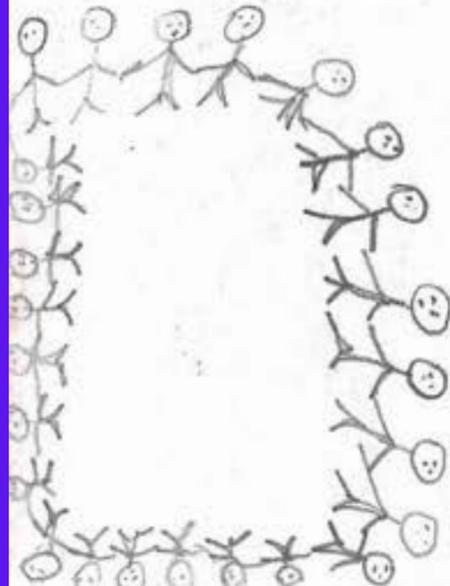
espelho

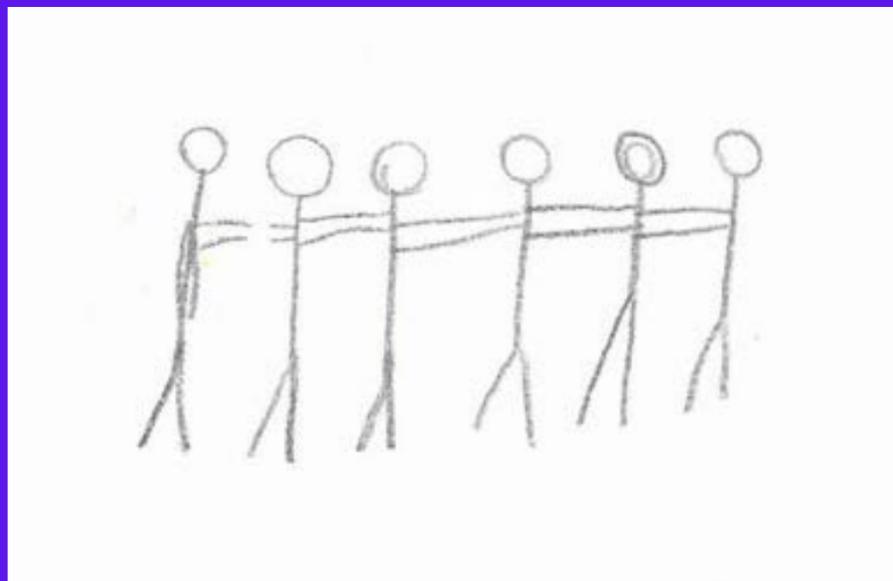


Essas atividades de feije foram muito legais, mas foram difíceis, aquela do hipnotisismo, foi bem divertida, mas aquela do círculo de mãos foi muito incrível. Terceira também aquela do reflexo do espelho foi bem legal.

"Terra" muito fútil, mas mesmo assim foi ótimo, foi também a primeira aula com o sétimo ano. Não achei que seria muito chata, mas foi muito, muito ótimo. —D

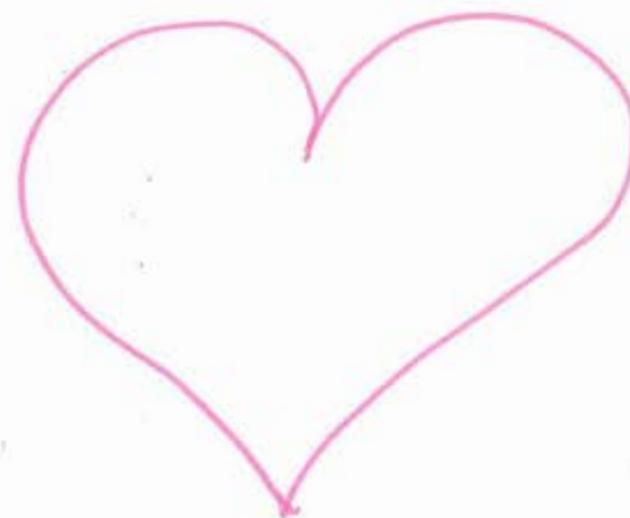
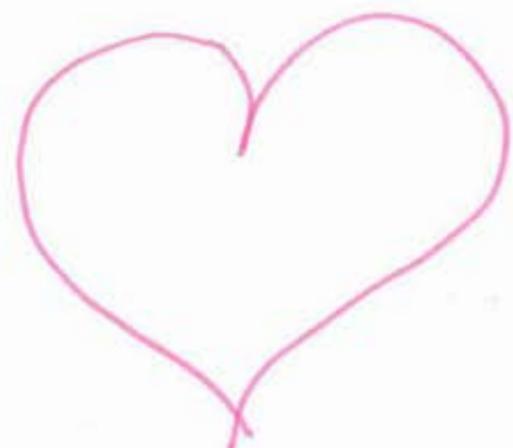
Obs.: Não estou sentindo os meus dedos, tanto dos pés quanto das mãos.



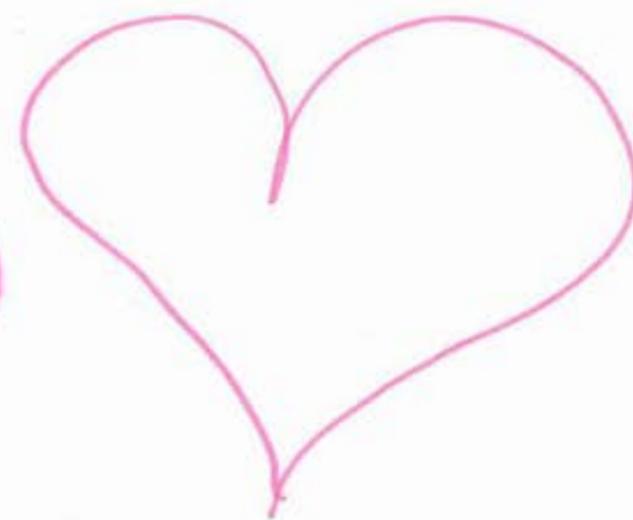


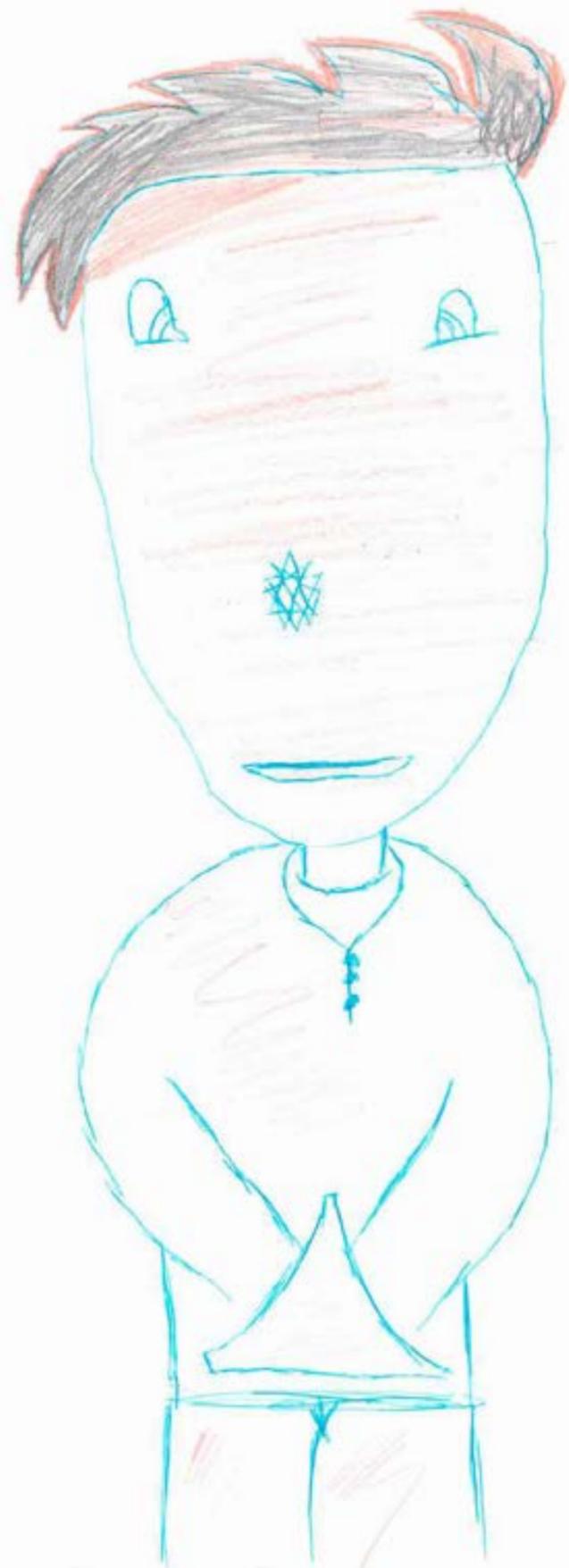


Muito



Top

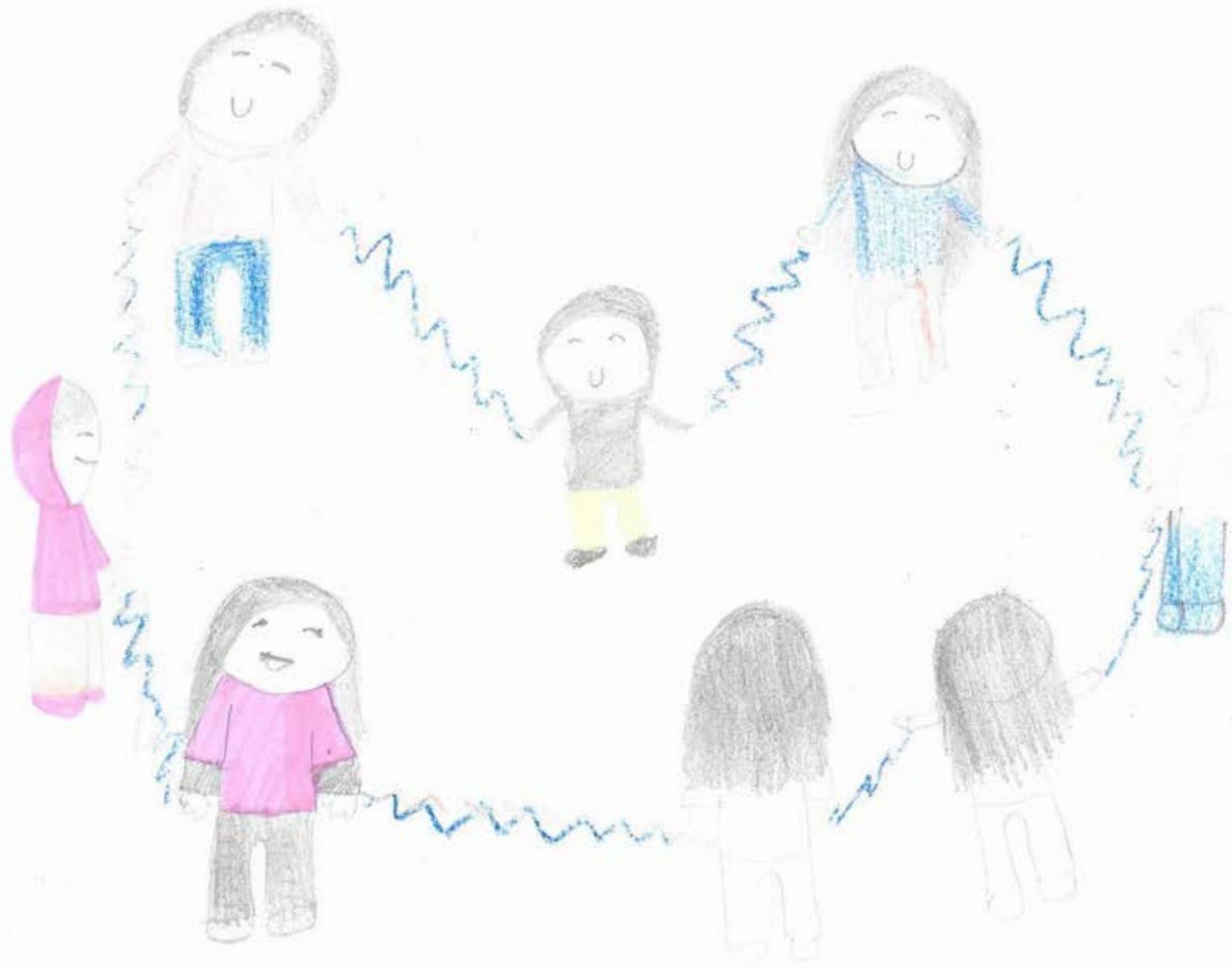






Na aula de hoje a gente saiu pelo corredor da escola brincando de alheir fechados para só escutar o barulho e não olhar, brincamos também com a gente esfregou a mão com um relinho de jasmim e depois de esfregar as mãos cheiro mas ela, foi etimo a aula de hoje, brincamos de trenzinhos pelo corredor fomos no sala dos professores e passamos pelo pátio da escola também foi bem legal a sensação.

A aula de hoje foi bem legal saímos para o pátio para fazermos atividades tanto bem foi mas foi muito legal fizemos o jogo do hipnose, o círculo de mãos, pulamos, batemos palma e fizemos outras variações gestuais bastante hoje está bem frio a gente estamos reagindo mas foi bem sair um pouco para se aquecer a aula de hoje foi muito boa se aquecemos lá no sol fazendo um pouco de exercícios gestuais bastante.





**Tivemos oficinas de  
Teatro no contra  
turno.**

**Confecionamos  
máscaras de papel  
Mache.**





# Contação de Histórias

ARTE  
C A O  
E T R O

Abrimos uma  
exposição de  
Arte durante a  
Feira de  
ciências.



A ABERTURA OFICIAL DA EXPOSIÇÃO  
CONTOU COM UM CÍRCULO GIGANTE  
FORMADO PELAS DUAS ESCOLAS, JUNTAS!

ESTÁVAMOS AQUECENDO NOSSO OLHOS,  
AFINANDO O OLHAR ANTES DA  
APRECIÇÃO...



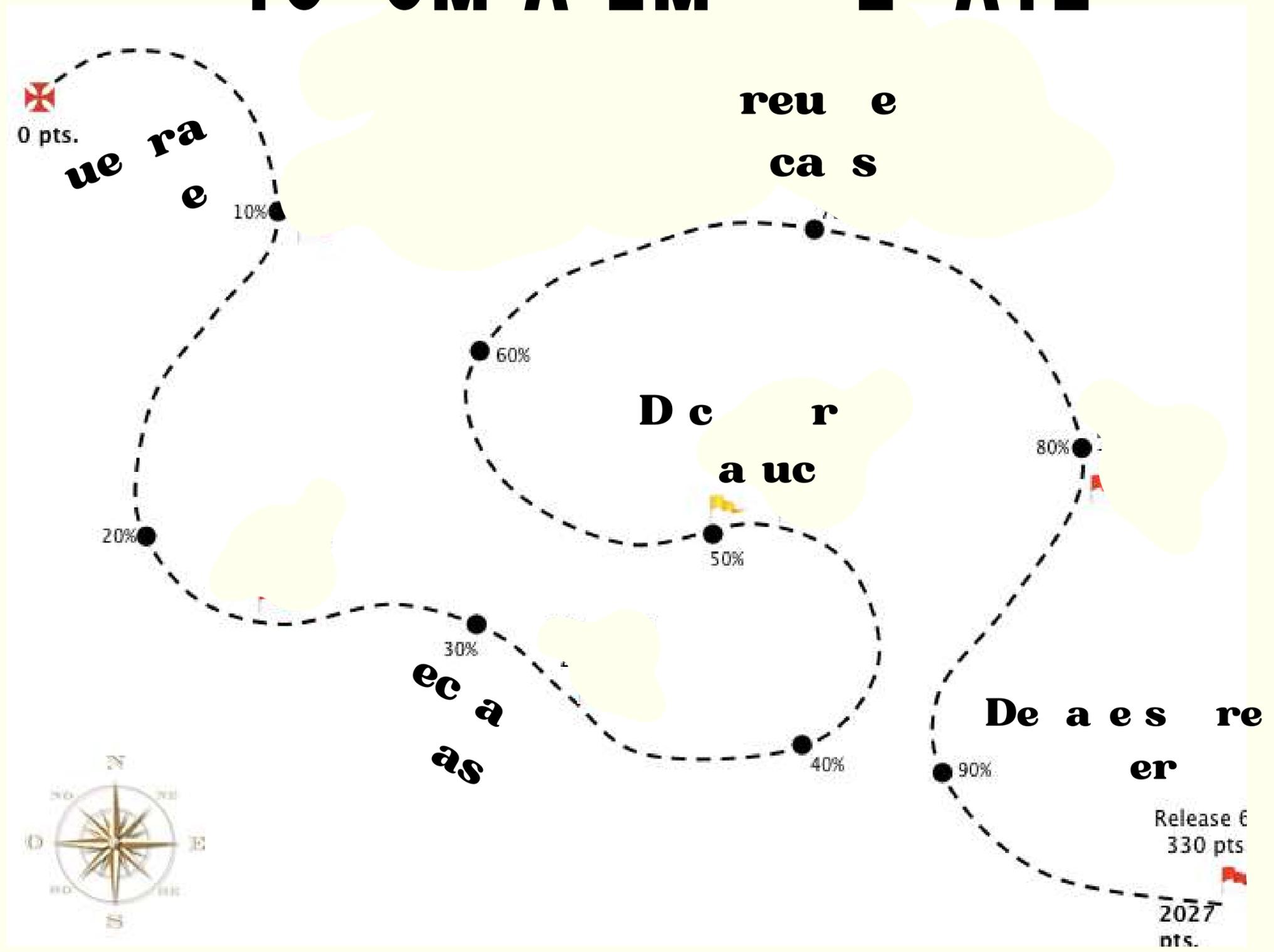
O ESPAÇO  
PERMANECEU  
ABERTO À  
VISITAÇÃO POR  
DUAS SEMANAS.



ESTO ET RMA  
ASO



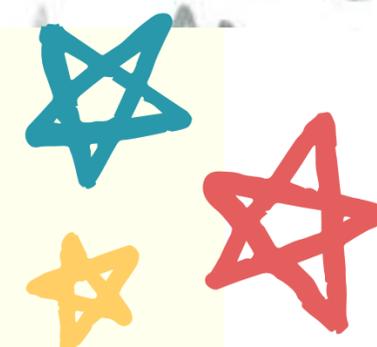
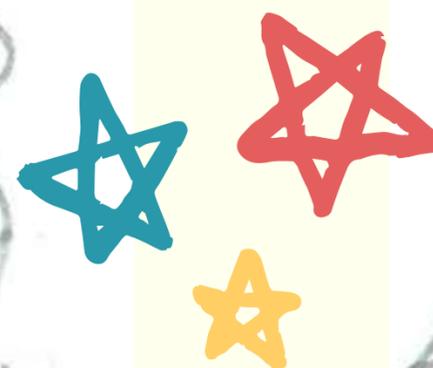
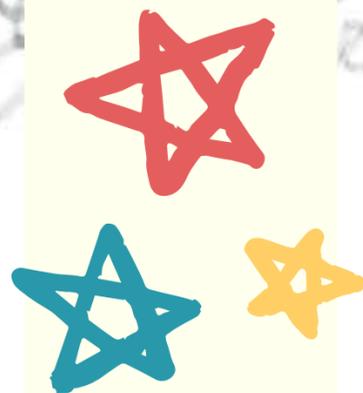
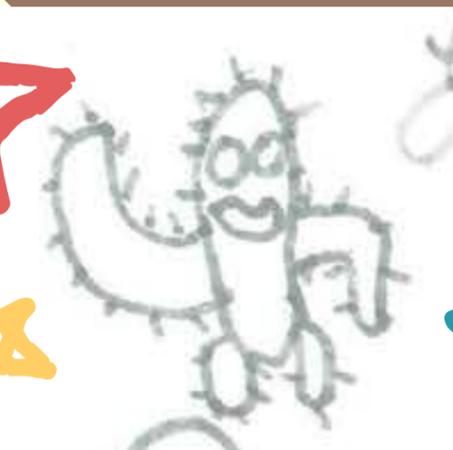
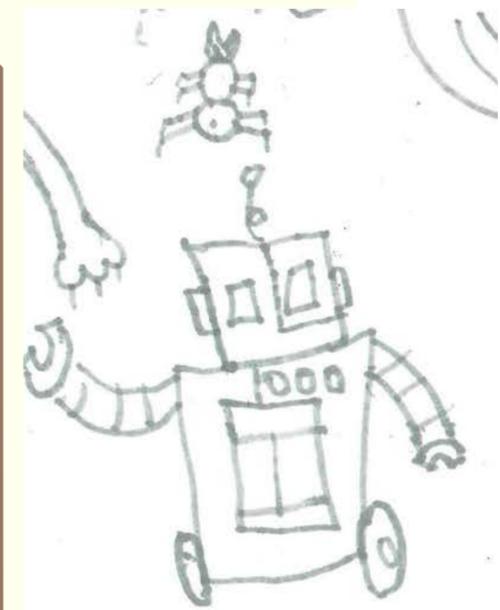
# TO OM A EM E ATE





# DICIONÁRIO MALUCO

Hora de assumir a autoria de nosso próprio olhar!



**MEMÓRIA:** É LEMBRAR DE TUDO O QUE É MAIS IMPORTANTE.

**DOR:** É A PIOR COISA QUE TEM, MAS ELA TAMBÉM TE FORTALECE.

**FAMÍLIA:** SÃO AS PRIMEIRAS PESSOAS QUE A GENTE CONHECE. DE ONDE VEM NOSSO SOBRENOME. ONDE TEM AMOR DESDE SEMPRE E ONDE APRENDO TANTAS COISAS. UNIÃO, LAÇOS SANGÜÍNEOS.

**CORAGEM:** É SABER ENFRENTAR SEUS MEDOS, ASSUMIR SEUS ERROS E LEVANTAR NOVAMENTE. É NUNCA DESISTIR DOS SEUS SONHOS.

**TRISTEZA:** É UM SENTIMENTO QUE FAZ A GENTE FICAR COM A AUTOESTIMA BAIXA, MAS TAMBÉM FAZ A GENTE VER NOSSOS AMIGOS DE VERDADE.

**ALÍVIO:** É SE SENTIR SEM RESPONSABILIDADES E PODER FAZER AS COISAS DO SEU JEITO, DO SEU MODO.

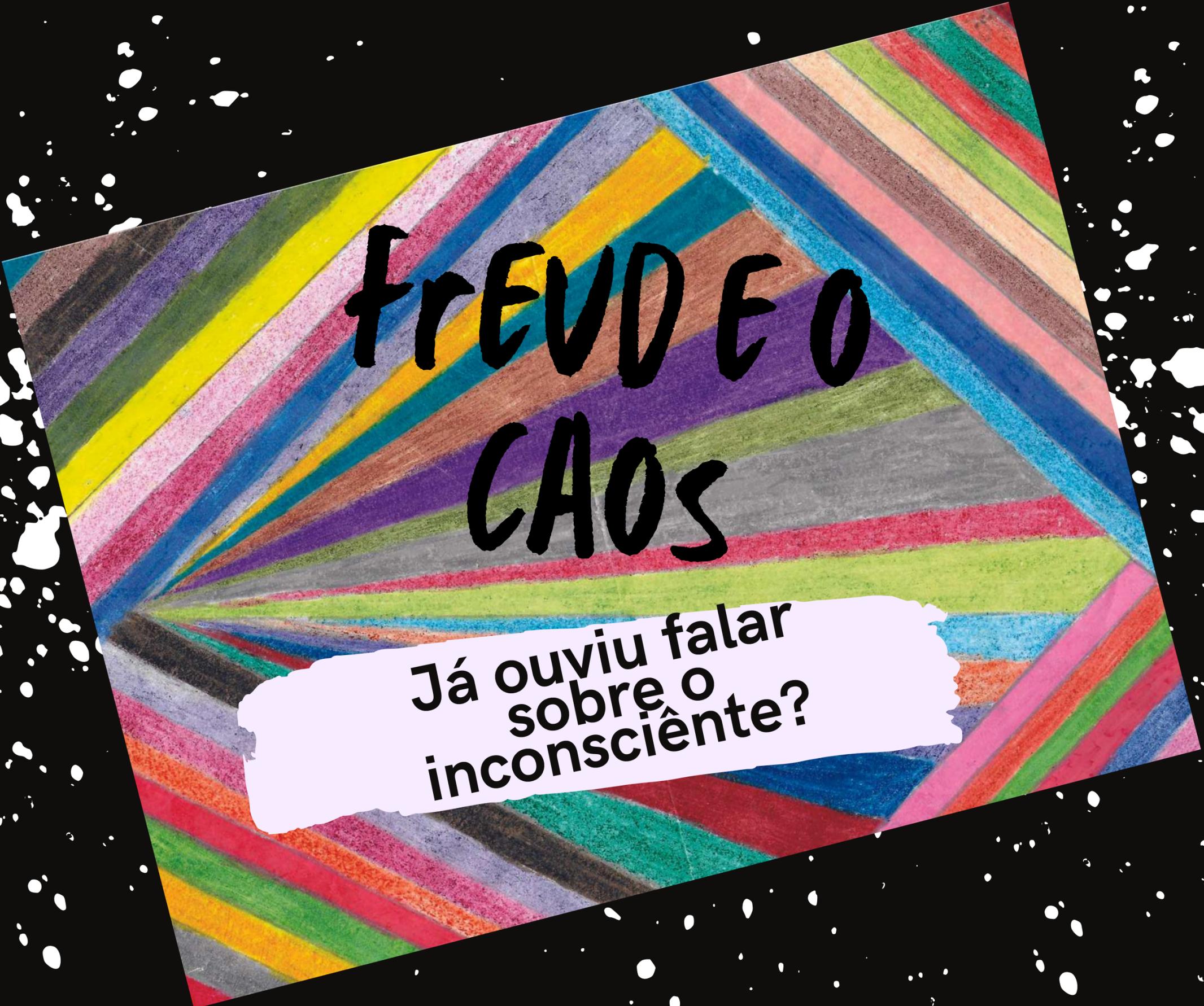
**MENTE:** É O CENTRO DO PENSAMENTO

**AMOR:** É AMAR AO PRÓXIMO DE VOCÊ, E TAMBÉM, AMAR A SUA FAMÍLIA ACIMA DE TUDO E DE TODOS.

**PERDÃO:** NÃO SEI EXPLICAR... É DIFÍCIL PERDOAR, DEPENDENDO DAS COISAS QUE QUEREM QUE VOCE PERDOE.

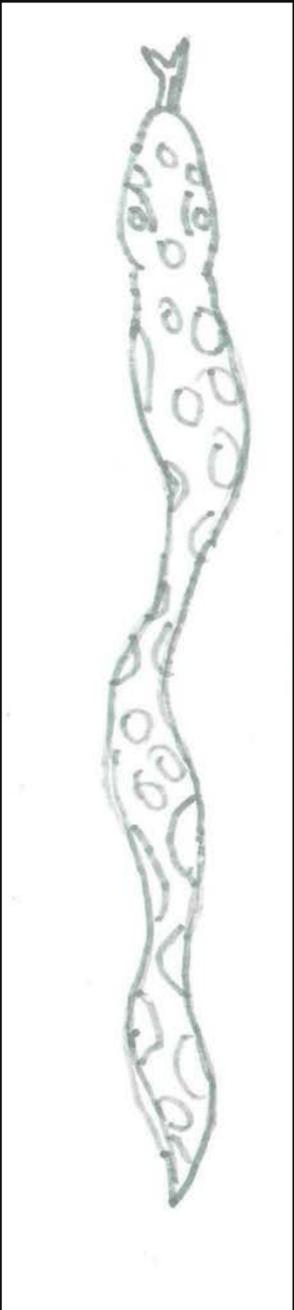
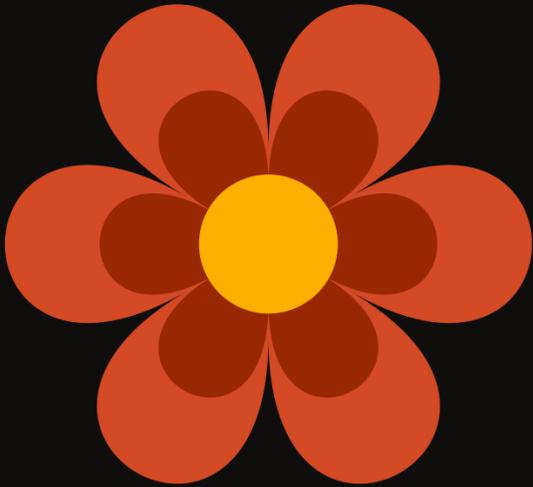
**VIDA:** VIVER CADA MINUTO COMO SE FOSSE O ÚLTIMO

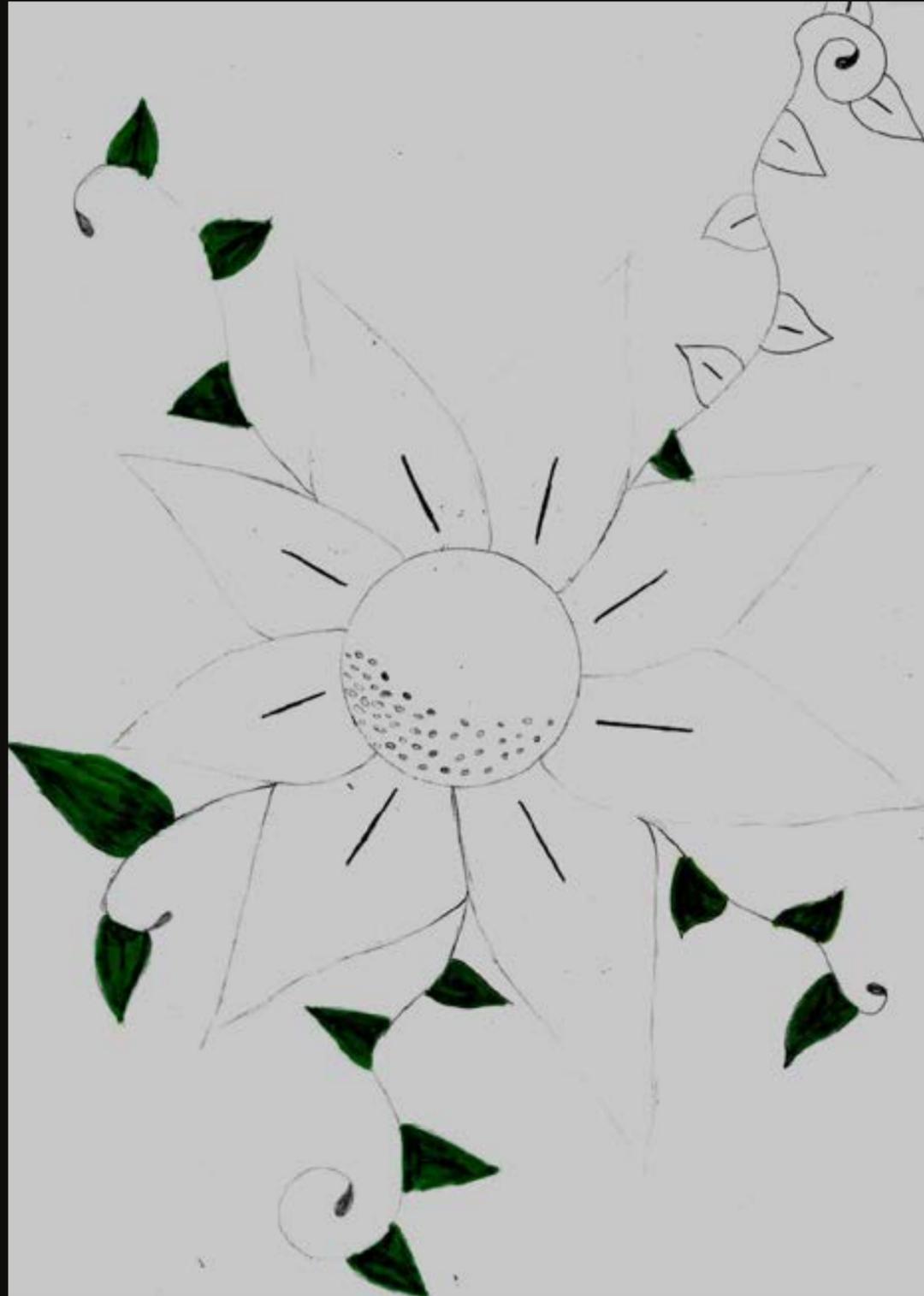


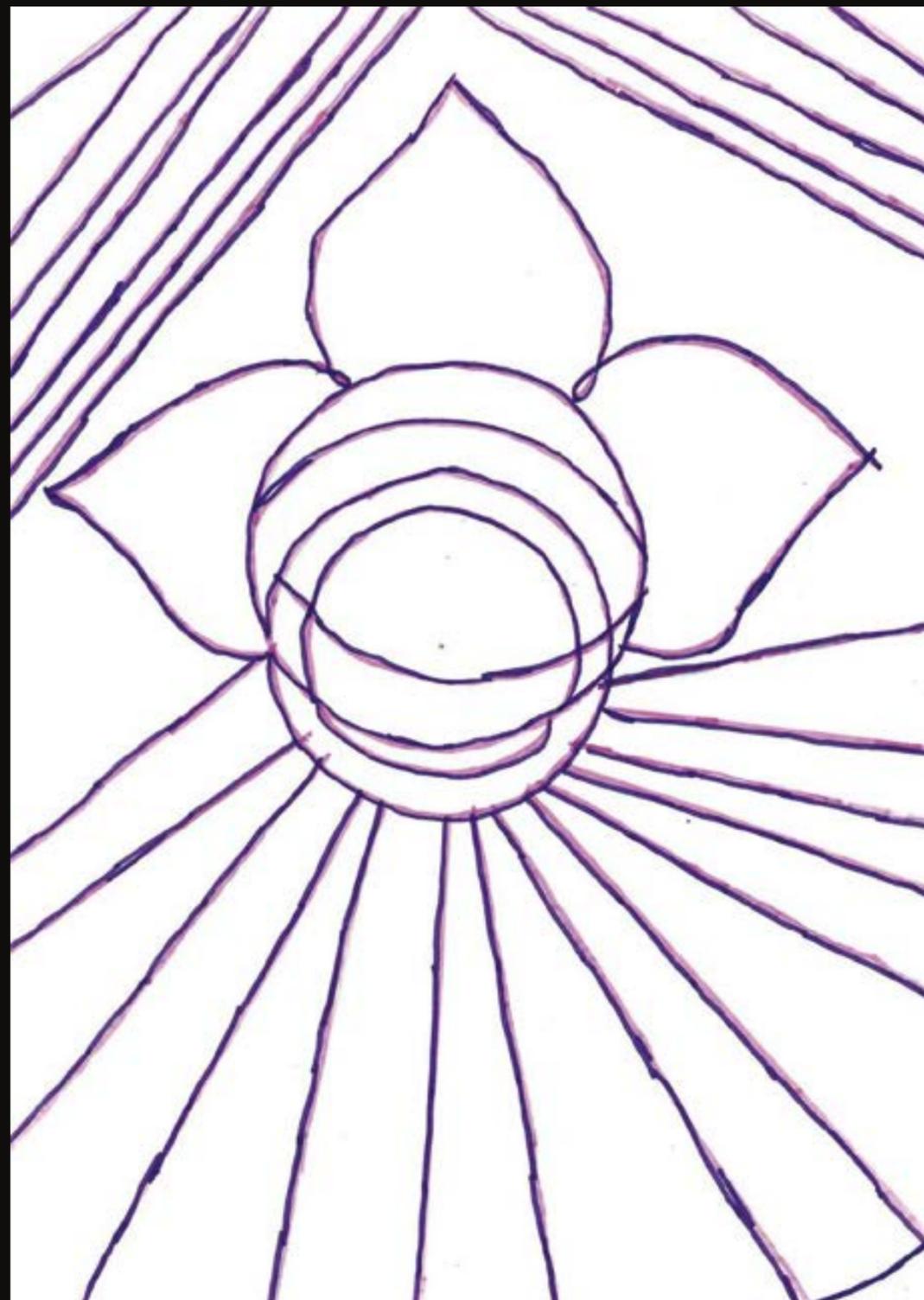
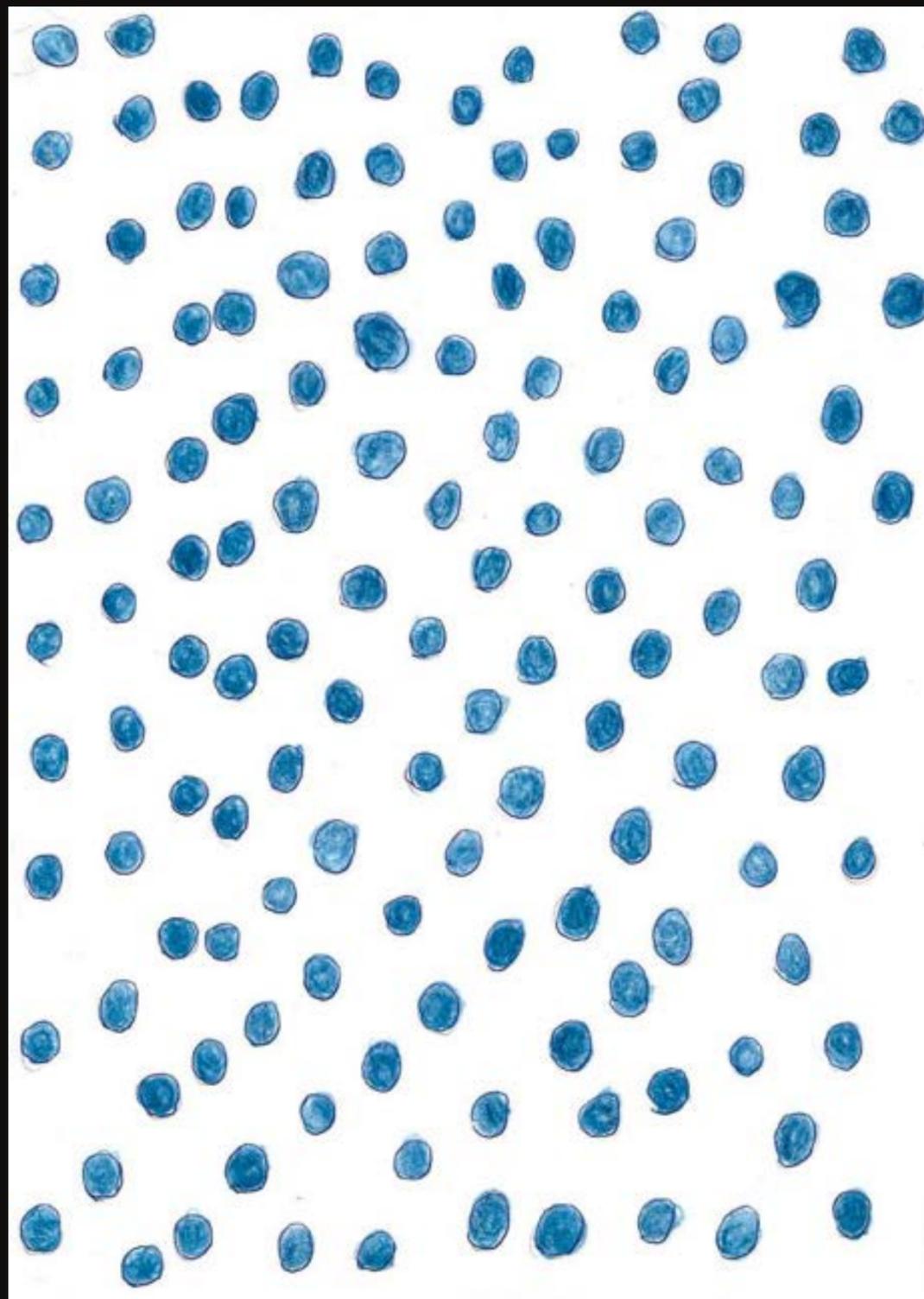


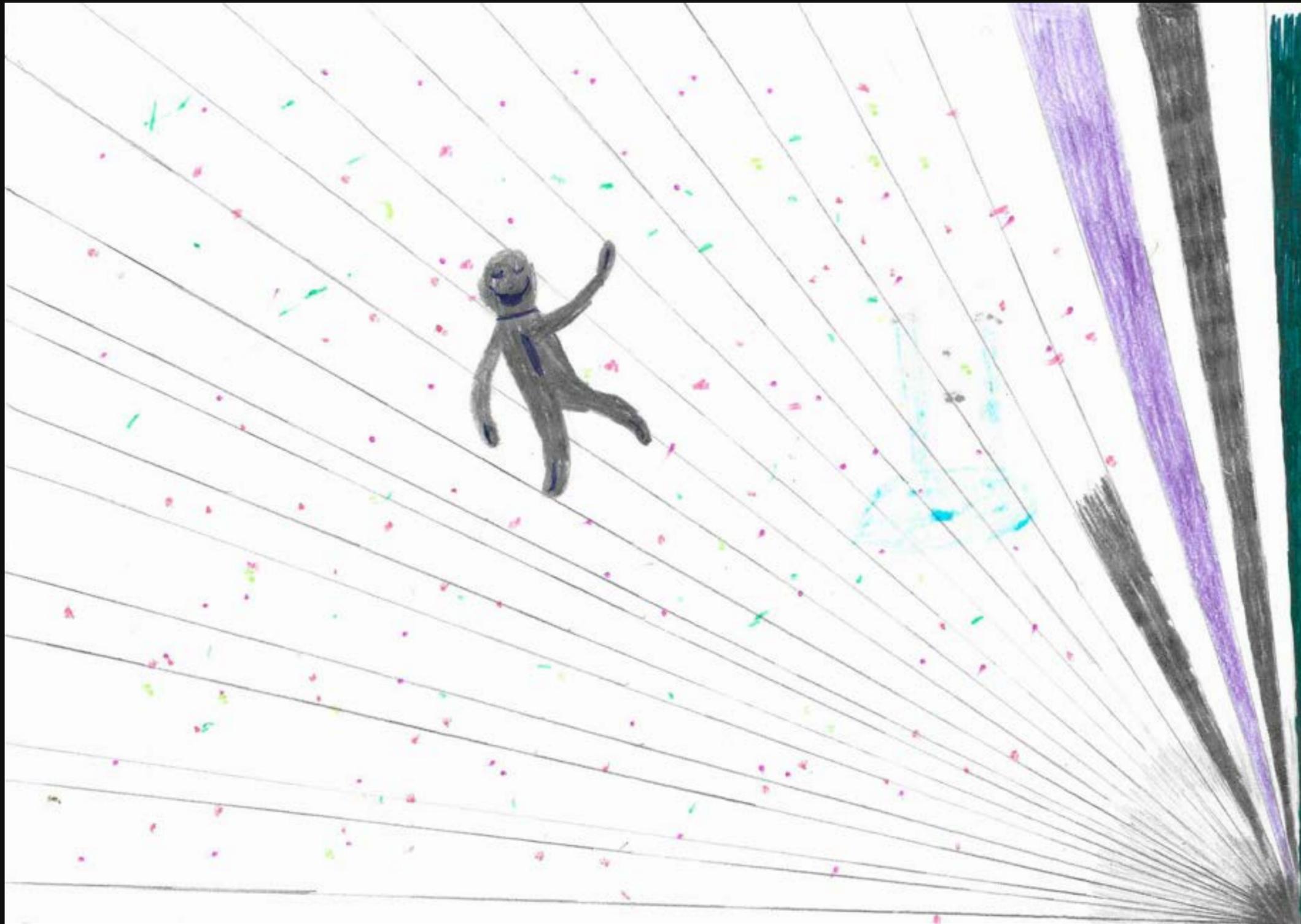
# FREUDO E O CAOS

Já ouviu falar  
sobre o  
inconsciente?

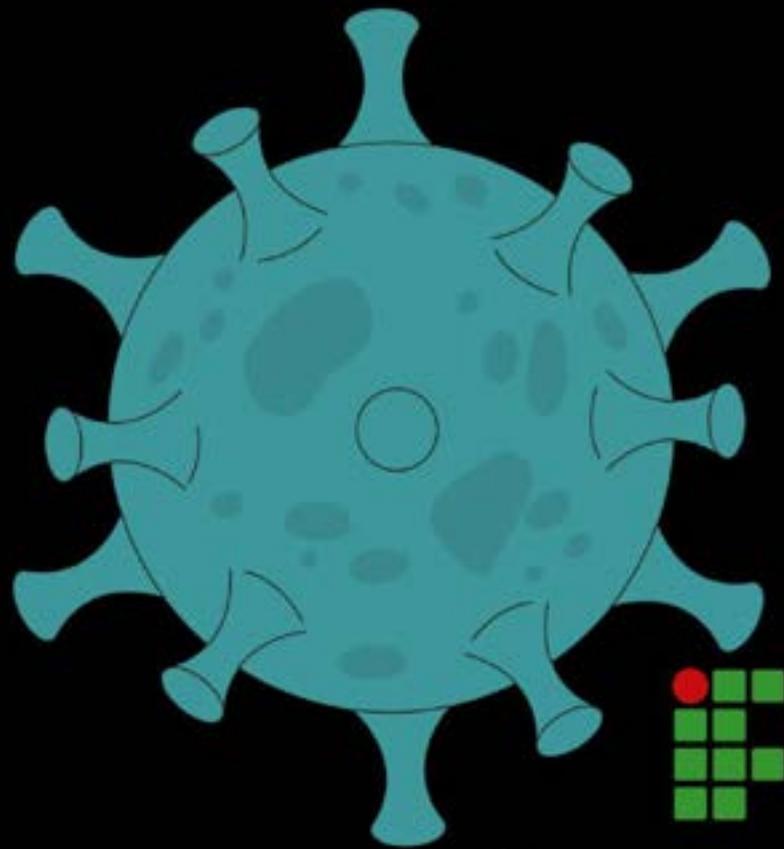








# A EDUCAÇÃO DO PÓS- APOCALIPSE

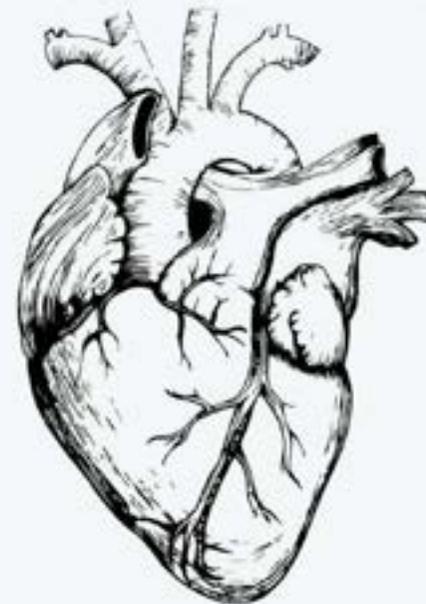


## SIMULAÇÃO 19

**OLÁ!**

Somos estudantes de quinto à nono anos de duas escolas em um mesmo município.

**Desde junho de 2019  
estávamos vivenciando  
aprendizados em Artes com a  
Professora Zoé, ouvimos  
muitas histórias...**

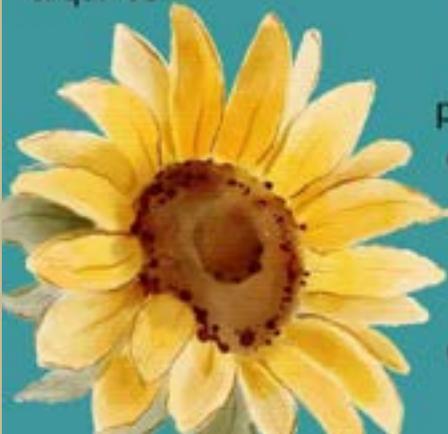


# A educação é de fato Um direito público subjetivo?

Se até o presente momento eu me preocupava em abrir espaço para os saberes ancestrais dentro da escola, com o decreto de distanciamento, vi as prioridades mudarem de lugar. Sem ambiente escolar, privada do contato direto com as turmas, como eu poderia dar seguimento ao meu trabalho? E mais: como a escola poderia alcançar essas comunidades? A situação/problema me colocou frente a frente com desigualdades profundas e fui cada vez mais tomando consciência da impotência da escola brasileira, enquanto ferramenta pública, de prestar seu serviço à sociedade (não pela pandemia, mas pelo currículo oculto das instituições). Foi um tempo de desencanto, mas fundamental para que eu amadurecesse entanto professora e também como ser humano.

Então, nas próximas páginas venho compartilhar com vocês o trajeto trilhado por nós no processo da disciplina de Artes anos finais em contexto pandêmico nas duas comunidades escolares que compõe o campo da presente pesquisa. Revelarei arquivos.

A esperança que senti em 2019, ao ver o florescimento de um girassol que plantei com estudantes, me acompanhou em 2020 e 2021. Porém, eu não poderia deixar de me indignar frente à esta dura verdade: para as famílias mais vulneráveis, o distanciamento social gerou uma total interrupção do processo escolar.

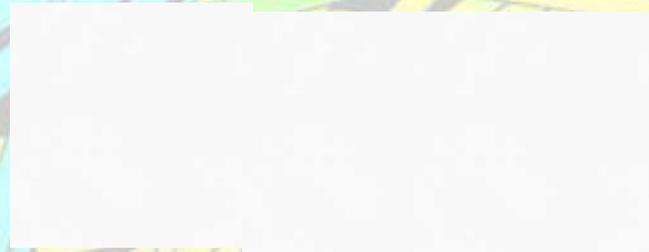


## Nossa Trajetória Pandêmica





# Fase I



## **Quinto Ano**

**Bom dia, turma!**

**Como vocês estão? Espero que bem... professora Zoé sente saudades das fortes emoções da sala de aula. Não vejo a hora de reencontrar cada um de vocês.**

**Na aula de hoje nós vamos falar sobre as emoções humanas. Sabia que todos nós temos sentimentos? É através deles que sentimos as pessoas e as situações ao nosso redor. Existem infinitas formas de sentir e algumas pessoas gostam de dar nomes para seus sentimentos. Quais são os nomes de sentimento que você conhece? Algumas vezes nossos sentimentos são tão intensos que não conseguimos explicar muito bem o que estamos sentindo, não é verdade? Quando isso acontece podemos nos sentir um pouco confusos. Por isso é muito importante tentar entender nossas próprias**

**emoções. Muitos artistas utilizam a criatividade para expressar o que sentem. Seja, amor, raiva, paz, alegria, angústia, nojo, fé,**



**coragem, solidão, ânimo, dor, esperança, ou qualquer outra emoção que você sinta, esse sentir é o que te torna humano. Máquinas não sentem.**

**Você já assistiu ao filme “Divertidamente”, lançado em 2015? Esse filme conta a história de uma garotinha que está passando por um momento difícil na vida. Riley tem 11 anos e está se mudando de cidade. Suas emoções ficam muito agitadas na sala de controle do cérebro. Será que já aconteceu uma coisa parecida dentro de você? To deixando aqui o link de um vídeo feito com imagens desse filme.**

**<https://www.youtube.com/watch?v=wmLnPuIXINw>**

**Todos nascemos com emoções.**



**clipe... é uma música chamada “Sinto o que sinto” pra  
você ouvir enquanto trabalha.**

**<https://www.youtube.com/watch?v=OEUXZ2uz1a4>**

**- Música - Sinto o que sinto.**

**Com carinho,**

**Professora Zoé**

**Estão com saudade de ouvir histórias?  
Encontrei uma história muito linda que fala sobre  
navegar no barco das nossas emoções. Vou deixar  
o link pra você assistir:**

**<https://www.youtube.com/watch?v=OEUXZ2uz1a4> -  
História “A ilha dos sentimentos”**

**Vamos pra nossa prática criativa de hoje?  
Semana passada em nosso bate-papo, alguns de vocês  
disseram que estão com vontade de desenhar. Sendo  
assim, depois de assistir aos vídeos, escolha um  
sentimento (dois no máximo) para ser o tema de um  
desenho bem caprichado e colorido. Pra te inspirar  
na hora de desenhar, deixo aqui o link de um vídeo**





## Sexto Ano

**Olá turma,**

**Como estão? Espero que bem.... tenho sentido muitas saudades nesses dias. Espero que possamos nos encontrar em breve na sala de aula. Enquanto você está em casa, espero que eu possa te ajudar a descobrir e criar as coisas por conta própria, sem que ninguém o diga o que ou como deve fazer. Essa é a chave da liberdade, senhoras e senhores.**

**Nesse momento, nossos corpos estão presos dentro de casa por causa do COVID-19, mas nossas mentes são livres para pensar e criar. Então vou convidar vocês para pensar comigo sobre duas palavras: Paz e Guerra. O que essas palavras significam na sua vida?**

**A guerra é a luta, é a briga, o conflito, a discussão, a violência, o duelo. Ela pode acontecer entre alguns países do nosso planeta e gerar a morte**

**de muita gente. Pode também acontecer dentro de um mesmo país, como é o caso da guerra contra as drogas, na qual policiais e jovens da periferia se enfrentam causando bastante sofrimento. A guerra pode acontecer dentro de uma casa, entre pessoas da mesma família. Mas eu acho que o lugar onde a guerra nasce é dentro de nós. Você já enfrentou uma guerra dentro do seu coração? Mas... será que pode existir paz em meio a guerra? Essa foto aqui acima é um sopro de esperança. A adolescente americana, Jan Rose, aos 17 anos, enfrentou os soldados americanos com uma flor nas mãos, durante o protesto contra a guerra do Vietnã, em março de 1967**



**A paz, assim como a guerra, também nasce no nosso coração. Ela é um fruto doce que podemos experimentar quando nossa mente se acalma. É uma sensação de equilíbrio da alma, tranquilidade, leveza, segurança, harmonia com a natureza da vida. A paz pode ser sentida quanto mantemos nossos pensamentos no momento presente, no “O aqui, agora”. Pensar muito no passado pode te fazer sentir triste e pensar muito no futuro vai te deixar ansioso. A paz só se encontra no presente. Quando pessoas se reúnem e trabalham pela paz, tudo melhora. A paz pode ser um remédio que cura as dores da guerra, nem que seja apenas dentro do seu coração. Lembra da foto da Jean Rose que vimos? Como vocês vêm na imagem acima, A foto inspirou obra de arte feita em lego pelas mãos do artista plástico Mike**

**Stimpson.**

**Então, refletindo sobre a guerra e a paz, quero que você ouça a música “A minha alma (a paz que eu não quero)” da banda brasileira “O Rappa”.**

**Essa foto que você está vendo aí acima é dos artistas dessa banda. Estou enviando o link de**

**um vídeo no youtube e, clique para assistir ao clip. Preste atenção ao que se passa na sua mente e no seu coração enquanto viaja com a música e as imagens do vídeo. Qual será a mensagem que essa obra transmite?**

**<https://www.youtube.com/watch?v=vFLAd3hrdzY> – Minha Alma (A paz que eu não quero) – O Rappa.**

**Agora que já pensamos um pouco e curtimos uma boa música, está na hora de criar! Sua imaginação é livre! Eu quero que você crie uma música, um poema ou um desenho (você pode escolher um dos três tipos, ou misturar eles) com o tema: Guerra e Paz. Deixe sua mente livre e divirta-se enquanto cria. Procure dentro do você o que essas palavras te fazem sentir e mãos a obra! Essa atividade deve ser entregue amanhã.**

**Com amor,**

**Professora Zoé**





**quando começa a dar tudo errado. Se você perceber que não tem os itens necessários pra realizar seu plano, improvise! Trago algumas imagens para ilustrar essa idéia:**

## Oitavo Ano

E aí, galera?

Como têm passado esses dias? Estou torcendo por todos nós e morrendo de saudade de cada um de vocês. Hoje eu escrevo com a missão de tornar o seu dia um pouquinho melhor. Será que consigo? Todos sabem que tenho paixão por teatro. Hoje quero te apresentar um artista que guardo no meu coração. Márcio Ballas é um mestre na arte do improviso e vai te mostrar que tudo pode mudar de repente se você estiver pronto para dizer sim à vida. Clique no link pra sentir a brisa do cara:

<https://www.youtube.com/watch?v=hjhD0lhCGHk> - O olhar do SIM - Lições do palhaço e do improviso | Márcio Ballas | TEDxFortaleza

Mas não se engane: o tema dessa aula não é o teatro. O tema dessa aula é o IMPROVISO! Você por acaso já fez alguma coisa sem planejar, ou seja, no improviso? Tudo aquilo que é feito ou dito sem preparação, sem ensaio prévio, é considerado improviso. A habilidade de improvisar é uma chave que abre muitas portas na vida. É a arte de estar presente, aqui e agora. O momento perfeito para o improviso é





**Com Amor,  
Professora Zoé**



**Pois então vamos à nossa prática criativa de hoje: Cada um de vocês vai me enviar um áudio via WhatsApp com duração mínima de três minutos. Nesse tempo você deve falar. - Mas falar o que, Zoé? – Qualquer coisa! Você pode falar qualquer coisa, pode até cantar se quiser. Não planeje muito... apenas respire fundo, aperte o ícone do microfone e fale por no mínimo três minutos. IMPROVISE! Não vale ler... tem que ser uma fala livre. Não existe certo ou errado, arrisque! Estou esperando ansiosa!**



## Sétimo Ano

**Olá turma!**

**Como vocês estão por aí? Espero que cada um esteja em paz em sua casa. Tenho sentido saudades de nossas aulas. Alguém aí já se sentiu sozinho? Minha vida sem vocês fica um pouco... solitária. Mas não se preocupem, estou aprendendo sobre a solidude! **SO-LI-TU-DE**. Já tinha visto essa palavra antes? A palavra Solitude tem um significado diferente da**

**palavra solidão. Quer ver?**

**A solidão é uma emoção que nos faz sentir vazios pela falta de alguém junto de nós, ou por cremos que ninguém se importe com nossos dilemas. Já a solitude é diferente: é quando nós aproveitamos que não tem ninguém por perto para conhecer melhor a nós mesmos. Quando alcançamos a solitude, nós conquistamos o nosso poder pessoal. Esse é o momento em que nossa personalidade floresce e nos damos conta de que somos fortes o bastante pra caminhar em busca dos nossos sonhos, mesmo que outras pessoas não queiram nos acompanhar. Aprendemos a confiar em nós mesmo e amar nossa própria companhia. É um passo para a liberdade. Isso me lembrou uma música! Quer ouvir? É da artista Mariana Aydar. Pra ver essa mulher incrível cantando é só clicar no link abaixo:**

**<https://www.youtube.com/watch?v=1Ditol2a2ZI>** –

**Mariana Aydar – Solitude**

 PENSADOR

Sobre a solidão e a solitude

Solidão e solitude são coisas distintas.  
A solidão é o vazio, a ausência ligada ao sofrimento.  
A solitude não implica em sofrimento.  
Nem sempre é solitário estar sozinho.  
Quando estamos sozinhos, em  
sintonia com nós mesmos, podemos sentir e ver...

Bianca Rosenthal

No mundo da arte estar sozinho pode ser uma grande oportunidade se você for criativo. Um exemplo disso é o trabalho do músico brasileiro



Mauro Bruzza, que na falta de companheiros para compor uma banda musical, descobriu que poderia se tornar um “Homem-Banda”. Isso mesmo... essa imagem que você está vendo aqui ao lado é um desenho sobre o trabalho dele. Um harmonioso acordeon acompanhado de chocalhos, pratos, bumbos e apitos, tudo isso sendo tocado ao mesmo tempo por um único artista.

Mauro é um músico inventor que traduz sua profunda inquietude através de uma parafernália cheia de sonoridades! Ficou curioso? É só clicar no link abaixo e aproveitar!

<https://www.youtube.com/watch?v=wudv21Cauos> – Homem-Banda

Quando ninguém está nos olhando podemos deixar as máscaras de lado para nos vermos como

realmente somos. A máscara é um objeto muito usado na arte do teatro, mas na vida nós também as assumimos: são as máscaras sociais. **CURIOSIDADE:** será que dá pra fazer teatro sozinho? Quando um ator ou uma atriz está fazendo uma cena sozinho no palco, chamamos isso de monólogo ou solilóquio. Pra inspirar vocês a terminarem sua obra de arte, convido para assistirmos a uma das maiores atrizes brasileiras encenando um monólogo. Seu nome é Marília Pêra e essa cena foi gravada em 1984. É só clicar e embarcar nessa viagem!

<https://www.youtube.com/watch?v=reprFDuwY7k> – Marília Pêra Brincando encima daquilo

Eu sei que agora vocês já devem estar loucos pra ir pra prática, não é? Pois então é o



**seguinte: estamos refletindo sobre quando nos sentimos sós, certo? Então, depois de ouvir a música da Mariana Aydar e ver a apresentação de Mauro Bruzza e a cena de Marília Pêra, te convido a criar um desenho, ou uma música, ou um poema (você escolhe qual desses três prefere trabalhar, ou pode até misturar tudo se quiser!) dentro dessa temática que estamos tratando. Olhe um pouco pra você mesmo e observe como se sente na sua própria presença... fica bom até respirar fundo e se concentrar no ar que entra e no ar que sai dos seus pulmões. Sente as batidas do seu coração? Agora solte sua imaginação e crie! Essa atividade é pra ser entregue na semana que vem, dia 22/04. Você pode mandar uma foto do seu desenho, um áudio da sua música, uma mensagem de texto com seu poema ou qualquer outro formato que preferir. Deixo aqui uma última imagem pra servir de inspiração!**



**Com Amor,  
Professora Zoé**



# Fase 2



## **Sétimo Ano**

**Olá turma!**

**Tudo bem com vocês? Espero que estejam todos em paz em seus lares. A professora Zoé sente saudades. Este é um momento único na humanidade e estamos tirando um tempo pra cuidar da nossa saúde. Mas acontece, senhoras e senhores, que se nós não cuidarmos da saúde do planeta Terra, nunca seremos saudáveis de verdade.**

**A Terra é a casa que habitamos e nós somos parte dela. Da terra vem o nosso alimento e é ela que sustenta nossos pés firmes no chão. Recebemos um planeta rico de todo tipo de plantas e animais, um mundo onde corriam águas puras pra matar nossa sede. No início, os seres humanos viviam em harmonia com tudo isso, mas a ganância tomou conta de nossos corações e a Terra foi adoecendo um dia**

**depois do outro. Árvores derrubadas, florestas queimadas, esgoto que escorre no rio e o mar está cheio de plástico. Todos os dias**



**enchemos os pulmões da Mãe Terra com a fumaça dos escapamentos e das fábricas. Mais tóxico do que isso, só mesmo os agrotóxicos que matam toda a vida do solo. Como pode? Somos a única espécie que põe veneno na própria comida e ainda nos chamamos “racionais”. Plantas e animais em extinção... até aqui temos sido os piores predadores. Porém, ainda assim, essa terra é abençoada e aqui tudo o que se planta com esforço, dá.**

**Por isso, hoje eu te escrevo com o objetivo de plantar uma semente. A Terra está precisando de ajuda e se ela está em risco, todos nós estamos. Então a semente que trago é a do amor e do cuidado para com nosso planeta. Precisamos nos abrir para o entendimento de que nós somos parte da natureza. Não posso afirmar, mas talvez esse acontecimento**

que hoje nos obriga a estar em casa, seja uma forma que a Mãe Terra encontrou pra despertar seus filhos. Uma coisa deve ser dita: a natureza não precisa das pessoas, são as pessoas que precisam da natureza.

Aí você pode estar se perguntando: professora, se todos já sabem que é importante preservar o planeta, por que continuamos produzindo tanto plástico? Por que o esgoto continua caindo no rio? Por que continuamos ameaçando as florestas? Pra que tantas fábricas soltando fumaça tóxica? Respondo com uma palavra: ganância.

No conteúdo de história vocês estão aprendendo sobre os feudos, certo? Naquela época existiam poucas pessoas que eram donas de quase tudo (senhores feudais) e muitos que não eram donos de quase nada e por isso obedeciam (servos). O fato, senhoras e senhores, é que hoje em dia as coisas não estão muito diferentes disso. Então, continuar destruindo a natureza com grandes indústrias é uma escolha feita pelos poucos que hoje possuem a maior parte das riquezas do mundo. São empresários que pensam mais no próprio bolso do que no futuro do



planeta. Isso significa que, para mudar essa realidade, precisamos nos unir.

Sei que em redação vocês também estão tratando sobre meio ambiente. Caso esse assunto te interesse e você estiver podendo acessar, deixo aqui alguns links de vídeos. Eles não são essenciais pra compreender a matéria, viu? São pra matar a curiosidade.

<https://www.youtube.com/watch?v=Uq6breVVh6Y> - A natureza está falando.

[https://www.youtube.com/watch?v=MveIsQ\\_xJME](https://www.youtube.com/watch?v=MveIsQ_xJME) - Entenda o Desastre de Mariana

<https://www.youtube.com/watch?v=OYsXdbXM3uw> - VS - óleo nas praias do nordeste.

<https://www.youtube.com/watch?v=Btxc6MMUTxU> - O que aconteceria se a Floresta Amazônica fosse completamente destruída.

Mas aí você me pergunta: professora, o que isso tem a ver com arte? A arte e o meio ambiente tocam a razão e os sentimentos. O que ocorre quando são misturados? A resposta está na arte ambiental, um movimento praticado por artistas de diferentes áreas que converte a natureza em sua inspiração — ou matéria-prima — para nos transmitir sua beleza e incentivar sua preservação.

As maravilhas naturais do planeta nos inspiraram durante milênios permitindo que nos expressemos além das palavras. Desde as pinturas rupestres do período Paleolítico até as fotografias digitais mais impactantes do reino animal. No entanto, a crise ambiental de nossos dias impulsionou uma nova corrente artística que não se limita a capturar e representar a natureza como em épocas passadas, mas procura convertê-la em sua própria obra.

Sendo assim, é um prazer lhes apresentar o artista Andy Goldsworthy: escultor e fotógrafo britânico (1956) que, há duas décadas, causa grande

admiração com suas criações. Cria obras efêmeras em bosques e leitos de rios. Suas esculturas não são feitas para durar e em pouco tempo já se desintegram, apodrecem ou derretem. E isso reflete a passagem do tempo – as coisas bonitas da vida não estarão aqui para sempre, devemos admirá-las enquanto podemos. O trabalho do Andy representa fragilidade, o declive, a temporalidade. Veja a seguir algumas imagens desse trabalho:





**Então, senhoras e senhores, partindo dessa reflexão sobre arte e preservação do planeta, gostaria de convidá-los a criar um poema ou um desenho cheio de cores, linhas, pontos, retas e rimas.**

**Com amor,  
Professora Zoé**





**TEATRO DO OPRIMIDO**

Para Educação e Práticas Sociais

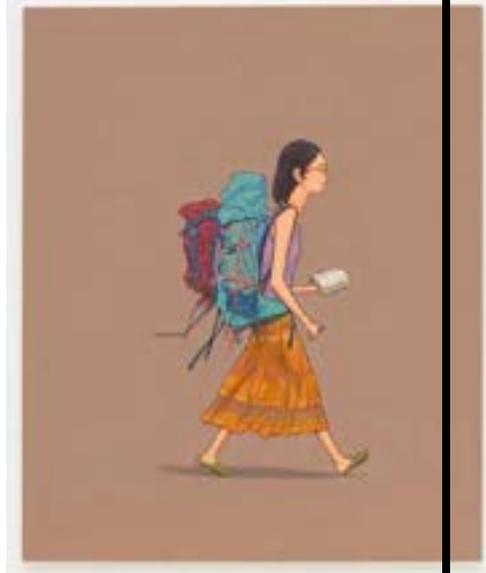
**Bom dia turma!**

**Como estão sendo esses dias pra vocês? Espero que estejam todos bem. A saudade aperta mais a cada minuto. Na quarentena aqui em casa eu estou fazendo uma faxina na minha mente. Tirei as memórias da estante pra limpar a poeira do tempo. Lembrei de tanta coisa... e teve uma história que grudou nos meus cabelos e se recusou a voltar pra a prateleira! Eu não quis dar muita atenção, mas ela insistiu até ser ouvida. Disse que história que é história, precisa ser contada e exigiu que eu a contasse pra vocês! Como o combinado essa semana era falar sobre cidadania, achei que valia a pena tentar.**

**Começa assim: eu sempre senti que havia alguma coisa errada com o mundo. Vi que algumas pessoas têm tudo na vida, enquanto a maioria vive com muito pouco. Isso gera injustiças, violências e**

**preconceitos. Me senti pequena e fraca perto de tantas opressões. E o que eu poderia fazer pra ajudar a melhorar as coisas? Essa pergunta sacudiu o meu mundo e fez brilhar a esperança! Uma coisa importante sobre as perguntas: elas movem o mundo, porque nós nos movemos em busca de respostas. Então, em 2017, eu caí na estrada e me movi de Brasília para o Rio Grande do Sul. Embarquei nessa aventura porque na busca por respostas, encontrei uma boa pista: **O Teatro do Oprimido!** Vim para aprender, com coragem na mochila, não olhei para trás... Entreguei-me ao desconhecido.**

**Mas Zoé, o que é o Teatro do Oprimido? É uma proposta de utilizar o teatro como ferramenta para transformar a sociedade. Quem teve essa idéia foi um brasileiro chamado Augusto Boal, um grande artista que usou o teatro como arma na luta por um mundo melhor. Na época dele, aqui no Brasil quem mandava**





em tudo eram os militares e se alguém não obedecesse poderia ser preso, torturado ou até morto. Por sorte, Boal era uma pessoa muito

corajosa e lutou pelo que acreditava ser certo até o último dia de sua vida. Você viu esse cabeludo de braços abertos que ta fazendo todo mundo se divertir na foto? É ele! 🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰🥰

O que ele dizia era que o teatro está dentro de todos nós e faz parte de quem somos. Se nós agimos no mundo, então somos todos atores de nossas próprias vidas. Isso nos dá poder sobre nós mesmos. Você pode mudar o rumo da sua história se for capaz de fazer pequenas escolhas transformadoras durante a “cena”.

Boal criou uma série de jogos teatrais que despertam nosso corpo e nossa mente, fazendo com que nos sintamos mais vivos. Acontece mais ou menos assim: um grupo de pessoas se reúne para jogar. Durante a brincadeira, o grupo vai sendo levado a pensar sobre a sociedade em que vivemos. Alguns

participantes podem se sentir a vontade para compartilhar com o grupo histórias pessoais de vida na qual tenham se sentido injustiçados, ou seja, oprimidos (daí o nome Teatro do Oprimido). A partir disso, o grupo transforma essas histórias em cenas. Ao ver a situação no palco, as pessoas podem observar melhor como tudo aconteceu. Isso gera um debate e vão surgindo idéias de como o “oprimido” da história poderia ter agido para se libertar da situação. Tudo isso funciona como um verdadeiro “ensaio” para que, na vida, nós estejamos prontos para agir e transformar.





Quando cheguei à Pelotas, passei a fazer parte de um grupo chamado **TOCO – Teatro do Oprimido na Comunidade**. Estive por dois anos com essas pessoas lindas que vocês estão vendo na foto aqui ao lado. Muitos aprendizados e transformações. Juntos, nós levamos o **Teatro do Oprimido** para escolas, eventos e outros grupos interessados. Esse mergulho nas técnicas de **Augusto Boal** me fez olhar o mundo por outros pontos de vista... eu cresci como ser humano, assumi meu poder pessoal. Claro que isso não matou para sempre a minha fome por mudanças. Eu continuo caminhando em busca de respostas e as perguntas se multiplicam. Mas hoje, essa é uma ferramenta que aprendi e me ajuda muito na vida.

Então, senhoras e senhores, agora que vocês conheceram um pouco sobre o **Teatro do Oprimido**, **Augusto Boal** e minha busca por transformação, vamos à nossa **prática criativa de hoje**: Eu gostaria que você fizesse dois desenhos, ou dois poemas (você

escolhe). Em um deles você vai mostrar a sociedade da forma como ela está hoje e no outro você vai mostrar a sociedade que você deseja para o futuro. Deixe sua imaginação fluir! Lembre-se que você também pode optar por misturar o desenho com o poema e criar desenhos “apoemados” ou poemas “adesenhados”. Qualquer dúvida, estarei aqui para ajudar!



**Com Amor,**

**Professora Zoé**



**Bom dia, turma!**

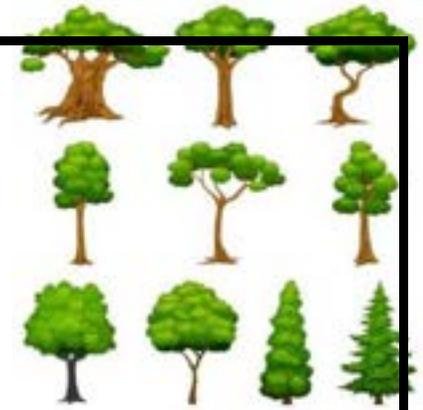
**Tudo bem com vocês? Meu coração tem saudade, mas a esperança é minha amiga e sei que em breve estaremos juntos de novo. Enquanto isso eu vou aproveitar pra te dizer coisas bonitas. Quer? Vem comigo!**

**Quando você olha para as árvores, elas são todas iguais? Não... mesmo que algumas se pareçam, cada uma tem o seu jeito único de ser. Mas, mesmo sendo diferentes, são iguais em um ponto: todas são árvores. Com as pessoas é mesma coisa! Cada um é de nós tem um jeito único de ser, mas mesmo assim, somos todos seres humanos e merecemos ser respeitados. Então hoje eu vim te contar que ser diferente é normal!**

**Pena que nem todo mundo entende isso e às vezes as pessoas sofrem preconceito por parecerem ser**



**“diferentes demais”. Existe um grupo de pessoas que sofre bastante esse tipo de preconceito: são as pessoas com deficiência. Mas quem são as pessoas com deficiência? São aquelas que têm alguma limitação no corpo ou na mente. Existe vários tipo de deficiência. Vou mostrar alguns: os surdos são os que não ouvem, os cegos são os que não enxergam, os cadeirantes precisam usar cadeira de rodas para se locomover e pessoas com deficiência mental pensam de uma forma única. Essas pessoas encontram dificuldades na vida e uma delas é o preconceito. Nem sempre se sentem aceitas pela comunidade.**



**Mas Zoé, o que isso tem a ver com arte? Tudo! Fazendo arte nos sentimos alegres, únicos, livres, capazes, não é? Então, através da arte algumas pessoas com deficiência encontram espaços onde são aceitas e valorizadas. Em outras palavras: se sentem incluídas! "Incluir é valorizar o melhor de cada um.". Vamos conhecer algumas histórias de dança?**

**A primeira história eu conheci de perto, lá em Brasília. “É preciso asas para voar? É preciso pés**

para dançar?”. Tentando responder essas perguntas, o ator Rafael Tursi criou o **Projeto Pés**. Ele reuniu um grupo de pessoas com e sem deficiência para praticarem uma técnica chamada Teatro-dança. Nessa foto aqui ao lado você pode vê-lo dançando com uma das artistas do projeto. Perto deles está a cadeira de rodas vazia... sua dona teve alguns instantes para voar nas asas da dança.

Outro história que quero contar acontece na associação **Solidariedança**, na cidade de São Paulo. Esse é o maior grupo de dança artística em cadeira de rodas do nosso país. Aqui ao lado você vê artistas brilhando no palco. A cadeira de rodas se torna apenas um detalhe que não impede ninguém de brilhar. Participar desse tipo de trabalho faz com que a pessoa com deficiência recupere seu amor próprio, sintam-se capazes de enfrentar desafios e fortalece laços de amizade. Isso pode mudar a vida de muita gente!

A última história que vou contar sobre o grupo é o **Integrarte**, na cidade de São Bernardo do Campo. Nesse grupo, a maioria das pessoas com deficiência é surda, mas

mesmo assim é capaz de sentir o ritmo da música. Juntos eles aprendem vários estilos de dança: **Street Dance, Dança Contemporânea, Dança de Salão e Dança Flamenca.**

Ficou afim de ver? Caso você tenha acesso à internet, vou deixar aqui alguns links de vídeos pra você ver essa galera no palco.

<https://www.youtube.com/watch?v=3xWyC2rKjLY> – Cena Tango – Projeto Pés

<https://www.youtube.com/watch?v=qd7QAz50uIY> – Coreografia Você em Mim – Solidariedança

<https://www.youtube.com/watch?v=TaaSeiQyicl> – Grupo Integrarte - Street

Senhoras e senhores, espero que tenham gostado das histórias. A arte é um espaço de afeto onde aprendemos a respeitar as diferenças. **Vamos para a nossa prática criativa?** Pensando na inclusão das pessoas com deficiência, vou propor que você crie um desenho ou um poema com o tema: “Ser Diferente é normal”. Use sua criatividade e divirta-se!

Com amor, Professora Zoé!





**Bom dia, Senhoras e Senhores!**

**Tudo bem por aí? Meu coração dançou de tanta saudade do seu sorriso, sabe por quê? Porque ontem, dia 29 de Abril nós comemoramos o dia Mundial da Dança!**

**A dança é a linguagem que o corpo fala. Através dela podemos expressar, sem usar nenhuma palavra, todos os sentimentos mais profundos do nosso coração. Acho que é por isso que dizem que quem dança espanta os males da vida, traz energias boas pro seu dia e espanta a tristeza da alma para longe!**

**Relaxe... para dançar não precisa saber como se faz. Dança é liberdade, é deixar o movimento fluir sem se importar se está certo ou errado. Seu corpo se mexe, e isso já te torna alguém que dança no mundo. Arrisque alguns passos! Você pode, sim, dançar sozinho quando quiser e criar seus próprios movimentos... Não importa o ritmo, desde que ele “fale” ao seu coração. Se seu corpo começar a se balançar nos primeiros acordes, é um caminho sem volta. A dança te envolve, te contagia, te conecta com seus sentimentos.**

**É quando fecho meus olhos que me entrego totalmente à dança. Permito que meu corpo me leve e minha mente deixa de trabalhar. É a felicidade de ser livre e de sentir o movimento pulsando dentro de mim. Neste Dia Internacional da Dança, eu só tenho a agradecer e parabenizar essa arte tão completa e bela!**

**Hoje é dia de celebrar! Celebrar e comemorar essa arte que coloca nosso corpo em movimento e em constante harmonia com nossa mente. Dançar é celebrar a alegria de estar vivo!**





**A dança faz parte do ser humano e por isso sempre esteve presente em todas as culturas. Essas são imagens da dança na cultura da indiana, por exemplo.**

**"Dançar é criar uma escultura visível apenas por um instante."**



**Podemos ver a dança em**

**diferentes culturas dentro do nosso amado Brasil. A foto de cima mostra uma dança tradicional do estado do Pará chamada Carimbó. Na imagem abaixo vemos o Frevo, de Pernambuco.**



**A dança também é uma forma de guardar no corpo a história dos nossos ancestrais.**

**Aproveitem! Com amor,  
Professora Zoé**

**Então vamos para nossa **prática criativa** de hoje? O desafio é: dançar! Você vai escolher a música que quiser e tirar um tempo para você mexer seu corpo livremente, sem se preocupar em fazer o passo certo... apenas explore o movimento do corpo, Divirta-se! Depois disso, crie um desenho ou um poema que fale sobre como você se sentiu dançando e envie para mim.**

**Ficou curioso? Quer saber mais? Vou deixar aqui alguns links de vídeos que talvez possam te interessar:**

<https://www.youtube.com/watch?v=3b3X4uzXE2c&t=21s> – Dia internacional da dança

<https://www.youtube.com/watch?v=bdBuDg7mrT8&list=PLP9EdTm-vElwFEiF668agk7ihUsiQ-R-L&index=2> - AMA - a short film by Julie Gautier

<https://www.youtube.com/watch?v=Dx1hvp8Sr7w&list=PLP9EdTm-vElwFEiF668agk7ihUsiQ-R-L&index=14> - Shrinika & Sonalika

<https://www.youtube.com/watch?v=MJCoX3UCFmk&list=PLP9EdTm-vElwFEiF668agk7ihUsiQ-R-L&index=19> - Haka - Dança de Guerra Maori

<https://www.youtube.com/watch?v=Wt1As7wjqjo> - Dança típica do Pará carimbó



# Fase 3



**Bom dia, amores e amoras!**

**Como está a cabeça? Estamos indo para a nossa nona semana de quarentena... sétima com aulas**

**online. Vamos respirar fundo e confiar que tudo passa. Saudade de ver essa turma**

**rabiscando, pintando e**

**bordando. Vocês colorem minha vida! Bote cor no teu viver, viu? E por falar em cor...Você sabia que existem dois tipos de cor? A cor-luz e a cor-pigmento.**

**A cor-luz ou cor-energia é a cor formada pela emissão direta de luz. Temos, por exemplo, as cores emitidas por lâmpadas (branca ou amarela), lanternas, canhões de luz usados em shows e no**

**teatro, cores emitidas pelas telas das televisões e dos celulares.**



**Já a Cor-pigmento é aquela cor que podemos extrair da natureza, como por exemplo, das plantas, das sementes ou do barro da terra – como fazem os povos indígenas – ou então, aquela fabricada pelas indústrias e vendida no comércio em forma de tinta. A fabricação de tinta é feita pela mistura dos pigmentos com alguma base fixadora.**

**As cores fazem parte da nossa forma de enxergar o mundo e estão relacionadas às nossas emoções. Nas artes o apelo emocional gerado pelas cores é um elemento muito importante. Hoje os publicitários**

**(profissionais da propaganda), para nos convencer a comprar seus produtos,**



utilizam uma teoria chamada “psicologia das cores”. Dessa forma nossos sentimentos são manipulados pela mídia através das cores que piscam na tela.

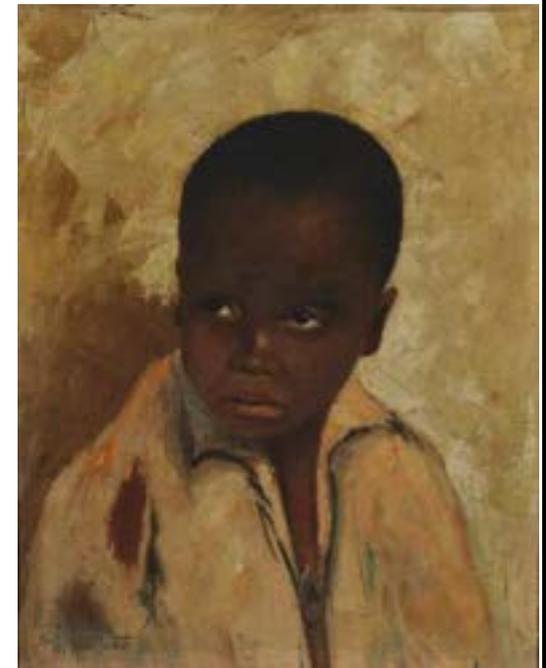
O efeito das cores no nosso comportamento se dá porque elas chegam ao cérebro através de um dos nossos sentidos (a visão). Tudo o que captamos através dos nossos sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar), pode ser chamado de “experiência estética”. De acordo com teorias da arte, esse tipo de experiência se processa no cérebro através de células chamadas “neurônios estéticos”, que seriam responsáveis por conectar as duas dimensões do pensamento (pensamento simbólico e pensamento sensível). São justamente essas células que estimulamos durante atividades criativas.



Os pensamentos que cultivamos vão moldando a rede de significados que as cores podem ter para nós. Um ponto interessante de

observarmos é o significado que damos aos tons de pele humana. Já parou para pensar qual é a sua cor?

Os povos indígenas, considerados de pele vermelha, durante milênios foram os únicos ocupantes das terras que hoje chamamos de América (para o povo Guarani, o nome correto do lugar onde estamos é Pindorama). Este território foi invadido com violência pelo povo europeu, de pele branca. Durante a colonização, milhões de africanos de pele negra foram trazidos para ser escravizados. Tudo isso gerou uma “miscigenação”, ou seja, a mistura genética entre esses povos. Somos filhos dessa história e por isso o “povo brasileiro” apresenta uma diversidade de cores e traços.



**O problema é que essa é a história da dominação de um povo sobre outros, por isso hoje nossa sociedade sofre com o racismo e a desigualdade social. Um dos remédios para saldar essa “dívida histórica” é valorizar a beleza, a cultura e os saberes indígenas e africanos. Precisamos entender, de uma vez por todas, que o lápis rosa claro não é “cor de pele”.**

**Vamos para a nossa **prática criativa** de hoje? Proponho que você crie uma imagem sobre a diversidade racial do nosso país. Use cores! Se por acaso não tiver material de colorir, pode improvisar com terra, carvão, molho de tomate, plantas ou o que tiver à mão. Outra opção é trabalhar com colagem. Solte sua criatividade!**

**Com amor, professora Zoé.**





## ARTES

Olá turma!

Tudo bem com vocês? Estão se cuidando direitinho? Espero que sim! Saudade aperta, não é? Pra matar um pouquinho dessa saudade, vamos fazer arte? Estamos aprendendo sobre os elementos da linguagem visual. Já falamos sobre as cores, agora é a vez das **texturas**!

**O que é:** A textura é como se fosse a pele das coisas, é a sensação que temos ao tocá-las. Isso significa que, além do sentido da visão, a textura está ligada ao sentido do tato.

**Na prática:** passe a mão em seus cabelos por uns instantes. Procure perceber qual a sensação que esse toque gera em suas mãos. Isso que você sentiu é a textura dos seus cabelos. Agora passe as mãos em seu rosto e sinta a textura da sua pele. O tato é um sentido que te ajuda a perceber tudo o que toca.

Porém, no mundo das artes, **textura não é**

**apenas aquilo que sentimos ao tocar.** Os nossos olhos também são capazes de identificar texturas, sabia? Isso acontece porque o nosso cérebro é capaz de relacionar os nossos cinco sentidos (visão, audição, tato, olfato, paladar).

**Quer um exemplo?** Algumas pessoas, ao sentirem cheiro de pipoca quentinha saindo da panela, são capazes de imaginar o sabor mesmo sem



provar. Com a textura acontece o mesmo: quando nossos olhos captam algum padrão repetitivo que indique textura, o cérebro já nos recorda da sensação do toque. Por isso dizemos que as texturas têm ou podem ter **características ópticas** (percebidas pela visão) e **características táteis** (percebidas pelo tato). A textura tem a ver com a repetição.

Por causa disso, o ser humano pode se apropriar de texturas presentes na natureza para recriar esses padrões em imagem que causam sensação de textura. Um bom exemplo disso são os trabalhos de **cestaria indígena** (produção de cestos pelos povos originários das Américas). Quando olhamos um cesto, sentimos a sensação da textura do

trançado e dos desenhos que a trama constrói. Esses desenhos de padrão repetitivos são chamados de **grafismos** e são, em si, texturas

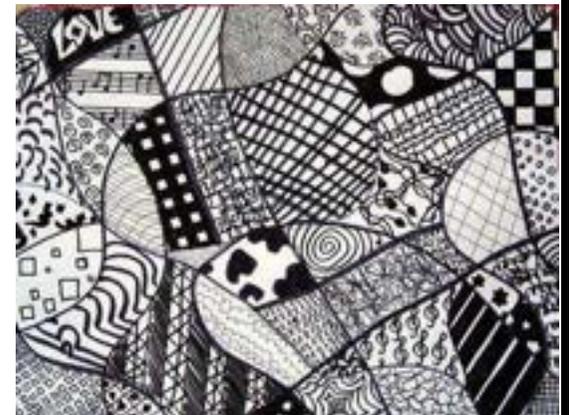


gráficas.

Os **povos africanos** também criam padrões gráficos a partir da observação das texturas naturais. Um tipo de arte que é fortemente influenciada por essa prática são os desenhos que estampam tecidos. Por isso, a **estamparia africana** influencia muito o mundo da **moda**. Batas, vestidos e turbantes trazem texturas que remontam a forma como esses povos vêm o mundo ao seu redor.

### **Vamos para no nosso desafio?**

O desafio é criar seus próprios padrões de texturas. Uma ideia é deixar que o lápis passeie livremente pela folha, traçando uma ou mais linhas (curvas, em espiras, em zig-zag, etc.) e, depois disso, ir preenchendo os vazios com as texturas. Se não quiser fazer assim, pode delimitar os espaços como achar melhor. O importante é soltar a criatividade! Amo vocês!





**Olá Senhoras e senhores!**

**Tudo bem por aí? Espero que estejam conseguindo se cuidar. A saudade me mostra o quanto vocês são importantes em minha vida. Semana passada nós falamos um pouco sobre a TEXTURA, certo? Isso é porque estamos estudando os elementos da linguagem visual. Mas hoje eu quero chamar sua atenção para um tipo específico de textura: a textura do CABELO.**

**Será que cabelo também é arte? Quantos tipos de textura de cabelo existem? Será que nós podemos nos expressar através do nosso cabelo? Em nossas aulas já comentamos sobre a história do nosso país e vimos que hoje nós somos o resultado de uma mistura de raças, não é verdade? Isso faz com que exista entre nós uma grande diversidade de tipos de cabelo e essa é uma das belezas do nosso povo. Porém, nossa história está banhada de sangue. Somos filhos da**

**dominação violenta do povo europeu contra os povos indígenas (verdadeiros donos da terra) e os povos africanos (trazidos em cativeiro).**

**E o que o nosso cabelo tem a ver com essa história? Tem a ver que, para dominar um povo é necessário apagar o seu brilho, o seu orgulho, a sua beleza e a sua história. É por isso que hoje, a mídia nos vende um “padrão de beleza” europeu. Mas quem dita o que é bonito e o que não é? Não te parece estranho esse movimento que nos faz acreditar que precisamos “alisar o cabelo”? Racismo é quando acreditamos que uma raça é inferior a outras. Pensando nisso, em sua opinião: utilizar a expressão**

**“cabelo ruim” ao se referir aos cabelos de textura crespa, não é uma atitude racista?**

**Calma que nem tudo está**

**perdido! Essa memória não foi completamente apagada e podemos resgatar nossas raízes, senhoras e senhores! Essa busca é um processo de**



**transformação e empoderamento pessoal. Para os povos africanos, o cabelo é como uma coroa, um símbolo de poder! Quanto mais volumoso, mais poderoso! Foi daí que surgiu, nos anos 70, a expressão Black Power (preto poderoso) para designar alguns penteados de estilo afro.**

**A arte de trançar os cabelos é um antigo saber ancestral de povos africanos e hoje se tornou um símbolo de resistência, é uma forma de afirmar a negritude. O resgate de nossas culturas ancestrais promove um florescer em nossa identidade. Honrar essa memória é uma forma de manifesta-se no**

**mundo. A arte está na raiz dos modos de ser e estar de culturas afro-brasileiras.**

**Na década de 50 começaram a surgir no mercado produtos**

**químicos para alisar, alterando a estrutura e a textura do fio de cabelo. Soda cáustica, tiogliconato**

**de amônio e formol são substâncias pesadas que estão entre os ingredientes dos tratamentos que prometem um liso permanente.**

**Permanente? Mas e se depois eu quiser mudar? Nesse caso, a mudança acontece através do tempo... É um processo no qual o cabelo começa a crescer e a pessoa vai deixando que ele se manifeste e se mostre como realmente é. A transição do cabelo alisado quimicamente para o cabelo natural não é fácil, mas há quem diga que gera muitos aprendizados e que o resultado vale à pena.**





**E você? Já passou por alguma transição? A vida nos transforma porque o mundo está sempre em transformação. Então vamos para a nossa **prática criativa** de hoje?**

**Professora Zoé**

**Faça um desenho (ou colagem, ou pintura, como quiser, solte a criatividade!) mostrando os vários tipos de texturas e estilos de cabelos que você conhece. Estou deixando aqui alguns links de vídeos no You Tube para quem puder acessar e tiver curiosidade sobre os temas tratados nessa aula. Cuidem direitinho de vocês mesmos, viu?**

[https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V\\_Fkw28](https://www.youtube.com/watch?v=kNw8V_Fkw28) – Curta de animação – Hair Love

<https://www.youtube.com/watch?v=L6Hs-rxMjxM> – O que é ser negro no Brasil? Atitude!

<https://www.youtube.com/watch?v=OAIpzKZZx5g> – A história das tranças africanas.

<https://www.youtube.com/watch?v=tTnGZHlyxuw> – Arte e Negritude no Recife.

**Com amor,**





**Olá turma!**

**Como está a cabeça? Estamos indo para a nossa nona semana de quarentena... sétima com aulas online. Vamos respirar fundo e confiar que tudo passa. Hoje nós vamos fazer uma viagem! Preparados? Segurem firme! Nessa aula a linguagem que pilota nosso disco voador é a **linguagem visual**. Olhe bem pela janela.**

**Começamos quando você encosta seu lápis em uma folha de papel... apenas encoste. Você fez um pequeno ponto e é nesse ponto**



**que começamos a viajar. O ponto pode ser grande ou pequeno, nem precisa ter formato redondo, pode se parecer com uma mancha se for feito com tinta. Esse é o elemento mais simples da linguagem visual. É possível criar obras inteiras utilizando apenas isso: pontos. Aqui ao lado temos um exemplo.**

**Mas nem só de pontos são feitas as obras visuais. Quer ver? Encoste seu lápis no papel como se fosse fazer um ponto... mas mude de idéia e faça um risco. Isso mesmo, de qualquer jeito. O que você está fazendo é outro elemento da linguagem visual: a linha. Imagine o seguinte: infinitos pontos bem juntinho fazendo fila. Pronto... isso é uma linha. Existem linhas de todos os jeitos! Aqui ao lado tem alguns tipos, mais não se apeguem a eles! Toda linha é linha, não importa o tamanho, o sentido, a cor ou a espessura do traço. Beleza! É com a linha que seguimos a viagem!**

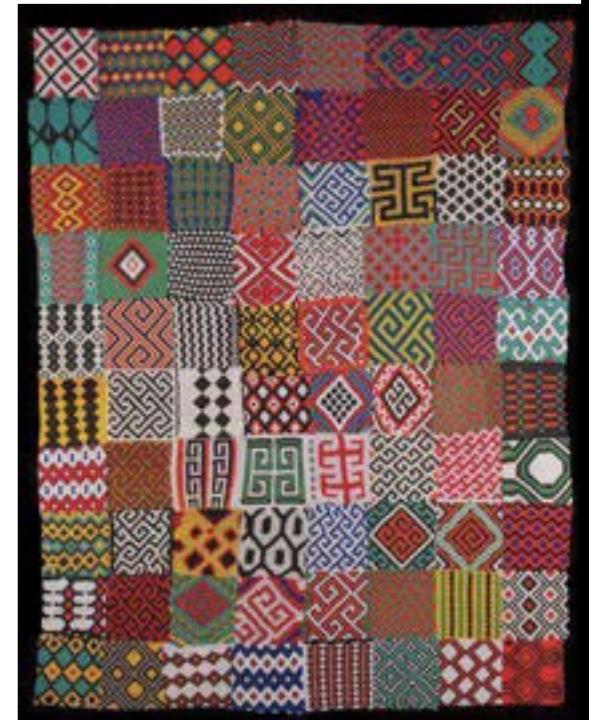


**Agora estamos sobrevoando a arte indígena. Você vê linhas na imagem ao lado? Esses são grafismos tradicionais do povo Huni Kuin, aqui da América do Sul. Padrões de linhas, cores e formas. Esses desenhos estão presentes em pinturas corporais, cerâmicas, cestos e todo tipo de artesanato. Em um primeiro olhar, pode até parecer que são formas sem sentido, mas na verdade o sentido é abstrato. Ou seja: o desenho não precisa se parecer com nada que exista no mundo “real”, o significado é para ser sentido como sensação e não entendido como pensamento racional. Por milênios essa sabedoria é passada de geração a geração aqui na América, mas na Europa essa idéia de arte abstrata demorou pra chegar... e esse é o nosso próximo destino.**

**Agora estamos na Rússia, viemos visitar o artista Kandinsky. Essa imagem aqui ao lado, pintada por ele, marcou a história da arte na Europa. Preste atenção nas linhas que você está vendo... que sensação elas te causam? Será que são figuras que representam a realidade, ou são traços abstratos? No mundo europeu, Kandinsky foi um dos primeiros a dizer que a arte e a realidade são coisas diferentes.**

**Ele buscou uma nova arte, entendendo que as possibilidades se multiplicam quando nos libertamos da necessidade de “parecer” com algo que já exista. Isso foi revolucionário e gerou um movimento chamado “Abstracionismo”. Junto com seu amigo Frans Marque, ele fundou um grupo chamado “Cavaleiro Azul” pra publicarem suas obras. Mas, como a vida não cabe na palma da mão, em 1914 o Frans foi morto na Primeira Guerra Mundial, interrompendo a parceria. A guerra é brutal e não deixa espaço para a arte... Isso nos leva para nossa próxima parada.**

**Agora a nave ganhou o espaço sideral e podemos ver a imagem do nosso amado planeta azul. Estão vendo alguma linha? Será que daqui podemos ver as fronteiras entre os países? As linhas, que na arte contornam a criatividade, nos mapas assumem outro**



**papel: representar as fronteiras, que são o símbolo dos limites entre as nações do mundo. Quando um povo avança sobre a fronteira de outro povo, é guerra. Mas quando olhamos o planeta, vemos que os limites são abstratos, não existem no mundo “real”. Sei que essa semana a professora Caroline vai mostrar o drama das pessoas refugiadas e os horrores da guerra. Então, já pousando essa nave em terra firme, deixo uma pergunta pra refletir: porque tanta guerra se nós somos todos irmãos da mesma família humana?**

**Hora da nossa prática criativa! Hoje nós conhecemos dois elementos da linguagem visual: o ponto e a linha. Também ficamos sabendo sobre a arte abstrata. Então o desafio é: improvise com os materiais que você tiver aí na sua casa (pode ser até molho de tomate) uma arte abstrata. Não se preocupe em fazer algo que tenha significado concreto, apenas deixe fluir!**

**Com amor, professora Zoé!**





# Fase 4



## Uma Carta aos Velhos Amigos

**Oi!**

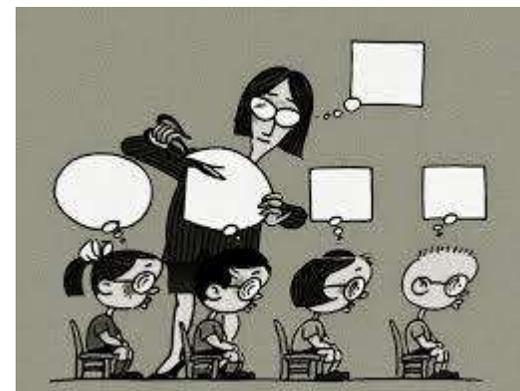
**Como vai você? Eu preciso saber da sua vida... Já que não posso olhar em seus olhos, dê um jeito de me contar sobre os seus dias. Como se sente? O ser humano é uma criatura inundada de sentimentos e não podemos abafá-los por muito tempo. Corremos**

**para lá e para cá, pensamos mil coisas por minuto na tentativa de fingir que não estamos sentindo nada. Agora, tudo parou... e as emoções vêm. Você se permite sentir?**

**A Arte é um pouco sobre isso,**



**sabe? Nos últimos meses eu falei com vocês aqui nos meus textos sobre preservação do meio ambiente, culturas africanas e indígenas, música, dança, teatro... Trouxe também esses tais elementos da linguagem visual (cor, ponto, linha, textura, forma). Para quê serve tudo isso? Isso são apenas algumas ferramentas para que você mesmo possa construir a sua maneira de olhar para o mundo. Pergunto: se eu tenho uma caixa cheia de ferramentas e não as utilizo para nada, de que me adianta carregá-la pela vida á fora? Mas, se por outro lado, eu escolher usá-las, mesmo enfrentando as maiores dificuldades, posso mudar o rumo da minha história.**



**De onde vem essa mudança? Vem de dentro, vem do desejo de mudar por si mesmo e não pelos outros. O mundo lá fora vai sempre te dizer que você “tem que ser assim, tem que ser assado, faça desse jeito, compre aquilo, dê o seu like, goste do que todo mundo gosta, blá blá blá.” e o resultado disso é que nos esquecemos de quem realmente somos. Você não**

**é igual a ninguém, a natureza não produz cópias, cada ser é único. Então, quando você se aceita como realmente é e se permite ser, o mundo se abre ao seu redor... Aí sim, vemos as cores, os pontos, as linhas e as estrelas brilhantes no céu.**

**Isso que você vê quando se permite ser quem realmente é, é a sua maneira de olhar para o mundo. Ela é única, porque tem a ver com a sua história pessoal de vida, a família na qual você nasceu, a maneira como se sente. Nas teorias da arte isso pode**

**ser chamado de “subjetividade”, ou também “a sua poética pessoal”. Quando olhamos para o mundo, estamos fazendo poesia mesmo sem dizer uma única palavra... E esse é um processo de empoderamento!**

**Então, agora eu, sendo quem sou e ocupando meu alugar de professora de arte, vou te provocar a olhar para dentro em busca de si mesmo através da arte. Você**



**vai? Tem que ter coragem! Aos familiares de alunos que, por acaso, estejam lendo isso: também estou falando com vocês! É só entrar no barco.**

**A partir de agora não vou mais pedir desenhos ou poemas sobre tal e tal assunto da aula. Também não vou mais pedir uma atividade por semana, porque isso está ficando muito pesado pra todo mundo, não é verdade? Então eu quero, a cada mês, dois desenhos (ou poemas, ou canções, ou qualquer coisa que você crie com sua poética pessoal). Aqueles que estiverem com atividades atrasadas, vamos negociar, me procurem (nem que seja escrevendo um bilhetinho para deixar lá na escola).**



**Talvez você se pergunte: “mas então qual vai ser o tema das minhas criações?”. Você é livre, mas te faço uma sugestão: leve a arte com você no caminho, ela pode ser sua melhor amiga nos momentos difíceis da vida. Então, quando vierem emoções fortes, euforias, angústias, ansiedade, dilemas, medos, solidão... Crie! Use as ferramentas que você tiver. Transforme suas dores em poesia... “A maioria das doenças que as pessoas têm são poemas presos” – quem disse isso foi a poetisa brasileira Viviane Mosé.**

**No mais, eu estou aqui pra ajudar no que estiver ao meu alcance. As nossas aulas agora serão assim: estudaremos a vida e a obra de alguns artistas que estou selecionando. Isso vai ser bom para a gente ver que tudo o que criamos ao nosso redor está relacionado com quem somos. Meu coração morre de saudade, mas minha alma vive na esperança de uma amanhã melhor. **BOTA COR NO TEU VIVER!****

**Com amor, Professora Zoé.**

<https://www.youtube.com/watch?v=wMdQy4ZZVnc> – A Arte Cura  
– Oficina de Menestréis – Música. **VÍDEO BÔNUS.**



**cada um leva em si um universo.**



## **Afro-brasilidades – Conhecendo a artista Rosana Paulino**

**Olá senhoras e senhores!**

**Como estão por aí? Espero que estejam bem de saúde e que a família esteja em paz. A saudade... A saudade... A saudade...**

**Hoje eu estou trazendo uma artista brasileira pra vocês conhecerem! Seu nome é Rosana Paulino. Na foto ao lado ela aparece junto de uma de suas esculturas. Quando você olha para a imagem dela, o que mais te chama a atenção?**

**Eu prometi pra vocês que nós iríamos pensar sobre a ideia de “vida e obra”. Então primeiro vamos olhar para a vida dessa mulher negra, nascida e criada na periferia da cidade de São Paulo, com sua mãe e três irmãs. Recordando de seus tempos de menina, diz que a arte já estava presente quando a**

**mãe incentivava as filhas a desenhar e criar personagens. Outra memória importante é que, passando algumas tardes na beira do rio, a mãe cavava até encontrar um barro bom de amassar, com o qual elas moldavam pequenas esculturas.**



**Hoje, aos 53 anos, Rosana é artista visual, pesquisadora e professora. O principal tema de sua busca é pensar o lugar da mulher negra na sociedade brasileira. O foco de seu trabalho é entender o Brasil e qual o lugar que ela mesma ocupa no país. Preste atenção na imagem ao lado... O que você vê?**

**Essas imagens fazem parte de uma série chamada “Bastidores” que ela criou em 1997. São fotos de mulheres estampadas em tecido.**



**Como são essas mulheres? Negras. Rosana bordou com linha preta sobre olhos, bocas, gargantas... o que mais chama a atenção é que não é um bordado delicado, e sim grosseiro, violento. É como se ela quisesse, através da arte, denunciar a violência e o silenciamento sofrido pelas mulheres negras no Brasil até hoje.**

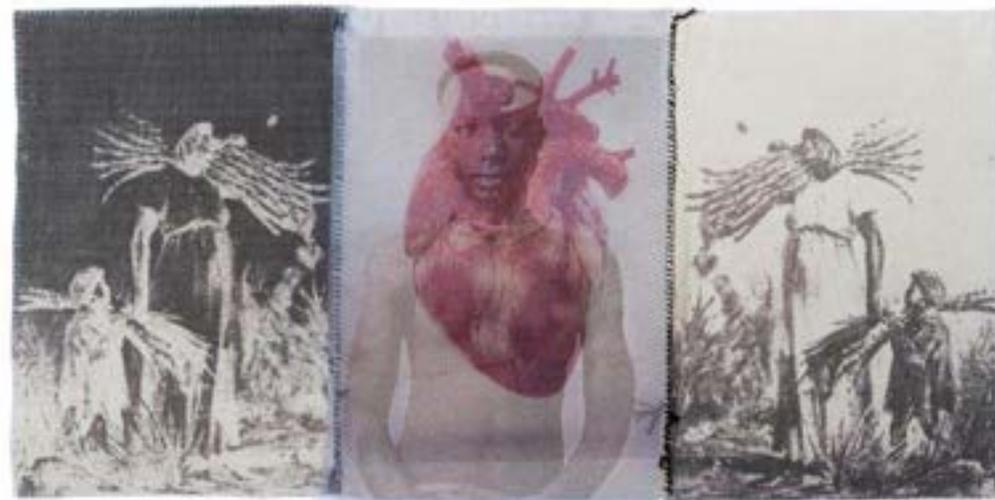
**Mas, de onde vem esse silenciamento? Na imagem ao lado vemos outra obra, Rosana a chamou de “Ama de leite”. O que você vê? A escultura mostra**



**um corpo negro sem cabeça e nem braços, porém com seis tetas que, através de fitas, estão ligados á bonequinhas de pele branca. O isso te lembra? No**

**período da escravidão, o corpo das mulheres negras era usado para amamentar os bebês de suas**

**senhoras. Por que será que essa escultura não tem cabeça? É como se elas fossem reduzidas á sua função de “amas de leite”, sem personalidade, sem rosto, sem história.**



**Já a imagem que você viu na página anterior, faz parte de outra série chamada “Atlântico Vermelho”. Nela, Rosana utiliza registros fotográficos do período da escravidão no Brasil e os costura em seus próprios desenhos, criando um efeito de “colcha de retalhos”. Com isso, é como se a artista estivesse trazendo a tona memórias que a elite branca brasileira tenta apagar.**

**Outra série famosa da artista é esta que você vê ao lado, se chama “Parede da memória”. A inspiração veio de um patuá – pequena peça usada como amuletos de proteção por religiões de matriz africana - presente na casa dos pais. A partir dessa lembrança, ela enche uma parede com 1500 patuás que trazem**



**onze retratos de família (da família própria artista) que se multiplicam, uma forma natural da artista investigar a própria identidade a partir de seus ancestrais.**

**Percebe como a história de vida de Rosane Paulino aparece e é importante em sua obra? Através da arte ela busca o próprio espaço e investiga**

**a própria história. Lembra que na aula passada falamos sobre a “poética pessoal”? Então hoje quis apresentar essa importante artista brasileira. Você, assim como ele, também está na busca. Quem é você? Como a arte pode te ajudar a descobrir? Deixo links pra quem quiser pesquisar.**

**Com amor, Professora Zoé**

<http://www.rosanapaulino.com.br/> - Site Oficial da Artista

<https://www.youtube.com/watch?v=7awdUzh9UVg> – Rosana Paulina – Diálogos Ausentes

<https://www.youtube.com/watch?v=Y8NMJLyKiXw> – O corpo negro nas obras de Rosana Paulino



Sua máscara de tecido te incomoda? Me fala sobre essa que meus irmãos negros usavam na colheita pra não comer nenhuma fruta 🙄



## **Arte(vismo) - A arte como arma de luta!**

**Olá senhoras e senhores!**

**Como estão por aí? Espero que bem! Não se esqueçam de se cuidar! O tempo esfriou... Se agasalhem! Como está sendo ficar esse tempo todo em casa? Uma ótima alternativa contra o tédio é criar alguma coisa, sabia? Por falar nisso... Como vão os desafios criativos? A cada mês estou pedindo que você crie duas obras (pode ser desenho, poema, pintura, escultura, música, o que você quiser) e o tema é livre! Solte sua imaginação e me surpreenda!**

**Hoje eu vou apresentar para vocês duas artistas aqui da América Latina! Esse ano elas estão expondo seus trabalhos na Bienal do Mercosul, que acontece todo ano em**

Ministério de Cultura, Secretaria de Estado de Cultura, Santander e Correios apoiadores.

**FEMININO**  
**(S)** VISUALIDADES,  
AÇÕES E AFETOS

**Porto Alegre. Em função do COVID-19, nesse momento a exposição está acontecendo online. Inclusive vou deixar o link para quem tiver curiosidade de ver.**

**Está vendo a foto ao lado? O que te chama à atenção? Uma mulher... Vários sapatos vermelhos... Essa é a artista mexicana Elina Chauvet, hoje com 61 anos de idade. Desde 2009 ela vem espalhando sapatos vermelhos por onde passa, a obra se chama "Zapatos Rojos". O tema da obra é o perigo de um crime chamado**





**feminicídio. Já ouviu falar sobre isso?**

**Feminicídio é o assassinato cometido contra mulheres**

**que é motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero. São mortes causadas por agressões que acontecem dentro de casa. Elina expôs sua obra pela primeira vez em sua cidade natal, Ciudad de Juárez, no México no ano de 2009. Hoje ela já percorreu diversos países com o trabalho. Mas, o que será que a motivou a criar? Deixo aqui as palavras da própria artista:**

**“Na época, tinha acabado de perder minha irmã, que fora morta por seu marido. Estava sensibilizada com o tema e revoltada com a impunidade do caso na minha própria família. Foi nesse contexto que me dei conta da gravidade do que se passa com as mulheres.”**

**É interessante como a arte pode ser um espaço para falarmos sobre aquilo que nos atravessa na vida. Ela criou os “Zapatos Rojos” depois de a própria**

**irmã ser assassinada pelo companheiro. Dados levantados pelo Fórum Brasileiro de Segurança**



**Pública apontam que houve um aumento de 22% nos registros de casos de feminicídio no Brasil durante a pandemia do novo Corona Vírus.. Por toda a América Latina a violência contra a mulher preocupa e se torna tema de criações artísticas. O que você vê abaixo?**

**Esse é o trabalho da artista argentina Fátima Pecci Carou, hoje com 36 anos. Essa é uma série de retratos que a artista chamou de “Algum dia sairei daqui (feminicídios)”. Os 200 retratos pintados são de mulheres, travestis e pessoas trans da argentina argentinas (crianças, jovens e adultos) que foram vítimas de feminicídios ou que ainda estão desaparecidas. “Fátima vai além da estatística quando pinta seus rostos e redireciona seus olhares. Elas não são um número, são pessoas, vidas, afetos. São rostos que reclamam por justiça.”.**



**A arte pode ser uma ferramenta de luta por dias melhores e muitas pessoas se apóiam nela para reerguer a cabeça e recuperar seu poder pessoal. Toda violência doméstica deve ser denunciada para a polícia. Saudade e carinho!**

**Com amor,**

**Professora Zoé**

<https://www.fundacaobienal.art.br/bienal-12-artistas> - Bienal do Mercosul

<https://www.fundacaobienal.art.br/bienal-12-artistas/Elina-Chauvet> - Elina

Chauvet

<https://www.fundacaobienal.art.br/bienal-12-artistas/F%C3%A1tima-Pecci-Carou> - Fátima Carou

[http://www.aptafurg.org.br/novo\\_site/images/documentos/cartilha.pdf](http://www.aptafurg.org.br/novo_site/images/documentos/cartilha.pdf) -

Cartilha Violência Contra a Mulher





## Arte Postal – A Poesia Proibida Resiste

Olá senhoras e senhores,

Como vão as coisas em casa? Espero que vocês estejam com saúde e bem. Parece que agora o COVID-19 nos encontrou, vamos levar a sério os cuidados, viu? A saudade cresce a cada dia... Talvez essas cartas que escrevo aqui sejam pra alimentar nosso coração de poesia.

E por falar em carta e em poesia... hoje eu vim contar

histórias sobre gente de coragem. Foi no tempo em que

“proibiram a arte” (ou quase) e os

poetas foram considerados “foras da lei”. Não existia mais liberdade de expressão, quem fosse contra o governo poderia ser preso, torturado ou até morto. Aqui na América do Sul, entre os anos 70 e 90, houve uma onda de Ditaduras. Os militares estavam no comando, nós já não possuíamos o direito de escolher nossos governantes, nos restava obedecer.

Mas não se desesperem, a arte resiste! A saída encontrada pelos artistas nesse período pra compartilhar seus trabalhos e suas idéias foi trocá-las em segredo, com selo e carimbo dos correios: A Arte Postal! Tudo precisava ser simples e discreto. Agora, o mais importante já não era a técnica e sim a idéia, geralmente de crítica ao estado.

Nesta página, por exemplo, você está vendo trabalhos do artista pernambucano Paulo Bruscky. Na imagem acima ele tirou uma cópia do seu antigo



**Título de Eleitor e carimbo “CANCELADO”, como forma de denúncia e protesto contra a perda do direito de votar, a perda da cidadania.**

**Aqui acima você vê Artes Postais do poeta uruguaio Clemente Padin, também conhecido por resistir à ditadura em seu país. Ele denuncia a perda de liberdade causada pela ditadura. Observe a imagem ao lado, do mesmo artista. São palavras simples: “A poesia não é suficiente” e a palavra cai sobre um prato vazio. O olhar faminto do menino já nos diz muita coisa sobre a situação do povo.**

**A Arte Postal, também chamada de Mail Arte, fluía através de uma rede secreta formada por artistas e pensadores. Para escapar da censura, as mensagens não podiam trazer críticas muito diretas ao estado, por isso criavam-se metáforas, uma forma de falar pelas entrelinhas. Isso significa que as idéias estavam escondidas dentro da imagem, de maneira que o observador precisasse refletir sobre os elementos para compreender o que o artista estava dizendo.**

**Arte simples, sem muita técnica. Geralmente usavam fotografias, carimbos, selos e palavras. Aqui**



**ao lado você vê uma obra de Fernando Cocchalare, que faz uma metáfora sobre as torturas no Brasil.**

**Mas a Arte Postal como forma de escapar da censura não foi usada apenas aqui na América do Sul. Durante os anos 60 e 70, o efeito da Guerra Fria sufocava o continente europeu. Por isso, os artistas da Europa Ocidental também passaram a enviar suas obras via correio. Observe a imagem acima: O que você vê? Essa foto foi enviada pelo artista polonês Krysztof Wodiczko. Ele criou essa máquina que**



parece uma esteira rolante sobre rodas. O genial é que, quanto alguém sobe na esteira e caminha para frente, a engrenagem da máquina faz com que ela se mova para trás. Aí está a mágica da metáfora: ainda que o sistema tenha sido projetado para se mover em uma direção, o artista coloca todo o movimento do seu corpo, da sua mente e da sua vida em uma postura de RESISTÊNCIA. É por isso que a arte pode ser uma arma de luta quando ela resiste a tudo que vai contra a liberdade.

Hoje, depois de tanto, já não estamos em ditadura! Vivemos uma democracia, elegemos nossos governantes e podemos lutar por nossos direitos abertamente. Podemos nos expressar! E você? O que tem a dizer?

Com amor, Zoé!





**Alfredo Vivero e o pensamento dos Povos Originários da América do Sul**



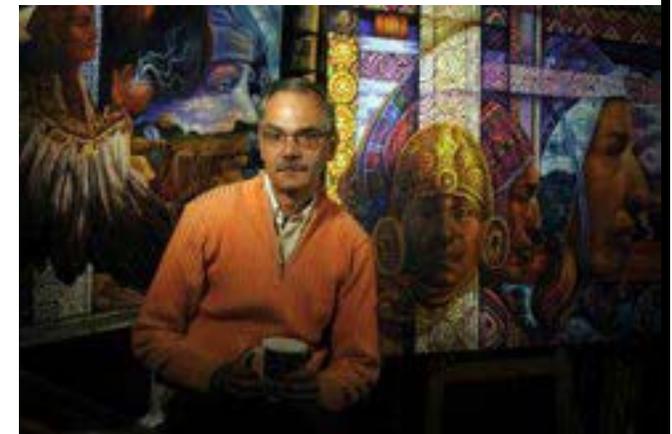
**fronteira com as florestas brasileiras), aqui na nossa amada América do Sul. É justamente essa raiz sul americana que ele traz em suas obras, resgatando a**

**Olá senhoras e senhores!**

**Tudo bem com vocês por aí? Família? Saúde? Fé? Pois então... hoje eu vim apresentar pra vocês um artista que conquistou meu coração. Seu nome é Alfredo Vivero, hoje ele tem 69 anos e é natural da Colômbia (entre a Venezuela, e o Peru –**

**história e a cultura dos povos originários desse território. O que a palavra “originário” te lembra? Tem a ver com origem... então os povos originários são os que se originaram aqui, que já estavam vivendo suas culturas há milênios antes da chegada do povo europeu e ainda estão.**

**Hoje existe uma força e uma importância de resgatarmos em nossa memória os símbolos, saberes, mitos, ritmos, cantos e costumes desses nossos ancestrais. Sabe por que? Porque o povo europeu, com suas armas, doenças e canetas, tentou apagar a história dos que estavam aqui antes. Isso é uma estratégia de dominação: “eu te faço esquecer sua história e sua origem para poder te dominar e te obrigar a viver do meu jeito.”. Somos filhos dessa história.**



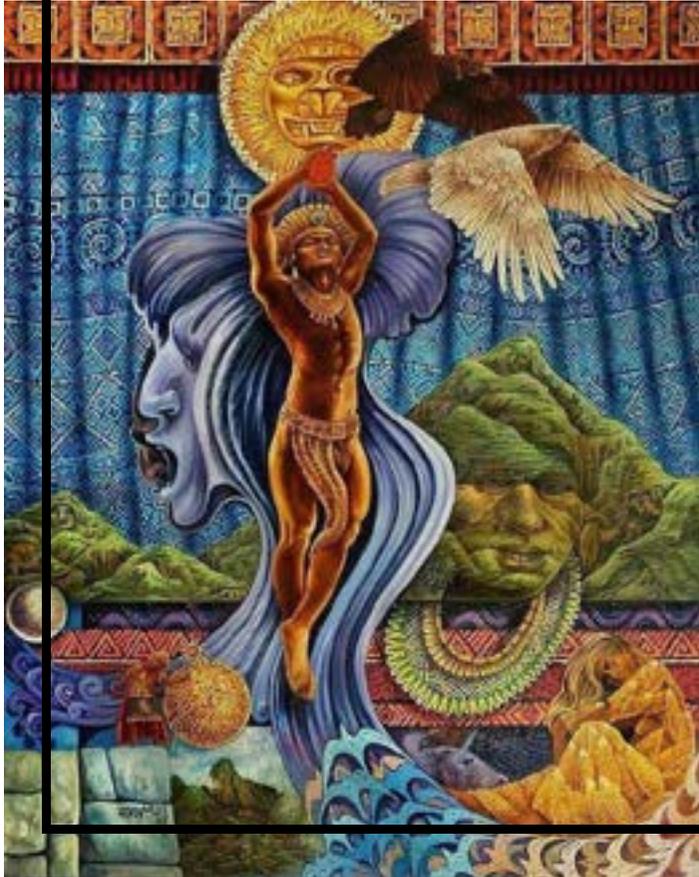
**Observe o quadro ao lado: o que você vê? Tudo é muito simbólico. No centro do quadro está a figura de um homem de pele vermelha, cocar na cabeça, ele parece estar voando no vento, e esse vento tem um rosto. Ao redor dele, muitos símbolos: Um sol de dentes afiados, aves grandiosas, montanhas com rosto de gente, texturas de pedras, muitos grafismos, referências aos elementos da natureza. Isso mostra muito da maneira de pensar desses povos, que é diferente do pensamento europeu. É diferente porque?**

**O pensamento europeu afirma que o ser humano, por ser “racional”, é mais importante, é o centro de tudo, se chama antropocentrismo. Já o pensamento originário é de**

**que o ser humano faz parte do todo e tem a mesma importância que todos os outros animais e plantas.**

**Por isso, precisa viver em harmonia com tudo o que o cerca, respeitando os ciclos naturais e se entendendo como parte deles. Aqui ao lado você vê as três fases do ciclo feminino dentro dessas culturas: a jovem, a mãe e a sabia anciã (anciã é a mulher mais velha).**

**Foi partindo desse princípio de viver em harmonia com tudo o que os cerca, que esses povos foram capazes de viver por milênios aqui neste continente mantendo o equilíbrio natural de suas matas, rios e mares, possibilitando que a vida de animais e plantas pudesse fluir junto com a deles. Quando o europeu chegou, veio a doença e a destruição... mas isso é assunto para outra aula. Vou**

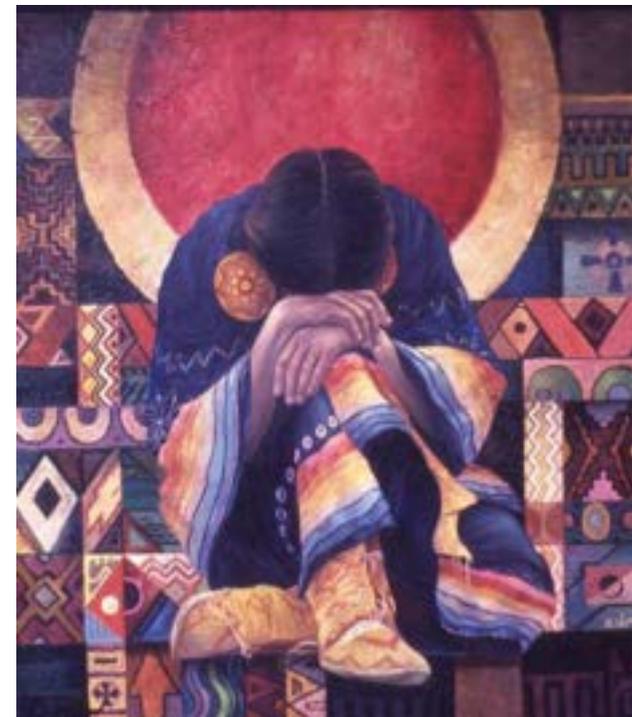


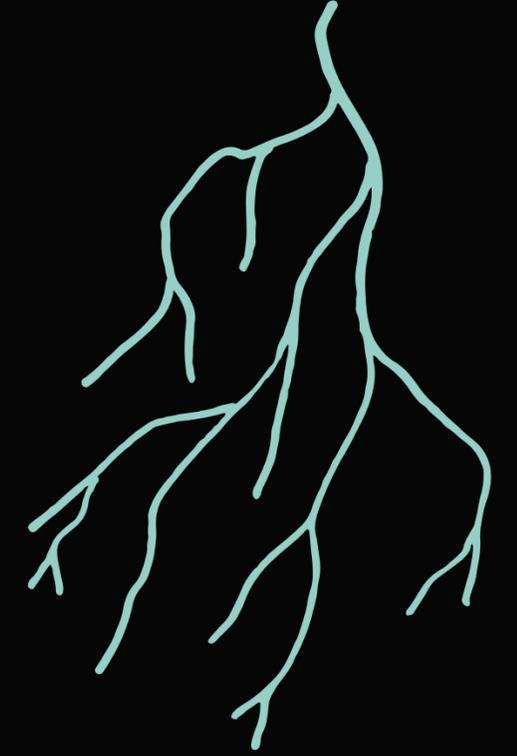
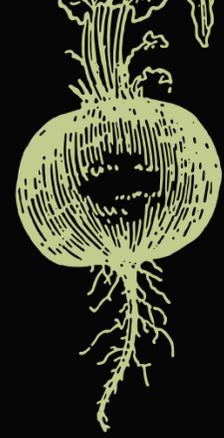
deixar aqui um trecho do poema “Oração pela América”, do mesmo artista colombiano, Alfredo Vivero.

**“E o homem novo, o homem americano.  
É cântaro quebrado, coração sacrificado  
Quinhentos anos, quinhentos esquecidos.  
Terra do Condor! Terra do quetzal e da anaconda.  
Terra do jaguar, terra do mito.  
Não deixes agora penetrar teu corpo,  
Nem fecundar teu ventre,  
Até que sonhemos a paz e a harmonia.  
Virgem do sol, não se esqueça do eco dos Andes.  
E como o condor ancestral, começa teu vôo.”**

**Com amor,  
Zoé**

<https://www.youtube.com/watch?v=MKCy7qOx2QQ> – Vídeo para quem quiser ver outras obras de Al Vivero!



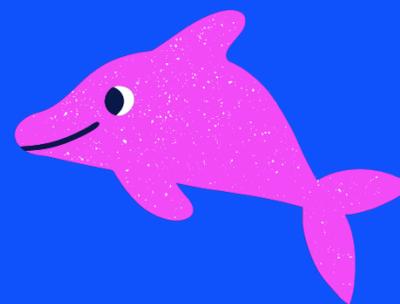
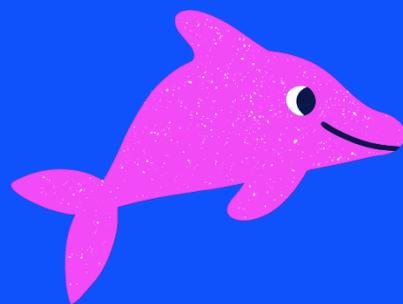


# Aulas Canva



# BOM DIA SENHORAS E SENHORES!

Aula de Artes - Professores Zoé



# O QUE VOCÊ VAI APRENDER HOJE?

## Assuntos abordados

Conhecimento

Aprender a aprender

Autonomia

Curiosidade

Tomar escolhas

Cada um de nós é único



Nós não estamos  
na sala de aula,  
mas tenho certeza  
de que você deve  
estar aprendendo  
um monte de coisas  
nesse tempo!



A MENTE APRENDE O TEMPO  
TODO, BASTA OBSERVAR!



Mas é claro que nós podemos dar  
uma ajudinha para a nossa mente

FAZENDO BOAS PERGUNTAS!

A GENTE ESTUDA,  
ESTUDA, ESTUDA...



...E APRENDE A  
DAR RESPOSTAS!



QUANDO VAMOS  
APRENDER A FAZER  
AS PERGUNTAS?



O PODER DOS



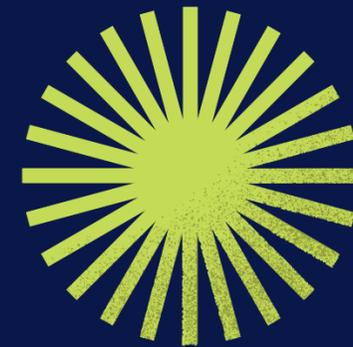
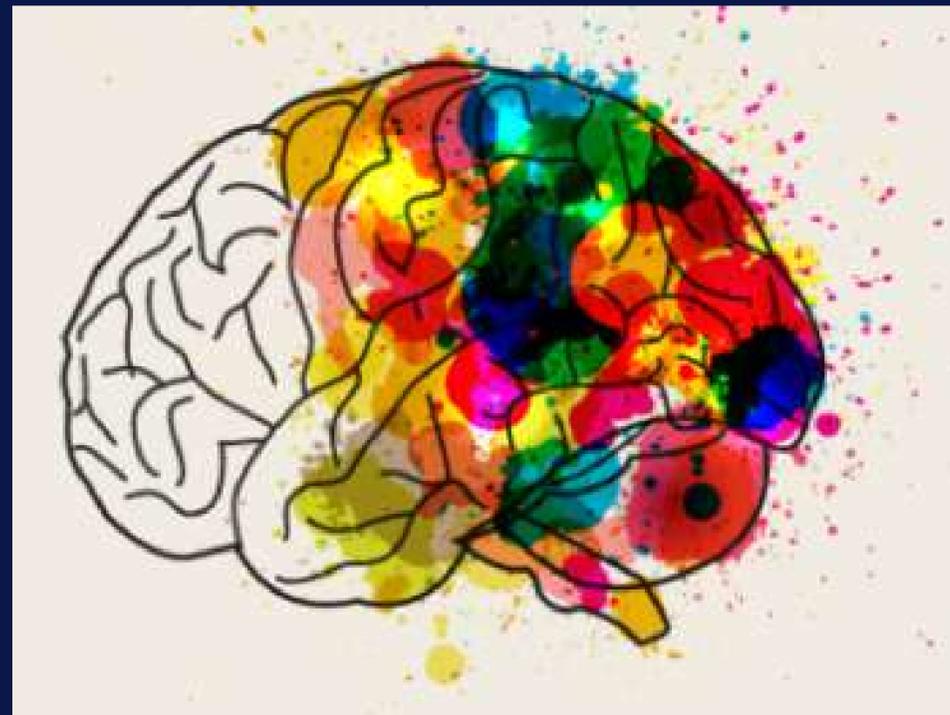
CURIOSOS

Quais são os assuntos que despertam sua curiosidade?

**Você pode começar por esses!**

# CADA UM TEM A SUA MANEIRA DE APRENDER! EXPLORE E DESCUBRA A SUA!

prestando atenção à sua mente, fica mais fácil encontrar o que você realmente quer aprender e de que formas isso pode ser mais simples.



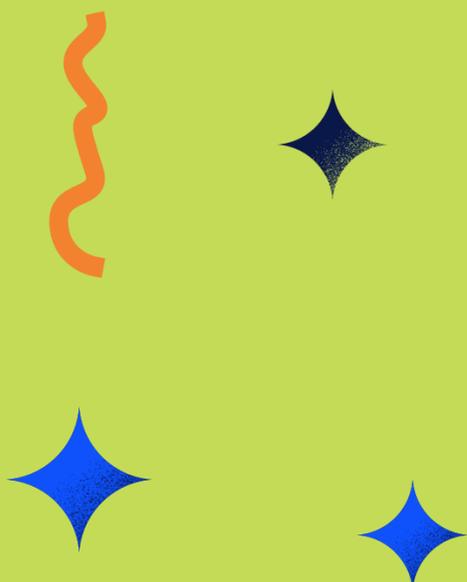


Suas escolhas

Seu olhar para o mundo!



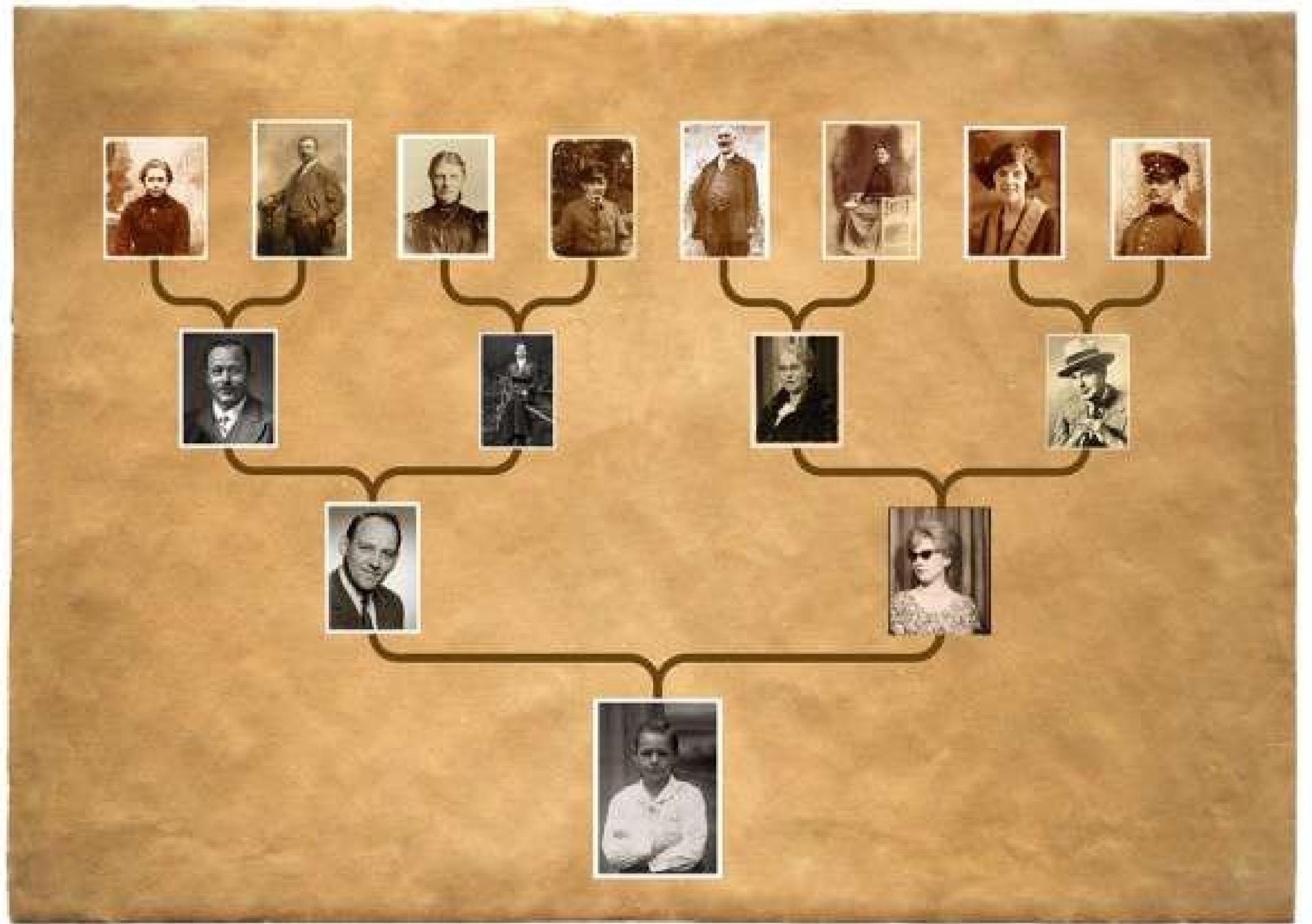
EXISTEM  
INFINITAS  
MANEIRAS DE  
APRER!



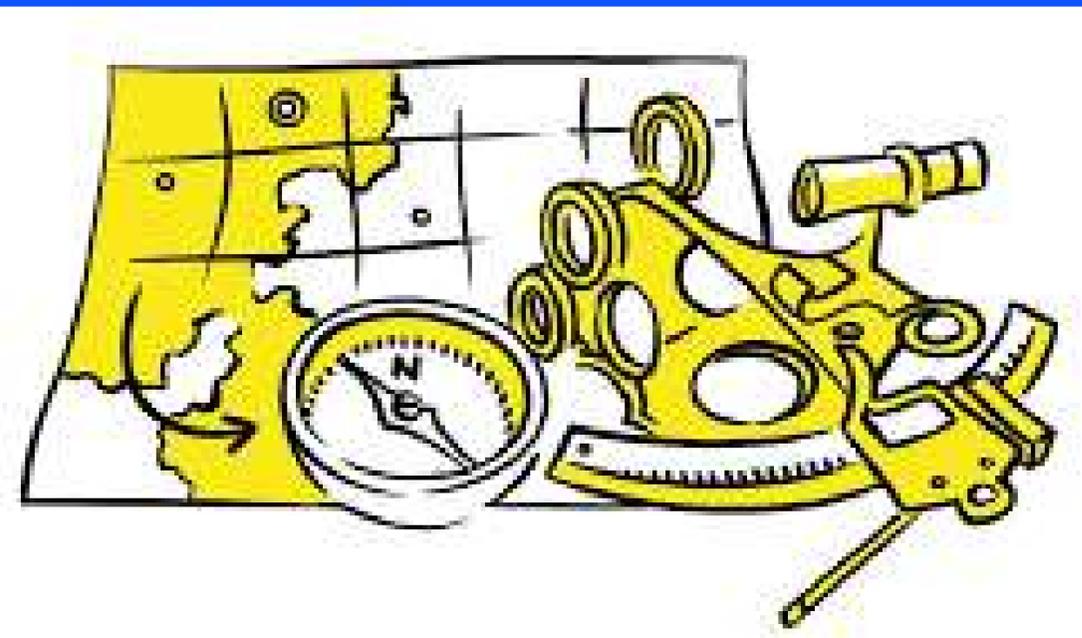


**Ouvir e  
contar  
histórias é  
uma  
excelente  
forma de  
trocar  
saberes!**

Por  
exemplo:  
Você  
conhece  
a  
história  
da sua  
família?



**PODEMOS  
APRENDER  
EXPLORANDO O  
ESPACO AO NOSSO  
REDOR!**

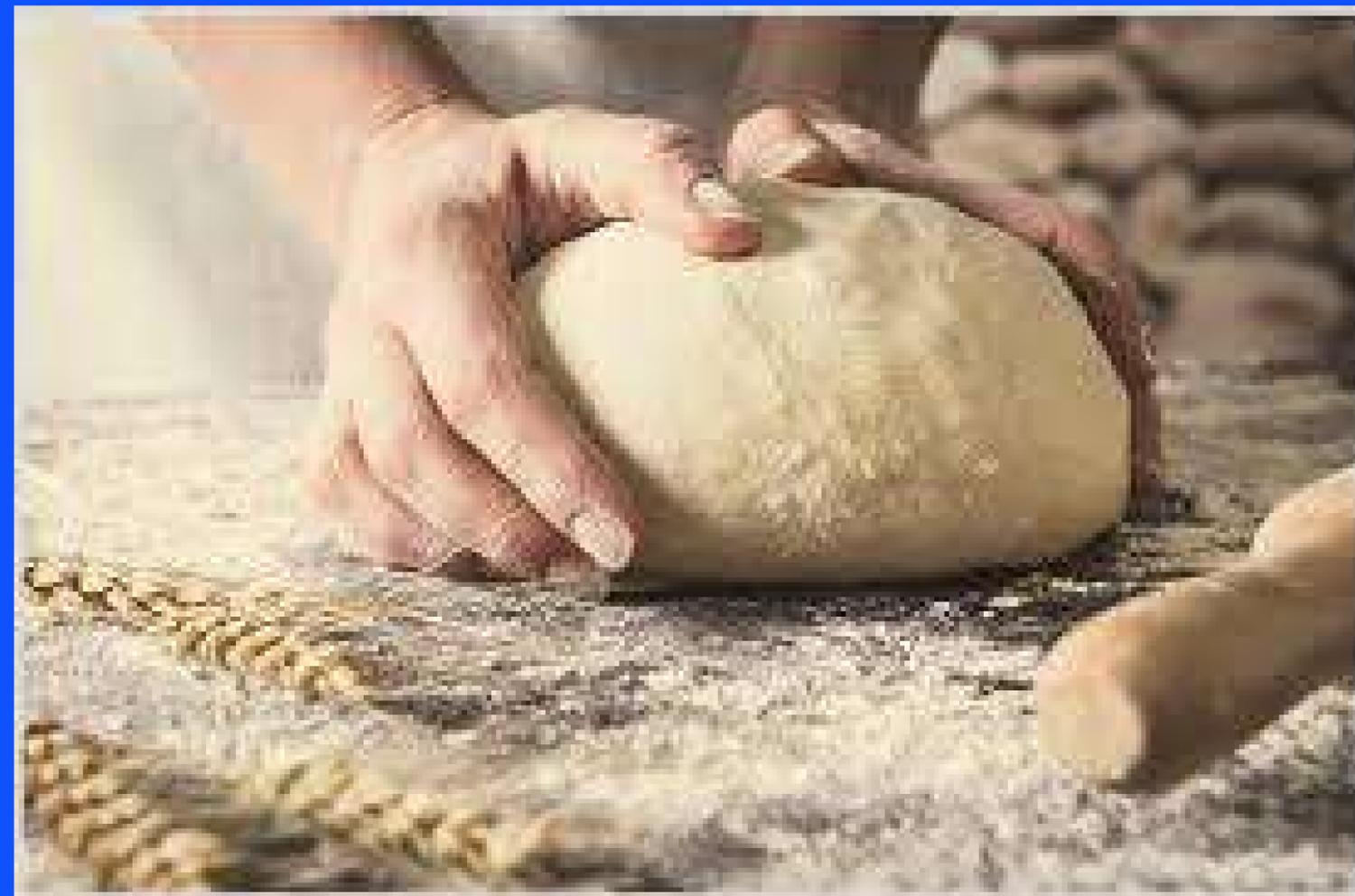


# OBSERVANDO A NATUREZA

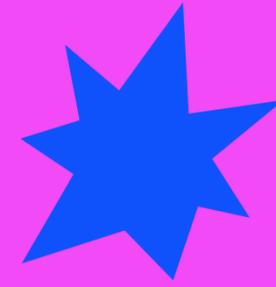


Pondo a

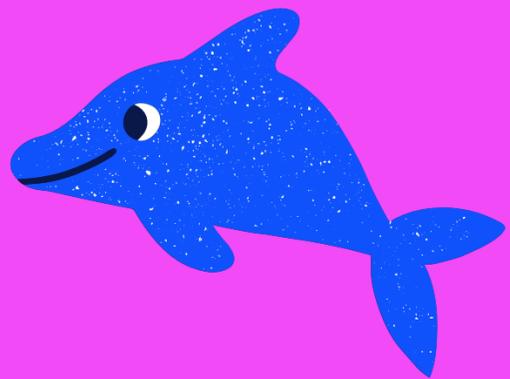
# MÃO NA MASSA



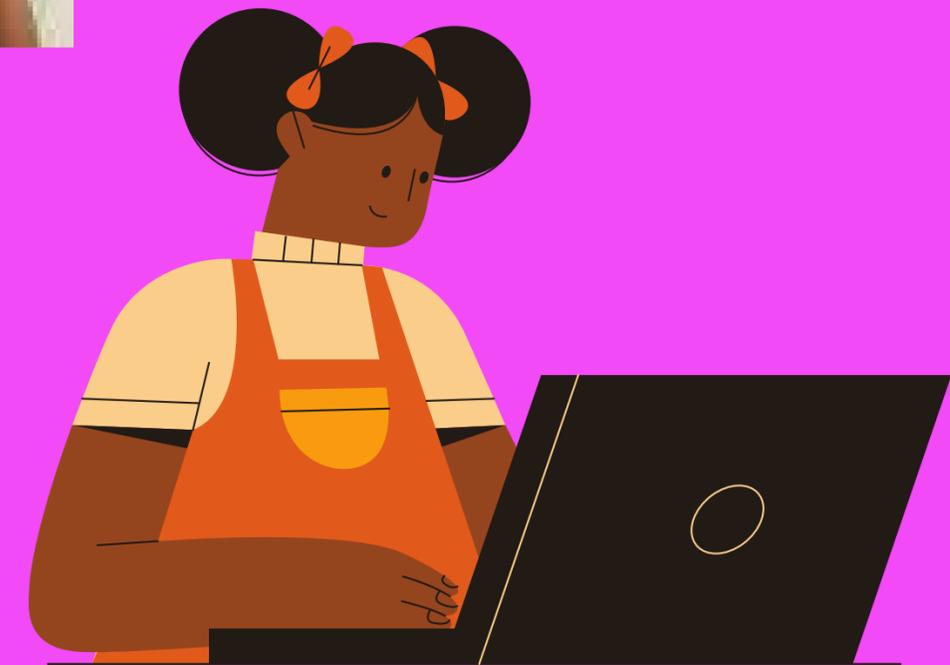
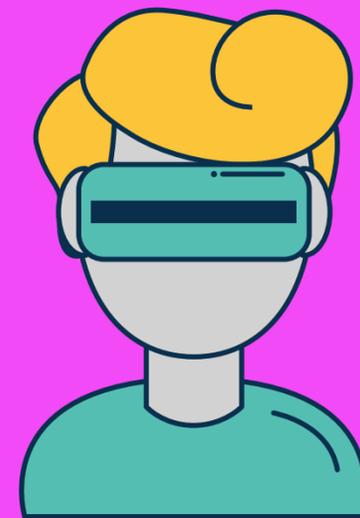
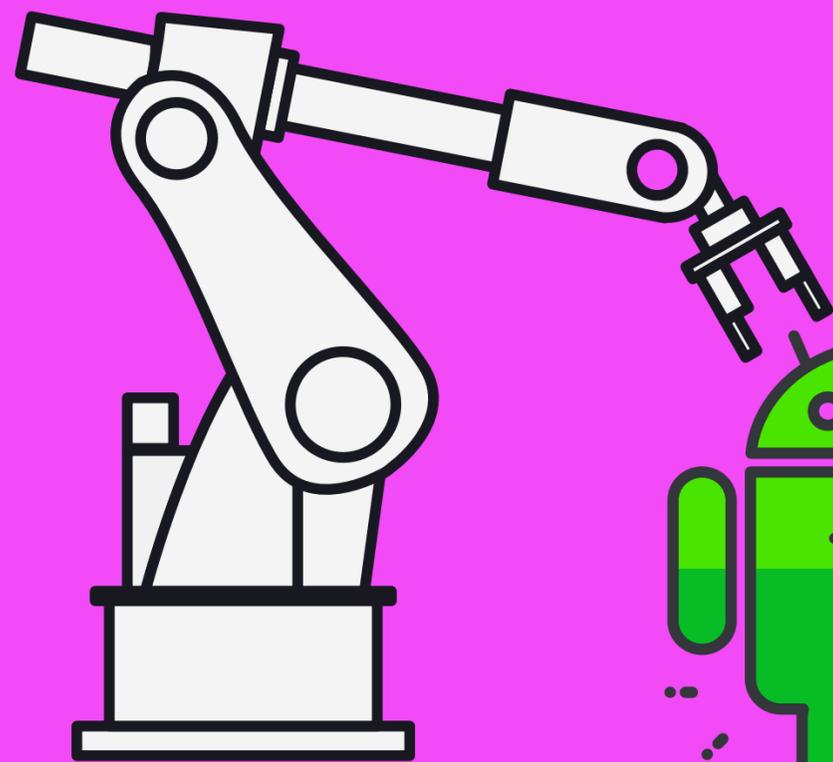
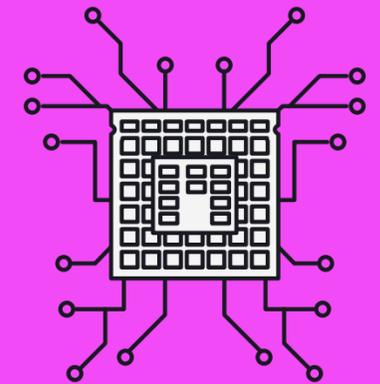
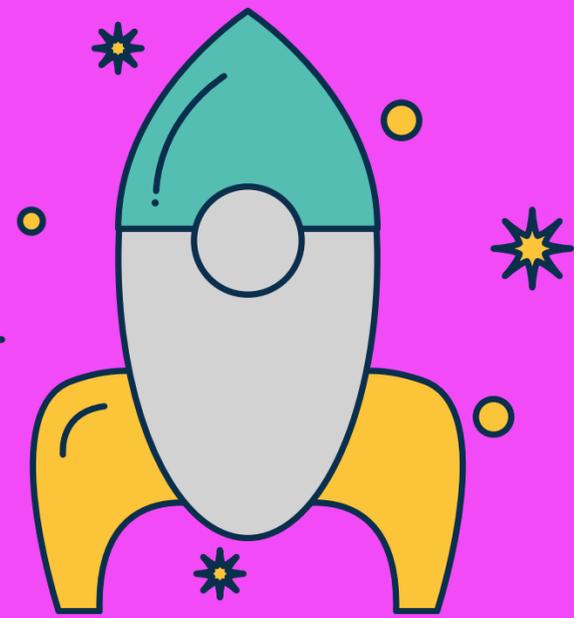
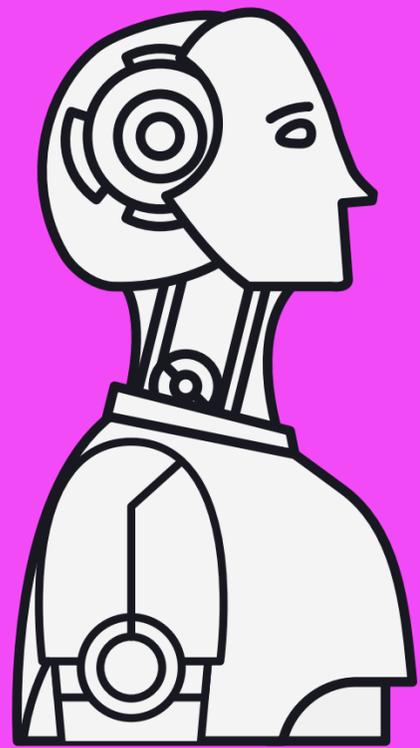
*Qu na terra!*

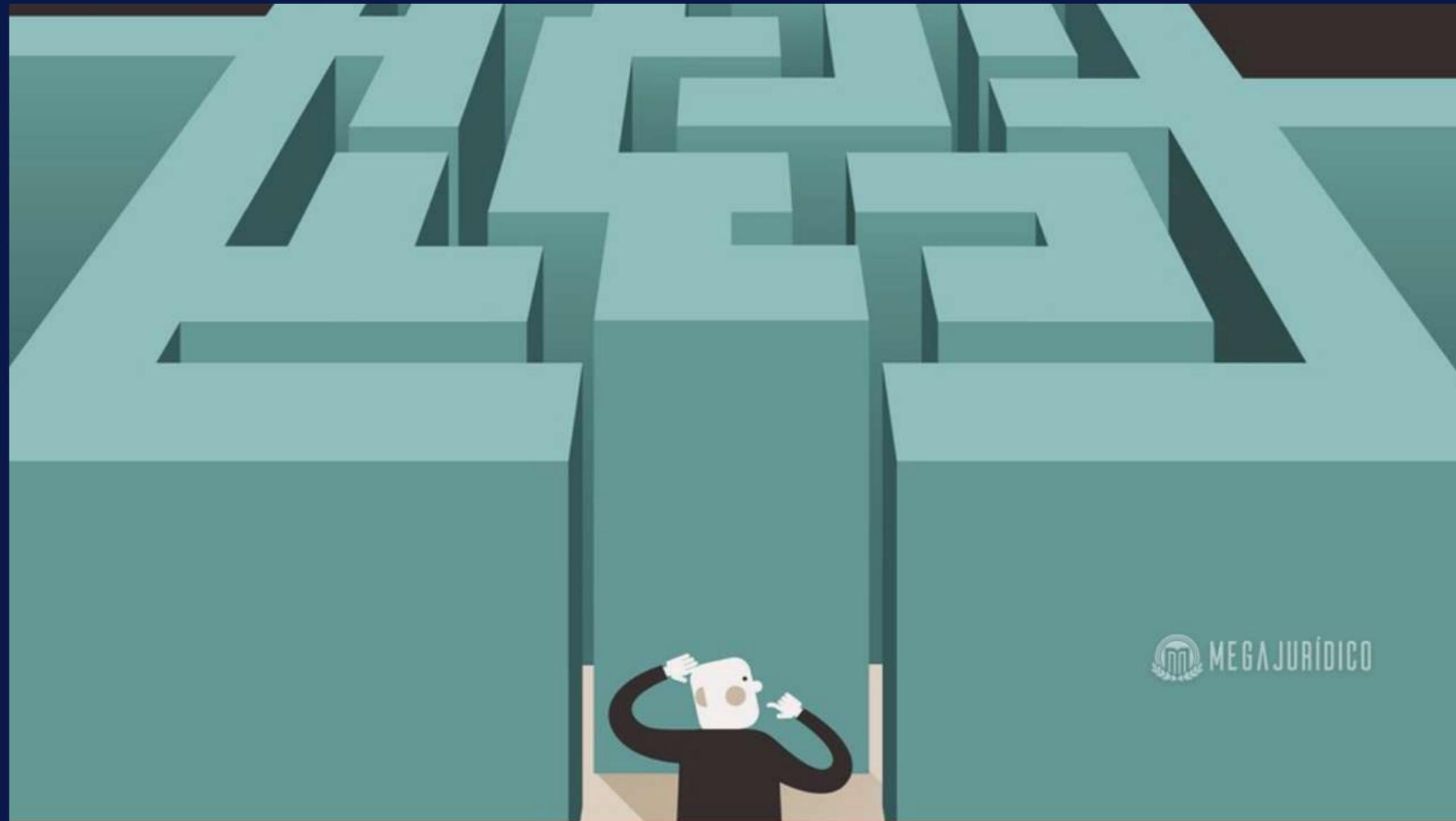


**OS LIVROS ABREM  
PORTAS PARA O  
MUNDO!**



# A TECNOLOGIA TAMBÉM!





## O DESAFIO É:

ENCONTRAR DENTRO DE SI O EQUILÍBRIO E A  
CORAGEM DE TOMAR SUAS PRÓPRIAS ESCOLHAS.

ASSUMA  
SUA YOZI!





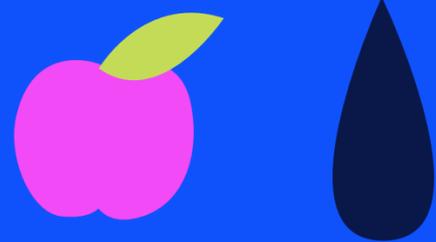
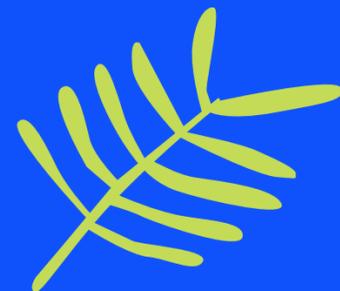
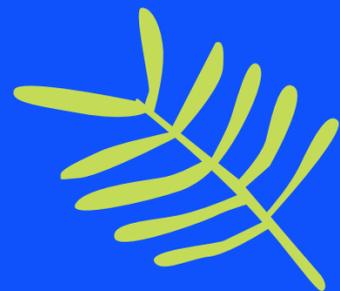
**A PALAVRA É:  
AUTONOMIA!**

# Escolha sua Atividade:

Escreva com  
suas palavras:  
o que é  
autonomia?

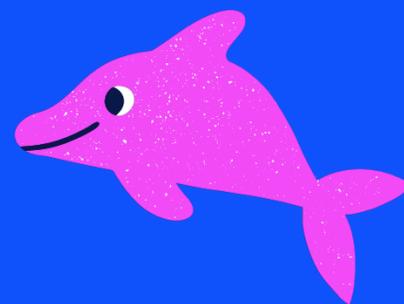
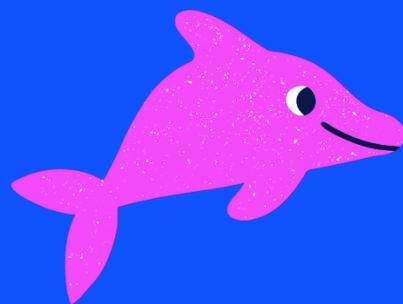
OU

Crie uma lista  
com três  
perguntas que  
você gostaria  
de responder  
esse ano.



# GRATIDÃO!

COM AMOR, PROFESSORES ZOÉ



# AULA DE ARTES

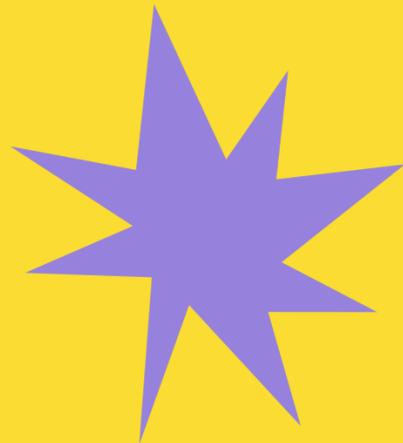
Professora Zoé



BOM DIA SENHORAS E  
SENHORES!



ESPERO QUE ESTEJAM  
TODOS BEM!



# HOJE PENSAREMOS SOBRE:



- OS SEGREDOS DA MENTE CRIATIVA  
VOCÊ TAMBÉM TEM UMA!
- SEU UNIVERSO INTERIOR  
A PARTE MAIS SENSÍVEL DE VOCÊ
- SEU OLHAR PARA O MUNDO  
A LEITURA QUE VOCÊ FAZ DA VIDA
- SUA POÉTICA PESSOAL  
SUA ASSINATURA, SUAS ESCOLHAS



CADA UM DE NÓS  
É **ÚNICO**. A  
NATUREZA NÃO  
PRODUZ CÓPIAS.

PERGUNTE-SE:

**QUEM EU SOU?**





SEU UNIVERSO  
INTERIOR É ONDE  
VOCÊ SENTE A  
VIDA.

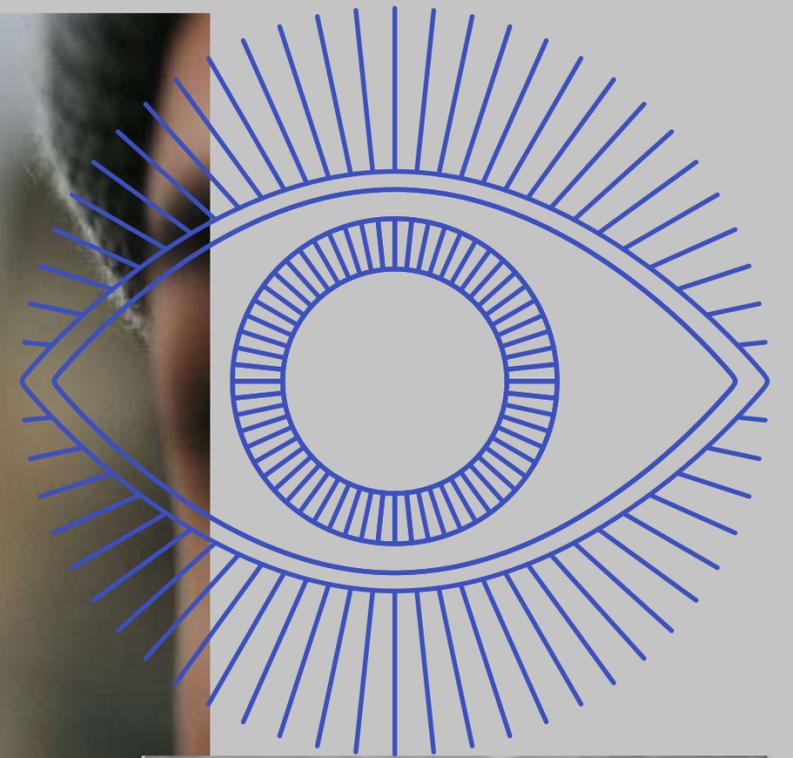
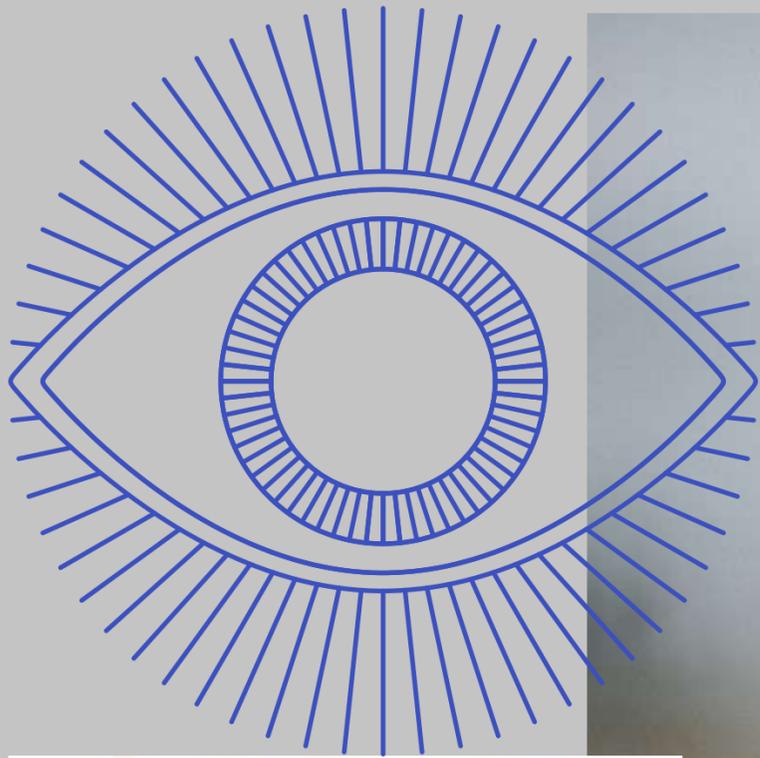
O SEU SENTIR  
NÃO CABE EM  
PALAVRAS.

**cada um leva em si um  
universo.**



*A arte  
pertence ao  
território do  
sentir, é  
uma  
linguagem  
além das  
palavras.*





*Com a arte olhamos  
o mundo de dentro  
para fora*

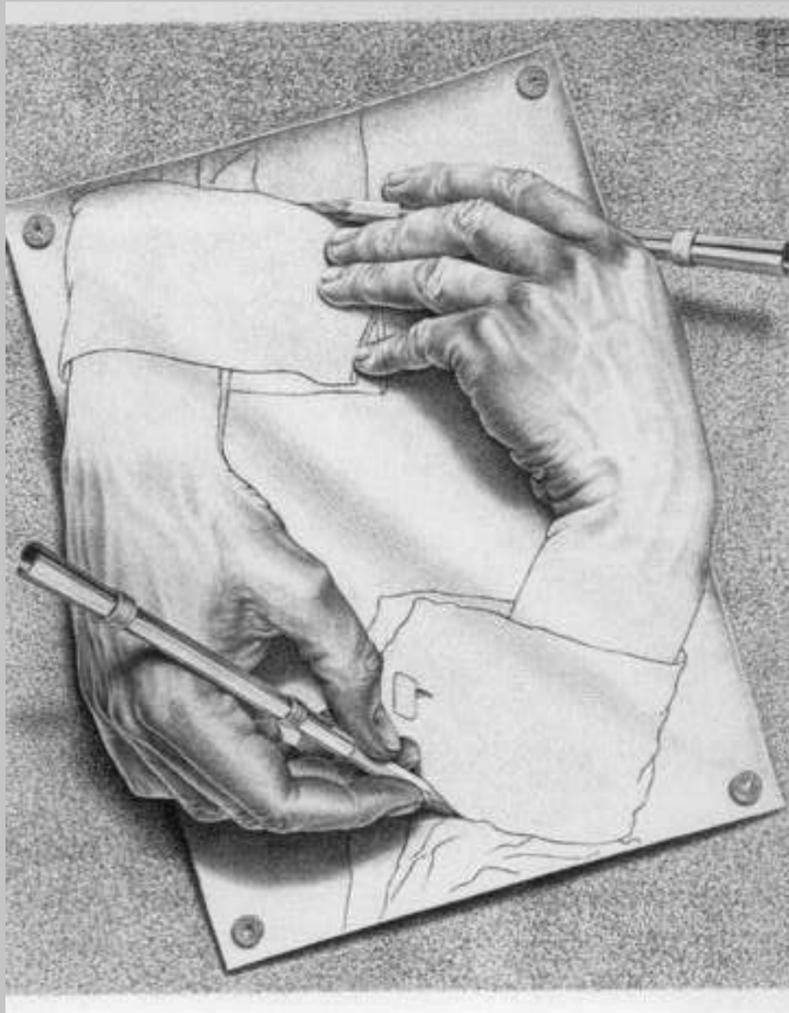


“Toda transformação começa de



**DENTRO** para **FORA**...”

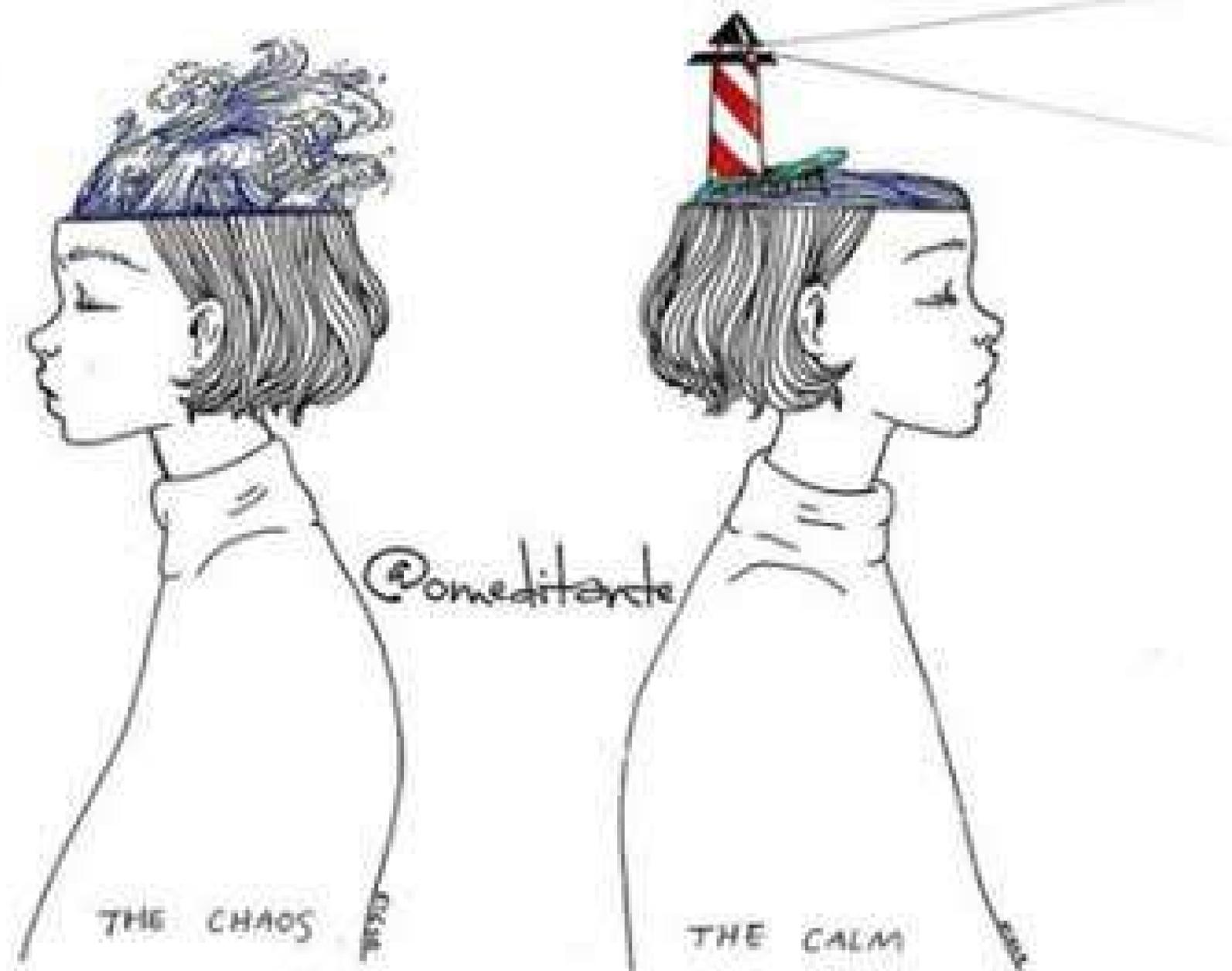
*Por isso a arte transforma: com ela modelamos nosso olhar, descobrimos nossa poesia pessoal.*







*A sua poesia  
pessoal é o que  
te acompanha  
em cada  
pequena escolha  
e pode te levar  
a ser você  
mesmo!*



**"SE O CAOS É UM PASSO NECESSÁRIO  
NA ORGANIZAÇÃO DO UNIVERSO,  
ENTÃO EU ESTOU BEM NO MEU CAMINHO."**

- Wendelin van Draanen

# ESCOLHA SUA ATIVIDADE



*Arrisque  
em três  
linhas:*

OU

*Faça um  
desenho  
mostrando*

*Hoje, quem  
é você?*

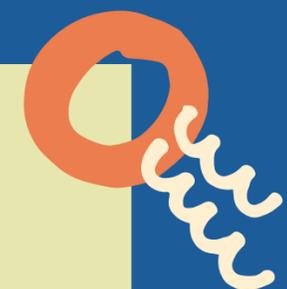
*: Hoje,  
quem é  
você?*



# OBRIGADA!

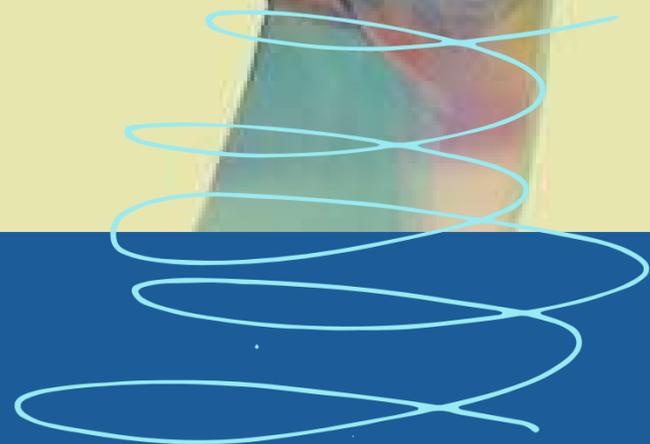
Com amor, Professora Zoé





# AULA DE ARTES

Professora Zoé

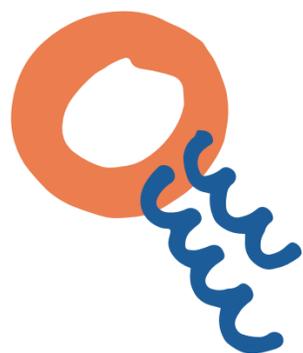




BOM DIA  
SENHORAS  
E  
SENHORES!

Tudo bem com vocês?

# HOJE NÓS VAMOS PENSAR JUNTOS SOBRE:



1

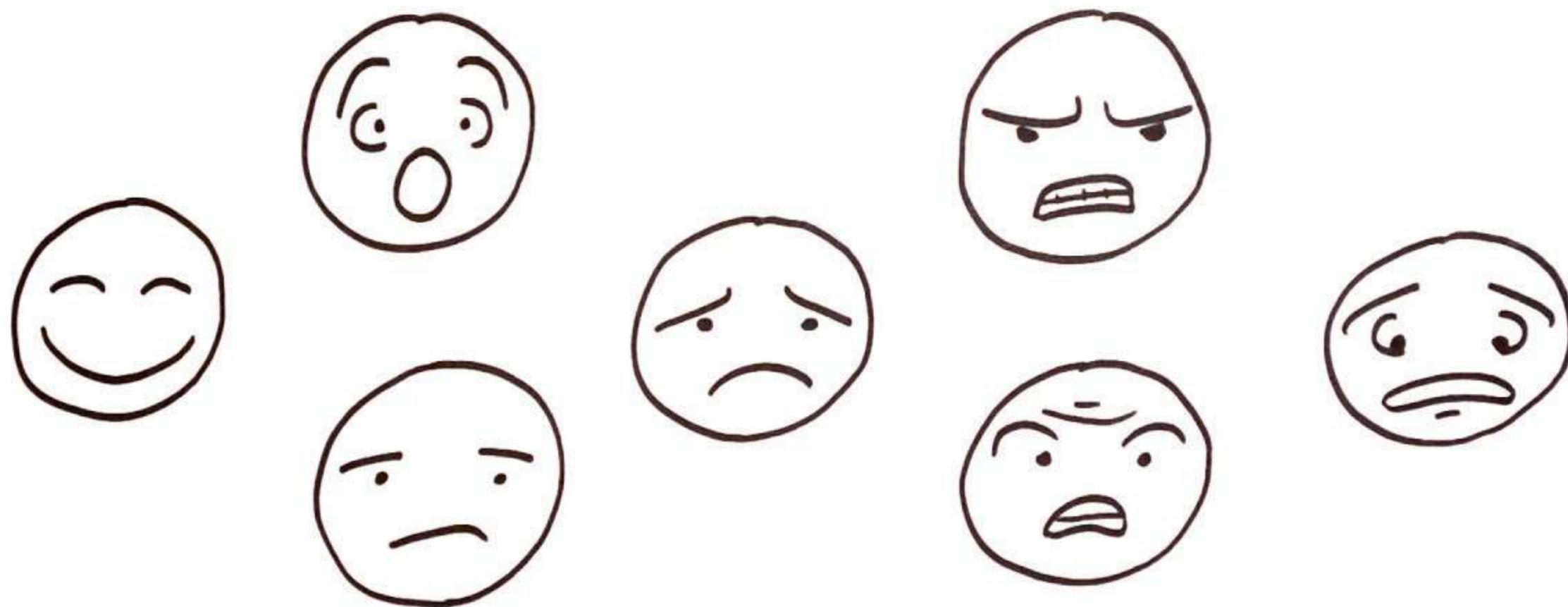
O que são emoções? Como elas afetam nossa vida?

2

O que é Inteligência Emocional?

3

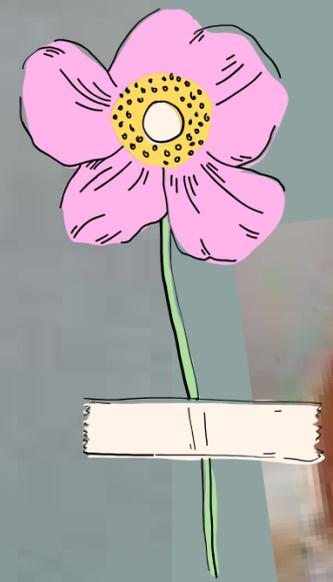
Quais são as cinco habilidades para fortalecer sua Inteligência Emocional?



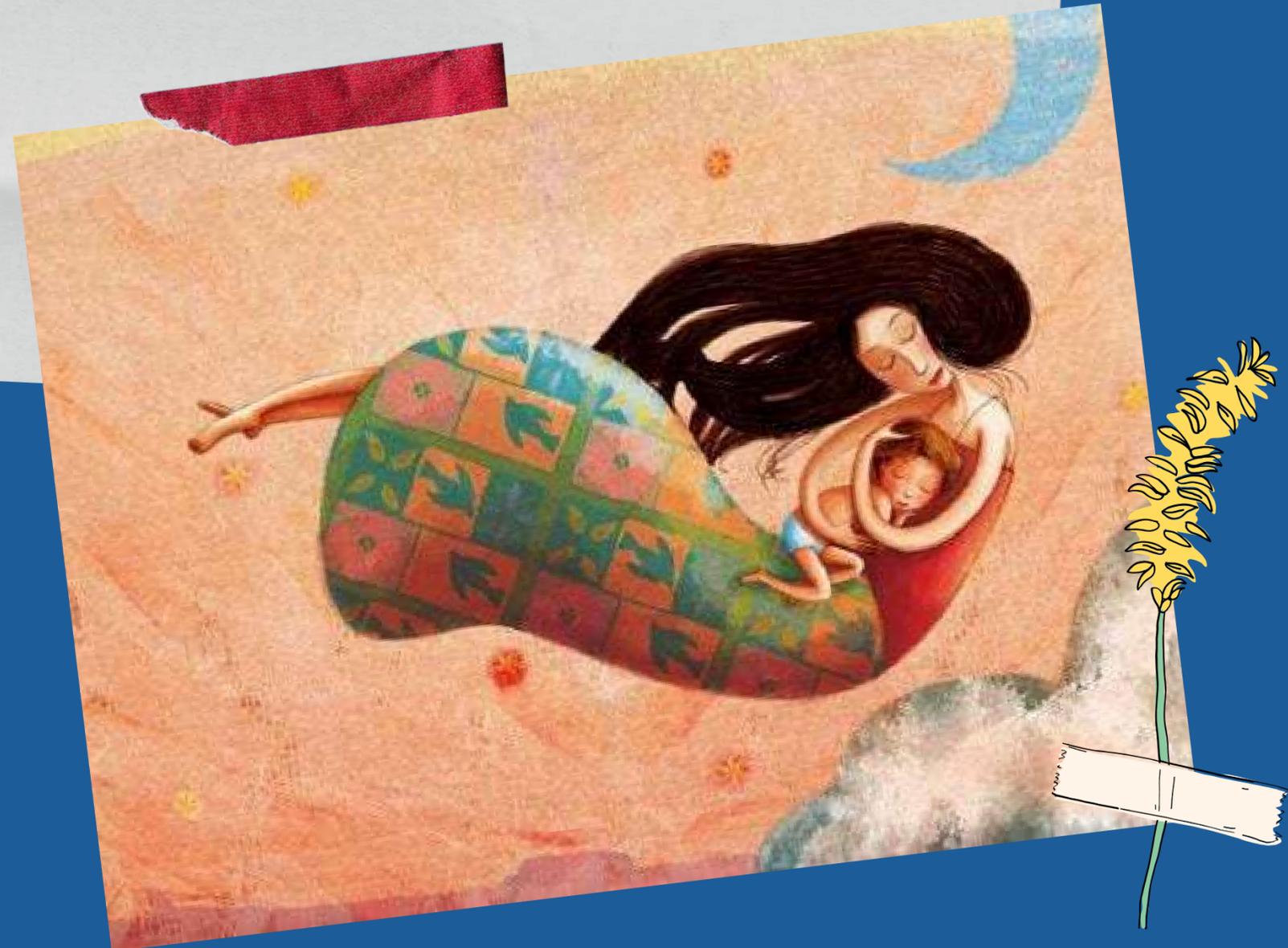
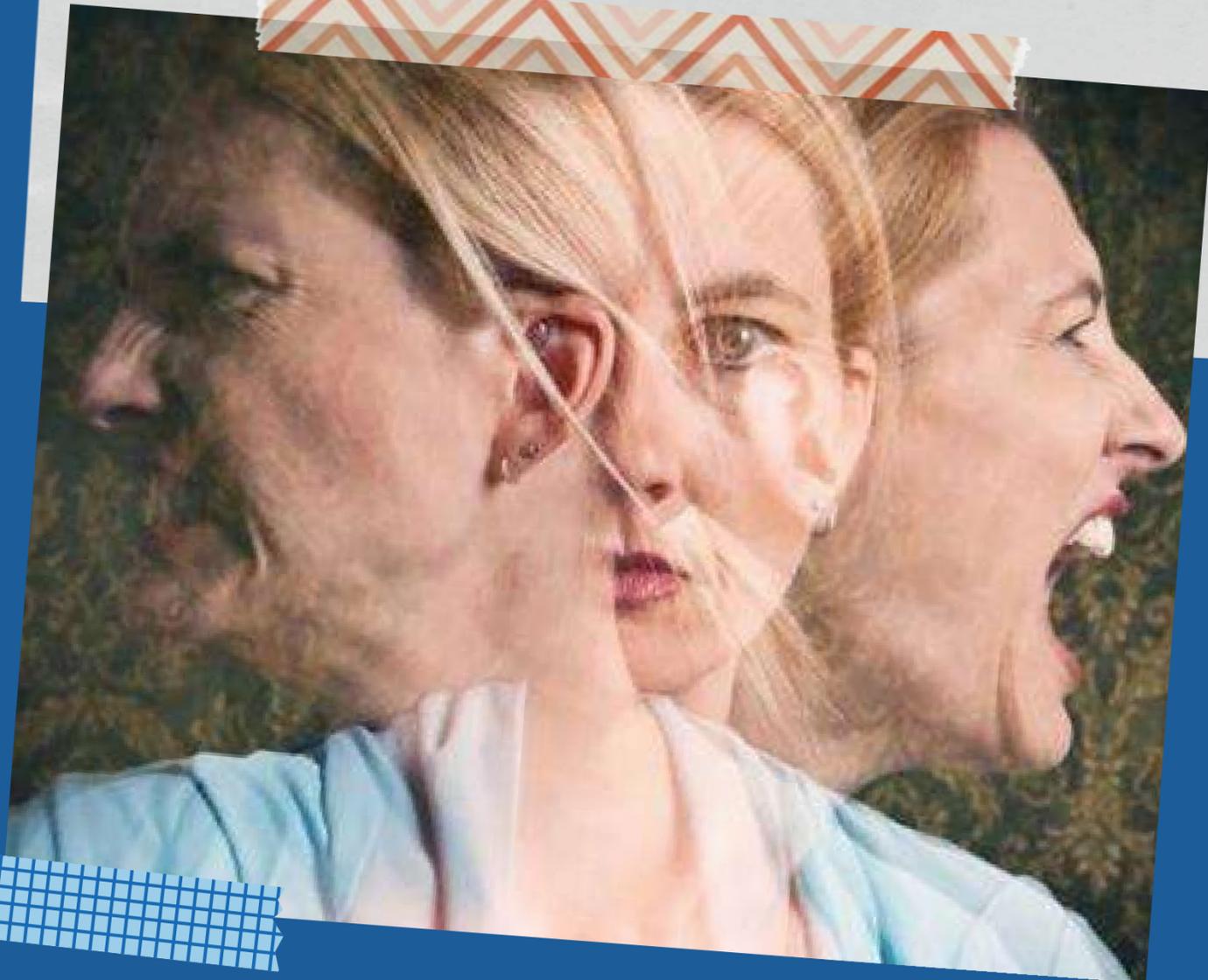
O QUE SÃO EMOÇÕES?



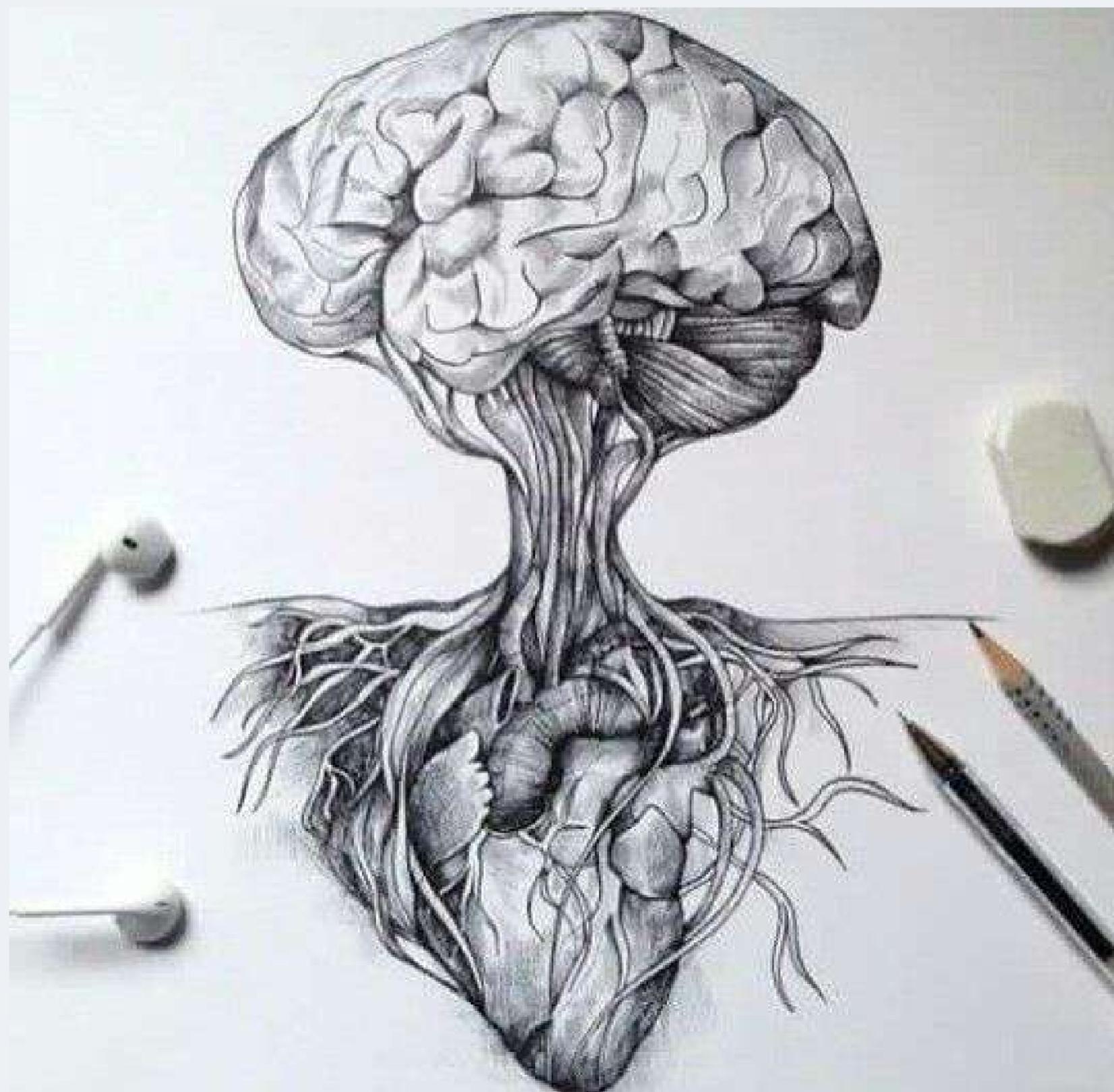
EMOÇÃO É UMA  
SENSAÇÃO  
FÍSICA E  
EMOCIONAL  
QUE NOS  
ATRAVESSA.

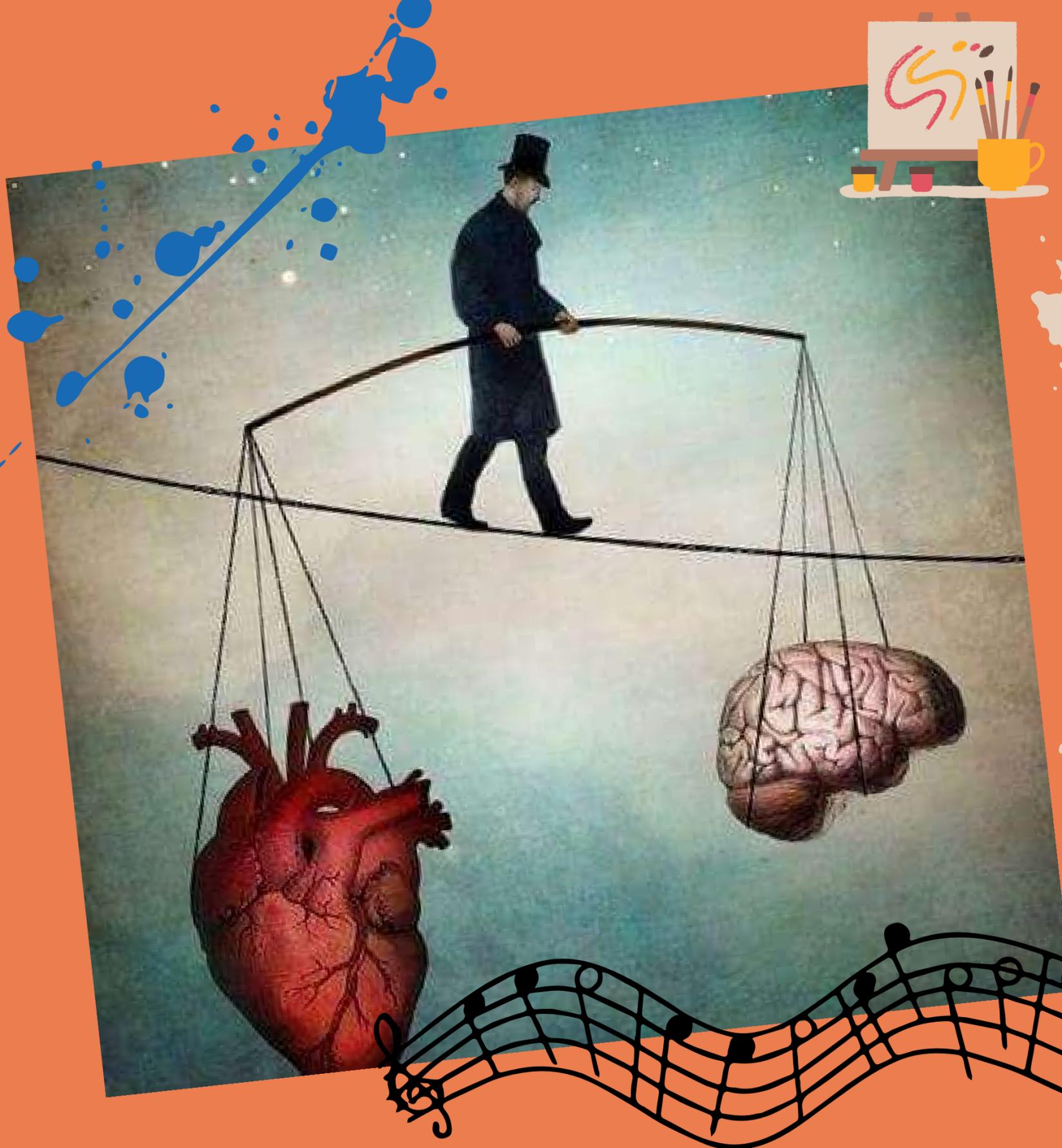


São formas de reagir à situações ou memórias e cada um sente com sua própria maneira.



NOSSO PENSAR  
E NOSSO  
SENTIR ESTÃO  
SE MOVENDO  
JUNTOS  
DURANTE ESSE  
PROCESSO.

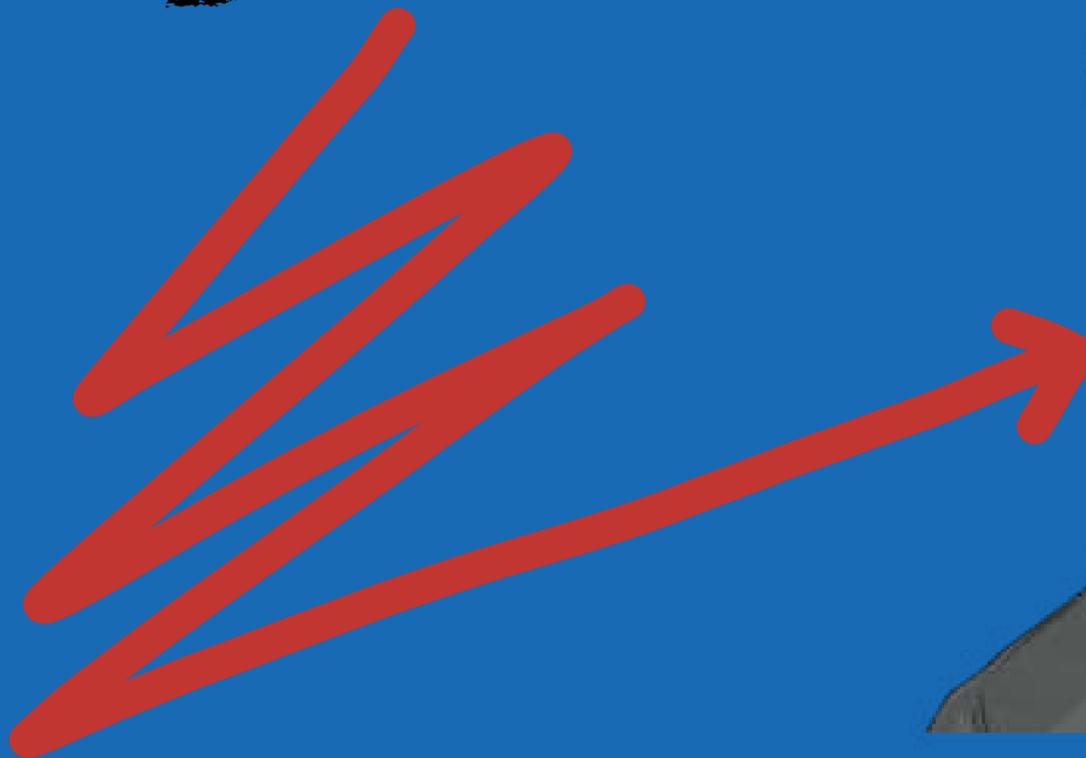
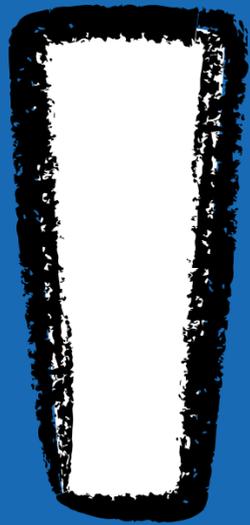




Por isso  
precisamos  
aprender a manter  
o equilíbrio  
dessas forças  
internas.



**Pensando sobre  
isso, o  
pesquisador  
Daniel Goleman  
encontrou algo  
interessante que  
ganhou o nome  
de **Inteligência  
Emocional.****



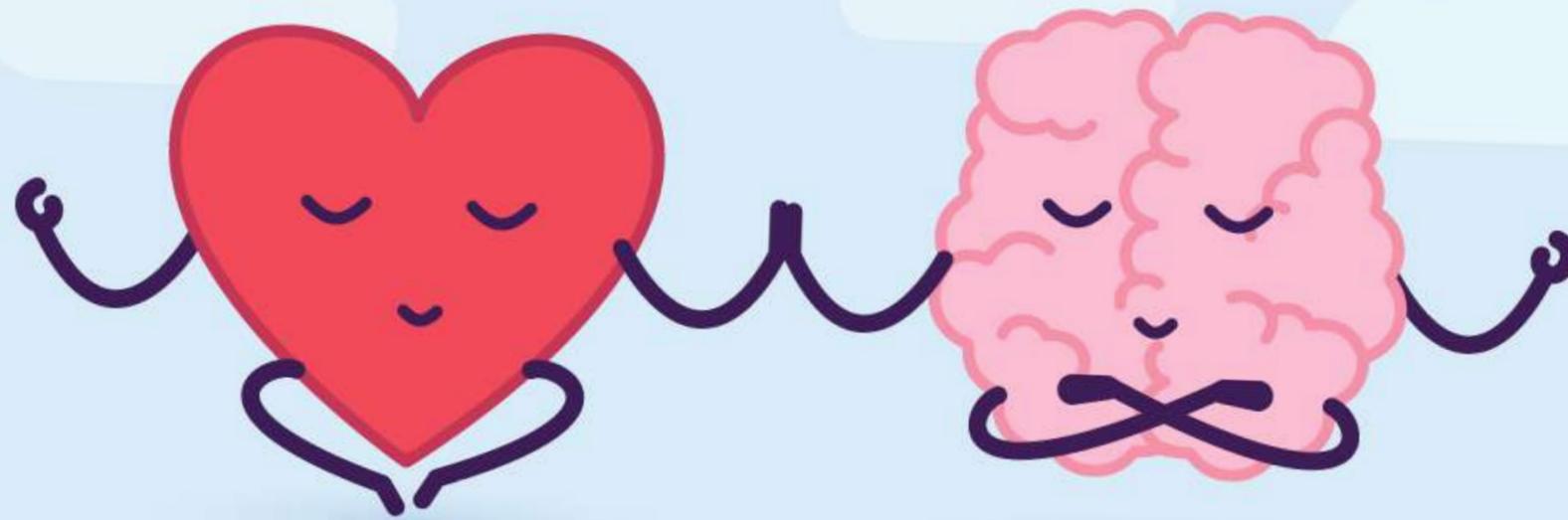
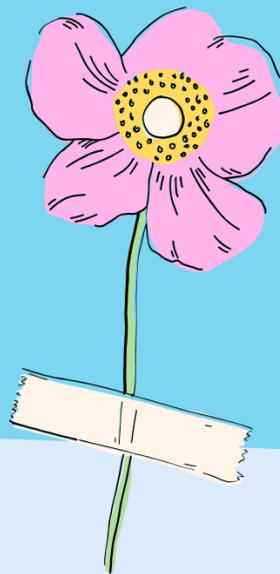
*Inteligência  
Emocional*

Aprendendo a lidar com as  
emoções no dia a dia



Para alcançarmos esse equilíbrio em nossa vida, Daniel elegeu cinco Habilidades que podemos desenvolver.

Importante



# 1 - Autoconhecimento emocional



Precisamos  
por **nome** em  
nossas  
**emoções.**

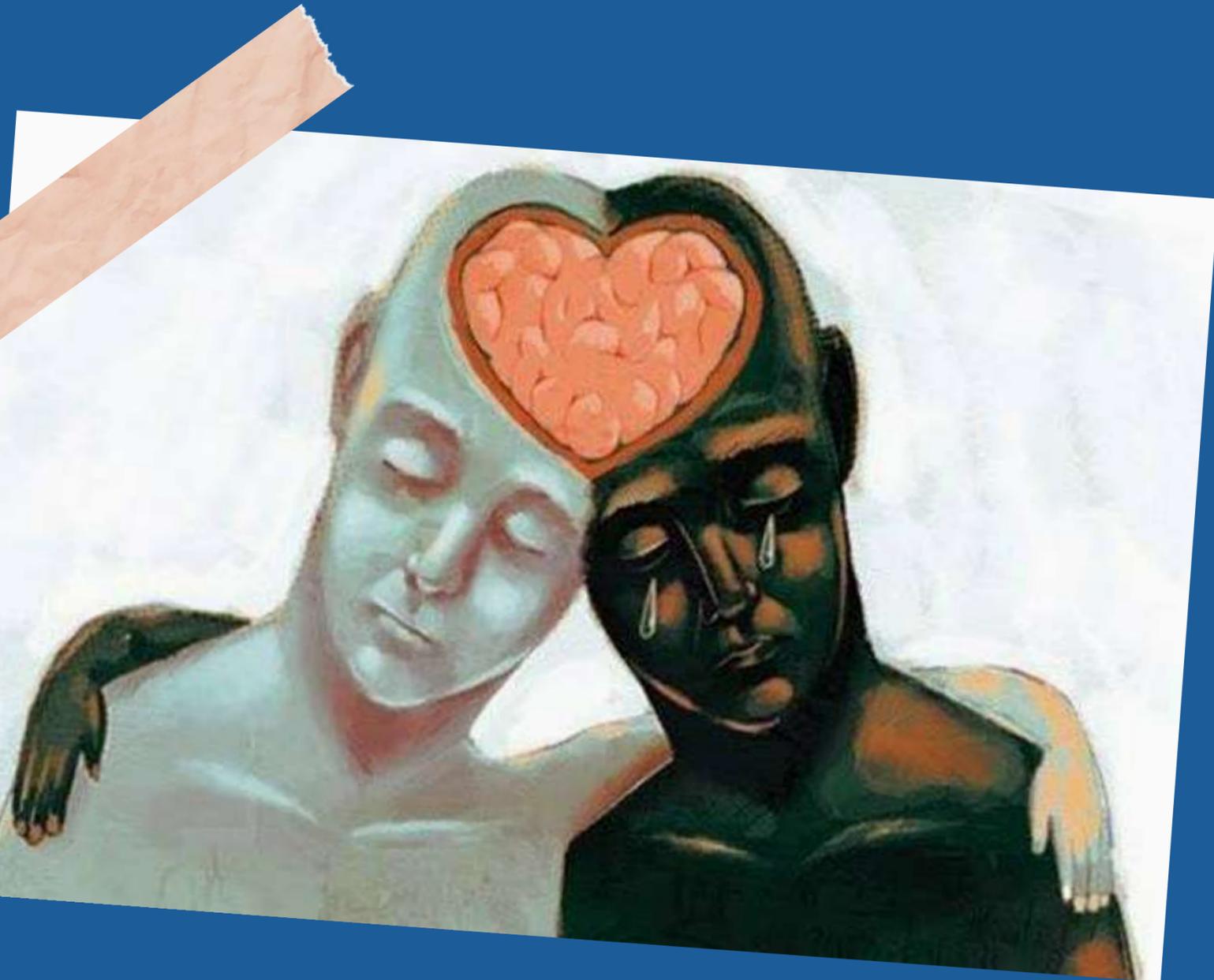
# 2 - Automotivação

Vá em frente  
acreditando  
em você não  
importa o que  
aconteça!

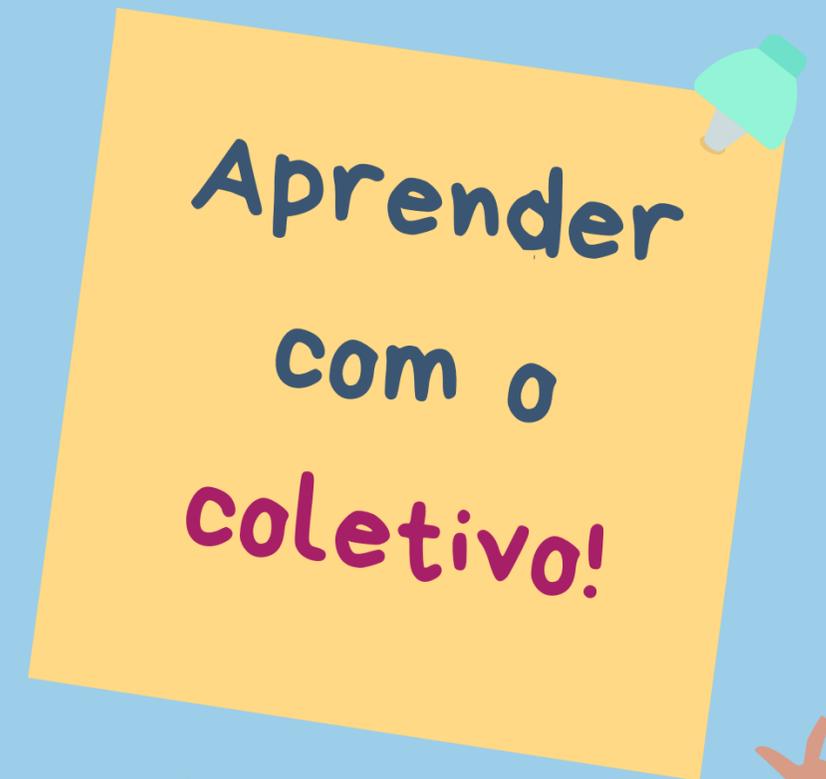
≡ Toda ≡  
Conquista  
COMEÇA  
COM A  
decisão  
de TENTAR



# 3 - Reconhecer as emoções do outro



# 4 - Relacionamentos em grupo



# S - Domínio de si mesmo



Talvez você não tenha controle de suas emoções, mas pode **escolher** como vai **agir** frente à elas.

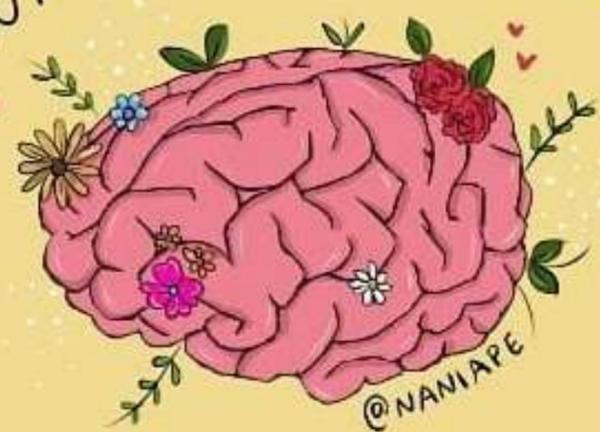
# HORA DA ATIVIDADE

Pense sobre as emoções que mais tem sido presentes na sua vida nos últimos tempos e crie um desenho ou uma poesia (escolha) que me mostre como você tem se sentido.





Faça da sua saúde  
mental prioridade.



GRATIDÃO!  
COM AMOR,  
PROFESSORA ZOÉ!





# Aula de Artes

Professora Zoé



#EDUCAÇÃOEMCASA

Bom dia senhoras e senhores!

Espero que esteja tudo bem com vocês aí em casa.

Vamos para nossa aula?



# Hoje conheceremos juntos:



- **A Bienal do Mercossul**
- **Bienal 12: Online 2020**
- **Algumas artistas que estiveram com suas obras na Bienal 12**



# Mas o final, o que é a Bienal do Mercosul?

A Bienal do Mercosul é um grande encontro de arte que acontece a cada dois anos no Brasil. Nesse evento se reúnem pessoas para ver e conversar sobre a arte que está sendo produzida pelos nossos artistas aqui na amada América do Sul.



**FUNDAÇÃO  
BIENAL DO MERCOSUL**



A cada edição existe um tema central. São abertas ao público galerias de arte com as obras dos artistas escolhidos e também rodas de conversa, aulas livres e oficinas para debater o tema.

# FEMI NINO (S)

VISUALIDADES,  
AÇÕES E AFETOS

(S)(S)(S)

UMA EXPOSIÇÃO É UM FURACÃO.

(S)(S)(S)

NÃO É SOMENTE AQUILO QUE VEMOS.

(S)(S)(S)

PULSÕES CENTRÍPETAS

(S)(S)(S)

E CENTRÍFUGAS QUE ECDAM.

(S)(S)(S)

BIENAL12

Ministério da Cidadania,  
Secretaria de Estado da Cultura,  
Santander e Correios apresentam  
a 12ª Bienal do Mercosul.



Em 2020 o tema foi FEMININO(S) e o encontro rolou online por causa do COVID-19.

#UMA  
POR  
UMA



Esse tema trouxe para debate as violências sofridas pelo feminino em nossa sociedade. Mulheres artistas trouxeram obras de denúncia contra o feminicídio. Vamos conhecer algumas delas?







Essa é a artista mexicana **Elina Chauvet**. Desde 2009 ela vem espalhando **sapatos vermelhos** por onde passa, a obra se chama "**Zapatos Rojos**". Seu objetivo é chamar a atenção das pessoas para os **crimes de ódio** contra o feminino.





Essa é a obra da artista argentina  
Fátima Pecci Carou

Fátima criou uma série de 200 retratos que a artista chamou de "Algum dia sairei daqui (feminicídios)". As pessoas retratadas são mulheres, travestis e pessoas trans da Argentina que foram vítimas de feminicídios ou que ainda estão desaparecidas.

≡ EQUALITY ≡



# Atividade

Na aula de hoje, vimos como a arte pode ser usada como ferramenta para denunciar injustiças. Agora é sua vez! Crie um poema ou um desenho para denunciar alguma das injustiças que você vê no mundo.



# CICLO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

A psicóloga norte-americana Lenore Walker identificou 3 momentos no processo de violência contra a mulher.



## LUA DE MEL

Depois, agressor se mostra arrependido e carinhoso. Mulher pode se sentir feliz por ver mudança e se sentir responsável pelo companheiro, o que reforça a relação de dependência.



## AUMENTO DA TENSÃO

Agressor humilha a vítima, faz ameaças e destrói objetos. Mulher tende a negar ou justificar o comportamento do homem.



## ATO DE VIOLÊNCIA

Em seguida, acontecem episódios de violência verbal, física, psicológica, moral ou patrimonial. Mulher sente paralisia, medo, ódio, solidão, vergonha, confusão e dor.



**Estou com  
saudades! Me  
mandem atividades  
feitas com  
capricho, fico  
sempre feliz em  
recebê-las!**

**Com amor,  
Professora Zoé**

**#EDUCAÇÃOEMCASA**